



Um planeta *em seu giro* **veloz**

MADELEINE L'ENGLE



*Um planeta
em seu giro veloz*

SÉRIE VIAJANTES NO TEMPO

Uma dobra no tempo

Um vento na porta

Madeleine E. Engle

*Um planeta
em seu giro veloz*

TRADUÇÃO
Sonia Coutinho

Rocco
JOVENS LEITORES

Para Hal Vursell

Título original

A SWIFTLY TILTING PLANET

Copyright © 1978 by Crosswicks, Ltd.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma sem a autorização por escrito do editor.

Edição brasileira publicada mediante autorização da McIntosh & Otis, Inc.

Agradecemos a Conrad Aiken pelo trecho “a swiftly tilting planet”, extraído do poema “Senlin: A Biography”, que deu nome ao título, publicado em *Collected Poems* pela Oxford University Press.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar

20030-021 - Rio de Janeiro - RJ

Tel: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br/www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais

FLÁVIA MIDORI

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L584p

L'Engle, Madeleine, 1918-2007

Um planeta em seu giro veloz/Madeleine L'Engle; tradução de Sonia Cominho.

Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014. - Primeira edição. (Viajantes no tempo; 3)

Tradução de: A Swiftly Tilting Planet

ISBN 978-85-7980-187-7

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Ficção científica infantojuvenil.

I. Cominho, Sonia, 1939-. II. Título. III. Série.

13-06687 CDD - 028.5 CDU - 087.5

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

SUMÁRIO

UM - Nesta hora profética

DOIS - O céu inteiro com seu poder

TRÊS - O sol com seu brilho

QUATRO - A neve com sua brancura

CINCO - O fogo com toda a força que tem

SEIS - O trovão com sua rápida ira

SETE - Os ventos com sua rapidez

OITO - O mar com sua profundidade

NOVE - As pedras com seu declive

DEZ - A terra com sua aridez

ONZE - Tudo isso eu coloco

DOZE - Entre mim e os poderes da escuridão

UM - Nesta hora profética

A grande cozinha da casa dos Murry estava iluminada e aquecida, as cortinas fechadas para proteger da escuridão extrema e da chuva, vinda do noroeste, que desabava sobre a casa. Meg Murry O'Keefe fizera um arranjo de crisântemos para a mesa de refeições, e as flores amarelas, cor de bronze e dourado pálido, pareciam acrescentar luminosidade à sala. Um delicioso cheiro de peru assado vinha do forno, e sua mãe estava em frente ao fogão, mexendo o molho de miúdos da ave.

Era bom estar em casa para o Dia de Ação de Graças, ela pensou, *estar com a família reunida, ouvindo as novidades de cada um*. Os gêmeos, Sandy e Dennys, voltando da faculdade de direito e de medicina onde estudavam, estavam ansiosos para saber de Calvin, o marido dela, e do congresso de que ele participava em Londres, aonde fora para apresentar — talvez naquele exato momento — um estudo sobre o sistema imunológico dos cordados.

— É uma imensa honra para ele, não é, irmã?

— Fantástica.

— E como vai você, sra. O'Keefe? — Dennys sorriu. — Ainda parece estranho chamar você de sra. O'Keefe.

— É estranho para mim também. — Meg olhou para a cadeira de balanço junto à lareira, onde sua sogra estava sentada olhando fixamente para as chamas; na cabeça de Meg, aquela era a única sra. O'Keefe que existia. — Estou ótima — respondeu ela a Sandy. — Ótima mesmo.

Dennys, já no papel de médico, pegou o estetoscópio, do qual muito se orgulhava, e o colocou na barriga de Meg, que crescia depressa. Ele ficou radiante ao ouvir as fortes batidas do coração do bebê.

— Você está mesmo ótima — disse.

Ela retribuiu o sorriso e depois olhou para o irmão mais novo e para o pai, do outro lado da sala, em profunda concentração, curvados sobre o modelo de um hipercubo que andavam construindo: o quadrado ao quadrado e novamente ao quadrado, uma construção da dimensão do tempo. Era uma linda e complicada criação feita com fios de aço, rolamentos e acrílico, com partes que giravam e outras que balançavam como pêndulos.

Charles Wallace era pequeno para seus quinze anos — um estranho talvez pensasse que não passava de doze —, mas a expressão em seus olhos azul-claros, enquanto observava o pai mexer numa vareta do modelo, era madura e bastante inteligente. *Ele ficou calado o dia inteiro*, ela pensou. Raramente falava muito, mas seu silêncio neste Dia de Ação de Graças, quando a tempestade gemia em torno da casa e fazia as ripas do telhado baterem, era diferente da sua falta de assunto habitual.

A sogra de Meg também estava silenciosa, mas não era de se surpreender. Surpreendente mesmo era ela ter concordado em jantar naquele dia especial na casa deles. A sra. O'Keefe não devia ser mais do que uns poucos anos mais velha do que a sra. Murry, mas já parecia idosa. Perdera a maioria dos dentes, e o cabelo era amarelado e despenteado, parecia ter sido cortado com uma faca cega. A expressão de seu rosto era carregada de ressentimento. A vida não foi generosa com ela: estava sempre zangada com o mundo, especialmente com os Murry. Eles

não esperavam que ela aceitasse o convite, ainda mais com Calvin em Londres. Ninguém da família dele correspondia às atitudes amistosas dos Murry. Calvin era, como ele mesmo explicara a Meg no primeiro encontro dos dois, uma brincadeira biológica, bem diferente do restante da família, e, quando concluiu o mestrado e o doutorado, consideraram isso um sinal de que se unira às fileiras do inimigo. E a sra. O’Keefe partilhava a atitude de muitos aldeões, de que os dois doutorados obtidos pela sra. Murry, além de suas experiências no laboratório de pedra contíguo à cozinha, não constituíam um *trabalho* de verdade. Como ela alcançara considerável reconhecimento, toleravam que vivesse zanzando daquele jeito, mas aquilo não era trabalho, não no sentido de que manter uma casa limpa ou ficar de nove às cinco numa fábrica ou num escritório era trabalho.

— Como aquela mulher pôde ter gerado meu marido? — indagou-se Meg pela centésima vez e viu mentalmente a expressão alerta e o largo sorriso de Calvin. — Mamãe diz que ela tem qualidades que não aparecem à primeira vista, mas ainda não consegui descobrir nenhuma. Só sei que ela não gosta de mim, nem de ninguém da minha família. Não sei por que ela veio jantar. Gostaria que não tivesse vindo.

Automaticamente, os gêmeos começaram a executar a costumeira tarefa de pôr a mesa. Sandy fez uma pausa, com um punhado de garfos na mão, e sorriu para a mãe.

— O jantar de Ação de Graças é praticamente a única refeição que mamãe prepara na cozinha...

— ... em vez de fazer isso lá no laboratório, no bico de Bunsen — rematou Dennys.

Sandy deu palmadinhas afetuosas no ombro dela.

— Mas não estamos criticando você, mamãe.

— Afinal, aqueles ensopados feitos no bico de Bunsen a levaram diretamente ao Prêmio Nobel. Estamos muito orgulhosos, mamãe, embora você e papai sejam, para nós, um modelo difícil de alcançar.

— Temos de manter altos padrões. — Sandy pegou uma pilha de pratos no armário da cozinha, contou-os e colocou-os junto à grande travessa onde ficaria o peru.

“Lar”, pensou Meg, com satisfação e olhou para os pais e os irmãos com afetuosa gratidão.

Eles a haviam suportado durante toda a sua zangada adolescência, e ela ainda não se sentia muito adulta. Parecia ontem aquele período em que ela usava aparelho nos dentes, óculos tortos que constantemente deslizavam pelo nariz e tinha um cabelo rebelde de um tom castanho cor de rato e uma melancólica certeza de que jamais cresceria e se tornaria uma mulher linda e autoconfiante como sua mãe. Sua visão de si mesma ainda era mais da Meg adolescente do que da jovem mulher atraente que se tornara. O aparelho nos dentes desapareceu, os óculos foram substituídos por lentes de contato e o cabelo castanho talvez não pudesse rivalizar com o da sua mãe, tão vistosamente avermelhado, mas era cheio e lustroso, e ficava muito bem nela, assim meio puxado para trás e preso com um nó na nuca, acima do pescoço esguio. Quando se olhava no espelho, sabia que era linda, mas ainda não se acostumara à ideia. Era difícil acreditar que sua mãe, um dia, passara pela mesma transformação.

Perguntou-se se Charles Wallace mudaria fisicamente tanto quanto ela. Todo o desenvolvimento dele fora lento. Seus pais achavam que talvez ele desse um repentino salto de crescimento.

Ela sentia falta de Charles Wallace mais do que dos gêmeos ou dos pais. Como ela era a mais velha e ele o mais novo da família, os dois sempre tiveram uma ligação profunda, e Charles Wallace tinha um senso intuitivo das necessidades de Meg que não podia ser racionalmente explicado; se alguma coisa estivesse errada no mundo de Meg, ele saberia e a procuraria para ajudá-la, nem que fosse apenas para lhe proporcionar amor e confiança. Ela sentia uma profunda sensação de segurança por estar com ele, naquele fim de semana do Dia de Ação de Graças, por estar em casa. A casa dos pais ainda era um lar, porque ela e Calvin passavam muitos fins de semana ali, e o apartamento do marido, perto do hospital, era pequeno e já estava mobiliado quando o ocuparam; tinha um pequeno letreiro informando: PROIBIDO ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, e um certo clima indicava que crianças também não seriam bem-recebidas. Eles esperavam poder ter logo um apartamento próprio. Enquanto isso, ela estava em casa para o Dia de Ação de Graças, e era bom ver a família reunida e estar cercada de amor, o que ajudava a diminuir a solidão por estar separada de Calvin, pela primeira vez, desde que se casaram.

— Sinto falta de Fortinbras — disse ela de repente.

Sua mãe virou-se do fogão para ela.

— Sim. A casa parece vazia sem um cachorro. Mas Fort morreu de uma velhice honrosa.

— Não vai adotar um outro cachorro?

— Sim, mas daqui a algum tempo. O cachorro certo ainda não apareceu.

— Você não vai procurar por outro?

O sr. Murry ergueu os olhos do hipercubo.

— Os cachorros, em geral, nos procuram. Se por muito tempo não aparecer nenhum, então faremos alguma coisa para resolver isso.

— Meg — disse a mãe —, que tal fazer a calda para o pudim de ameixas?

— Ah... claro. — Ela abriu a geladeira e retirou duzentos gramas de manteiga.

O telefone tocou.

Vou atender. — Ela foi até o telefone, deixando, no caminho, a manteiga cair numa pequena tigela para misturar.

— Papai, é para você. Acho que é da Casa Branca.

O sr. Murry dirigiu-se rapidamente até o telefone.

— Alô, sr. presidente!

Ele estava sorrindo, mas Meg observou que o sorriso ia se esvaindo de seu rosto e sendo substituído por uma expressão do que mesmo? De vazio, ela achou.

Os gêmeos pararam de conversar. A sra. Murry ficou em pé, com a colher de pau repousando contra a borda da caçarola. A sra. O'Keefe continuou a olhar fixamente para o fogo, ausente. Charles Wallace parecia concentrado no hipercubo.

Papai está apenas ouvindo, pensou Meg. Só quem fala é o presidente.

Ela teve um estremecimento involuntário. Um minuto antes a sala estava barulhenta, cheia de animada conversa, e, de repente, todos silenciaram, quietos. Ela ouvia com atenção enquanto o pai continuava a segurar o receptor do telefone contra o ouvido. O rosto dele agora tinha uma expressão sombria, todas as rugas do sorriso aprofundando-se e tornando-se severas. A chuva chicoteava as janelas. *Devia nevar neste período do ano, pensou Meg. Há alguma coisa errada com o tempo. Há alguma coisa errada.*

O sr. Murry continuava escutando, em silêncio, e seu silêncio espalhava-se pela sala. Sandy, que estava abrindo o forno para regar o peru e surrupiar uma colherada do recheio, ficou imóvel, meio curvado, olhando para o pai. A sra. Murry virou-se meio de costas para o fogão e passou uma das mãos pelo cabelo dele, que começava a ficar com traços prateados nas têmporas. Meg abriu a gaveta para pegar a batedeira e agora a segurava com força.

Não era incomum o sr. Murry receber um telefonema do presidente. Ao longo dos anos, ele era consultor da Casa Branca para questões de física e de viagens espaciais, e outras conversas tinham sido sérias, muitas perturbadoras, mas esta, Meg sentiu, era diferente, fazia a sala aquecida parecer mais fria, menos iluminada.

— Sim, sr. presidente, entendo — disse o sr. Murry, afinal. — Obrigado por telefonar.

Baixou vagorosamente o receptor, como se fosse muito pesado.

Dennys, com as mãos ainda cheias de pratos para pôr na mesa, perguntou:

— O que ele disse?

O pai abanou a cabeça. Não falou.

Sandy fechou a porta do forno.

— Papai!

Meg gritou:

— Papai, sabemos que alguma coisa aconteceu. Você precisa contar o que houve... por favor.

A voz dele estava fria e distante:

— Guerra.

Meg colocou a mão, num gesto de proteção, em cima da barriga.

— Você quer dizer... guerra nuclear?

A família pareceu aglomerar-se, e a sra. Murry estendeu a mão para incluir a mãe de Calvin. Mas a sra. O'Keefe fechou os olhos e se isolou.

— É Cão Raivoso Branzillo? — perguntou Meg.

— Sim. O presidente acha que, desta vez, Branzillo cumprirá sua ameaça, e então não teremos outra escolha a não ser usar nossos mísseis interceptadores.

— Como um país tão pequeno pode ser atingido por um míssil? — perguntou Sandy.

— Vespúgia não é menor do que Israel, e Branzillo tem amigos poderosos.

— Ele pode mesmo cumprir a ameaça?

O sr. Murry fez sinal afirmativo com a cabeça.

— Há um alerta máximo? — perguntou Sandy.

— Sim. O presidente disse que temos vinte e quatro horas para tentar evitar a tragédia, mas nunca o ouvi falar com um tom de voz tão desesperançado. E ele não é do tipo que desiste com facilidade.

O sangue fugiu do rosto de Meg.

— Isso significa o fim de tudo, o fim do mundo.

Ela olhou na direção de Charles Wallace, mas ele parecia quase tão recolhido quanto a sra. O'Keefe. Charles Wallace, sempre pronto para cuidar dela, naquele momento estava ausente. E Calvin a um oceano de distância! Com um sentimento de terror, ela tornou a se virar para o pai.

Ele não negou as palavras dela.

A velha junto da lareira abriu os olhos e torceu os lábios finos em sinal de zombaria.

— O que é tudo isso? Por que o presidente dos Estados Unidos telefonaria para cá? Estão fazendo alguma brincadeira comigo?

O medo em seus olhos desmentia suas palavras.

— Não é brincadeira, sra. O’Keefe — explicou a sra. Murry. — Há anos a Casa Branca tem o hábito de consultar meu marido.

— Eu não sabia que ele... — A sra. O’Keefe lançou um olhar sombrio para o sr. Murry. — Era um político.

— Não é. Ele é um físico. Mas o presidente precisa de informações científicas e precisa que sejam dadas por alguém em quem ele possa confiar, alguém que não tenha nenhum projeto pessoal para financiar nem posições políticas para apoiar. Meu marido se tornou bem próximo do novo presidente. — Ela mexeu no molho e depois estendeu as mãos na direção do marido, como uma súplica. — Mas por quê? Por quê? Quando todos sabemos que ninguém pode ganhar uma guerra nuclear.

Charles Wallace desviou o olhar do hipercubo.

— El Rabioso. É o apelido dele. Cão Raivoso Branzillo.

— El Rabioso parece um apelido apropriado para um homem que pode derrubar o governo democrático com um golpe de estado selvagem e sangrento. Na verdade, ele é um louco, não há nada de racional em sua pessoa.

— Um louco em Vespúgia pode apertar um botão e destruir a civilização — disse Dennys amargamente. Todo o trabalho a que se dedicam mamãe e papai irá para os ares, numa nuvem em forma de cogumelo. Será que o presidente não consegue fazer esse homem pensar direito?

Sandy colocou uma nova tora no fogo, como se tirasse esperança do calor e da luz.

Dennys continuou:

— Se Branzillo fizer isso, enviar mísseis, poderá destruir toda a raça humana...

Sandy zombou, furioso:

— ... o que talvez não fosse tão ruim...

— ... e, mesmo que algumas pessoas sobrevivessem em montanhas e desertos pouco povoados, haveria tantas precipitações radioativas por todo o planeta que os filhos deles seriam mutantes. Será que o presidente não consegue fazer Branzillo enxergar isso? Ninguém quer guerra a um preço desses.

— Não é por falta de tentativa — disse o sr. Murry —, mas El Rabioso merece o apelido. Se vai cair, então quer levar consigo toda a raça humana.

— Então eles disparam mísseis de Vespúgia e retribuimos disparando os nossos contra eles, e tudo isso para quê? — A voz de Sandy tremia de raiva.

— El Rabioso considera isso um ato de punição ou apenas de retribuição. O mundo ocidental usou até o fim uma parcela maior do que nos cabia da energia e dos recursos mundiais, e devemos ser punidos — disse o sr. Murry. — Somos responsáveis pelo seriíssimo racionamento de petróleo e carvão, pelo desfolhamento das árvores, o grave dano à atmosfera, e ele nos fará pagar.

— Estamos no banco dos réus — disse Sandy —, mas, se ele nos fizer pagar, Vespúgia pagará um preço igualmente alto.

A sra. O’Keefe estendeu as mãos enrugadas em direção às chamas.

— Em Tara, nesta hora fatal — resmungou.

Meg lançou um olhar inquisitivo para a sogra, mas a velha se virou para o outro lado. Meg disse à sala para todos:

— Sei que é egoísmo, mas gostaria que Calvin não estivesse em Londres fazendo aquela conferência. Gostaria de ter ido com ele.

— Eu sei, amor — respondeu a sra. Murry —, mas a dra. Louise achou melhor você ficar aqui.

— Gostaria de poder, pelo menos, telefonar para ele...

Charles Wallace saiu de seu silêncio e recolhimento e disse:

— A guerra nuclear ainda não aconteceu. Nenhum míssil foi disparado. Enquanto não tiver acontecido, haverá a possibilidade de não acontecer.

Uma leve esperança passou pelo rosto de Meg. Não seria melhor, ela imaginou, se fôssemos como o restante do mundo e não soubéssemos da horrível possibilidade de nossas vidas serem extintas antes que o sol torne a nascer? Como nos prepararemos para isso?

— ... nessa hora fatal — tornou a resmungar a velha, mas virou a cabeça para o outro lado outra vez, quando os Murry olharam para ela.

Charles Wallace falou com calma para toda a família, mas olhava para Meg.

— É Dia de Ação de Graças, e, com exceção de Calvin, estamos todos juntos, e a mãe de Calvin está conosco, e isto é importante, e todos sabemos onde está o coração de Calvin... está bem aqui.

— A Inglaterra não comemora o Dia de Ação de Graças — comentou Sandy.

— Mas nós, sim. — A voz do pai dele estava resoluta.

— Termine de pôr a mesa, por favor. Dennys, quer encher os copos, por gentileza?

Enquanto o sr. Murry trinchava o peru e a sra. Murry engrossava o molho, Meg terminou de bater a calda para o pudim, e os gêmeos e Charles Wallace levaram para a mesa tigelas com arroz, recheio, verduras, molho de framboesa. A sra. O'Keefe nem se mexeu para ajudar. Olhou para as mãos gastas pelo trabalho e depois as deixou cair em seu colo.

— Em Tara, nesta hora fatal...

— Desta vez, ninguém a escutou.

— Sandy, tentando brincar, disse:

— Lembram-se daquela vez em que mamãe tentou fazer biscoitos de aveia no bico de Bunsen, numa caçarola?

— Ficaram comíveis — disse Dennys.

— Para seu apetite, quase tudo é comível.

— Continua imenso, apesar de tudo.

— E está na hora de ir para a mesa — avisou a sra. Murry. Quando se sentaram, ela estendeu as mãos, e então a

família, com a sra. O'Keefe entre o sr. Murry e Meg, formou um elo em torno da mesa.

Charles Wallace sugeriu:

— Vamos cantar *Dona nobis pacem*. É pela paz que todos estamos rezando.

— Então é melhor Sandy começar — disse Meg. — Ele tem a melhor voz. E depois Dennys e mamãe, e em seguida papai, você e eu.

Ergueram suas vozes, cantando o rondó antigo e repetindo várias vezes: *Dai-nos paz, dai-nos paz, dai-nos paz*.

A voz de Meg tremia, mas ela conseguiu cantar até o fim.

Houve silêncio enquanto os pratos eram servidos; silêncio em vez do habitual e feliz burburinho.

— É estranho — comentou o sr. Murry — que a ameaça final parta de um ditador sul-americano, de um pequeno país, quase desconhecido. Carne branca para você, Meg?

— Vermelha também, por favor. Não é irônico que tudo isso esteja acontecendo no Dia de Ação de Graças?

A sra. Murry disse:

— Lembro que minha mãe me contou que, em certa primavera, há muitos anos, as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética eram tão tensas que todos os especialistas previam uma guerra nuclear antes do fim do verão. Eles não eram alarmistas nem pessimistas; era uma avaliação pensada, sóbria. E mamãe disse que caminhou por uma aleia imaginando se os salgueiros com sedosos amentilhos voltariam a florescer. Depois disso, com essa lembrança, todas as primaveras ela esperava pelos salgueiros com amentilhos e jamais encarou o florescimento deles como uma coisa banal outra vez.

Seu marido fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Houve um adiamento, naquele tempo. Pode haver de novo.

— Mas é possível? — Os olhos castanhos de Sandy mostravam-se sensatos.

— Não era provável naquele tempo. Apesar disso, os salgueiros com amentilhos vêm florescendo há muitas primaveras. — Ele passou o molho de framboesa para a sra. O'Keefe.

— Nesta hora fatal... — resmungou ela, e fez um aceno com a mão, recusando o molho.

Ele se curvou em sua direção.

— O que disse?

— Em Tara, nesta hora fatal... — falou ela, irritada. — Não consigo lembrar mais. É importante. Não conhece isso?

— Infelizmente não. O que é?

— Runa. Runa. Runa de Patrício. Preciso dela, agora.

A mãe de Calvin sempre fora taciturna. Em casa, comunicava-se em grande parte por meio de resmungos. Os filhos, com exceção de Calvin, demoraram a falar porque, antes de frequentar a escola, raramente ouviam uma frase completa.

— Minha avó da Irlanda. — A sra. O'Keefe apontou para Charles Wallace e derrubou o copo dela.

Dennys pegou toalhas de papel e enxugou o líquido derramado.

— Acho que, de um ponto de vista cósmico, não faz muita diferença se nosso planetinha de segunda classe explode a si mesmo ou não.

— Dennys! — gritou Meg e depois se virou para sua mãe. — Desculpe-me por usar isso como exemplo, mas, Den, lembra-se de quando mamãe isolou farândolas dentro de uma mitocôndria?

Ele interrompeu.

— Claro que lembro. Foi por causa disso que ela ganhou o Prêmio Nobel.

A sra. Murry ergueu a mão.

- Deixem Meg falar.
- Então, vejam: as farândolas são tão minúsculas e insignificantes que não parecem ter a mínima importância e, no entanto, vivem numa relação simbiótica com as mitocôndrias...
- Ok, entendi. E as mitocôndrias nos fornecem energia. Então, se alguma coisa afetar nossas farândolas, elas podem afetar nossas mitocôndrias...
- E — concluiu Meg — se isso acontecer poderíamos morrer por falta de energia, como sabem muito bem.
- Continue — disse Sandy.
- Então, se explodirmos o planeta, com certeza teria um pequeno efeito no sistema solar, o que poderia afetar a galáxia, o que, por sua vez, poderia...
- A velha teoria da reação em cadeia? — perguntou Sandy.
- Mais do que isso. Interdependência. Não apenas uma coisa levando a outra, numa linha direta, mas tudo e todos em reação mútua em toda parte.

Dennys jogou fora as toalhas de papel molhadas, colocou um guardanapo limpo por cima da toalha de mesa suja e voltou a encher o copo da sra. O’Keefe. Apesar das janelas duplas, para proteção contra tempestades, as cortinas fechadas se agitaram, e um vento correu pela sala. Pesadas gotas de chuva caíram pela chaminé, fazendo o fogo silvar.

- Eu ainda acho — disse ele — que vocês estão superestimando a importância deste planeta. Fizemos uma bagunça com as coisas. Talvez seja melhor explodirmos.
- Dennys, você é médico — repreendeu Meg.
- Ainda não — disse Sandy.
- Mas será! E se supõe que um médico se preocupe com a vida que a proteja.
- Desculpe, irmã querida — disse Dennys, depressa.
- É só o jeito como ele supera seus próprios medos.
- Sandy se serviu de arroz e molho e depois ergueu o copo para a irmã. — É melhor explodir com o estômago cheio.

– Falei sério e, ao mesmo tempo, não falei — disse Dennys. — Acho mesmo que temos prioridades equivocadas, nós, seres humanos. Esquecemos o que vale a pena salvar e o que não vale, e é por isso que estamos nessa confusão.

– É sério, não é sério — resmungou a sra. O’Keefe. — Nunca entendi em que vocês andam metidos. Até você.

– Novamente ela apontou para Charles Wallace, embora desta vez não tivesse derrubado seu copo.

Sandy deu uma olhada no irmão mais novo, do outro lado da mesa. Ele estava pálido, parecia pequeno.

– Charles, você não comeu quase nada e não está falando.

Charles Wallace respondeu, olhando para a irmã, e não para Sandy:

– Estou escutando.

Ela ficou alerta.

– O quê?

Ele sacudiu a cabeça tão de leve que apenas ela percebeu e parou de fazer perguntas.

– Em Tara nesta hora fatal coloco o Céu inteiro com o seu poder! — A sra. O’Keefe apontou para Charles e de novo derrubou seu copo.

Desta vez, ninguém se mexeu para enxugar.

– Minha avó da Irlanda. Ela me ensinou. Dava muito valor a isso. Coloco o Céu inteiro, com todo o seu poder... — Suas palavras foram sumindo.

Os filhos da sra. O’Keefe a chamavam de mamãe. Na boca de todos eles, menos na de Calvin, soava como um insulto. Meg achava difícil chamá-la de sogra-alguma-coisa, mas agora afastou sua cadeira da mesa e se ajoelhou junto da velha.

– Mamãe — disse gentilmente —, o que sua avó lhe ensinou?

– Dava grande valor a isso para se proteger da escuridão.

– Mas valor a quê?

A sra. O’Keefe recitou, como se fosse uma cantilena:

“E o sol com seu brilho,
E a neve com sua brancura,
E o fogo com toda a força que tem...”

Neste momento pareceu que um balde cheio d’água havia sido despejado chaminé abaixo, e a água caíra em cima do fogo. As chamas se agitaram, selvagens, e rajadas de fumaça foram sopradas para dentro da sala.

– O fogo com toda a força que ele tem — repetiu com firmeza Charles Wallace.

Os toros de macieira crepitaram, mas as chamas reuniram forças e começaram a arder outra vez, muito brilhantes.

A sra. O’Keefe pôs a mão retorcida sobre o ombro de Meg e pressionou para baixo pesadamente, como se isto a ajudasse a se lembrar.

“E o... o relâmpago com sua rápida ira,
E os ventos com sua velocidade, seguindo seu curso...”

O vento lançou uma tremenda rajada, e a casa foi sacudida com o impacto, mas resistiu e continuou de pé.

A sra. O’Keefe pressionou o ombro de Meg até ela mal poder suportar o peso.

“E o mar com sua profundidade,
E os penhascos com seu declive,
E a terra com sua aridez...”

Usando o ombro de Meg como alavanca, ela se içou e ficou em pé diante das chamas brilhantes da lareira.

“Tudo isso eu coloco
Com a poderosa ajuda e a graça de Deus
Entre mim e os poderes da escuridão.”

Sua voz se elevou, triunfante.

— Isso vai ensinar àquele Cachorro Louco Bran... não sei mais o quê.

Os gêmeos se entreolharam, como se estivessem constrangidos. O sr. Murry trinchou um pouco mais de peru. O rosto da sra. Murry estava sereno e fechado. Charles Wallace olhava pensativo para a sra. O’Keefe. Meg levantou-se de sua posição ajoelhada e sentou-se em sua cadeira, afastando-se da pressão incrivelmente pesada da mão da sogra. Tinha certeza de que seu ombro ficaria com marcas negras e azuis dos dedos dela.

Quando Meg se afastou, a sra. O’Keefe: pareceu entrar em colapso. Desabou na cadeira.

— Dava muito valor a isso, minha avó. Há anos eu não pensava a respeito. Tentei não pensar. Então, por que me veio esta noite? — Ela arquejou, como se estivesse exausta.

— Parece “O peitoral de Patrício” — disse Sandy. — Cantávamos isso num grupo musical, na faculdade. Era uma das minhas favoritas. Harmonias maravilhosas.

— Não é uma canção — contradisse a sra. O’Keefe. — É uma runa. A runa de Patrício. Para nos defender contra o perigo. Nesta hora fatal, coloco o Céu inteiro, com seu poder...

Inesperadamente, as luzes se apagaram. Uma rajada de vento arremessou-se pela mesa, apagando as velas. O zumbido da geladeira cessou. Não havia nenhum ronronar vindo da fornalha no porão. Uma umidade fria tomou conta da sala, enchendo as narinas de todos com um fedor de podridão. As chamas na lareira minguaram.

— Diga, mamãe! — gritou Charles Wallace. — Diga toda!

A voz da sra. O’Keefe estava fraca.

— Eu me esqueço...

Os relâmpagos do lado de fora foram tão brilhantes que a luz atravessou as cortinas fechadas. Imediatamente, ouviu-se um tremendo estampido de trovão.

— Vou dizer com você. — A voz de Charles Wallace estava cheia de urgência. — Mas você terá de me ajudar. Vamos. Nesta hora fatal coloco o Céu inteiro, com seu poder...

O relâmpago e o trovão foram quase simultâneos. Depois, eles ouviram um barulho muito alto de estalidos sucessivos.

— Uma das árvores foi atingida — disse o sr. Murry.

— O Céu inteiro com seu poder — repetiu Charles Wallace.

A voz da velha continuou:

— E o sol com seu brilho...

Dennys riscou um fósforo e acendeu as velas. De início as chamas se agitaram e derreteram a vela, mas depois se firmaram e arderam brilhantes.

“E a neve com sua brancura,
E o fogo com toda a força que tem
E o relâmpago com sua ira...”

Meg esperou que os relâmpagos lampejassem novamente e a própria casa fosse atingida. Em vez disso, a luz voltou, tão rápido quanto se fora. A fornalha começou a zumbir. A sala ficou cheia de luz e calor.

“... E o mar com sua profundidade,
E os penhascos com seu declive,

E a terra com sua aridez,
Tudo isso eu coloco
Com a poderosa ajuda e a graça de Deus
Entre mim e os poderes da escuridão.”

De um canto da janela Charles Wallace levantou a cortina.

– A chuva se transformou em neve. O chão está todo branco e bonito.

– Ora essa... — Sandy deu uma olhada em torno da sala. — O que foi tudo isso? Sei que alguma coisa aconteceu, mas o quê?

Por um momento ninguém falou. Depois Meg disse:

– Talvez haja esperança.

Sandy fez um aceno com a mão, desmentindo suas palavras.

– Que é isso? Meg, seja sensata.

– Por quê? Não vivemos num mundo sensato. A guerra nuclear não é sensata. Em nenhum lugar a razão prevaleceu entre nós.

– Mas você não pode esquecer isso, como se não houvesse nada. Branzillo é louco, e não há nele nenhuma racionalidade.

Dennys disse:

– Ok, Sandy, concordo com você. Mas o que aconteceu?

Meg deu uma olhada em Charles Wallace, mas ele tinha um olhar perdido, um olhar de quem escuta.

Sandy respondeu:

– Por mais que gostássemos de pensar assim, uma anomalia climática aqui, no nordeste dos Estados Unidos, não terá nada a ver com o fato de um louco sul-americano apertar ou não aquele botão para iniciar a guerra que, muito provavelmente, acabará com todas as guerras.

O bebê mexeu-se dentro de Meg, numa forte afirmação de vida.

– Papai, o presidente vai telefonar de novo?

– Ele disse que sim... Quando houvesse alguma novidade. Boa ou não.

– Dentro de vinte e quatro horas?

– Sim. Eu não gostaria de estar no lugar dele neste momento.

– Nem no nosso — disse Dennys. — Acontece que o mundo inteiro, junto, está neste mesmo lugar.

Charles Wallace continuou a olhar para fora, pela janela.

– A neve está parando de cair. O vento mudou para noroeste. As nuvens se afastam. Vejo uma estrela.

Deixou a cortina cair.

A sra. O’Keefe fez um movimento brusco com o queixo na direção dele.

– Você. Chuck. Vim por sua causa.

– Por quê, mamãe? — perguntou ele, com gentileza.

– Você sabe.

Ele sacudiu a cabeça.

– Faça com que ele pare, Chuck. Faça o Cachorro Louco Bran... Faça-o parar.

Parecia velha e pequena, e Meg imaginou como ela podia ter empurrado seu ombro para

baixo com tanta força. E duas vezes a sra. O'Keefe chamara Charles Wallace de *Chuck*. Ninguém jamais o chamara de Chuck. Vez por outra, apenas Charles, mas nunca Charlie ou Chuck.

A sra. Murry perguntou:

— Sra. O'Keefe, gostaria de tomar um chá? Ou um café?

A sra. O'Keefe riu, sem alegria.

— Está bem. Não ouça. Pode pensar que sou maluca. Nem sou tanto assim. Chuck sabe disso. — Fez um sinal com a cabeça na direção de Charles Wallace. — Acordei hoje de manhã e não pretendia vir para cá. Então alguma coisa me disse que eu devia vir, gostasse ou não, e eu não sabia o motivo até ver você, com esses olhos grandes e antigos, e então a runa começou a voltar à minha lembrança, e percebi, mais uma vez, que Chuck não é nenhum idiota. Eu não pensava na runa desde os tempos da minha avó e de Chuck. Até agora, nunca tinha pensado. Agora você já a conhece, Chuck. Use a runa. — Seu fôlego se esgotou. Era o mais longo discurso que eles já tinham ouvido a sra. O'Keefe pronunciar. Arquejando, ela concluiu: — Quero ir para casa. — E como ninguém falou: — Alguém me leve para casa.

— Mas, sra. O'Keefe — falou Dennys num tom de adulação —, a senhora não comeu a salada, e ela tem uma porção de abacate e tomate, e depois há um pudim de ameixas flamejante.

— Flameje você. Já fiz o que vim fazer. Alguém me leve para casa.

— Está bem, sra. O'Keefe. — O sr. Murry levantou-se. — Den ou Sandy, qual dos dois pode fazer o favor de levar a sra. O'Keefe de carro até sua casa?

— Eu a levo — disse Dennys. — Vou pegar seu casaco, senhora.

Quando o carro foi embora, Sandy disse:

— Quase se pode levá-la a sério.

O casal Murry trocou olhares, e a sra. Murry respondeu:

— Eu levo.

— Ah, o que é isso, mamãe, toda aquela história da runa, e Charles Wallace fazendo, sozinho, Cão Raivoso Branzillo parar?

— Não exatamente isso. Mas levo a sra. O'Keefe a sério.

Meg olhou ansiosa para Charles Wallace e falou para a mãe:

— Você sempre disse que ela tem valores que não se pode perceber de imediato. Acho que acabamos de ver alguns deles.

— Acho mesmo que sim — disse o pai.

— Está bem, então, o que se passou, na verdade? Foi tudo tão... sobrenatural.

— O que é natural? — perguntou Charles Wallace.

Sandy ergueu as sobrancelhas.

— Ok, irmãozinho, então o que está pensando a respeito de tudo isso? Como planeja fazer Branzillo parar com as ameaças?

— Não sei — respondeu Charles Wallace com seriedade. — Usarei a runa.

— Lembra-se dela? — perguntou Meg.

— Lembro, sim.

— Ouviu que ela chamou você de Chuck?

— Sim.

– Mas ninguém chama você de Chuck, nunca. Onde ela encontrou esse nome?

– Não sei ao certo. No passado, talvez.

O telefone tocou, e todos deram um pulo. O sr. Murry correu até a mesa onde ficava o aparelho e então recuou, por um instante, antes de pegar o receptor.

Mas não era o presidente. Era Calvin, ligando de Londres. Falou um pouquinho com todos, lamentou não encontrar a mãe dele e Dennys, mas ficou encantado de saber que a mãe fora; sua apresentação tivera uma excelente acolhida; o congresso era interessante. Finalmente, ele pediu para falar outra vez com Meg, disse apenas “Te amo” e depois desligou.

– Sempre fico arrasada em ligações internacionais — disse ela —, de modo que talvez ele não tenha notado nada. Não adianta contar-lhe alguma coisa, já que não pode fazer nada, e isto só tornaria as coisas terríveis para ele...

Virou-se para o outro lado, quando Dennys entrou, soprando nos dedos.

– Calvin telefonou de Londres. — Ela engoliu as lágrimas. — Mandou um abraço para você.

– Lamento ter perdido o telefonema dele. Que tal um pouco de salada agora e depois aquele pudim de ameixa?

Por que estamos tentando agir de maneira normal?, indagou-se Meg, mas não disse em voz alta o que pensava.

Todavia, Charles Wallace respondeu:

– É como o cordão que segura o pacote, Meg. Todos cairíamos aos pedaços se não agíssemos assim.

O pai disse:

– Vocês sabem, meus queridos, o mundo está anormal há tanto tempo que nos esquecemos de como é viver num clima pacífico e sensato. Para haver alguma paz ou sensatez precisamos criá-las em nossos próprios corações e lares.

– Mesmo num tempo como este? — perguntou Meg.

O telefonema de Calvin e o som da voz do marido quase fizeram com que ela se descontrolasse.

– Especialmente num tempo como este — disse a mãe, a voz baixa. — Não sabemos o que trarão as próximas vinte

e quatro horas, e, se for o que tememos, então, paz e tranquilidade dentro de nós nos ajudarão.

– Será? — A voz de Meg tornou a tremer.

– Lembre-se — disse o sr. Murry —, sua mãe e eu levamos a sra. O’Keefe a sério.

– Papai — repreendeu Sandy —, o senhor é um cientista. Não pode levar aquela velha a sério.

– Levo a sério a resposta dos elementos à sua runa.

– Coincidência — disse Dennys sem muita segurança.

– Minha experiência com a física me ensinou que coincidências não existem.

– Charles Wallace ainda não disse nada. — Meg olhou para o irmão menor.

Dennys perguntou:

– O que achou de tudo isso, Charles?

Ele sacudiu a cabeça devagar. Parecia perplexo.

– Não sei. Acho que se espera que eu faça alguma coisa, mas não sei o quê. Mas, se

pretendem que eu faça, serei informado.

— Por alguns homenzinhos do espaço sideral? — perguntou Sandy.

— Alguma coisa em mim dirá. Acho que nenhum de nós quer mais salada. Vamos apagar as luzes e deixar papai incendiar o pudim.

— Não tenho certeza de que quero as luzes apagadas — disse Meg. — Talvez não vá nunca mais haver eletricidade. Vamos aproveitá-la enquanto a temos.

— Eu preferia apreciar a luz do pudim de ameixa — disse Charles Wallace.

A sra. Murry tirou o pudim da panela para o banho-maria, onde estava fumegando, e virou-o em cima de um prato. Dennys pegou um ramo de azevinho e enfiou-o em cima. O sr. Murry pegou uma garrafa de conhaque e despejou-a sem reservas em cima do pudim. Quando ele acendeu o fósforo, Charles Wallace apagou as luzes e Sandy as velas, com um sopro. O conhaque ardeu com uma brilhante chama azul; sua luz parecia mais forte do que Meg se lembrava de ter visto em outros Dias de Ação de Graças. Esse pudim era sempre a tradicional sobremesa dos dias festivos na casa deles; porque, como dizia a sra. Murry, não se pode fazer um empadão doce num bico de Bunsen, e suas tentativas com tortas de frutas ou de abóbora-moranga não haviam sido muito bem-sucedidas.

O sr. Murry inclinou o prato para todo o conhaque queimar. As chamas continuaram, brilhantes, claras e azuis, de um azul que guardava nele o calor de um céu de verão, mais do que o frio do inverno.

— E o fogo com toda a força que tem — disse baixinho Charles Wallace.

— Mas que tipo de força? — perguntou Meg. Olhou para as toras estalando alegremente na lareira. — Pode manter a pessoa aquecida; mas, se sair do controle, também pode queimar por completo a casa de alguém. Pode destruir florestas. Pode incendiar cidades inteiras.

— A força sempre pode ser usada para destruir, da mesma forma que criar — disse Charles Wallace. — Este fogo é para ajudar e curar.

— Espero que sim — falou Meg. — Ah, espero que sim.

DOIS - O céu inteiro com seu poder

Meg ficou sentada na velha cama de latão do sótão, apoiada em travesseiros, e tentou ler, porque pensar doía demais, não era nem mesmo pensar, mas, sim, uma projeção interior de um futuro terrível. E Calvin não estava a seu lado para partilhar, para dar forças... Deixou o livro cair; era um dos seus velhos volumes de contos de fadas. Olhou pelo quarto, buscando conforto em coisas familiares. Seu cabelo estava solto para dormir e caía macio em torno dos ombros. Deu uma olhada em si mesma, no velho espelho cheio de distorções em cima da cômoda, e, apesar da sua ansiedade, ficou satisfeita com o reflexo. Parecia uma criança outra vez, mas uma criança muito mais bonita do que tinha de fato sido.

Seus ouvidos se aguçaram quando ela ouviu passos macios e veludosos, e um gatinho listrado, que atravessou as largas tábuas do piso, pulou para cima da cama e começou a se lambar, ronronando alto. Pelo menos parece que havia sempre um gato por perto. Sentia falta do velho cachorro negro. Como Fortinbras se comportaria diante dos acontecimentos da noite? Ela ficaria mais feliz se o velho cão estivesse em seu habitual lugar proibido, em cima da cama, porque ele tinha um grau incomum de sensibilidade, mesmo para um cachorro, para qualquer coisa que pudesse ajudar ou causar danos à sua família humana.

Meg sentiu frio e puxou seu gasto cobertor para cima dos ombros. Lembrou-se da sra. O'Keefe chamando pelo Céu inteiro com seu poder e pensou, tremendo, que se satisfaria com um cão grande e amoroso. O Céu mostrara considerável poder aquela noite e estava selvagem demais, além de qualquer controle, para servir de conforto.

E Charles Wallace. Ela queria o irmão. A sra. O'Keefe convocara Charles para deter Branzillo: ele precisaria de todos os poderes que o Céu pudesse lhe dar.

Ele dera boa-noite a Meg com um jeito brusco e preocupado e depois lhe lançara um rápido olhar, com seus olhos azuis, que a fizera manter a luz acesa e o livro aberto. O sono, de qualquer forma, estava muito distante, perdido em algum lugar daquele tempo estilhaçado pelo telefonema do presidente.

O gatinho se ergueu bem alto em suas pernas, deu três voltas completas e caiu pesadamente, para uma criatura tão pequena, na curva do corpo dela. O ronronar aos poucos silenciou, com o sono. Meg se indagou se ela algum dia dormiria novamente com tamanha segurança, abandonando a consciência sem medo do que poderia acontecer durante a noite. Seus olhos lhe davam uma sensação de segura, por causa do cansaço, mas ela não queria fechá-los e perder a tranquilidade que lhe davam o abajur, com seus dois globos amarelos, as estantes meio despencadas que ela fizera com tábuas e tijolos, a cortina azul, na janela. A bainha da cortina estava descosturada já não sabia desde quando e pretendia consertá-la bem antes ainda do seu casamento. *Amanhã*, ela pensou, *se houver um amanhã*.

Quando ouviu passos na escada do sótão, enrijeceu-se, depois relaxou. Todos eles haviam adquirido o hábito de não pisar no sétimo degrau que não apenas rangia ao ser pisado, mas também, muitas vezes, fazia um barulho parecido com o de um tiro. Ela e Charles Wallace tinham aprendido a colocar um pé na ponta esquerda do degrau, de modo que ele apenas soltava um longo e lento suspiro; quando um ou outro fazia isso, era um sinal de que se realizaria uma conferência.

Ela escutou o avanço dele pelo sótão, ouviu o balanço do velho cavalo de madeira, quando ele lhe deu sua costumeira palmada afetuosa no traseiro, seguido pelo tinido de um dardo entrando no quadro de cortiça: todos os pequenos sinais que eles haviam estabelecido ao longo dos anos.

Ele passou pelos fios compridos que serviam de cortina para a porta, foi até o pé da cama e apoiou o queixo na alta barra de latão. Olhou-a sem sorrir, depois escalou o pé da cama, passou por cima dele, como costumava fazer quando era menino, e se sentou de pernas cruzadas sobre o colchão.

— Ela espera mesmo que eu faça alguma coisa.

Meg fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Desta vez sinto mais simpatia pelos gêmeos do que por mamãe e papai. Os gêmeos acham que a coisa toda é irracional e impossível.

— Bem... lembre-se: mamãe sempre disse que há mais coisas nela do que se pode ver por fora.

— E a runa?

— Ela deu a você.

— Mas o que se espera que eu faça com ela?

— Que detenha Branzillo. E acho que me sinto como os gêmeos também. Simplesmente, não faz sentido.

— Você, alguma vez, já conversou de fato com ela? Você a conhece, mesmo que apenas um pouco?

— Não. E creio que ninguém a conheça. Calvin acha que há muito tempo ela se impediu de sofrer ao não se permitir amar ninguém ou nada.

— Qual é o nome de solteira dela? — perguntou Charles, de repente.

Meg franziu a testa.

— Não lembro. Por quê?

— Não sei. Sinto-me completamente no escuro. Mas ela disse que a avó lhe deu a runa... Sabe o primeiro nome dela?

Meg fechou os olhos, pensando.

— Branwen. É isso. E ela me deu um par de lençóis de linho como presente de casamento. Estavam sujos. Tive de lavá-los meia dúzia de vezes para então se revelarem lindos. Deviam ser do seu baú de noiva e tinham bordadas as iniciais bMz.

— Z e M correspondendo a quê?

— Não me lembro...

— Pense, Meg, Deixe-me tentar quitar isso.

Ela fechou os olhos outra vez e tentou relaxar. Era como se um excesso de intensidade consciente do pensamento tornasse seu cérebro rígido e fechado. Mas, quando ela respirava devagar, profundamente, ele se abria; e lembranças e pensamentos eram liberados para emergir até sua consciência, onde ela podia partilhá-los com Charles Wallace.

— M... — disse ela devagar. — Acho que é Maddox.

— Maddox. Parece que me diz alguma coisa, Maddox, mas não sei o que é. Meg, quero que me diga tudo o que sabe sobre ela.

— Não sei muita coisa.

— Meg... — As pupilas dos olhos dele se alargaram, e a íris se tornou apenas um anel azul-claro. — De uma forma ou de outra, ela tem alguma coisa a ver com Branzillo.

— Isso é... isso é...

— ... absurdo. É o que os gêmeos diriam. E é mesmo. Mas, de repente, ela veio aqui esta noite, e antes nunca quis. E você a ouviu dizer que não queria vir, mas ela se sentiu compelida a fazer isso. E então começou a se lembrar de uma runa em que não pensava desde criança e disse para eu usar contra Branzillo.

— E disse que pensávamos que ela é louca.

— Mas não é. Mamãe e papai sabem disso. E ninguém pode acusá-los de serem estúpidos ou sonhadores. O Z corresponde a quê?

Outra vez Meg sacudiu a cabeça.

— Não sei. Nem me lembro se cheguei a perguntar, embora talvez devesse.

— Branwen Maddox. Branwen Z. Maddox. — Ele esfregou os dedos pela testa. — Maddox. Há uma pista aí.

O gatinho bocejou e se arrepiou, como se eles o perturbassem. Meg estendeu a mão e tocou com os nós dos dedos, de leve, sua cabecinha dura; depois, coçou o pelo macio embaixo do queixo dele, até começar outra vez a ronronar e, devagar, fechar os olhos.

— Maddox... está numa canção, ou numa balada, sobre dois irmãos lutando. “Childe Harold”, talvez. Ou, quem sabe, em algum poema narrativo... — Ele enterrou a cabeça nas mãos. — Por que não consigo lembrar? — perguntou, frustrado.

— É tão importante assim?

— Sim! Não sei o motivo, mas é. Maddox... brigando com seu irmão e irritando os deuses...

— Mas, Charles... O que uma velha história tem a ver com qualquer coisa?

— É uma pista. Mas não consigo captar o suficiente... Está muito frio lá fora?

Meg fez um ar de surpresa.

— Acho que não. Por quê?

Charles Wallace olhou pela janela.

— A neve não derreteu, mas não há muito vento. E preciso escutar.

— O melhor lugar para escutar é a pedra de espiar estrelas.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, pensativo. A grande e achatada pedra glacial estava ali desde os tempos em que oceanos de gelo atravessaram a terra com força e que a família chamava de pedra de espiar estrelas porque ela lhes dava uma vista completa, desobstruída, do céu, e era mesmo um bom lugar para escutar. Quando se deitavam nela, para espiar as estrelas, olhavam diretamente para as montanhas, através dos vales. Atrás da pedra havia um pequeno bosque. Não havia nenhuma civilização à vista, e o ruído era pouco. Vez por outra ouviam o barulho de um caminhão na estrada, muito longe, ou de um avião cortando o céu. Mas, na maior parte do tempo, o lugar era bastante silencioso: eles só ouviam a música natural das estações. Algumas vezes, na primavera, Meg achava que podia ouvir a grama crescer. No outono, as pererecas cantavam por todo lado, como se não suportassem ver passarem as alegrias do verão. No inverno, quando a temperatura caía rapidamente, algumas vezes ela era surpreendida com o som do congelamento, um forte estampido como o de um fuzil de repetição. Aquela noite do Dia de Ação de Graças — se mais nada de estranho ou de

horrível acontecesse — seria tranquila. Era tarde demais, no ano, para pererecas, gafanhotos e grilos. Poderiam ouvir algumas folhas cansadas suspirando em seus galhos ou o farfalhar do capim alto separando-se, com a passagem de algum pequeno animal noturno pela noite adentro.

Charles Wallace disse:

— Boa ideia. Vou para lá.

— Vou com você.

— Não. Fique aqui.

— Mas...

— Você sabe que a dra. Louise teve medo de que você pegasse pneumonia na semana passada, quando teve aquele forte resfriado. Não deve se arriscar a pegar outro, precisa proteger o bebê.

— Está bem, Charles, mas, ah...

— Meg — disse ele gentilmente. — Alguma coisa está me bloqueando e preciso acabar com esse bloqueio. Tenho de ficar sozinho. Mas precisarei que você quite comigo.

Ela pareceu perturbada.

— Estou sem prática... — Quitar era ser capaz de contatar outra pessoa por mais distantes que estivessem; era conversar num idioma mais profundo que o das palavras. Charles Wallace nascera com esse dom; aos poucos, ela se tornara capaz de ler os pensamentos que ele lhe enviava, de saber o que ele queria que ela soubesse. Quitar ia muito além da já conhecida percepção extrassensorial, e, embora viesse a Charles tão naturalmente quanto respirar, para Meg era preciso uma intensa concentração. Charles Wallace e Calvin eram as duas únicas pessoas com as quais ela era capaz de trocar essa linguagem que ultrapassava de longe as palavras.

Charles Wallace tranquilizou-a.

— É como nadar ou andar de bicicleta. Uma vez que você aprende, nunca esquece.

— Eu sei... mas quero ir com você. — Ela tentou não verbalizar o pensamento. — Para protegê-lo.

— Meg. — A voz dele exprimia urgência. — Vou precisar de você, mas *aqui*, para quitar comigo o caminho inteiro.

— O caminho inteiro até onde?

O rosto dele estava pálido e tenso.

— Não sei ainda. Tenho a impressão de que será um longo caminho, e, no entanto, o que precisará ser feito terá de ser depressa.

— Por que você?

— Talvez não seja eu. Não temos certeza. Mas tem de ser alguém.

Se não for alguém, pensou Meg, então o mundo, pelo menos o mundo como o conhecemos, provavelmente chegará a um fim.

Ela estendeu os braços e deu um abraço e um beijo no irmãozinho.

— Vá em paz.

Apagou a luz e ficou deitada, esperando até ouvi-lo, em sua cabeça. O gato se espichou, bocejou e dormiu, e sua indiferença era um conforto. Depois, o som forte de um cachorro latindo fez com que ela se sentasse na cama.

O latido continuou, forte e exigente, muito parecido com o de Fortinbras, quando queria atenção. Ela acendeu a luz. O latido parou. Silêncio. Por que tinha parado?

Saiu da cama, rapidamente vestiu um robe e calçou os chinelos, e foi para baixo, esquecendo-se do sétimo degrau, que gemeu alto. Na cozinha, viu os pais e Charles Wallace, todos acariciando um cachorro grande, de raça indefinida.

A sra. Murry olhou para Meg, sem qualquer surpresa.

— Acho que nosso cachorro nos encontrou.

O sr. Murry puxou a orelha levantada do cão gentilmente; a outra era caída.

— Seu aspecto é de uma cadela selvagem, mas parece ser amistosa e inteligente.

— Não tem coleira nem nada — disse Charles Wallace.

— Ela está com fome, mas não está magra demais.

— Quer preparar um pouco de comida para ela, Meg?

— perguntou a sra. Murry. — Sobrou ainda alguma comida para cachorro na despensa, do tempo de Fortinbras.

Enquanto Meg aprontava uma tigela de comida, pensou: Estamos todos agindo como se essa cachorra fosse ficar conosco por um longo tempo.

O estranho não era a chegada da cadela, nem a despreocupada aceitação dela por parte de todos. Fortinbras chegara à casa da família da mesma maneira, simplesmente aparecendo na porta, um filhote já bem crescido. Foi a própria normalidade do fato que fez lágrimas aparecerem, brevemente, nos seus olhos.

— Que nome lhe daremos? — perguntou a sra. Murry.

Charles Wallace disse, tranquilo:

— O nome dela é Ananda.

Meg olhou-o, mas ele apenas sorriu de leve. Ela pôs a comida no chão, e a cadela comeu, demonstrando muita fome, mas sem derramar nada.

— Ananda — disse a sra. Murry, pensativa. — Soa como algum tipo de sino.

— É sânscrito — disse Charles Wallace.

Meg perguntou:

— Significa alguma coisa?

— A alegria de existir, sem a qual o universo se espatifaria e cairia.

— É um nome muito grande e poderoso para uma cadela carregar — disse a sra. Murry.

— Ela é uma cadela grande, e esse é o nome dela — respondeu Charles Wallace.

Depois que Ananda acabou de comer e lambeu a velha tigela de Fortinbras até ficar limpa, aproximou-se de Meg com a cauda abanando e ergueu uma pata. Meg pegou-a; a parte de baixo era áspera como couro e estava fria.

— Você é linda, Ananda.

— Não muito — disse a sra. Murry, sorrindo —, mas ela, com certeza, sabe como ficar à vontade.

A chaleira começou a chiar.

— Estou fazendo chá como proteção contra o frio. — A sra. Murry desligou o bico do gás e encheu o bule, à espera. — E, depois, é melhor irmos para a cama. Já é muito tarde.

— Mamãe — perguntou Meg —, você sabia que o primeiro nome da sra. O’Keefe é Branwen?

— Acho que sim, mas duvido que algum dia eu me sinta à vontade para chamá-la assim. — Ela colocou uma xícara fumegante diante de Meg.

— Lembra-se dos lençóis que ela nos deu?

— Sim. Maravilhosos lençóis antigos de linho.

— Com iniciais. Um grande M no meio, com um B e um Z menores, de cada lado. Sabe que nome corresponde ao Z?

— Zoe, ou Zillah, ou alguma coisa fora do comum assim. Por quê?

Meg respondeu com outra pergunta:

— O nome Branwen significa alguma coisa? É meio estranho.

— É um nome irlandês bastante comum. Acho que a primeira Branwen foi uma rainha da Irlanda, embora tivesse nascido na Inglaterra. Talvez ela pertencesse ao povo picto, que viveu na Escócia, na Antiguidade. Mas não tenho certeza.

— Quando? — perguntou Charles Wallace.

— Não sei exatamente quando. Há muito tempo.

— Mais de dois mil anos?

— Talvez três mil. Por quê?

Charles Wallace despejou leite em seu chá e examinou o líquido enevoadado.

— Talvez seja importante. Afinal, é o nome da mamãe O’Keefe.

— Ela nasceu bem aqui, no povoado, não foi? — perguntou Meg.

O pai respondeu:

— Existem Maddox aqui há tanto tempo que ninguém lembra mais quando foi. Ela é a última com esse nome, mas eles eram uma família importante, nos séculos XVIII e XIX. De lá para cá, passaram por muitas dificuldades.

— O que aconteceu? — insistiu Charles.

O sr. Murry sacudiu a cabeça.

— Sempre penso que qualquer ano desses sua mãe ou eu teremos tempo para pesquisar as origens desta aldeia. Nossas raízes estão aqui também, enterradas em alguma parte do passado. Herdei esta casa de uma tia-avó que mal conhecia, exatamente no período em que pensávamos em deixar as pressões da cidade e continuar com nossas pesquisas com paz e tranquilidade; e ganhar a casa apressou a decisão.

— Com relação a tempo para outros interesses... — A voz da sra. Murry soou pesarosa. — Não temos mais tempo do que tínhamos na cidade. Mas pelo menos aqui a pressão para trabalhar vem de nós mesmos, não nos é imposta.

— Essa Branwen — continuou Charles — era uma rainha importante?

A sra. Murry ergueu suas bonitas sobancelhas.

— Por que esse interesse tão repentino e intenso?

— Branwen Maddox O’Keefe foi extraordinariamente interessante esta noite.

A sra. Murry bebeu um pouco do chá.

— Eu não pensava na mitologia das ilhas Britânicas desde que vocês ficaram velhos demais para leituras em voz alta na hora de dormir. Acho que Branwen deve ter sido importante, do contrário eu não me lembraria dela, de jeito nenhum. Desculpe não ser capaz de lhe dizer mais. Nestes últimos anos tenho pensado mais em biologia celular do que em mitologia.

Charles Wallace acabou de beber o chá e colocou a xícara na pia.

– Importam-se se eu sair para caminhar um pouco?

– Eu não faria isso — disse seu pai. — Já é bastante tarde.

– Por favor, papai, preciso escutar. — Sua voz e seu aspecto eram de alguém muito jovem.

– Não pode escutar aqui?

– Distrações demais, pensamentos de gente demais no caminho.

– Será que isso não pode esperar?

Charles Wallace olhou para seu pai, sem responder.

A sra. Murry suspirou.

– Nenhum de nós leva pouco a sério a sra. O’Keefe e tudo o que aconteceu esta noite, mas você sempre teve a tendência a tomar tudo em excesso para si mesmo.

A voz do menino saiu tensa.

– Desta vez não estou tomando isso para mim mesmo. Quem colocou tudo em cima de mim foi a sra. O’Keefe.

O pai olhou-o gravemente e depois fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Para onde você vai?

– Não muito longe. Para a pedra de espiar estrelas.

O sr. Murry lavou sua xícara e tornou a lavá-la.

– Você ainda é uma criança.

– Tenho quinze anos. E não há nada para me fazer mal entre a casa e a pedra de espiar estrelas.

– Está bem. Não demore muito.

– Não mais do que preciso.

– Leve Ananda.

– Preciso ficar sozinho. Por favor, papai.

O sr. Murry tirou os óculos, olhou para o filho através deles, a uma certa distância colocou-os novamente.

– Está bem, Charles.

Meg olhou para a mãe e adivinhou que ela se segurava para não dizer ao filho mais novo que não deixasse de usar botas e um casaco quente.

Charles sorriu na direção da mãe.

– Usarei o anoraque azul que Calvin trouxe da Noruega para mim. — Lançou o final do seu sorriso para a irmã, depois entrou na despensa, fechando firmemente a porta da cozinha atrás dele.

– É hora de o resto de nós ir para a cama — disse a sra. Murry. — Você especialmente, Meg. Não vai querer pegar outro resfriado.

– Vou levar Ananda para me fazer companhia.

Seu pai protestou.

– Nem mesmo sabemos se ela é domesticada.

– Ela comeu como um cachorro bem-treinado.

– Então você decide.

Meg não sabia a razão por que sentia tanto alívio com a chegada da grande cadela amarela.

Afinal, Ananda não podia ser sua cachorra. Quando Calvin voltasse de Londres, eles iriam outra vez para seu apartamento alugado, onde não eram permitidos animais de estimação, e Ananda ficaria com os Murry Mas assim mesmo estava bem; Ananda, ela sentiu, era necessária.

A cadela seguiu Meg para o andar de cima como se tivesse vivido com os Murry por toda a vida, trotou pelo sótão entulhado e entrou no quarto de Meg. O gatinho estava adormecido na cama, e a grande cadela cheirou o pequeno pompom, com a cauda abanando, num êxtase de amizade. A cauda era larga e comprida, com alguns pelos dourados, o que talvez indicasse algum tipo de sangue de perdigueiro ou labrador em seu padrão genético, o tipo de cauda que poderia criar tanta devastação numa loja de louça quanto um touro. O gatinho abriu os olhos, deu um pequeno silvo desinteressado e voltou a dormir. Com um salto, Ananda aterrissou na cama, dando batidas fortes e felizes com sua poderosa cauda. O gatinho levantou-se e rastejou para o travesseiro.

Como dissera tantas vezes a Fortinbras, Meg anunciou:

– Dormir na cama não pode.

Os olhos cor de âmbar de Ananda a fitaram numa súplica, e a cadela ganiu, baixinho.

– Bem, só aqui em cima. Lá embaixo, nunca. Se quiser fazer parte deste lar, precisa entender isso.

Ananda bateu com a cauda; a luz do abajur refletiu em seus olhos, tomando-os dourados. Sua pelagem brilhava, com um fulgor saudável.

– Abra um espaço para mim. — Meg tornou a subir na cama. Ela se sentia reconfortada por voltar a seu hábito infantil de falar com os animais da família. — Agora, Ananda, o que vamos fazer é escutar, muito atentamente, o que Charles transmitirá. Você tem de me ajudar a quitar, senão terá de sair da cama. — Esfregou a mão no pelo de Ananda, que cheirava a samambaia, musgo, amoras do outono, e sentiu um quente e suave formigamento, que vibrou em sua mão e subiu pelo braço. Chegou ao olho da sua mente uma clara imagem de Charles Wallace caminhando pelo que antigamente fora a horta dos gêmeos, mas que agora era um pequeno bosque de árvores de Natal ainda não desenvolvidas, um projeto do qual eles podiam cuidar durante as férias. A magnífica horta fora cortada por baixo quando eles tinham ido para a universidade. Meg sentia falta dela, mas sabia que os pais eram ocupados demais para cuidar de mais do que uma pequena plantação de alface e tomate.

Charles Wallace continuou a caminhar pelo trajeto familiar.

Com a mão repousando em Ananda, o quente formigamento fluindo, num vaivém, entre as duas, Meg acompanhou os passos do irmão. Quando ele alcançou o espaço aberto onde ficava a pedra de espiar estrelas, a respiração de Ananda se acelerou; Meg pôde sentir a subida e a descida das costelas da cachorra, sob sua mão.

Não havia lua, mas a luz das estrelas dava um toque de prata ao gramado invernal. O bosque atrás da pedra estava mergulhado numa sombra escura. Para além do vale, para além da escura crista de pinheiros, Charles Wallace olhou para as sombras das montanhas, adiante. Depois atirou a cabeça para trás e gritou:

“Nesta hora fatal

Chamo o Céu inteiro, com seu poder!”

O brilho das estrelas aumentou. Charles Wallace continuou a olhar para cima. Focalizou seu olhar numa estrela, que pulsava com intensidade peculiar. Um raio de luz tão forte quanto uma escada mas claro como água fluiu entre a estrela e Charles Wallace, e era impossível dizer se a luz vinha do penetrante azul-prateado da estrela ou dos olhos azul-claros do menino. O raio se tornou mais forte e mais firme e então a luz inteira se transformou num clarão fulgurante, ao lado do menino. Vagarosamente o brilho foi tomando forma, até materializar-se num grande animal branco, com uma crina flutuante e alta. Da testa projetava-se um chifre de prata, que continha o resíduo da luz. Era uma criatura de profunda e absoluta perfeição.

O menino colocou sua mão contra o grande flanco branco, que subia e descia, como se a criatura estivesse tomando fôlego, por ter corrido. Charles Wallace podia sentir o sangue quente correndo pelas veias, como a luz correria entre a estrela e o menino.

– Você é real? — perguntou ele, com uma voz cheia de espanto.

A criatura deu um relincho prateado, que se traduziu em palavras na mente do menino.

– Não sou real. E, no entanto, em certo sentido, sou aquilo que é a única realidade.

– Por que você veio? — A respiração do próprio menino estava acelerada, não tanto por apreensão, mas por excitação e expectativa.

– Você me chamou.

– A rima... — sussurrou Charles Wallace.

Olhou com amorosa apreciação para a criatura gloriosa em pé diante dele na pedra de espiar estrelas. Um casco ferrado com prata deu uma leve patada e a pedra retiniu com um som de clarim.

– Um unicórnio. Um unicórnio de verdade.

– É assim que vocês me chamam. Sim.

– O que é você, de verdade?

– O que é você, de verdade? — replicou o unicórnio. — Você me chamou, e, como há uma grande necessidade, estou aqui.

– Sabe qual é a necessidade?

– Em seus pensamentos, vi qual é.

– Como fala minha língua?

O unicórnio tornou a relinchar, um som translúcido como bolhas prateadas.

– Não falo. O que falo é a Antiga Harmonia.

– Então, como é que eu entendo?

– Você é muito jovem, mas faz parte da Antiga Música.

– Você sabe meu nome?

– Aqui, neste Quando e Onde, você é chamado de Charles Wallace. É um nome guerreiro. Funcionará.

Charles Wallace ficou na ponta dos pés e se esticou para seus braços alcançarem o pescoço do belo animal.

– Como devo chamar você?

– Pode chamar-me de Gaudior. — As palavras caíram em cima da pedra como pequenos sinos.

Charles Wallace olhou pensativamente para o brilho do chifre.

– Gaudior. Em latim significa “mais alegre”.

O unicórnio relinchou, concordando.

– A alegria de existir, sem a qual...

Gaudior bateu seu casco de leve na pedra, com o som de uma trombeta de prata.

– Não empurre para longe demais sua compreensão.

– Mas não acertei quanto ao significado de Gaudior?

– Em certo sentido, sim; em certo sentido, não.

– Você é real e você não é real; estou errado e estou certo.

– O que é real? — A voz de Gaudior era tão cristalina quanto seu chifre.

– O que devo fazer, agora que chamei o Céu inteiro, com seu poder, e você veio?

Gaudior relinchou.

– O Céu pode ter me enviado, mas meus poderes são estritamente definidos e limitados. E nunca fui, antes, enviado ao seu planeta. Esta vez foi considerada uma incumbência. — Ele baixou os olhos com um ar de quem pede desculpas.

Charles Wallace examinou a pedra a seus pés, coberta com uma poeira de neve.

– Não nos saímos lá muito bem em nosso planeta, não é?

– Muitos gostariam de deixar vocês desaparecerem da face da Terra, só que isso afetaria a todos nós... Quem sabe o que poderia acontecer? E, enquanto houver membros da Antiga Música, mesmo que poucos, vocês ainda são nossos irmãos e irmãs.

Charles Wallace acariciou o longo e aristocrático focinho de Gaudior.

– O que devo fazer, então?

– Estamos nisso juntos.

Gaudior ajoelhou-se com delicadeza e indicou que Charles Wallace devia subir em suas costas. Mesmo com o unicórnio ajoelhado, foi com dificuldade que o menino trepou na criatura e se sentou em seu dorso com uma perna de cada lado, perto do grande pescoço, de modo a poder se segurar na crina prateada. Charles pressionou com toda a força seus pés enfiados em botas de borracha contra os flancos do unicórnio. Gaudior perguntou:

– Você já cavalgou o vento?

– Não.

– Precisamos ter cuidado com os Echthroi — advertiu Gaudior. — Eles tentam cavalgar o vento e nos jogar para fora do nosso curso.

– Echthroi. — Os olhos de Charles Wallace se enevoaram. — Significa *o inimigo*.

– Echthroi — repetiu Gaudior. — O antigo inimigo. Que distorceu a harmonia e reuniu um exército de destruidores. Eles estão em toda parte do universo.

Charles Wallace sentiu uma onda de frio percorrer sua espinha.

— Segure minha crina — aconselhou o unicórnio. — Há sempre a possibilidade de encontrar um Echthros, e, se isso acontecer, ele tentará tirar você das minhas costas.

As juntas dos dedos de Charles Wallace ficaram brancas quando ele agarrou a grossa crina. O unicórnio começou a correr, primeiro roçando o alto do gramado, depois subindo, e então passou por cima das montanhas, atirou-se para dentro do vento e, cavalcando-o, subiu cada vez mais alto, acima das estrelas...

TRÊS - O sol com seu brilho

Em seu quarto, no sótão, Meg olhava para Ananda, que batia sua cauda maciça em sinal de amizade.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Meg.

Ananda limitou-se a dar outra batida, acordando o gatinho, que soltou um desanimado *brrr* e rastejou pelo travesseiro.

Meg olhou para o velho despertador, em seu lugar familiar na estante. Os ponteiros não pareciam ter saído do lugar.

— Não entendo o que está acontecendo, seja lá o que for.

Ananda ganiu baixinho, um ganido comum, vindo de uma cadela comum, de antecedentes questionáveis, um vira-lata como muitos na aldeia.

— Gaudior — murmurou Meg. — Mais alegre. É um bom nome para um unicórnio. *Gaudior, Ananda*: essa alegria sem a qual o universo se espatifaria e desabaria. Será que o mundo perdeu sua alegria? É por isso que estamos presos numa confusão? — Ela acariciou Ananda, pensativa, e depois ergueu a mão que estivera pressionada contra o flanco da cadela. A mão brilhava com um calor irradiante. — Eu disse a Charles Wallace que estou sem prática com a quitação. Talvez eu já esteja meio instalada no mundo adulto. Como sabia que precisávamos de você, Ananda? E, quando toco em você, posso quitar tão profundamente como nunca quitei antes. — Tornou a colocar a mão no flanco confortável e fechou os olhos, tremendo, por causa do esforço de concentração.

Não viu nem Charles Wallace nem o unicórnio. Não viu nem a terra conhecida, com a pedra de espiar estrelas, o bosque, as montanhas, não viu o céu noturno, com suas incontáveis galáxias. Não viu nada. Nada. Não havia nenhum vento para cavalgar ou para soprar a pessoa.

Nada era. Ela não era. Não havia escuridão. Não havia luz. Nenhum sinal nem som nem toque nem cheiro nem gosto. Nem dormindo nem acordada. Nada de sonhos, nenhum conhecimento.

Nada.

E então veio uma onda de alegria.

Todos os sentidos vivos, despertos e cheios de alegria.

A escuridão existia, e a escuridão era boa. Como também a luz.

Luz e escuridão dançando juntas, nascidas juntas, nascidas uma da outra, nem precedendo nem seguindo, ambas existindo inteiramente, em alegre ritmo.

As estrelas do amanhecer cantavam juntas, e as antigas harmonias eram novas, e isto era bom. Era muito bom.

E então uma estrela deslumbrante virou suas costas para a escuridão e a engoliu. Ao engoli-la, ela se tornou a escuridão, e havia algo de errado com a escuridão, e havia algo de errado com a luz. E isso não era bom. A glória da harmonia foi quebrada por gritos penetrantes, silvos, risadas que não eram de alegria e eram horrendas, uma medonha cacofonia. Com uma estranha certeza, Meg soube que estava experimentando o mesmo que Charles Wallace. Não viu nem Charles Wallace nem o unicórnio, mas sabia de tudo por meio da percepção de Charles Wallace.

A quebra da harmonia era dor, era angústia brutal, mas a harmonia continuava a se elevar acima da dor, e a alegria podia pulsar com a luz, e a luz e a escuridão novamente se reconheciam e eram parte da alegria.

Estrelas e galáxias passaram correndo, aproximaram-se, cada vez mais, até muitas galáxias serem apenas uma galáxia, uma galáxia era um sistema solar, um sistema solar era um planeta. Não havia como dizer qual planeta, pois ele ainda estava em formação. Vapor subia fumegando, saía da sua superfície derretida. Nada podia viver nesse caldeirão primordial.

E então vieram os cavaleiros do vento, quando todos os cavaleiros cantavam as antigas harmonias, e a melodia ainda era nova, e as brisas suaves esfriaram a queima. E a fervura, os silvos, as chamas, o vapor transformaram-se em chuva, éons de chuva, nuvens esvaziando-se em contínuas torrentes de água, que cobriram o planeta com uma escuridão curativa, até as nuvens se esvaziarem quase por completo, e uma luz obscura atravessou seus véus e tocou a água do oceano, de modo que ele brilhou palidamente, como uma grande pérola.

A terra emergiu dos mares, e na terra começou a se espalhar o verde. Pequenos brotos verdes nasciam e se transformavam em grandes árvores, samambaias mais altas do que os mais altos carvalhos. O ar era fresco e cheirava a chuva e sol, a verde de árvore e planta, a azul de céu.

O ar ficou pesado de umidade. O sol ardia como latão atrás de uma grossa gaze de nuvens. O calor tremeluzia no horizonte. Uma samambaia muito alta foi empurrada para um lado, por uma pequena cabeça esverdeada num longo e grosso pescoço, que saía de um corpo maciço. O pescoço ondulava sinuosamente, enquanto os olhinhos espiavam em torno.

Nuvens cobriram o sol. A brisa tropical se intensificou e se tornou um vento frio. As samambaias caíram e murcharam. Os dinossauros lutavam para se afastar do frio e morreram quando seus pulmões sofreram um colapso por causa da mudança radical de temperatura. Gelo movimentava-se inexoravelmente através da terra. Um grande urso-branco caminhava sem ruído, devagar, farejando em busca de comida.

Gelo e neve, depois novamente chuva e, afinal, a luz do sol atravessando as nuvens, outra vez o verde, verde de grama e árvores, azul do céu, de dia, brilho de estrelas, à noite.

O unicórnio e o menino estavam numa amena clareira verde, cercados por árvores.

– Onde estamos? — perguntou Charles Wallace.

– Estamos aqui — respondeu o unicórnio, com impaciência.

– Aqui?

Gaudior riu, com desdém.

– Não reconhece o lugar?

Charles Wallace olhou a paisagem nada familiar em torno. Árvores e samambaias espalhavam suas copas em direção ao céu, como se bebessem azul. Outras árvores pareciam erguer seus galhos para pegar o vento. O menino virou-se para Gaudior.

– Nunca estive aqui.

Gaudior sacudiu a cabeça, perplexo.

– Mas é seu próprio Onde, mesmo não sendo seu Quando.

– Meu o quê?

– Seu Onde. Onde você chamou o Céu com seu poder e eu fui enviado a você.

Charles Wallace examinou outra vez, com atenção, a paisagem desconhecida; e sacudiu a

cabeça.

— É um Quando muito diferente. — Concedeu Gaudior. — Você não está acostumado a se movimentar pelo tempo?

— Já me movimentei por quinze anos de tempo.

— Mas só numa direção.

— Ah... — A compreensão chegou ao menino. — Este não é meu tempo, certo? Você quer dizer que onde estamos agora é o mesmo lugar da pedra de espiar estrelas, do bosque e da casa, mas num tempo diferente?

— Para os unicórnios é mais fácil movimentar-se de um lado para outro do tempo do que pelo espaço. Até sabermos mais sobre o que devemos fazer, sinto-me mais à vontade permanecendo no mesmo Onde.

— Então, sabe onde estamos? Quero dizer... Quando estamos? É tempo passado ou tempo futuro?

— É o que você chamaria de “era uma vez, há muito tempo”, eu acho.

— Então, não estamos no presente.

— Claro que sim. Em qualquer tempo em que estejamos, é sempre o presente.

— Não estamos no *meu* presente. Não estamos Quando estávamos, no momento em que você me procurou.

— No momento em que fui chamado para ir até você — corrigiu Gaudior. — E Quando não é o que importa. É o que acontece no Quando que importa. Está preparado para ir?

— Mas... você não disse que estamos bem aqui? Onde a pedra de espiar estrelas ficava... ou melhor, ficará?

— Foi o que eu disse. — O casco de Gaudior bateu no verde luxuriante do gramado novo. — Para fazer o que lhe foi pedido, você terá de viajar, indo e vindo.

— Indo e vindo no tempo?

— Tempo, sim. E pessoas.

Charles Wallace olhou-o, espantado.

— Não sei... — Ele pareceu ouvir Meg avisando-o de que era sempre desastroso quando ele decidia que era capaz de assumir, sozinho, mais do que qualquer pessoa deveria assumir.

— Parece — disse Gaudior — que você foi chamado. E a convocação nunca acontece ao acaso, está sempre de acordo com o objetivo.

— Que objetivo?

Gaudior ignorou-o.

— Parece que você tem jeito para ir para Dentro.

— Mas eu nunca...

— Você não é capaz de ir para Dentro da sua irmã?

— Quando nós quitamos, sim, um pouquinho. Mas não vou literalmente para Dentro de Meg. Tenho plena consciência dela. E, quando ela quita comigo, tem mais consciência de mim do que de si mesma. Acho que quitar é uma coisa parecida com o que você chama de ir para Dentro... mas parece um pouco menos assustador.

Gaudior torceu sua barba.

— Agora você foi chamado para ir para Dentro da maneira mais profunda de todas. E eu fui chamado para ajudar você. — A luz do chifre dele pulsou e se tornou mais fraca. — Você

viu o início.

– Sim.

– E você viu como um destruidor, quase desde o início, tenta quebrar as antigas harmonias?

– De onde veio o destruidor?

– O quê?

– Você foi chamado para descobrir um Poderia-Ter-Sido e para fazer isso terá de ser enviado para Dentro.

– Dentro... Dentro de outra pessoa?... Mas não sei se posso.

– Por que não? — perguntou Gaudior.

– Mas... se eu for para Dentro de outra pessoa... o que acontecerá com meu próprio corpo?

– Cuidaremos disso.

– Voltarei?

– Se tudo correr bem.

– E se nada correr bem?

– Vamos acreditar firmemente que tudo correrá bem.

Charles Wallace passou os braços em torno de si mesmo, como se buscasse calor.

– Você tem ideia de como estou assustado?

– Claro que está assustado. Eu também estou.

– Gaudior, é uma coisa assustadora demais para se saber assim, casualmente, o fato de que se vai estar dentro do corpo de outra pessoa. O que acontecerá *comigo*?

– Não sei ao certo. Mas você não se perderá. Continuará a ser você mesmo. Se tudo correr bem.

– Mas, ao mesmo tempo, serei também outra pessoa?

– Se você se abrir o suficiente para isso.

– Se estiver em outro corpo, terei de ser forte o suficiente para nós dois?

– Talvez — declarou Gaudior — seu hospedeiro seja o mais forte dos dois. Está disposto?

– Do Bem, claro. O Echthros queria toda a glória para si mesmo, e, quando isso acontece, o Bem deixa de ser Bem; e outros seguiram esse primeiro Echthros. Para onde quer que vão os Echthrois, as sombras os acompanham e tentam cavalgar o vento. Há lugares onde ninguém jamais ouviu as antigas harmonias. Mas há sempre um momento em que há o Poderia-Ter-Sido. O que devemos fazer é encontrar os Poderia-Ter-Sido que conduziram a esse mal, em particular. Já vi muitos Poderia-Ter-Sido. Se um ou outro fosse escolhido, então não haveria essa ou aquela consequência. Se isso ou aquilo fosse feito, a luz seria companheira da escuridão, em vez de ser apagada. Talvez você possa movimentar-se para dentro do momento de um Poderia-Ter-Sido... e modificá-lo.

Os dedos de Charles Wallace se apertaram na crina prateada.

– Sei que não posso evitar desastres só porque a sra. O’Keefe me disse para fazer isso. Talvez eu seja arrogante, mas não tão arrogante assim. Mas minha irmã vai ter um bebê, e posso ser forte o suficiente para tentar evitar o desastre por causa dela. E a sra. O’Keefe me deu a runa... — Ele olhou o fresco mundo verde à volta. Embora ainda usasse botas e o quente anoraque norueguês, não se sentia muito confortável. De repente, ouviu um canto, e um bando

de pássaros dourados instalou-se nas árvores.

– Quando estamos, então? Quanto tempo atrás?

– Há muito tempo. Trouxe nós dois de volta a um tempo anterior a todos os Poderia-Ter-Sido deste planeta, a um tempo anterior à chegada das pessoas, antes que elas pudessem brigar e aprender a matar.

– Como chegamos aqui, há tanto tempo?

– Pelo vento. O vento sopra para onde quer.

– E ele nos levará para Onde... Quando... você quiser?

A luz do chifre do unicórnio pulsou, e ela, guardando o azul do céu, refletia-se nos olhos de Charles Wallace.

– Antes de as harmonias serem quebradas, unicórnios e ventos dançavam juntos, com alegria e sem nenhum medo. Agora, há os Echthroi, que cobiçam o vento, como todo o resto. Há ocasiões em que eles cavalgam o vento e o transformam num tomado. Você deve ficar grato por não termos cavalgado por um desses... É sempre um risco. Mas chegamos a Quando eu queria. Aqui, acho que teremos um tempinho para recuperar nosso fôlego.

Os pássaros dourados agitaram-se em torno deles e depois o céu se encheu de uma nuvem de borboletas, que se uniram aos pássaros, num voo decorativo. Na grama, pequenos lagartos, que pareciam enfeitados com joias, corriam em disparada.

– Aqui o vento não foi perturbado — disse Gaudior. — Venha. Esta rápida olhada é tudo o que posso lhe oferecer deste tempo maravilhoso.

– Precisamos ir embora tão depressa?

– A necessidade é premente.

Sim, a necessidade era de fato urgente. Charles Wallace ergueu os olhos para o unicórnio.

– Para onde vamos agora?

Impaciente, Gaudior bateu os cascos no verde luxuriante.

– Não existe “para Onde”; você não pode fazer isso entrar em seu cérebro humano? Quando. Até saber mais do que sabemos agora, ficaremos bem aqui, em seu próprio Onde. Há alguma coisa a ser aprendida aqui, e precisamos descobrir o quê.

– Você não sabe?

– Sou um simples unicórnio. — Gaudior modestamente baixou seus cílios prateados. — Só sei que bem aqui, neste lugar onde você espia estrelas, há algo importante para o futuro. Mas, seja lá o que for, só aconteceu quando a música antiga das esferas foi distorcida. Então, agora vamos para um Quando em que já existem pessoas.

– Você sabe quando é esse Quando?

A luz no chifre de Gaudior ficou mais fraca e piscou, o que era um sinal, Charles Wallace começava a reconhecer, de que o unicórnio estava perturbado ou incerto.

– Um Quando distante. Podemos cavalgar neste vento sem medo, porque aqui as antigas harmonias ainda não foram quebradas. Mas talvez as coisas se tornem mais difíceis se o Quando em que entrarmos for dissonante. Segure-se com força. Vou levar você para Dentro.

– Dentro... Para Dentro de quem eu vou? — Charles Wallace fez a crina passar entre seus dedos.

– Perguntarei ao vento.

– Você não sabe?

— Perguntas, perguntas. — Gaudior bateu com força um casco prateado. — Não sou um computador. Só as máquinas têm respostas prontas para tudo.

A luz em seu chifre pulsou com brilho; centelhas voaram dos cascos de Gaudior e elas se afastavam e subiam. Os macios flancos do unicórnio se tornaram fluidos, e, vagarosamente, suas grandes asas se ergueram e se movimentaram com o vento.

O menino sentiu o vento avançar embaixo e em torno deles. Cavalgando o unicórnio, cavalgando o vento, ele se sentiu em plena liberdade e alegria; vento, unicórnio, menino, todos fundidos numa velocidade única. Estrelas, galáxias circulavam num modelo cósmico e a alegria da unidade era maior do que qualquer desordem interna.

E então, quase sem transição, chegaram a um lugar cheio de pedras, árvores, capim alto e um grande lago. O que, muitos séculos depois, iria se tornar a pedra de espiar estrelas era uma pequena montanha de pedra. O bosque atrás da pedra era uma floresta com altas samambaias e gigantescas árvores frondosas que ele não reconheceu. Em frente à pedra, em vez do vale do Quando de Charles Wallace, havia um lago que se estendia até as montanhas, cintilando sob a luz do sol. Entre a pedra e o lago havia estranhas cabanas de pedra e couro curtido de animais, meio casas, meio tendas, formando um crescente na beira do lago.

Na frente e em torno das habitações havia atividade e risadas, homens e mulheres tecendo, transformando o barro do lago em tigelas e pratos, pintando a louça com cores vívidas e intrincados padrões geométricos. Crianças brincavam na beira da água, provocando salpicos e fazendo seixos ricochetearem.

Um menino estava sentado num afloramento de rocha, polindo uma lança com uma pedra amolada. Era moreno e magro, os cabelos lustrosos da cor da asa de um melro e os olhos escuros e brilhantes como a água do lago. Os ossos da face eram altos, e sua boca, quente e cheia. Estava inteiramente concentrado em fazer sua lança. Olhou através da água do lago e farejou o cheiro de peixe. Então, virou-se de costas para a lança, mas suas narinas sensíveis tremeram quase imperceptivelmente enquanto ele cheirava, cada qual por sua vez, o verde da grama, o azul do céu, o sangue vermelho de um animal na floresta. Não pareceu notar o unicórnio, que estava atrás dele no monte de pedra ou, se notou, tomou a linda criatura como uma coisa natural. As asas de Gaudior estavam agora dobradas para trás, em cima dos seus flancos, de modo que eram invisíveis; a luz em seu chifre estava firme.

Meg pressionou a mão, atentamente, contra Ananda. A grande cadela virou a cabeça e lambeu sua mão, para tranquilizá-la, com sua língua quente e vermelha.

Meg percebeu seus sentidos serem atacados por uma consciência que jamais experimentara com tamanha intensidade, mesmo na infância. O azul do céu era tão brilhante que ofuscava seu olho interior. Embora fizesse frio ali no sótão, ela podia sentir o calor irradiante do dia; sua pele bebia a beleza do sol. Ela jamais sentira cheiro de pedra, da terra escura e fértil, do vinho do vento como sentia agora.

Por quê? Como? Podia ver o unicórnio, mas não podia ver Charles Wallace. Onde ele estava?

Então, entendeu.

Charles Wallace estava Dentro do menino que estava na pedra. De alguma maneira estranha, Charles Wallace *era* o menino na pedra, vendo através dos olhos dele, ouvindo através de seus ouvidos (nunca um pássaro gorjeava com tão cintilante clareza), cheirando pelo

seu nariz e quitando tudo o que seus sentidos despertos recebiam.

Gaudior relinchou baixinho.

— Você deve ter cuidado — advertiu. — Você não é Charles Wallace Murry. Deve perder a si mesmo, como faz quando quita com sua irmã. Deve tornar-se seu hospedeiro.

— Meu hospedeiro...

— Harcels, do Povo do Vento. Você não deve saber mais do que ele sabe. Quando pensa pensamentos fora dos dele, deve impedir que cheguem até ele. É melhor que nem tenha esses pensamentos.

Charles Wallace agitou-se timidamente dentro de Harcels. Como ele próprio aceitaria uma intrusão dessas por parte de outra pessoa? Alguma vez sofrera tamanha intrusão?

— Não — respondeu Gaudior, falando apenas para aquela parte de Charles Wallace que ele protegia contra a completa unidade de Harcels.

— Não mandamos ninguém para Dentro, a não ser que o perigo seja tão grande que...

— Que...

A luz no chifre piscou.

— Você conhece algumas possibilidades, se seu planeta explodir.

— Poucas — disse Charles Wallace, com precisão. — Poderia tirar o equilíbrio das coisas, de modo que o sol se transformaria, bruscamente, numa supernova.

— Sim, mas esta é apenas uma das possibilidades. Tudo o que acontece dentro da Ordem criada, por pequeno que seja, tem seu efeito. Se você está zangado, essa raiva é somada a todo ódio com o qual os Echthroi distorceriam a melodia e destruiriam as antigas harmonias. Quando você está amando, esse amor se une à música das esferas.

Charles Wallace sentiu-se dominado por uma onda de constrangimento.

— Gaudior... O que se supõe que eu faça... Dentro de Harcels?

— Deve começar apreciando estar Dentro dele — sugeriu Gaudior. — Neste Quando o mundo ainda conhece a Antiga Música.

— Ele vê você como eu vejo?

— Sim.

— Ele não está surpreso.

— Para a alegria nada é surpreendente. Relaxe, Charles. Quite com Harcels. *Seja* Harcels. Solte-se.

Ele bateu um casco contra a pedra, provocando centelhas, pulou da pedra, num grande arco, e galopou para dentro do bosque.

Harcels levantou-se, esticou-se, meio preguiçoso. Ele também pulou da pedra, ignorando a gravidade, com a facilidade de um bailarino, aterrissou no gramado flexível, saiu rolando alegremente, ficou em pé num pulo e correu até a beira da água chamando as crianças, os tecelões, os oleiros.

Na beira do lago, ficou em pé muito quieto, isolando-se da atividade à sua volta. Franziu os lábios, assobiou num longo e doce apelo e depois chamou, baixinho:

— Finna, Finna, Finna!

A água se agitou no meio do lago e uma grande criatura veio nadando, pulando, voando na direção de Harcels que, por sua vez, atirou-se na água e nadou rapidamente ao seu encontro.

Finna parecia um golfinho, embora não tão grande, e sua pele era de um azul-esverdeado

iridescente. Tinha o sorriso gracioso de um golfinho e a mesma familiaridade com o mar e com o ar. Ao encontrar Harcells, soltou uma pequena fonte de água pelo respiradouro, enchando o menino, que ria às gargalhadas.

Por alguns momentos eles lutaram juntos, e depois Harcells cavalgou Finna, pulando no ar, segurando-se com força quando Finna mergulhava no mar, bem abaixo da superfície, ar quejando quando ela tornava a aparecer à luz do sol, num relâmpago, enviando borrifos em todas as direções.

Era pura alegria.

O que Charles Wallace conhecera, em relâmpagos ocasionais de beleza, era o estilo de vida de Harcells.

No quarto do sótão Meg mantinha sua mão em Ananda. Um estremecimento ocorreu entre ambas, como uma onda.

— Ah, Ananda — disse Meg —, por que não poderia continuar dessa maneira? O que aconteceu?

Quando?, imaginou Charles Wallace. Quando nós estamos?

Para Harcells todos os Quandos eram Agora. Havia ontem, que se fora, que era apenas um sonho. Havia amanhã, que era uma visão não tão diferente do hoje. Quando era sempre Agora, pois se olhava pouco para trás ou para a frente, neste mundo jovem. Se Agora era bom, ontem, embora fosse um sonho agradável, não era necessário. Se Agora era bom, amanhã provavelmente continuaria a ser.

O Povo do Vento era gentil e harmonioso. Nas raras ocasiões em que havia uma diferença de opinião, era mediada pelo Harmonizador, e seu julgamento era sempre aceito. Peixes eram pescados, carne era atingida por arco e flecha, nunca mais do que o necessário. Cada pessoa da tribo sabia o que nascera para fazer e nenhum dom era considerado maior ou menor do que outro. O Harmonizador tinha uma posição não mais elevada que a do mais jovem cozinheiro, que ainda aprendia a fazer uma fogueira ou a limpar um peixe.

Um dia um javali selvagem monstruoso perseguiu um pequeno grupo de caçadores, e o menor e mais lento entre eles foi ferido pelas presas do animal. Harcells ajudou a carregá-lo para casa e ajoelhou-se a noite inteira com o Curandeiro, trazendo musgo novo e fresco para colocar sobre o ferimento, que causava febre. Cantava as canções da cura, enquanto cada estrela se movia, com sua própria dança ordenada.

De manhã houve grande júbilo, porque não apenas a ferida sarava, mas também foi reconhecido que Harcells descobrira seu talento e seria aprendiz do Curandeiro, e, quando o Curandeiro fosse morar com aqueles que se movem entre as estrelas, Harcells ocuparia seu lugar.

A melodia era clara e pura. A harmonia não tinha distorções. O tempo ainda era jovem e o sol era brilhante durante o dia e se movimentava sem medo, indo repousar no reino das estrelas distantes, à noite.

Harcells tinha muitos amigos em seu povo, mas seus companheiros de coração eram os animais: Finna e Eyrn, um grande pássaro, metade águia, metade gaivota, e grande o suficiente para que Harcells montasse nela. As penas de Eyrn eram brancas, com toques cor-de-rosa sombreado com roxo. Era coroada com um tufo de penas rosadas e tinha os olhos da cor do rubi. Com Harcells firmemente montado, ela voava alto, cada vez mais alto, até o ar ficar

rarefeito e o menino arquejar, sem fôlego. Ela voou para longe e para bem alto, de modo que ele pôde ver as moradas de tribos distantes, pôde ver o oceano que se estendia, segundo parecia, pelo resto do mundo.

Harcels interrogou o Contador de Histórias sobre as outras tribos.

— Deixe-as em paz — disse o Contador de Histórias, com a voz mais rude que já se ouvira dele.

— Mas pode ser divertido conhecer essas tribos. Talvez tenham coisas para nos ensinar.

— Harcels — disse o Contador de Histórias —, eu também cavaleguei uma criatura como a sua Eyrn e fiz meu corcel descer num lugar escondido para poder observar sem ser visto. Vi um homem matar outro.

— Mas por quê? Por que, algum dia, um homem mataria outro?

O Contador de Histórias olhou dentro dos olhos claros do menino.

— Vamos esperar que você não tenha nunca de descobrir o motivo.

Era fácil para Charles Wallace viver Dentro de Harcels, na claridade do jovem sol, onde a escuridão era amiga da luz. Um dia, quando Harcels cavalegava Eyrn, eles voaram por cima de um aglomerado de cabanas, e o menino começou a pedir a Eyrn para descer, mas Charles Wallace, gentilmente, levou seus pensamentos para o prazer de voar, enquanto Eyrn se atirava numa correnteza de vento e deslizava com um simples movimento de asas. Charles Wallace não tinha certeza se essa pequena interferência era permissível; sabia apenas que, se Harcels aprendesse o comportamento das tribos que sabiam matar, sua alegria desapareceria, junto com sua inocência.

— Era a coisa certa a fazer — quitou Meg para ele furiosamente. — Só podia ser a coisa certa.

Ela olhou de novo para o relógio. Os ponteiros mal se mexeram. Enquanto as estações se seguiam uma à outra, em rápida sucessão, naquele Outro Tempo em que Charles Wallace vivia Dentro de Harcels, o tempo estava preso no momento presente dela. O tempo se movimentava apenas naquele Quando em que a terra tão familiar e querida para ela era diferente, onde a achatada pedra de espiar estrelas era um monte de pedras, o verde vale, um lago, e o pequeno bosque, uma floresta escura.

Ela suspirou, desejando intensamente um tempo tão cheio de alegria a ponto de ser difícil conceber que antes fora real.

Ananda ganiu e olhou para Meg com olhos arregalados e ansiosos.

— Que é? — perguntou Meg, alarmada.

Ela ouviu Gaudior relinchar e viu uma pulsação de luz prateada, a luz com um brilho de diamante que iluminava o chifre do unicórnio.

Charles Wallace estava montado no grande pescoço de Gaudior, olhando de dentro dos seus próprios olhos para Harcels, Dentro de quem ele conhecera uma espontaneidade e alegria tão grandes como sua própria consciência jamais tornaria a partilhar. Esfregou sua face, com suavidade, no pescoço prateado do unicórnio:

— Obrigado — sussurrou ele.

— Não me agradeça. — Gaudior riu, com desdém. — Não sou eu quem decide Dentro de quem você ficará.

— Quem decide, então?

— O vento.

– O vento lhe diz em quem?

– Só quando você já está Dentro. E não espere que seja dessa maneira todas as vezes. Suspeito que você foi enviado para Dentro de Harcels a fim de se acostumar a se Adentrar da maneira mais fácil possível. E deve deixar-se entrar ainda mais profundamente em seus hospedeiros para poder reconhecer os Poderia-Ter-Sido.

– Se me soltar assim, como poderei reconhecer a mim mesmo?

– Isso você terá de descobrir sozinho. Só posso dizer que é assim que funciona.

– Vou ser enviado para Dentro novamente agora?

– Sim.

– Não estou com tanto medo quanto estava. Mas, Gaudior, ainda estou com medo.

– É assim mesmo — disse Gaudior.

– E, se me soltar mais de mim mesmo, como poderei quitar direito com Meg?

– Se tem essa intenção, conseguirá.

– Vou precisar dela...

– Por quê?

– Não sei. Só sei que sim.

Gaudior soprou três bolhas iridescentes.

– Segure-se com força, força, força. Partimos com o vento e pode haver Echthroi desta vez, e eles tentarão tirá-lo das minhas costas e jogá-lo para fora da beirada do mundo.

QUATRO - A neve com sua brancura

O grande unicórnio atirou-se ao vento e eles se elevaram entre as estrelas, participando da dança, participando da harmonia. Enquanto cada sol flamejante se virava em seu eixo, da fricção vinha um canto, do mesmo modo que um dedo friccionando a beirada de uma taça de cristal provoca um canto, e a canção varia em altura e tom de uma taça para outra.

Mas esse canto era belo como nenhum canto de cristal, madeira ou latão poderia ser. A mistura de melodia e harmonia era tão perfeita que quase fez Charles Wallace relaxar a pegada na crina do unicórnio.

— Não — gritou Meg. — Segure-se, Charles! Não se solte!

Uma rajada de frio gélido cortou a beleza do voo, um frio que carregava um odor de morte e podridão.

Com ânsia de vômito, Charles enterrou o rosto na crina de Gaudior, os dedos agarrando os fios prateados, enquanto o vento dos Echthroi tentava arrancá-lo das costas do unicórnio. O fedor era tão horrível que o faria soltar se o cheiro acre da carne viva de Gaudior não o salvasse, enquanto ele pressionava seu rosto contra o couro prateado, respirando a estranheza do suor do unicórnio. As asas brilhantes de Gaudior batiam com dificuldade contra as asas invisíveis da escuridão, que se chocavam contra elas. O unicórnio relinchava de angústia, os tons claros perdidos no uivo da tempestade.

De repente, seus cascos bateram em algo sólido. Ele gemeu de ansiedade.

— Segure-se com força, não se solte — avisou ele. — Fomos soprados para dentro de uma Projeção.

Charles Wallace não conseguiria agarrar-se na crina com mais força.

— Uma o quê?

— Fomos soprados para dentro de uma Projeção, um possível futuro, um futuro que os Echthroi querem tornar real.

Sua respiração vinha em arquejos sufocados; seus flancos se erguiam sem controle sob as pernas de Charles Wallace.

O menino tremeu, lembrando aquelas asas que se debatiam na escuridão e o odor nauseante. Qualquer coisa que os Echthroi quisessem transformar em realidade seria assustadora.

Estavam numa planície que parecia ser de lava solidificada, embora tivesse uma fraca luminosidade que não vinha de lá. O céu estava coberto com tremeluzentes nuvens cor-de-rosa. O ar estava acre e os fazia tossir. O calor era intenso e ele suava abundantemente debaixo do leve anoraque, que retinha o calor, como se fosse uma fornalha.

— Onde estamos? — perguntou ele, desejando que Gaudior lhe dissesse que não estavam em seu próprio Onde, que aquilo não teria a possibilidade de ser o lugar da sua pedra de espiar estrelas, do bosque, a apenas alguns minutos de caminhada até sua casa.

As palavras de Gaudior tremiam de preocupação.

— Ainda estamos aqui, em seu próprio Onde, embora não seja ainda um verdadeiro Quando.

— E será?

– É uma das Projeções a que fomos enviados para impedir. Os Echthroi farão de tudo para tornar isso real.

Um estremecimento sacudiu o corpo esguio do menino enquanto ele olhava a paisagem devastada em torno.

– Gaudior... o que vamos fazer agora?

– Nada. Você não deve afrouxar o aperto de minha crina. Eles querem que façamos algo, e qualquer coisa que fizermos pode ser o que eles precisam para tornar esta Projeção real.

– Não podemos sair daqui?

As orelhas do unicórnio se agitaram nervosamente.

– É muito difícil encontrar um vento para cavalgar depois de ser soprado para dentro de uma Projeção.

– Mas o que faremos?

– Não há nada a fazer a não ser esperar.

– Restou alguém vivo?

– Não sei.

Em torno deles começou a soprar um vento sulfuroso. Tanto o menino quanto o unicórnio foram convulsionados por espasmos de tosse, mas Charles Wallace não largou a crina. Quando o acesso terminou, ele enxugou os olhos lacrimejantes na crina prateada.

Quando tornou a erguer os olhos, seu coração deu um salto de horror. Bamboleando na direção deles, por cima da terra petrificada, vinha uma monstruosa criatura, com um grande corpo manchado, cotos no lugar das pernas e dos braços compridos, as mãos roçando o chão. Olhava para o unicórnio com seu único olho, virando a cabeça como se chamasse, atrás dele, alguém ou alguma coisa. Seguia às pressas na direção deles, com tanta rapidez quanto seus tocos de pernas permitiam.

– Ah, Poderes Celestiais, salvem-nos! — O relincho de Gaudior saiu como um raio prateado.

O grito angustiado fez Charles recobrar a presença de espírito. Exclamou:

“Com Gaudior nesta hora fatal
Chamo o Céu inteiro com seu poder
E o sol com seu brilho,
E a neve com sua brancura...”

Respirou fundo, e o ar quente crestou seus pulmões; outra vez, teve um incontável acesso de tosse. Enterrou o rosto na crina do unicórnio e tentou conter o espasmo que lhe sacudia o corpo. Só quando o tormento já tinha quase passado ele percebeu algo fresco roçando seu rosto ardente.

Ergueu os olhos e, com reverente gratidão, viu neve, pura neve branca caindo do céu torturado e cobrindo a terra arruinada. O monstro suspendera sua pesada aproximação e olhava fixamente para o céu, com a boca aberta para engolir os flocos que caíam.

Com a neve veio um vento leve, um vento fresco.

– Segure-se! — gritou Gaudior, que ergueu as asas para pegar o vento.

Seus quatro cascos deixaram o chão, e ele se lançou ao vento, com um surto de poder.

Charles Wallace se firmou, tentando aumentar o aperto das suas pernas em torno do largo pescoço do unicórnio. Podia sentir o bater descontrolado do coração de Gaudior, enquanto com golpes poderosos ele se atirava ao vento, cruzando a escuridão do espaço exterior, até que, de repente, foram dar numa fonte de estrelas, e o fedor e o horror passaram.

O unicórnio respirava em grandes tragos o ar iluminado pelas estrelas; suas asas batiam menos frenéticas; eles cavalgavam o vento outra vez em segurança, com o canto das estrelas claro e pleno.

– Agora — disse Gaudior — vamos.

– Para onde? — perguntou Charles Wallace.

– Não Onde — respondeu Gaudior. — Quando.

Para cima, para cima, pelas estrelas até as distantes extensões do universo, onde as galáxias giravam em sua dança estrelada, tecendo o tempo.

Exausto, Charles Wallace sentiu suas pálpebras caírem.

– Não durma — advertiu Gaudior.

O menino apoiou-se no pescoço do unicórnio.

– Não sei se conseguirei ficar acordado — murmurou.

– Cante, então — ordenou Gaudior. — Cante para não dormir.

O unicórnio abriu seus poderosos maxilares, e a música jorrou com plena e magnífica harmonia. A voz de Charles Wallace mal passava de puro soprano para um cálido tenor. Agora foi o soprano, doce como uma flauta, que se uniu aos fortes tons de órgão do canto de Gaudior. Ele cantava uma melodia desconhecida, mas as notas jorravam de sua garganta com toda a segurança de uma longa familiaridade.

Movimentaram-se através das extensões de tempo giratório de uma galáxia distante, e ele percebeu que a galáxia em si era parte de uma poderosa orquestra, e cada estrela e planeta dentro dela acrescentava seu próprio instrumento à música das esferas. Enquanto as antigas harmonias fossem cantadas, o universo não perderia inteiramente sua alegria.

Ele mal percebeu quando os cascos de Gaudior bateram no chão, e a melodia foi diminuindo até ser apenas uma beleza difusa, de fundo. Com um suspiro profundo Gaudior parou sua canção poderosa e dobrou as asas nos flancos.

Meg suspirou quando a beleza da melodia desapareceu, e tudo o que ela passou a ouvir foi o movimento suave do vento nas árvores nuas. Percebeu que o quarto estava frio, apesar do aquecedor elétrico, que aumentava o ar quente subindo pelas escadas do sótão, vindo dos radiadores embaixo. Estendeu o braço por cima de Ananda, até o pé da cama, pegou seu velho edredom e o enrolou em torno das duas. Uma rajada de vento bateu na janela, que sempre chacoalhava, a não ser que fosse presa por um pedaço de papelão dobrado, ou uma lasca de madeira enfiada entre a janela e a moldura.

– Ananda, Ananda — disse ela baixinho —, a música... era mais... mais real do que qualquer outra que já ouvi. Será que a ouviremos novamente?

O vento parou de soprar tão de repente quanto havia começado, e, mais uma vez, ela pôde sentir o calor que vinha do pequeno aquecedor.

– Ananda, ele é, na verdade, um menino muito pequeno... Para onde Gaudior vai levá-lo, agora? De quem ele estará Dentro? — Ela fechou os olhos, pressionando firmemente a palma da mão contra a cadela.

Era o mesmo Onde de Harcels, mas havia sutis diferenças, embora ainda fosse o que Gaudior chamava de “era uma vez, há muitos anos”, de modo que talvez os homens ainda vivessem em paz, e Charles Wallace não corresse nenhum perigo. Mas não: o tempo, embora ainda jovem, não era tão jovem assim, ela sentiu.

O lago marulhava perto da grande pedra e se estendia pelo vale até o horizonte, um lago maior que o do tempo de Harcels. A pedra em si fora achatada pelo vento, pela chuva e pela erosão, de modo que parecia um enorme tampo de mesa, ligeiramente inclinado. A floresta era escura e profunda, mas as árvores eram familiares: pinheiro, cicuta, carvalho e olmo.

Amanhecer.

O ar estava puro, azul e cheio do perfume da primavera. O gramado em torno da pedra parecia ter sido coberto com uma neve fresca, que era, na verdade, uma flor parecida com o narciso, com um cheiro picante.

No tampo da mesa estava em pé um rapaz.

Ela não viu Charles Wallace. Ela não viu o unicórnio. Apenas o rapaz.

Um rapaz mais velho do que Charles Wallace. Harcels era mais novo. Esse rapaz era mais velho, talvez não tanto quanto Sandy e Dennys, mas tinha mais de quinze anos. Ela não viu nenhum sinal de que Charles Wallace estivesse dentro do homem, mas sabia, de alguma forma, que ele estava ali. Como Charles Wallace tinha sido ele mesmo e, no entanto, era Harcels, assim Charles Wallace estava Dentro do rapaz.

Ele estivera ali a noite inteira, algumas vezes deitado de costas, para espiar as estrelas se movendo vagarosamente pelo céu; de vez em quando, com os olhos fechados, ouvindo o marulho das pequenas ondas na areia clara, as pancadas dos sapos, o piado de algum pássaro noturno, o som ocasional de um peixe deslizando pela água. Algumas vezes, não ouvia nem via; não dormia, mas abandonava seus sentidos e ficava deitado na pedra, abrindo-se pacientemente ao vento.

Talvez fosse seu dom para quitar, praticado com Meg, que ajudava Charles Wallace a deslizar cada vez mais para dentro de outra pessoa.

Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd.

Madoc, às vésperas de seu casamento.

Os olhos de Meg fecharam-se vagarosamente; seu corpo relaxou sob o calor do edredom; mas sua mão permaneceu em cima de Ananda, enquanto caía no sono.

Madoc!

Foi, para Charles Wallace, como se abrissem de repente as persianas de uma janela. Não era uma balada nem uma canção que ele tentava lembrar, era um romance sobre um príncipe galês chamado Madoc.

Ouviu o relincho de advertência de Gaudior.

– Você está Dentro de Madoc. Não o perturbe com pensamentos externos.

– Mas, Gaudior, Madoc era a figura-chave do livro... Ah, por que não consigo lembrar mais nada?

Novamente, Gaudior o interrompeu.

– Pare de tentar pensar. Seu trabalho, agora, é permitir-se entrar em Madoc. Solte-se. Solte-se.

Foi quase como deslizar, cada vez mais, para dentro das águas de um lago, cada vez mais profundamente.

Solte-se.

Caia dentro de Madoc.

Solte-se.

Madoc levantou-se da pedra e olhou para o leste, esperando, com eufórica expectativa, o nascer do sol. Sua pele clara estava bronzeada e tinha um tom avermelhado, revelando que ele não estava acostumado a um sol tão forte. Olhava na direção da linha azul-anil do horizonte, entre lago e céu, com olhos tão azuis que, em comparação, o céu empalideceu. Seu cabelo cheio e dourado como a juba de um leão estava quase coberto por uma bem-trabalhada coroa de flores primaveris. E tinha no pescoço, caindo sobre um ombro, um colar de muitas flores. Usava um saiote de samambaia.

O céu se iluminou, e o sol dirigiu para a beira do lago seus raios furiosos, que se estendiam para o céu, como se ele puxasse a si mesmo e pingasse, ao sair das águas da noite. Quando o sol pareceu dar um grande salto para fora da escuridão, Madoc começou a cantar, com um tom de barítono forte e alegre.

“Senhores do fogo, da terra e da água,
Senhores da chuva, do vento e da neve,
Quando virá a filha do Velho?
Em tempos vindouros ou há muito tempo?
Nascida de amigo ou trazida por inimigo?
Senhores da água, terra e fogo,
Senhores do vento, da neve e da chuva,
Onde estará aquela que o coração deseja?
Ela já veio? Virá novamente?
Nascida, como tudo o que é vivo, com dor?”

Quando terminou, ainda olhando para longe, por cima da água, sua canção foi retomada, como se fosse por um eco, um eco estranho, débil, interrompido, e então um velho, vestido com a mesma abundância de flores que Madoc, saiu da floresta.

Madoc curvou-se e ajudou o velho a subir na pedra. Apesar de toda a idade do Velho, seus músculos tinham um aspecto rijo e eram fortes; e, embora seu cabelo estivesse branco, a pele escura irradiava saúde.

“Senhores da neve, da chuva e do vento,
Senhores da água, do fogo e da terra,
Conhecem aquele que enviam?
A ocasião é para lágrimas ou júbilo?
Devemos cantar por morte ou por nascimento?”

Quando o estranho dueto terminou, o velho ergueu a mão, num gesto de bênção.

— É o dia, meu filho enviado de longe.

— É o dia, meu pai em perspectiva. Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd, será Madoc, filho de Reschal, o Velho do Povo do Vento.

— Hoje faz um ano que você cantou a canção, em seu delírio — disse Reschal. — E foi a filha da minha velhice quem o encontrou na floresta.

— E o que se deve invocar é a alegria — declarou o rapaz —, e o nascer cantaremos hoje, pois nasce uma nova criatura Unida, formada por mim e por Zyll, pois assim ficaremos quando o senhor nos unir.

— Na noite em que Zyll nasceu — disse o Velho —, sonhei com um estrangeiro, vindo de uma terra distante, do outro lado de um lago muito maior que o nosso...

— Do outro lado do oceano — contou o jovem, colocando sua mão, de leve, no ombro do Velho —, do mar que se quebra nas praias de Cymru, o mar que pensamos que continuaria para sempre, até o navio cair pela borda do mundo.

— O fim do mundo... — começou o velho a falar, mas parou e ficou à escuta.

O rapaz também ficou à escuta, mas nada ouviu.

— É o vento?

— Não é o vento. — Reschal olhou para o rapaz e pôs a mão nodosa sobre seu braço muito musculoso. — Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd, como essas sílabas soam estranhas para nós. Não sabíamos o que era ser um rei, tampouco sabemos ainda, de fato.

— Vocês não precisam de um rei, Velho do Povo do Vento. Owain, meu pai, há muito está enterrado: estou a uma vida de distância de Gwynedd, lá em Cymru. Quando o vidente olhou para dentro do vidro da adivinhação e previu a morte do meu pai, viu também que eu passaria minha vida longe de Gwynedd.

O velho ergueu outra vez sua cabeça, à escuta.

— É o vento?

Mas Madoc ainda não podia ouvir nada além dos sons do amanhecer, o marulho do lago contra a margem, a agitação do vento nas cicutas, provocando um distante rugido, que sempre lhe lembrava o mar que deixara para trás.

— Não é o vento. — Não havia nenhuma emoção no rosto do velho, apenas uma contínua e controlada escuta.

O rapaz não conseguiu esconder a impaciência em sua voz.

— Quando Zyll virá?

O Velho moreno sorriu-lhe com afeto.

— Você esperou quantos anos?

— Tenho dezessete.

— Então pode esperar um pouquinho mais, enquanto as damas de companhia de Zyll a preparam. E ainda há perguntas que preciso lhe fazer. Tem certeza, em seu coração, de que jamais desejará abandonar Zyll e este pequeno povo do interior e voltar para a grande água e para seu navio com asas?

— Meu navio foi quebrado pelo vento e pelas ondas, quando tentávamos desembarcar nas praias pedregosas desta terra. As velas ficaram tão rasgadas que não podem mais ser consertadas.

— Outro navio poderia ser construído.
— Velho, mesmo que eu tivesse os instrumentos para derrubar as árvores, a fim de obter madeira para um novo barco, mesmo se meu irmão e meus companheiros não tivessem morrido, eu não desejaria jamais deixar Zyll e meus novos irmãos.

— E seu irmão e seus companheiros?
— Estão mortos — disse Madoc, sombrio.
— Mas você os deteve aqui, de modo que não podem continuar sua viagem.
— Estávamos longe de casa — disse Madoc, em voz baixa. — É uma longa viagem para os espíritos deles.

— Os deuses de Gwynedd são tão fracos que não podem cuidar da sua gente?

Os olhos azuis de Madoc estavam escuros de dor.

— Quando partimos de Gwynedd, em Cymru, por causa das brigas dos meus irmãos pelo trono do meu pai, tivemos a impressão de que os deuses já nos haviam abandonado. Irmãos desejando matar uns aos outros pelo poder provoca a ira dos deuses.

— Talvez — disse o velho — você deva deixar os deuses de Gwynedd irem, pois deve libertar seus companheiros da sua prisão.

— Fui a causa da morte deles. Quando meu pai morreu e meus irmãos ficaram bêbados com a cobiça do poder, como nenhum vinho pode embriagar um homem, senti que os deuses estavam indo embora. Num sonho eu os vi virarem as costas para nossa briga, eu os vi tão claramente quanto qualquer coisa que o vidente vê, em seu wdro de adivinhar. Quando acordei, levei Gwydyr a um canto e disse que eu não ficaria ali vendo irmão virar-se contra irmão; que, em vez disso, procuraria a terra que os Sábios disseram ficar na extremidade mais afastada do mar. De início, Gwydyr se opôs.

— Ele achava que poderia se tornar rei?

— Sim, mas Gwydyr e eu éramos os mais jovens. Não era provável que o trono passasse para nós com os outros cinco ainda vivos.

— No entanto, você, Madoc, o sétimo filho, era o favorito do povo.

— Se deixasse que eles me proclamassem rei, não haveria como evitar o derramamento de sangue. Parti de Gwynedd para impedir o horror de uma luta de irmão contra irmão.

— Você partiu mesmo? — O velho olhou com perspicácia para Madoc.

— Parti. Gwynedd, em Cymru, ficou para trás. Será governado por quem os deuses escolherem. Porque agora sou Madoc, futuro filho de Reschal, e, logo, o marido de Zyll, do Povo do Vento.

— E Gwydyr? Você o deixou ir embora?

Madoc olhou através do lago.

— De muitas maneiras eu parecia mais velho do que ele, embora houvesse sete anos de diferença entre nós. Quando viemos para a tribo do Lado Distante do Lago, ele tinha medo das peles e dos cabelos escuros daquela gente e do seu estranho canto, cheio de piados e uivos, e fugiu. Eles me mantiveram como hóspede, mas na verdade eu era um prisioneiro, pois não me deixaram, ir à floresta para procurar meu irmão. Enviaram um grupo de guerreiros para buscá-lo, e, quando eles voltaram, traziam apenas o cinto com a fivela cravejada de pedras preciosas que assinalava Gwydyr como filho de um rei. Disseram que uma serpente o matara; meu irmão não sabia o que era uma serpente, porque não temos nenhuma em Gwynedd. Contaram que ele

dissera meu nome antes de morrer e que me deixara a Canção dos Filhos do Rei. E o enterraram na floresta. Sem mim, enterraram meu irmão, e nem sei o lugar onde ele jaz.

— Esse é o jeito de ser do Povo da Extremidade Distante do Lago — disse o velho. — Temem os mortos e tentam escapar do antigo terror.

— O antigo terror?

Reschal olhou para o céu suave do início da manhã.

— Do que deu errado. Antigamente não havia espíritos do Mal para empestar as plantações, para trazer secas ou enchentes. Antigamente não havia nada a temer, nem mesmo a morte.

— E o que aconteceu para causar medo?

— Quem sabe? Foi há tanto tempo! Mas não existe isso também em Gwynedd?

— Existe em Gwynedd — respondeu Madoc, com seriedade. — Se não existisse, irmão não se voltaria contra irmão. Sim, nós também conhecemos o que o senhor chama de antigo terror. A morte, segundo se acredita, ou pelo menos o medo da morte, veio com ele. Reschal, eu gostaria de saber onde aquelas pessoas do outro lado do lago enterraram meu irmão para poder dizer as orações que libertarão sua alma.

— Eles são assim: enterram os mortos longe de onde estão e depois não acham mais o lugar. Até de si mesmos escondem os mortos, para seus espíritos não poderem ir até o lago afugentar os peixes.

— E seu povo?

O velho ergueu a cabeça com orgulho.

— Não tememos os espíritos dos nossos mortos. Se houve amor durante a vida, por que isso mudaria depois da morte? Quando um de nós parte, fazemos um banquete em sua homenagem e depois enviamos o espírito para sua viagem por entre as estrelas. Nas noites claras, sentimos o canto do seu amor. Não sentiu esse canto, a noite passada?

— Observei as estrelas... e senti que elas me aceitavam.

— E seu irmão? Sentiu sua luz?

Madoc sacudiu a cabeça.

— Talvez, se eu tivesse encontrado o lugar onde eles o enterraram...

— Deve deixá-lo partir. Por causa de Zyll, deve deixá-lo partir.

— *Quando virá a filha do Velho?* — perguntou Madoc. — Procurei o Povo da Extremidade Distante do Lago para tentar encontrar o túmulo do meu irmão; e, na floresta, logo me perdi. Durante dias vaguei, tentando achar meu caminho de volta, mas me afasto cada vez mais dele. Estava quase morto quando Zyll apareceu, estava à procura de ervas curativas só encontradas na parte mais profunda da floresta. *Quando virá a filha do Velho? Onde encontrar o que o coração deseja?* Aqui, Reschal.

— Deixará Gwydyr ir para seu lugar entre as estrelas?

— *Isto pede lágrimas ou júbilo? Deveremos cantar pela morte ou pelo nascimento?* — cantou Madoc, baixinho. — Derramei minhas lágrimas pelo passado. Hoje é dia de alegria. Por que me arrastou outra vez para as lágrimas?

— Para você poder deixá-las para trás — disse Reschal, e ergueu seus braços enrugados na direção do sol.

O lago, a praia, a pedra, a floresta, atrás, estavam banhados por uma luz dourada, e, como

se fosse em resposta ao gesto de Reschal, veio um som de canto, um estranho canto selvagem de primavera, flores, luz do sol, grama crescendo e o bater dos corações de todos os que eram jovens e amavam. E as lágrimas de Madoc secaram, e seus pensamentos nos companheiros e no irmão, perdidos, foram-se ao som do canto, que o enchia de alegre expectativa.

As crianças da tribo vieram primeiro, com colares de flores que batiam em seus ventres morenos, enquanto dançavam. Madoc, resplandecente de encantamento, virou-se das crianças para o Velho. Mas os olhos de Reschal estavam focalizados na distância invisível do lago, e ele não escutava as crianças, mas, sim, aquele som que antes se esforçava para captar. E agora Madoc achou também ter ouvido uma pulsação, como um distante bater de coração.

– Velho, agora eu escuto. O que é isso?

Reschal olhava através da água.

– É o Povo da Extremidade Mais Distante do Lago. São os tambores deles.

Madoc ficou à escuta.

– Já ouvimos antes os seus tambores quando o vento sopra do Sul. Mas hoje o vento sopra do Norte.

A voz do velho estava perturbada.

– Sempre vivemos em paz, o Povo do Vento e o Povo da Extremidade Mais Distante do Lago.

– Quem sabe — sugeriu Madoc — eles não vieram para as comemorações do meu casamento?

– Talvez.

As crianças estavam reunidas em torno da pedra e olhavam para Madoc e Reschal, cheias de expectativa. O Velho ergueu novamente seu braço, e o canto abafou o firme bater dos tambores, e os homens e as mulheres da tribo, desde meninas e meninos alegres a homens e mulheres de cabelos brancos e pele enrugada, vieram dançando na direção da grande pedra. No meio deles, cercada por um grupo de moças, estava Zyll. Usava na cabeça uma coroa parecida com a de Madoc e uma saia curta feita de flores da primavera. Sua pele cor de cobre brilhava como se estivesse iluminada por um sol vindo de dentro, e seus olhos se encontraram com os de Madoc com uma centelha de amor.

Em nenhuma outra parte, pensou Madoc, poderiam existir trajes nupciais tão lindos, por mais ouro que fosse bordado no tecido, por mais joias, veludos e cetins com que fossem enfeitados.

A multidão adornada com flores dividiu-se para deixar Zyll chegar à pedra. Madoc inclinou-se na direção de suas mãos erguidas e a ergueu, gentilmente, de modo que ela ficou em pé entre ele e Reschal. Ela se curvou diante de seu pai e depois começou a se movimentar, na dança ritual do casamento. Durante o ano que passara com o Povo do Vento, Madoc já vira Zyll dançar muitas vezes: no nascimento de cada lua; no banquete do sol recém-nascido, no inverno; no equinócio da primavera e do outono, vira-a dançar para os Senhores do lago, para o céu, para a chuva, para o arco-íris, para a neve e para o vento.

Mas, para os Dançarinos do Vento, como para todos os outros membros do Povo do Vento, com seus vários dons, havia apenas uma Dança Nupcial.

Madoc ficou petrificado de alegria, enquanto o corpo de Zyll se movimentava com a mesma leveza sem esforço da brisa da primavera. Seu corpo saltava de uma forma que dava a

impressão de estar fora do poder da gravidade, que esta não poderia puxá-la para a terra, embaixo. Deslizava do céu para a pedra, como as pétalas que caíam das árvores floridas.

E então ela estendeu as mãos para Madoc, e ele também começou a dançar, maravilhando-se ao sentir que um pouco da leveza de movimentos de Zyll entrava em suas próprias pernas.

No início, quando Zyll encontrara Madoc meio morto, na floresta, e o trouxera para o Povo do Vento, tiveram medo dele. Os olhos azuis, a pele clara, avermelhada pela exposição ao sol, o cabelo louro, não se pareciam com nada que já tivessem visto. Aproximaram-se dele timidamente, como se fosse um animal estranho, que poderia voltar-se contra eles. Ao se acostumarem com sua presença, alguns dos membros do Povo do Vento o proclamaram deus. Mas então a ira de Madoc veio como um relâmpago, e, embora alguns tivessem dito que sua própria ferocidade o anunciava como o Senhor da tempestade, ele não aceitou nenhuma das tentativas que fizeram para colocá-lo num lugar à parte.

— Fiquem com seus próprios deuses do vento — ordenou. — Vocês os serviram bem e vivem à luz do seu favor. Eu também servirei aos Senhores deste lugar, pois é pela graça deles que ainda estou vivo.

Aos poucos, o Povo do Vento começou a aceitá-lo como um deles, a esquecer suas diferenças externas. O Velho disse:

— Não é fácil recusar-se a ser adorado.

— Quando as pessoas são adoradas, despertam raiva e inveja. Não serei adorado nem serei um rei. As pessoas são feitas para adorar os deuses, não a si mesmas.

— Você tem uma sabedoria incomum para sua idade, meu filho — disse Reschal.

— Meu pai não queria ser adorado. Mas alguns dos seus filhos, sim. Por isso estou aqui. Através do lago, os tambores estavam silenciosos.

O Velho observou Madoc e Zyll, enquanto seus corpos, vagarosamente, cessavam os movimentos da dança. Então ele ergueu a mão de Madoc e a colocou em cima da mão de Zyll e depois colocou uma das mãos em cima da cabeça de cada um dos dois. E, ao fazer isso, o som de tambores tornou a chegar. Alto e próximo. Ameaçador.

Uma agitação percorreu o Povo do Vento quando viu três pirogas aproximando-se velozmente, cada uma impulsionada por muitos remadores. Em pé na proa da canoa do meio, a maior de todas, estava um homem alto, de pele clara e olhos azuis.

Com um grito de alegria, Madoc pulou da pedra e correu para a beira da água:

— Gwydyr!

CINCO - O fogo com toda a força que tem

No sótão Meg estava deitada tranquilamente na cama com os olhos fechados. Sua mão continuava a acariciar Ananda, recebendo seu calor formigante. Por trás das pálpebras os olhos dela se movimentavam, como se estivesse sonhando. O gatinho se levantou, esticou as pequenas costas num arco alto, bocejou e se enrolou a seus pés, ronronando.

Charles Wallace-dentro-de-Madoc sentiu o ímpeto de alegria do rapaz ao ver seu irmão vivo, o irmão que ele acreditava estar morto e enterrado numa parte esquecida da floresta.

O homem na piroga pulou para fora e correu até a praia, entre respingos.

— Gwydyr! Você está vivo! — Madoc estendeu os braços para o irmão.

Gwydyr não o abraçou de volta. Seus olhos azuis eram frios e bem próximos um do outro. Foi então que Madoc notou a coroa em torno da cabeça do seu irmão, não de flores, mas de ouro.

— Gwydyr, meu irmão mais velho. — A alegria vagarosamente desapareceu do azul ensolarado dos olhos de Madoc. — Pensei que você estivesse morto

A voz de Gwydyr veio tão fria quanto seus olhos:

— Eu quis que você pensasse assim.

— Mas por que desejaria uma coisa dessas?

Diante da dor na voz de Madoc, Zyll pulou da pedra com leveza e ficou bem perto dele.

— Não aprendeu em Gwynedd que há lugar apenas para um rei?

Os olhos de Madoc não paravam de voltar para a coroa de ouro de Gwydyr.

— Partimos de Gwynedd por causa disso, para encontrar um lugar pacífico.

Gwydyr fez um gesto para trás, e os tocadores de tambor começaram a bater vagarosamente nas peles esticadas. Os remos estavam em repouso e os homens pularam para dentro da água rasa e puxaram as pirogas para a praia.

Gwydyr levantou os cantos dos lábios num sorriso que mais parecia uma careta.

— Vim para reivindicar a filha do Velho.

O som dos tambores provocava urna dor intensa nos ouvidos de Madoc.

— Meu irmão, chorei por sua morte. Pensei que me alegraria vê-lo vivo.

Gwydyr falou com uma sombria paciência, como se fosse para uma criança estúpida.

— Não há espaço para mais de um rei neste lugar, irmãozinho, e eu, o mais velho, sou este rei. Em Gwynedd, eu não tinha nenhuma esperança contra seis irmãos. Mas aqui eu sou rei e deus, e vim para informar ao Povo do Vento que reino sobre o lago e todas as terras em torno dele. A filha do Velho é minha.

Zyll pressionou seu corpo contra o de Madoc, os dedos apertando o braço dele.

Reschal falou, com sua voz rouca:

— O Povo do Vento é pacífico. Sempre vivemos em amizade com os que habitam o Outro Lado do Lago.

Novamente, os lábios de Gwydyr se torceram em um sorriso.

— A paz continuará enquanto vocês nos derem metade de seu peixe e metade de toda a sua caça, e se eu levar comigo para o outro lado da água a princesa que está ao lado do meu irmão.

Zyll permaneceu sem se mover ao lado de Madoc.

— Você chega tarde demais, Irmão Mais Velho. Madoc de Reschal e eu já nos tornamos Um só.

— Madoc de Reschal. Rá! Minhas leis são mais fortes do que as de vocês.

Gwydyr gesticulou imperiosamente. Os homens com os remos sacaram suas armas e ficaram ali em pé, segurando lanças pontiagudas.

Um grito uníssono de descrença e depois de raiva veio do Povo do Vento.

— Não! — gritou Madoc, com o ultraje dando à sua voz tal volume que ela engolfou o bater dos tambores, o grito dos guerreiros com as lanças, a raiva do Povo do Vento. — Não haverá derramamento de sangue aqui por causa dos filhos de Owain. — Afastou-se de Zyll e Reschal e se pôs diante de Gwydyr. — Irmão, isto é entre mim e você. — E sorriu. — A não ser, claro, que tenha medo de Madoc e precise de seus selvagens com espadas para protegê-lo.

Gwydyr fez um gesto de raiva.

— E que tal o seu pacífico Povo do Vento?

E então Madoc viu que as grinaldas festivas tinham desaparecido dos rapazes, haviam sido atiradas no chão e formavam um montão diante da grande pedra. Em vez de flores, eles carregavam lanças, arcos e flechas.

Reschal olhou-o, gravemente.

— Ouço tambores de guerra desde o último anoitecer. Achei melhor estarmos preparados.

Madoc abriu os braços bem abertos. Havia um sombrio comando em sua voz:

— Deponham suas armas, meus irmãos. Vim procurá-los em paz. Não serei a causa da guerra.

Os rapazes olharam primeiro para Madoc e depois para o Povo do Outro Lado do Lago, com suas lanças ameaçadoras.

— Irmão — disse Madoc a Gwydyr —, mande seus homens deporem suas lanças. Ou teme combater comigo, num combate justo?

Gwydyr rosnou uma ordem, e os homens na praia atrás dele colocaram suas lanças na areia, com cuidado, em lugar de fácil alcance.

E então o Velho fez um sinal afirmativo com a cabeça para os rapazes, e eles também depuseram suas armas.

Gwydyr gritou:

— Se vamos combater pela filha do Velho, irmãozinho, eu escolho a arma.

— É justo — respondeu Madoc.

Zyll deu um fraco gemido de ansiedade e colocou a mão em seu braço.

— Escolho fogo — anunciou Gwydyr.

Madoc cantou:

“Senhores da água, terra e fogo,
Onde encontrar o que o coração deseja?”

— Fogo será, então. Mas sob que forma?

— Você deve *jazer* o fogo, irmãozinho — disse Gwydyr. — Se seu fogo não puder vencer o meu, então eu serei rei do Povo do Vento, bem como do povo do Outro Lado do Lago, e reivindicarei como minha a filha do Velho.

Seus olhos muito juntos um do outro agitaram-se de cobiça.

Reschal caminhou vagorosamente em sua direção.

— Gwydyr, sexto filho de Owain, o orgulho transformou em gelo a luz por trás de seus olhos, de modo que você não pode mais enxergar com clareza. Você jamais levará minha filha.

Gwydyr deu um forte empurrão no velho, que caiu estirado na praia, com o rosto para baixo. Zyll gritou, e seu grito ficou preso no meio do ar, pendurado ali.

Madoc saltou para ajudar o velho e se curvou apoiado num joelho para erguer Reschal da areia. Mas seus olhos seguiram os do velho até um pequeno poço de água num declive na areia, e seus movimentos, como o grito de Zyll, ficaram em suspenso. Apenas o reflexo no pequeno poço se movia. O rosto de Gwydyr tremia na poça agitada pelo vento, seu rosto tão parecido e tão diferente do de Madoc. Os olhos eram do mesmo azul, embora não houvesse nada de dourado por trás deles, e se viravam ligeiramente para um nariz retorcido pela crueldade e pela luxúria. Este não era, pensou Madoc, o irmão que viera com ele para o Novo Mundo. Ou era? E ele jamais vira realmente seu irmão, só o Gwydyr que esperava que fosse.

Pequenas ondas se movimentaram sobre a poça rasa, oval, e o reflexo brilhou como os reflexos no vidro de adivinhar do vidente, em Gwynedd.

Madoc sempre temera o vidro de adivinhar; então temeu a pequena poça oval, que refletia o rosto de Gwydyr, tornando-se cada vez maior e cada vez mais sombrio, tremendo até não ser mais o rosto de um homem e sim o (de um bebê chorando. O rosto recuou, e Madoc viu uma mulher de cabelos escuros segurando e embalando o bebê.

— Você será grande, pequeno Madog — disse ela —, e dirá que o mundo é seu, para preservar ou destruir, como quiser. É um mundo ruim, pequeno Madog.

O bebê a olhou e seus olhos eram próximos um do outro, como os de Gwydyr, e se voltavam para dentro, exatamente como os dele, e sua boca fazia um muxoxo de descontentamento. Outra vez o rosto se tomou cada vez maior, na poça escura e oval, e não era mais o rosto de um bebê, mas o de um homem de fisionomia arrogante e zangada.

— Nós destruiremos, então, Mãe — disse o homem, e o rosto se enrugou até se tornar uma pequena esfera, com uma forma ligeiramente ovalada, e na esfera havia manchas verdes e marrons representando a terra, e azuis e cinzentas, os mares, e uma escuridão suave para as nuvens, e das nuvens vinham estranhos objetos escuros que caíam em cima da terra, e caíam em cima do mar, e onde eles caíam elevavam-se grandes nuvens, como guarda-chuvas sobre terra e mar; e embaixo das nuvens bulbosas havia fogo, que ardia muito vermelho, selvagemmente impulsionado pelo vento.

A voz de Gwydyr veio numa ondulação pelo redondo ovalado da água, como um vidro de adivinhar de um vidente.

— Escolhi o fogo, irmãozinho. Onde está seu fogo?

As chamas desapareceram, e o oval era apenas uma poça rasa, que não refletia nada a não ser a nuvem que se movia à frente do sol.

O tempo recomeçou, e o grito de Zyll continuou, como se não fosse nunca interrompido. Madoc ergueu Reschal da praia e, ao fazer isso, caminhou para dentro da poça oval e provocou respingos da água na areia.

— Recue, Velho — disse ele. — Vou quebrar o vidro de adivinhar.

E pisou mais uma vez, com força, na água que restava na poça, até não poder refletir nada.

Da piroga do meio veio um dos guerreiros, carregando um braseiro fumegante. Gwydyr pegou uma das lanças e manteve a ponta afiada em cima das brasas.

– Deve fazer seu próprio fogo, Madoc! — Ele riu, zombando.

Madoc virou-se para a pedra onde os rapazes tinham colocado seus colares de flores. Juntou as flores em seus braços e colocou-as num montão sobre o local oval onde estivera a água. Então tirou a coroa de flores da cabeça e a adicionou às grinaldas. Como se respondesse a um sinal, Zyll lançou a sua na pilha cheirosa. Um por um, homens, mulheres e crianças do Povo do Vento jogaram os enfeites de suas cabeças na pilha de flores. Reschal foi o último.

– O que acha que está fazendo? — gritou Gwydyr, dançando de um lado para o outro na areia. Ele atirou no irmão sua lança flamejante.

Madoc deu um pulo para o lado.

– Espere, Gwydyr. Você escolheu o fogo. Deve deixar que eu combata o fogo com fogo.

– Você, você sozinho deve fazer o fogo. Estas são minhas regras.

Madoc respondeu, tranquilo:

– Você sempre foi quem estabeleceu suas próprias regras, Irmão Gwydyr.

– Sou o rei, está ouvindo? Sou o rei! — A voz de Gwydyr elevou-se histericamente.

Madoc, movimentando-se como se estivesse num sonho, deixou de lado as palavras do irmão e focalizou o fogo azul dos seus olhos na grande pira de flores. O cheiro de botões esmagados ergueu-se como se fosse fumaça. Madoc enfiou seus braços nas grinaldas, até os ombros, e as afastou, de modo que, mais uma vez, pudesse ver o oval. Uma fina película de água borbulhara para fora, na areia.

– Nada mais dos pesadelos de Gwydyr — ordenou ele, olhando fixamente para a água, que cintilava com o sol. A água ondulou, brilhou e se apresentou outra vez, como uma mãe segurando um bebê, mas um bebê diferente, com os olhos bem separados um do outro, com a luz do sol brilhando através do azul; um bebê que ria, alegre.

– Você fará bem ao povo, El Zarco, pequeno Olhos Azuis — arrulhou a mãe. — Seus olhos são um presságio, um símbolo de paz. A oração foi atendida em você, azul para nascimento, azul para alegria.

E então a forma ovalada se rompeu, com um brilho, e agora se refletia nela apenas o céu nublado. Madoc olhou para o céu e gritou bem alto:

“Eu, Madoc, nesta hora fatal
Coloco o Céu inteiro com seu poder
E o sol com seu brilho,
E a neve com sua brancura,
E o fogo com todo o poder que tem...”

O sol irrompeu por trás das nuvens e lançou seus raios diretamente em cima das grinaldas. O cheiro das rosas misturou-se com o odor do fino fio de fumaça que se elevava das pétalas esmagadas. Quando a fumaça se uniu a uma pequena língua de chama, Madoc deu um salto para a frente, na direção do seu irmão.

– Aí está meu fogo, Gwydyr.

Arrancou a lança do irmão e a atirou, com toda a força, dentro do lago.

– Agora combateremos numa luta justa.

E puxou Gwydyr contra ele como se estivessem apaixonados.

Durante um tempo fora do tempo os dois irmãos lutaram junto do lago, ambos arquejando devido aos seus esforços, mas nenhum dos dois parecendo estar mais cansado do que o outro. Seus corpos oscilavam para a frente e para trás, numa estranha dança, enquanto o Povo do Vento e o Povo do Outro Lado do Lago observavam em silêncio.

O sol completou sua jornada pelo céu e caiu na floresta para o repouso da noite, e os irmãos ainda estavam agarrados, num aperto angustiada, cujo som da respiração provocava um ruído mais alto que o vento nas árvores.

O fogo consumiu as grinaldas vagorosamente, e, quando nada mais restava a não ser um punhado de cinzas, Madoc forçou Gwydyr a entrar no lago e o segurou debaixo da água até que bolhas, elevando-se, mostraram-lhe que seu irmão gritava por clemência. Então, levantou-o do lago, e a água vomitada por Gwydyr era tão escura quanto sangue. Ele ficou caído, mole, nos braços de Madoc.

Madoc gesticulou para o Povo do Outro Lado do Lago.

– Afastem seus barcos e levem seu rei de volta para a própria terra.

Sua voz tinha zombaria e dor, ao mesmo tempo, e seus olhos azuis estavam suavizados pelas lágrimas.

Os três barcos foram empurrados para dentro da água. As lanças-remos foram devolvidas às suas pás. Madoc jogou Gwydyr, como se fosse um saco de trigo, na piroga do meio.

– Vão embora. Não nos deixem nunca mais ouvir o som de tambores de guerra.

Estendeu o braço para dentro da canoa, tirou o círculo de ouro da cabeça de Gwydyr e o jogou para bem longe, dentro do lago.

Depois, deu as costas para o irmão e voltou para a praia, espalhando respingos.

Zyll esperava por ele.

Madoc olhou-a e cantou:

“Senhores da água, da terra e do fogo
Senhores da chuva, da neve e da água,
A nada mais aspiro,
Porque tenho a filha do Velho,
Porque tenho o que meu coração deseja.”

E Zyll cantou para ele:

“Agora vamos trocar as lágrimas pela alegria Agora cantamos não a morte, mas o nascimento.”

Madoc abraçou-a bem apertado.

– Amanhã chorarei pelo meu irmão, pois essa morte é muito pior que a outra. Mas esta noite nós nos alegraremos.

As crianças ergueram suas vozes e começaram a cantar, e, logo, todo o Povo do Vento cantava. Reschal disse baixinho a Madoc:

– Aquilo em que seu irmão queria nos fazer acreditar, com o vidro de adivinhar, faz parte do seu pesadelo. Talvez nossos sonhos sejam mais fortes que os dele.

– Sim, Velho — disse Madoc, mas pensou nas coisas que vira caindo do céu e nas

estranhas nuvens em forma de cogumelo e no fogo, e estremeceu.

Olhou para a água que se filtrara para dentro do espaço oval. Mas tudo o que viu foi o rosto sorridente da lua.

A lua deslizou para trás das árvores, a fim de se unir brevemente a seu irmão, o sol. As estrelas dançavam seu intrincado ritual no céu. O Povo do Outro Lado do Lago olhava para Gwydyr. Sua coroa de ouro se fora, e também seu poder.

Os braços de Madoc cercaram Zyll, e ele gritou em seu sono, e lágrimas deslizaram através das suas pálpebras fechadas e molharam seus cílios, e, com ele ainda dormindo, Zyll o abraçou e beijou suas lágrimas, secando-as.

— Vamos — disse Gaudior.

Charles Wallace estava em pé ao lado do unicórnio, piscando.

— Foi um sonho? — Olhou para o lago escuro lambendo a praia e para a pedra inclinada, que estava vazia.

Gaudior soprou bolhas prateadas, que ricocheteavam em sua barba.

— Você estava Dentro de Madoc, profundamente Dentro, desta vez.

— Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd. O Madoc do livro. E não há uma teoria, de que sempre se volta a falar, de que marinheiros galeses vieram para cá antes de Leif Ericson?... Alguma coisa sobre índios com olhos azuis ou cinzentos...

— Você deveria saber — repreendeu Gaudior. — Você estava Dentro de Madoc.

— Não pode ter sido tudo real.

— A realidade era diferente, naquele tempo — disse Gaudior. — Era real para Madoc.

— Mesmo o fogo em meio às grinaldas?

— As rosas muitas vezes pegam fogo. Sua chama é a mais purificadora de todas.

— E o vidro de adivinhar... aquilo que Madoc viu na água... era um tipo de Projeção?

A luz no chifre de Gaudior piscou.

— Gwydyr estava do lado do Mal, era receptivo às Projeções dos Echthroi.

— Então o bebê terrível era uma Projeção que os Echthroi queriam que se realizasse?

— Nunca tenho certeza absoluta sobre as Projeções — admitiu Gaudior.

— E havia o outro bebê... — Charles Wallace fechou os olhos, tentando visualizar o vidro de adivinhar. — O bebê de olhos azuis que traria a paz, a resposta à oração. Então ele também é possível, não?

— É tudo muito confuso. — Gaudior sacudiu a crina. — Porque nos movimentamos em diferentes dimensões, você e eu.

Charles Wallace esfregou os dedos em sua testa, como fizera no quarto de Meg.

— Está tudo no livro, em alguma parte. Por que sinto esse bloqueio com relação a esse livro? — O unicórnio não respondeu. — Um livro contra a guerra, um livro sobre a lenda de Madoc e Gwydyr, que vieram de Gales para esta terra... e o que mais? Não consigo lembrar...

— Deixe pra lá — aconselhou Madoc.

Charles Wallace apoiou-se no unicórnio, pressionou sua testa contra o couro dourado e pensou em voz alta:

— Só sabemos que um príncipe galês chamado Madoc veio mesmo para o Novo Mundo com seu irmão Gwydyr e que Madoc se casou com Zyll, do Povo do Vento. Gaudior, se eu, sem saber, dei a runa a Madoc, enquanto estava Dentro dele, será que foi mudado um Poderia-

Ter-Sido?

A resposta do unicórnio não ajudou nada:

– É tudo muito complicado — disse ele.

– Ou... será que o próprio Madoc tinha a runa? Mas como poderia ter se ela veio da Irlanda e de São Patrício?

Gaudior ergueu a cabeça e puxou para trás o prateado escuro dos seus lábios, numa careta feroz, exibindo seus dentes perigosos. Mas tudo o que fez foi abrir a boca e beber vento, como se matasse uma sede terrível.

Charles Wallace olhou em torno e, enquanto olhava, a cena se encrespou como a água no oval do vidro de adivinhar da praia e o lago recuou, e ele agora via um vale no inverno, a pedra não era mais uma mesa levemente inclinada, mas a pedra achatada de espiar estrelas, tendo em cima uma fina camada de neve.

Gaudior baixou a cabeça e lambeu vento em seus lábios.

– Gwydyr não ficou com o Povo do Outro Lado do Lago.

– Eu não acharia mesmo que fosse ficar. Mas como é que você sabe?

Gaudior ergueu suas sobrancelhas muito peludas.

– Acabei de conversar com o vento. Gwydyr, caído em desgraça, deixou o lago e seguiu na direção sul, acabando na América do Sul.

Charles Wallace deu uma palmada na testa.

– É isso! Está no livro também o fato de Gwydyr ter ido para a Patagônia. E Vespúgia é parte da Patagônia. E havia uma ligação que se perdeu e precisava ser encontrada, mas qual era mesmo? Fico sempre quase lembrando, e então é como se alguém batesse com força uma porta em minha memória.

Gaudior torceu o nariz.

– Os Echthroi, provavelmente. Eles tentarão bloquear qualquer coisa que possa servir de pista para o Poderia-Ter-Sido que eles não querem que você descubra.

Charles Wallace fez que sim com a cabeça.

– Cão Raivoso Branzillo nasceu em Vespúgia. Mas Madoc veio para cá, bem onde estamos, e se casou com Zyll, e fez as rosas se queimarem, em favor da paz. O que aconteceu com o Povo do Vento? Onde está agora?

– Era um povo amante da paz — respondeu Gaudior laconicamente. — Seu planeta não trata bem os amantes da paz.

Charles Wallace se sentou na pedra, com a fina camada de neve estalando embaixo dele. Baixou a cabeça em cima dos joelhos.

– Acho que tenho de descobrir que ligação existe entre Gales e Vespúgia, entre Madoc, Gwydyr e Cão Raivoso Branzillo.

Meg se agitou e abriu os olhos. Sua mão estava pousada de leve em Ananda.

– Que sonhos, Fortinbras — murmurou ela —, que sonhos estranhos. Seu olhar sonolento vagou na direção do relógio e, de repente, ela acordou de vez. — Ananda! Por um instante, pensei que você fosse Fort. E não foi sonho, não é? Foi quitação, mas não clara e nítida, como era quando Charles Wallace estava dentro de Harcel's. Ele estava mais profundamente dentro de Madoc, e então tenho de escavar mais fundo para encontrar a quitação. E Charles quer que eu descubra alguma coisa para ele... mas o quê? — Passou os dedos pelo cabelo, apertou bem

os olhos e se concentrou, com a mão pressionada em Ananda. — Alguma coisa sobre um lago... sobre queimar rosas... e dois irmãos brigando... sim... e Cão Raivoso Branzillo e Gales. E isso nem parece possível, muito menos provável. — Ela ouviu os sons dentro do silêncio da noite, os sons que eram tão familiares a ponto de já fazerem parte do silêncio. A velha casa rangia confortavelmente. O vento roçava a janela de leve. — Não é provável que ninguém esteja dormindo, esta noite, não. E Sandy é louco por história. Vou perguntar a ele...

Saiu da cama, enfiou os pés em chinelos felpudos e foi para o andar de baixo. Havia luz brilhando debaixo da porta do quarto dos gêmeos, então ela bateu.

- O que está fazendo acordada, irmã? — perguntou Dennys. — Você precisa do seu sono.
- Você também, doutor. Estou acordada pelo mesmo motivo que você.
- Muitas vezes estudo até tarde — disse Dennys. — O que podemos fazer por você?
- O que vocês sabem sobre Vespúgia?

Dennys disse:

- Com o cabelo assim solto você parece ter mais ou menos quinze anos.
- Sou uma velha mulher casada. E Vespúgia?

Sandy respondeu:

– Eu estava justamente lendo sobre Vespúgia na enciclopédia. Faz parte do que costumava ser chamado de Meia Patagônia, entre a Argentina e o Chile.

- Branzillo nasceu lá?
- Sim.
- Quem colonizou Vespúgia?
- Ah, a costumeira mistura. Espanhóis, uns poucos ingleses e um grupo de Gales, enquanto o lugar ainda fazia parte da Patagônia.

Madoc era de Gales. Ela perguntou, com cuidado:

- Gales... Quando foi isso?
- Há uma lenda sobre alguns galeses que vieram para a América do Norte ainda antes de Leif Ericson. Um deles teria ido para o sul, procurando um clima quente, e finalmente se estabeleceu em Vespúgia... ou no lugar onde agora fica Vespúgia. Mas é apenas uma lenda. Mas é fato que, em 1865, um grupo partiu de Gales para a Patagônia e se instalou nas terras ermas e abertas próximas do rio Chutbut.

- Então há possibilidade de que Cão Raivoso tenha algum sangue galês?
- É perfeitamente possível, embora o nome Branzillo não pareça galês.
- Em que ano você disse que o grupo partiu de Gales?
- Em 1865.
- São essas as únicas vezes em que Gales é mencionado em relação à Vespúgia?
- Nesta enciclopédia, sim.

Ela pensou por um minuto.

- Muito bem. O que aconteceu em 1865 que eu precise saber?

Dennys disse:

- Meg, sente-se, se quer que Sandy lhe dê uma lição de história. Isto tem alguma coisa a ver com o fato de você estar grávida, como se fosse um desejo intenso de comer framboesas?
- Framboesas! Não, não creio que tenha muita coisa a ver com o fato de eu estar grávida.
- *Deixe-me pegar o The Time Tables of History.*

Sandy estendeu a mão para a estante, puxou um grosso e castigado volume e começou a virar as páginas.

— Ahá! 1865. Appomatox foi em 9 de abril, e Lincoln foi assassinado no dia 14. A Guerra Civil terminou em 26 de maio.

— Que ano, esse.

— Sim. Na Inglaterra, lorde Palmerston morreu e foi substituído, como primeiro-ministro, por lorde John Russell.

— Não sei muita coisa sobre ele.

— E, de volta aos Estados Unidos, a Emenda Número Treze aboliu a escravidão.

— Será que houve escravidão em Vespúgia?

— Acho que não. Bolívar morreu em 1830, e sua influência provavelmente se filtraria e chegaria a Vespúgia. Então, duvido que houvesse escravos lá.

— Bem, isso é ótimo.

— Ok. E também em 1865 o cabo Atlântico foi finalmente completado. E há alguma coisa aqui para você, Den: Lister causou um escândalo ao insistir na cirurgia antisséptica e usando ácido fênico num ferimento grave.

Dennys aplaudiu.

—Você é quase tão enciclopédico quanto Charles Wallace.

— Charles tem tudo isso na cabeça e eu preciso procurar num livro de referência. Minha esfera de conhecimento é bem mais limitada. Mendel apresentou sua lei da hereditariedade nesse ano. - Ele tornou a espiar no livro. - E a Ku Klux Klan foi fundada, e Edward Whymper escalou o Matterhorn. E Lewis Carroll escreveu *Alice no País das Maravilhas*.

— Na verdade, 1865 foi um ano e tanto — disse Dennys. — O que você descobriu, Meg?

— Talvez uma porção de coisas. Obrigada aos dois.

— Volte para a cama - repreendeu Dennys. — Não quer pegar um resfriado vagueando no meio da noite neste velho celeiro ventoso, não é?

— Não estou com frio. — Ela apontou para seu grosso robe e para os chinelos. — Estou tomando cuidado. Mas obrigada.

— Se fizermos para você um pouco de chocolate quente, você vai tomar?

— Estou farta de chocolate quente.

— E um consomê, ou caldo de carne?

— Não, obrigada. Não quero nada mesmo. Vou voltar para a cama.

Depois que ela se foi, Sandy gritou:

— E, também em 1865, Rudyard Kipling nasceu, Verlaine escreveu os *Poèmes saturniens*, John Stuart Mill escreveu *Comte e o positivismo* e foram fundadas as universidades de Purdue, Cornell e Maine.

Ela acenou um adeus, em resposta a ele, depois parou, quando ele continuou:

— E foi publicado o primeiro romance de Matthew Maddox, *Mais uma vez unidos*.

Ela se voltou, perguntando, com uma voz cuidadosamente controlada:

— Maddox? Acho que nunca ouvi falar desse escritor.

— Você só gostava de matemática na escola.

— Sim, Calvin sempre me ajudou com as provas de inglês. Esse Matthew Maddox escreveu alguma outra coisa?

Sandy folheou as páginas.

– Vamos ver. Nada em 1866, 1867. Em 1868, aqui está: *O chifre da alegria*.

– Ah, sim — disse Dennys. — Lembro-me dele agora. Tive de frequentar um curso de literatura em meu segundo ano na universidade e acabei pegando literatura americana do século XIX. Lemos esse: o segundo e último livro de Matthew Maddox, *O chifre da alegria*. Meu professor disse que se ele não tivesse morrido alcançaria o nível de Hawthorne e James. É um livro estranho, eu me lembro, apaixonadamente contrário à guerra, a narrativa volta ao passado e traz uma teoria esquisita, de que o futuro influencia o passado... Não é o tipo de livro que me agrada, de jeito nenhum.

– Sim, eu me lembro... O livro fala de um príncipe galês, os irmãos dele lutavam pelo trono. E ele partiu de Gales com um dos irmãos, e houve um naufrágio, ele desembarcou em alguma parte da costa da Nova Inglaterra. Havia mais no livro, mas agora não consigo lembrar o quê.

– Obrigada — disse Meg. — Muito obrigada.

Ananda a recebeu com alegria no alto da escada. Meg acariciou a orelha caída da cadela. Na verdade, eu gostaria de beber alguma coisa quente, mas não queria que Sandy e Dennys subissem para o sótão e ficassem aqui conversando, quando temos de nos concentrar na quitação com Charles Wallace.

Voltou para a cama, e Ananda pulou para o seu lado e se aquietou. Os ponteiros do relógio moveram-se por quinze minutos, a extensão de tempo que ela passara com Sandy e Dennys. E o tempo era essencial. Mas ela sentiu que valera a pena ir até o andar de baixo. Descobrira para Charles Wallace o autor e o título do livro. E descobrira uma ligação entre Gales e Vespúgia em 1865. Mas o que significava essa ligação? Madoc era galês, mas ele não fora para Vespúgia. Veio para cá e se casou aqui.

Sacudiu a cabeça. Talvez Charles Wallace e Gaudior pudessem entender alguma coisa de tudo isso. E como qualquer dessas coisas poderia relacionar-se com a sra. O’Keefe era um mistério.

SEIS - O trovão com sua rápida ira

— Obrigado, Meg — sussurrou Charles. — Ah, Gaudior, ela realmente nos ajudou, ela e os gêmeos. — Inclinou-se para a frente, a fim de repousar a cabeça contra o pescoço do unicórnio. — O livro era de Matthew Maddox. Acho que não o li, mas me lembro de Dennys falando a respeito. E a sra. O’Keefe é uma Maddox. Então com certeza deve ser descendente de Matthew.

— Descendente. — Gaudior riu, com desdém. — Você faz a palavra soar como uma queda.

— Se você olhar para a sra. O’Keefe, é isso mesmo o que parece — admitiu Charles Wallace. — 1865. Poderemos ir para lá?

— Você quer saber se poderemos ir até então... se poderemos ir para Quando — corrigiu o unicórnio. — Podemos tentar. Se você acha importante. Vamos esperar por um vento favorável.

Charles Wallace pareceu alarmado.

— Você quer dizer que poderemos ser soprados para dentro de outra Projeção?

— É sempre um risco. Sabemos que os Echthroi estão atrás de nós para nos deter. Então você precisa segurar-se firme.

— Eu me segurarei com toda a força que tenho. A última coisa que quero é ser soprado para dentro de outra Projeção.

Gaudior soprou de leve pelos dentes.

— Não achei muito úteis as mais recentes informações que tivemos.

— Mas pode ser importante o fato de um grupo de galeses ter ido à América do Sul em 1865. Acho que precisamos ir a Vespúgia.

— É um longo caminho, e os unicórnios não viajam bem para Ondes diferentes. E se tentarmos nos movimentar tanto no espaço quanto no tempo... Não gosto disso. — Agitou a cauda.

— Então, que tal tentarmos ir a 1865, bem aqui, para o ano em que Matthew Maddox publicou seu primeiro romance? Depois, tentaremos ir daqui, de 1865, para a Vespúgia de 1865. Talvez assim a gente descubra alguma coisa sobre ele.

— Está bem. É menos perigoso ir primeiro para outro lugar do que tentar, ao mesmo tempo, ir para outro Quando e para outro Onde.

Ele começou a galopar, e ao se atirar contra uma rajada de vento suas asas se ergueram e o levantaram para o alto.

O ataque, no exato momento em que eles atravessavam uma chuva de estrelas, foi completamente inesperado. Uma rajada gelada acabou com o vento no qual estavam cavalgando e tirou o fôlego de Charles Wallace. As juntas de seus dedos ficaram brancas enquanto ele agarrava a crina, que pareceu endurecer e se transformar em fios de aço, para ajudá-lo a manter seu aperto. Ele teve a sensação horrível de que Gaudior lutava com uma escuridão que parecia opor-se a ele com um bater de asas negativas e cascos de ferro. A crina prateada foi arrancada das suas mãos, e Charles foi dominado pelo fedor horrível que acompanhava os Echthroi. Asas escuras o derrubaram das costas do unicórnio, e ele sentiu o frio ardente do espaço exterior. Era mais horrível do que qualquer Projeção. Seus pulmões

falharam, por falta de ar. Estava prestes a se tornar um corpo carbonizado, um satélite girando para sempre em torno do sol mais próximo...

Um forte golpe de ar entrou rapidamente em seus pulmões castigados. Ele sentiu um puxão em sua nuca, e o anoraque azul ficou apertado contra sua garganta. O pavoroso fedor se fora, e Charles agora estava cercado pelo cheiro da respiração do unicórnio, por um perfume de estrelas e pela geada. Gaudior o carregava na boca, os grandes dentes de marfim prendendo no pano grosso do anoraque.

As asas irisadas de Gaudior batiam contra a escuridão. Charles Wallace prendeu a respiração. Se Gaudior o deixasse cair, os Echthroi estariam à espera. Suas axilas estavam cortadas por causa do puxão do anoraque, mas ele sabia que não devia lutar. A respiração de Gaudior saía penosamente por entre os seus dentes apertados.

E então os cascos de prata tocaram em uma pedra, e eles estavam em segurança, na pedra de espiar estrelas. Gaudior abriu os dentes e deixou o menino cair. Durante os primeiros momentos Charles Wallace estava tão fraco que desabou na pedra. Depois, lutou e conseguiu ficar em pé, ainda tremendo por causa do quase desastre. Esticou os braços para aliviar a dor nas axilas e nos ombros machucados. Gaudior respirava em grandes arquejos, seus flancos erguendo-se e abaixando-se.

A brisa suave em torno deles encheu e curou seus pulmões ressequidos.

Gaudior revirou seus lábios e inalou uma grande quantidade de ar. Depois se curvou e esfregou o focinho em Charles Wallace, o primeiro gesto afetoso que já fizera.

— Eu não tinha certeza se escaparíamos. Os Echthroi estão com raiva porque o vento conseguiu enviar você para Dentro de Madoc, e eles tentam impedir que você vá para Dentro de qualquer outra pessoa.

Charles acariciou o focinho do unicórnio.

— Você me salvou. Se não agarrasse meu anoraque, eu ficaria girando eternamente pelo espaço sideral.

— Era uma chance em um milhão — admitiu Gaudior. — Mas o vento me ajudou.

Charles Wallace estendeu os braços para cima, a fim de colocá-los em torno do pescoço curvo de Gaudior.

— Mesmo com ajuda, não foi fácil. Obrigado.

Gaudior encolheu os ombros, à maneira dos unicórnios; sua barba cacheada tremeu.

— Os unicórnios ficam embaraçados quando ouvem agradecimentos. Por favor, pare com isso.

Era um dia quente, do meio do verão, com nuvens de trovoada amontoadas no horizonte. O lago desaparecera e o vale conhecido se estendia até as montanhas. O bosque era uma floresta de grandes olmos e altos carvalhos e cicutas. A grande distância estava o que parecia ser um aglomerado de cabanas de madeira.

— Não creio que isto seja 1865 — disse ele a Gaudior. — Não parece.

— Você deve entender mais do assunto do que eu. Não tive muita oportunidade para aprender a história da Terra. Nunca esperei esta missão.

— Mas, Gaudior, precisamos saber Quando estamos.

— Por quê?

Charles Wallace tentou sufocar sua impaciência, que estava ainda mais forte depois do terror do ataque.

– Se há um Poderia-Ter-Sido que devemos descobrir, precisamos saber Quando é, não?

A impaciência do próprio Gaudior se manifestava por seus passos saltitantes.

– Por quê? Não temos de saber tudo. Temos uma missão a cumprir e precisamos seguir para onde ela nos conduz. Você ficou tão ocupado tentando ser o líder que quase fomos apanhados pelos Echthroi.

Charles Wallace não disse nada.

– Talvez — concedeu Gaudior, a contragosto — não fosse inteiramente sua culpa. Mas acho que não devemos tentar controlar os Quandos e os Ondes, devemos ir para Onde formos enviados. E, apesar de todo aquele contratempo com os Echthroi, você ainda está em seu próprio corpo e deveria estar Dentro.

– Ah! E o que devo fazer?

Gaudior soprou com força pelas narinas alargadas.

– Terei de perguntar ao vento. — Ergueu a cabeça e abriu os maxilares.

Charles Wallace esperou com ansiedade, até que o unicórnio abaixou a cabeça e levantou uma asa, esticando-a até seu pleno alcance.

– Caminhe perto de mim — ordenou ele.

Charles Wallace movimentou-se debaixo da asa e se apoiou no flanco de Gaudior.

– O vento disse Quando estamos?

– Você exige demais — repreendeu Gaudior, e dobrou suas asas até Charles Wallace se sentir sufocado.

Respirando aos arquejos, ele tentou abrir caminho para fora, para o ar, mas as asas o prenderam com firmeza, e, afinal, sua luta cessou.

Quando abriu os olhos, o dia desaparecera, e as árvores e a pedra estavam banhadas pelo luar. Ele estava Dentro. Deitado na pedra, olhando para o alto, para o céu enlustrado. Só as estrelas mais brilhantes podiam competir com o esplendor prateado. Em torno dele os sons do verão cantavam docemente. Uma pomba selvagem queixava-se, lá em seu lugar nas profundezas das sombras mais escuras. Um velho sapo estrondeava seu canto de macho. Um puro gorjeio de pássaro o fez levantar-se e dizer alto, como saudação:

– Zylle!

Uma jovem saiu das sombras da floresta. Era alta e esguia, a não ser pela barriga, que estava grande, com a gravidez.

– Obrigada por se encontrar comigo, Brandon.

Charles Wallace-dentro-de-Brandon Llawcae deu-lhe um rápido abraço.

– É divertido fazer qualquer coisa com você, Zylle. Outra vez, como quando estava Dentro de Harcells, tinha menos de quinze anos, talvez onze ou doze, ainda era muito criança, uma criança ansiosa, inteligente, amorosa.

À luz do luar, ela sorriu para ele.

– As ervas de que preciso, para facilitar o nascimento do meu bebê, só são encontradas quando a lua está cheia, e só aqui. Ritchie tem medo de que isso ofenda Goody Adams, se ela souber.

Goody era a abreviatura de Goodwife (“Boa esposa”). Era o que os Pilgrims diziam, em vez da forma de tratamento “senhora”. Então, definitivamente, não era 1865. Mais de um século antes, talvez dois. Brandon Llawcae deve ser filho dos primeiros colonizadores...

— Solte-se — avisou lugubrememente Gaudior. — Deixe-se ser Brandon.

— Mas o que temos aqui? — resistiu Charles Wallace. — O que podemos descobrir aqui?

— Pare de fazer perguntas.

— Não quero perder tempo... — disse Charles Wallace, ansioso.

Gaudior relinchou com irritação.

— Você está aqui e está em Brandon. Solte-se.

Solte-se.

Seja Brandon.

Seja.

— Então — continuou Zylle —, é melhor que Ritchie também não saiba. Sempre posso confiar em você, Brandon. Você não abre a boca e despeja tudo, quando isto não faria nenhum bem.

Brandon baixou a cabeça e depois olhou brevemente para os olhos de Zylle, que eram de um azul surpreendente, em seu rosto marrom.

— Aprendi com o Povo do Vento que não faz mal algum guardar um segredo no coração.

Zylle suspirou.

— Não, não faz mal. Mas me entristece que você e eu não possamos partilhar nossos dons com as pessoas que amamos.

— Minhas visões. — Brandon fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Meus pais não querem que eu tenha visões.

— Em meu povo — disse Zylle —, você seria conhecido como um Vidente e aprenderia as orações e a confiança que manteriam seu dom muito próximo dos deuses dos quais ele vem. Meu pai tinha a esperança de que Maddok tivesse o dom, porque é raro ter dois com olhos azuis na mesma geração. Mas o dom do meu irmão mais novo é saber sobre o clima, quando plantar e quando colher, e este é um bom dom, e é útil.

— Sinto falta de Maddok. — Bran franziu a testa, baixou a cabeça e olhou para a pedra. — Ele não vem mais para o povoado.

Zylle pôs a mão, de leve, em seu ombro.

— O povoado está diferente, agora, há mais famílias. Maddok não se sente bem-recebido.

— Eu o recebo bem!

— Ele sabe disso. E sente sua falta também. Mas não é apenas porque o povoado está maior. Maddok está mais velho e tem mais trabalho para fazer em casa. Mas ele será sempre seu amigo.

— E eu sempre serei amigo dele. Sempre.

— Suas visões... — Zylle o olhou, com atenção. — Você é capaz de parar de tê-las?

— Nem sempre. Quando olho para algo que tenha reflexo, algumas vezes as imagens vêm, querendo ou não. Mas tento não atraí-las.

— Quando você tiver suas visões, será bom me contar o que vê, como fazia com Maddok.

— Ritchie tem medo delas.

Ela pressionou suavemente seu ombro.

– Para Ritchie a vida tem sido apenas trabalho duro, sem tempo para visões ou sonhos. A mãe dele me contou que em Gales há pessoas que têm o dom da visão superior e que essas pessoas podem ser temidas por causa desse dom, mas não são rejeitadas.

– Ritchie diz que eu seria rejeitado. Aqui é diferente de Gales. Principalmente depois que o pastor Mortmain construiu a igreja e começou a fazer cara feia sempre que Maddok visitava o povoado ou quando eu ia para a reserva dos índios.

– O pastor Mortmain só poderia mesmo tentar separar os brancos dos índios.

– Mas *por quê?* — perguntou Brandon. — Éramos amigos.

– E ainda somos — garantiu-lhe Zylle. — Quando você teve uma visão pela última vez?

– Esta noite — disse ele. — Vi o reflexo de uma vela do lado da chaleira de cobre que mamãe tinha acabado de polir e tive uma visão daqui, deste mesmo lugar, mas a pedra era muito mais alta e ali — acrescentou ele, apontando para o vale — existia um lago com o sol brilhando na água.

Ela o olhou com um ar de admiração.

– Meu pai, Zillo, diz que o vale antigamente era o leito de um lago.

– E vi Maddok... bem, não era Maddok, porque era mais velho, e sua pele era clara, mas ele se parecia tanto com Maddok que, no começo, achei que fosse ele.

– A lenda — murmurou ela. — Ah, Brandon, sinto que estamos muito próximos, você e eu. Talvez seja o fato de precisar guardar segredo sobre nossos dons que nos aproxime mais. — Enquanto conversavam, ela colheu uma pequena planta que crescia no meio do capim. Estendeu as flores para o luar. — Sei onde encontrar as ervas curativas, ervas que impedirão os bebês de sufocarem e morrerem no inverno ou de morrerem com a doença do verão, quando o clima está quente e abafado, como agora. Mas sua mãe me diz que não devo oferecer esses dons; não seriam bem-recebidos. Mas, para mim mesma, e para o nascimento do filho de Ritchie e meu, não estarei sem as ervas que me ajudarão a ter um bom parto e uma bela criança.

Começou a espalhar as flores delicadas em cima da pedra. Banhadas pelo luar, tanto as pétalas quanto as folhas pareciam brilhar com um prateado interior. Zylle ergueu os olhos para a lua e cantou:

“Senhores do fogo, da terra e da água,
Senhores da lua, do vento e do céu,
Venham agora para a filha do Velho,
Venham de pais há muito desaparecidos.
Tragam o azul de um olho distante.

Senhores da água, da terra e do fogo,
Senhores do vento, da neve e da chuva,
Deem-me o que meu coração deseja.
A vida como toda a vida vem com dor,
Mas o azul voltará para nós.”

Então, ela se ajoelhou e aspirou o perfume das flores; pegou-as em suas mãos e as

pressionou contra a testa, os lábios, os seios, contra a redondeza da sua barriga.

Brandon perguntou:

– Levamos as flores para casa?

– Não seria bom que Goody Adams as visse.

– Quando Ritchie e eu nascemos, não havia parteira no povoado.

– Goody Adams é boa parteira — garantiu-lhe Zylle. — Se ela estivesse aqui, sua mãe talvez não tivesse perdido aqueles bebês entre você e Ritchie. Mas ela não aprovaria o que acabei de fazer. Deixaremos as flores do parto aqui, para os pássaros, a lua e o vento. Elas já me deram sua ajuda.

– Quando... Ah, Zylle, você sabe quando o bebê virá?

– Amanhã. — Ela se levantou. — É hora de ir para casa. Não quero que Ritchie acorde e descubra que não estou ao lado dele.

Brandon estendeu a mão e pegou seus dedos compridos e frios.

– Foi o melhor dia do mundo, quando Ritchie se casou com você.

Ela sorriu brevemente, escondendo uma sombra de preocupação em seus olhos.

– As pessoas do povoado olham com suspeita para uma índia no meio delas, ainda mais uma índia de olhos azuis.

– Se pelo menos escutassem nossa história, que vem de Gales, e sua história...

Ela fez pressão com os dedos.

– Ritchie me avisa sempre para eu não falar sobre a lenda do homem branco que veio até nós nos tempos em que havia apenas índios neste continente.

– Muito tempo atrás?

– MUITÍSSIMO tempo. Ele veio do outro lado do mar, de uma terra do outro lado do mundo, e era um homem corajoso e sincero, que não cobiçava poder nem terras. Meu irmão menor tem seu nome.

– E a canção? — perguntou Brandon.

– É antiga, muito antiga, a oração para que um bebê de olhos azuis mantenha no Povo do Vento a força do príncipe vindo do outro lado do mar. Mas as palavras, ao longo de tantos anos, podem ter mudado. E eu mudei, porque fiz minha vida com os brancos, como o Príncipe Dourado fez a dele com o Povo do Vento. Por amor, ele ficou com a princesa de uma terra estranha e fez dos costumes dela os seus. Por amor, deixei meu povo e fiquei com Ritchie, e meu amor é profundo, muito profundo, a ponto de eu ser capaz de deixar meu lar. Canto a oração porque está em meu sangue e deve ser cantada, mas me pergunto se meu filho terá permissão para conhecer sua origem metade índia.

– Ele?

– Será um menino.

– Como você sabe?

– As árvores me disseram quando mudaram suas folhas sob o luar. Eu queria uma menina, mas Ritchie ficará satisfeito de ter filho homem.

O caminho através dos capinzais levou-os a um riacho, que captava a luz da lua e brilhava em meio às sombras mutáveis das folhas. O riacho era atravessado por uma ponte natural de pedras, e ali Zylle parou, olhando a água.

Brandon também olhou para seus reflexos mutáveis e brilhantes, enquanto o vento agitava

as folhas. Olhando para o reflexo de Zylle, para a água que agitava sua boca, fazendo surgir nela um sorriso terno, ele viu também um bebê que ela apertava com força em seus braços, um bebê de cabelos escuros e olhos azuis, com dourado atrás dos olhos.

E então, enquanto ele olhava, os olhos da criança mudaram e se tomaram sombrios, o rosto não era mais o de um bebê, mas o rosto de um homem, e Brandon não conseguiu ver Zylle em parte alguma. O homem usava um uniforme de aspecto estranho, com muitas medalhas, e tinha um queixo escuro, que se projetava com orgulho. Ele pensava em algo, mas nada dizia, seus pensamentos eram cruéis, vingativos; e então Brandon viu fogo, fogo que ardia com muita força.

Seu corpo teve um forte estremecimento, e ele arquejou e se virou para Zylle, depois olhou temerosamente para o riacho. O fogo desaparecera, e só os rostos dos dois estavam refletidos na água.

Ela perguntou:

– O que você viu?

Com os olhos baixos, fitando a pedra negra da ponte, ele lhe contou, tentando impedir que as imagens reaparecessem no olho da sua mente.

Ela sacudiu a cabeça, de forma sombria.

– Não entendo nada. Com certeza, não é nada de bom.

Ainda com os olhos abaixados, Brandon disse:

– Antes que me fizessem ter medo das minhas visões, elas não eram nunca assustadoras, apenas belas.

Zylle apertou sua mão, tranquilizando-o.

– Gostaria que você contasse a meu pai sobre esta, pois ele é treinado na interpretação das visões.

Brandon hesitou e depois disse:

– Está bem, se você quer assim...

– Quero que ele me dê consolo — disse ela, com uma voz baixa.

Deram as costas ao riacho e caminharam para casa em silêncio; foram para a clareira poeirenta, com seu aglomerado de cabanas de madeira.

A casa dos Llawcae era a primeira, uma edificação de bom tamanho, com uma sala central para se sentar e comer e um quarto em cada extremidade. O quarto de Brandon era um telheiro acrescentado ao quarto dos seus pais, e seu tamanho mal dava para uma pequena cama, uma cômoda e uma cadeira. Mas era todo seu, e Ritchie lhe prometera que, depois do nascimento do bebê, abriria uma bela janela na parede, como as pessoas começavam a fazer, agora que o povoado estava bem-estabelecido.

O cubículo de Brandon era escuro, mas ele estava acostumado com a noite do seu próprio quarto e se movimentava nele com segurança, como se tivesse acendido uma vela. Sem tirar a roupa, deitou-se na cama. A distância, o trovão grunhiu, e com o trovão veio um eco, um ribombo ritmado, que Brandon reconheceu como o dos tambores do Povo do Vento quando diziam suas preces pedindo chuva.

De manhã, ao acordar, ouviu um alvoroço na sala central e, ao entrar nela, descobriu sua mãe fervendo água na grande chaleira preta, suspensa na lareira por um gancho. Goody Adams, a parteira, andava de um lado para outro, agitada, transpirando importância.

— Esse é um primeiro parto — disse ela. — Precisaremos de muitas chaleiras de água para a menina índia.

— Zylle é nossa filha — lembrou à parteira a mãe de Brandon.

— Uma vez índia, sempre índia, Goody Llawcae. Não se esqueça de que estamos todos gratos, porque a presença dela entre nós nos faz viver em paz com os pagãos selvagens.

— Eles não são... — Brandon começou a dizer, furioso.

Mas sua mãe interrompeu:

— O trabalho diário está esperando, Brandon.

Mordendo o lábio, ele saiu.

A manhã estava clara, com um pouco de neblina vagando pelo terreno e apagando o contorno das montanhas. Quando o sol estivesse a pino, a neblina desapareceria. Os povoadores estavam satisfeitos com a neblina e os orvalhos fortes, tudo o que tinham para impedir as safras de murcharem e de secarem inteiramente, pois não chovia havia mais de uma lua.

Brandon foi para o pequeno celeiro atrás da cabana, a fim de deixar a vaca da família sair para a luz do sol. Ela pastaria o dia inteiro com o resto do gado, e ao anoitecer Brandon cavalgaria seu pônei e a traria de volta para a ordenha. Ele deu ao pônei um pouco de aveia e depois alimentou o cavalo. A distância, ouvia o som de marteladas. Goodman Llawcae e seu filho Ritchie eram os melhores carpinteiros que havia em muitas milhas em torno e estavam ocupados com encomendas.

Estou satisfeito por Ritchie não ter ouvido Goody Adams chamar o povo de Zylle de pagãos selvagens, pensou. Foi bom ele estar com Zylle. Depois, começou a voltar para a casa. A visão que tivera no riacho, na noite da véspera, o perturbava. Tinha medo do homem moreno com pensamentos cruéis e também do fogo. Como tentara reprimir as imagens que via, elas se tornaram cada vez mais assustadoras.

Quando chegou à cabana e cruzou a porta, que estava calçada para ficar aberta e para permitir que entrasse o máximo possível de ar fresco, sua mãe saiu do quarto e falou com Ritchie, que caminhava de um lado para outro diante da lareira.

— Seu pai precisa de você, Ritchie. Zylle está descansando agora, entre uma dor e outra. Eu o chamarei imediatamente, se ela precisar de você.

Goody Adams resmungou:

— A moça índia não chora. É um augúrio.

Ritchie atirou sua cabeça para trás.

— É a marca dos índios, Goody. Zylle não derramará nenhuma lágrima na sua frente.

— Pagãos... — começou Goody Adams a dizer.

Mas Goody Llawcae cortou imediatamente suas palavras.

— Ritchie, Brandon. Vão procurar o pai de vocês.

Ritchie atirou-se porta afora, sem se dignar a olhar para a parteira. Brandon o seguiu, chamando:

— Ritchie...

Ritchie parou, mas não se virou para ele.

— Odeio Goody Adams! — explodiu Brandon.

Agora, Ritchie olhou para seu irmão mais novo.

– Ódio nunca fez bem algum. Todos no povoado sentem o chicote da língua de Goody Adams. Mas suas mãos trazem bebês vivos, e não houve mais febre puerperal desde que ela está aqui.

– Gostava mais daqui quando eu era pequeno e havia apenas nós, Llawcae, e os Higgins, e Davey e eu costumávamos brincar com Maddok.

– Era mais simples naquele tempo — concordou Ritchie —, mas a mudança faz parte da vida.

– Será que a mudança é sempre boa?

Ritchie sacudiu a cabeça.

– Havia mais alegria quando existiam apenas duas famílias e nenhum pastor Mortmain para proibir nossas canções e histórias. Não consigo meter em minha cabeça que Deus gosta de caras tristes e faz cara feia para os divertimentos. Vá em frente agora, Bran. Tenho trabalho para fazer e você também.

Quando Brandon terminou seus deveres e voltou às pressas para a cabana, caminhando em silêncio, com um pé bem na frente do outro, como Maddok lhe ensinara, Ritchie também havia voltado e estava em pé no vão da porta. O sol estava a pino, e seus raios batiam ferozmente na cabana e em todo o povoado empoeirado. A grama se tornava marrom e as folhas verdes haviam perdido seu brilho.

Ritchie sacudiu a cabeça.

– Ainda não. Está um calor de matar. Olhe aquelas nuvens carregadas.

– Ficaram ali o dia inteiro. — Brandon olhou para as nuvens pesadas, acumuladas no horizonte. — E não caiu um pinga de chuva.

Um gemido baixo, quase inaudível, veio da cabana, e Ritchie entrou às pressas. Do quarto veio um grito agudo, e a pele de Brandon formigou e se arrepiou, apesar do calor.

– Ah, Deus, Deus, fizeti com que Zylle esteja bem.

Ele concentrou sua atenção numa pequena nuvem, no azul seco, e lá viu uma imagem de Zylle e do bebê de cabelos negros e olhos azuis. Enquanto olhava, tanto a mãe quanto a criança mudaram: a mãe ainda tinha cabelos negros, mas sua pele tinha uma cor clara e o bebê, a pele bronzeada e os olhos azuis, e a alegria no rosto da mãe era a mesma da imagem de Zylle. Mas a mãe de pele clara não estava na paisagem familiar, mas num país selvagem e quente, e suas roupas não pareciam o tecido feito em casa, ou couro, como ele estava acostumado, eram roupas diferentes, elegantes como ele nunca vira.

O bebê começou a chorar, mas o choro não vinha do bebê na visão, mas da cabana, um choro de verdade, os saudáveis berros de um recém-nascido.

Goody Llawcae chegou à porta, seu rosto iluminado.

– É um sobrinho que você tem, Brandon, um menino bonito e grande, e Zylle está radiante. Suporta-se a dor durante uma noite, mas a alegria chega de manhã.

– A tarde já chegou.

– Não seja tão literal. Vá correndo contar a seu pai. Agora mesmo!

– Mas quando posso ver Zylle e o bebê?

– Depois que o avô tiver o privilégio. Corra!

Depois que Goody Adams afinal saiu, os Llawcae se reuniram em torno da mãe e da criança. Zylle estava deitada na grande cama entalhada que Richard Llawcae fizera para ela e Ritchie,

como presente de casamento. A luz da porta que dava para a cozinha e para a sala de estar caía sobre ela, enquanto segurava a criança recém-nascida nos braços. Os olhos do bebê estavam fechados, bem apertados, e ele movimentava seus minúsculos punhos cerrados, fazendo gestos de busca, com a boquinha a se abrir e a se fechar, como se bebesse seu estranho elemento novo, o ar.

— Ah, prove e veja — murmurou Zylle, e beijou suavemente a penugem escura da cabeça do bebê.

Sua pele acobreada ainda estava úmida, com o esforço do parto e a umidade do dia. Um trovão grunhiu ao longe.

— Os olhos dele? — sussurrou Brandon.

— Azuis. Goody Adams diz que a cor dos olhos muitas vezes muda, mas a dos de Bran não mudará. Nenhum bebê poderia pedir um tio melhor. Posso dar a ele seu nome?

Brandon fez um sinal afirmativo com a cabeça, corando de prazer, e estendeu um dedo para tocar a bochecha do bebê.

Richard Llawcae abriu a grande e gasta Bíblia e leu em voz alta:

— “Amo ao Senhor porque ele ouviu minha voz e minha súplica. Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do Inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza. Então invoquei o nome do Senhor. Piedoso é o Senhor e justo. Fui abatido, mas Ele me livrou. Volta, minha alma, para o teu repouso, pois o Senhor te fez bem.”

— Amém — disse Zylle.

Richard Llawcae fechou o Livro.

— Você é minha filha amada, Zylle. Quando Ritchie a escolheu para ser esposa dele, sua mãe e eu no começo tivemos dúvidas, como aconteceu com seu próprio povo. Mas seu pai, Zillo, e eu achamos que, assim, duas lendas se uniam. E o tempo nos ensinou que era abençoada e inevitável.

— Obrigada, pai. — Ela estendeu a mão para a dele, que parecia de couro. — Goody Adams não gostou de eu não ter derramado nenhuma lágrima.

Goody Llawcae passou a mão suavemente sobre o brilhante cabelo negro de Zylle.

— Ela sabe que esse é o jeito do seu povo.

Selvagens, selvagens pagãos, pensou Brandon. É o que Goody Adams acha do povo de Zylle.

Quando Bran foi fazer seus trabalhos da noite, uma sombra se materializou, saindo de trás do grande tronco de um pinheiro. Era Maddok.

Brandon o cumprimentou com alegria.

— Estou satisfeito, muito satisfeito de ver você! Papai ia me mandar para a reserva dos índios quando eu acabasse o trabalho, mas agora posso lhe dizer: o bebê chegou! Um menino, e tudo correu bem.

A sombra de um sorriso passou pelo rosto de Maddok, no qual os olhos azuis surpreendiam tanto quanto os de Zylle.

— Meu pai ficará contente. Sua família nos permitirá vir esta noite para ver o bebê?

— Claro.

Os olhos de Maddok se enevoaram.

— Não é nada claro. Não é mais.

– Para nós, os Llawcae, sim. Maddok... como você soube que era para vir, exatamente agora?

– Vi Zylle ontem. Ela me disse que seria hoje.

– Não vi você.

– Você não estava sozinho. Davey Higgins estava com você.

– Mas você, Davey e eu sempre brincamos juntos. Éramos um trio.

– Não somos mais. Davey foi proibido de deixar o povoado e de ir até a reserva. Os deuses do seu curandeiro não respeitam os nossos.

Brandon soltou sua respiração, num suspiro que era quase um gemido.

– O pastor Mortmain. Não são nossos deuses que não respeitam os deuses de vocês. É o pastor Mortmain.

Maddok assentiu.

– E o filho dele está cortejando a irmã de Davey.

Brandon riu.

– Adoraria ver a cara do pastor Mortmain se ele ouvisse alguém se referir a ele como um curandeiro.

– Ele não é um bom curandeiro — disse Maddok. — Ele vai causar problemas.

– Já causou. Por culpa dele, Davey não pode ver você.

Maddok olhou atentamente para os olhos de Brandon.

– Meu pai também me mandou aqui para avisar você.

– Avisar? Do quê?

– Mensageiros nossos andaram por aí. Na cidade há muita conversa sobre feitiçaria.

Feitiçaria. Era uma palavra feia.

– Mas não aqui — disse Brandon.

– Ainda não. Mas há conversa sobre isso no meio do seu povo.

– Que tipo de conversa? — perguntou Brandon bruscamente.

– Minha irmã não derramou lágrimas durante o parto.

– Eles sabem que esse é o jeito dos índios.

– É também a marca de uma feiticeira. Eles dizem que um gato saiu correndo pela rua, miando alto, na hora do parto, porque Zylle passou sua dor para o bicho.

– Isso é tolice.

Mas os olhos de Brandon estavam perturbados.

– Meu pai diz que há espíritos do mal à solta, endurecendo os corações dos homens. Ele diz que há um desejo de ver o mal na inocência. Brandon, meu amigo e irmão, cuide de Zylle e do bebê.

– Zylle e eu colhemos ervas para o parto — disse Brandon, em voz baixa.

– Zylle aprendeu todos os caminhos para um bom parto e tem dons de cura. Mas isso também seria encarado como magia. Magia negra.

– Mas não é magia...

– Não. É entender as qualidades curativas de certas plantas e raízes. As pessoas têm medo de um conhecimento que ainda não adquiriram. Meu pai está preocupado com Zylle e com você.

Brandon protestou.

— Mas somos conhecidos como pessoas que amam a Deus. Com certeza, não poderiam pensar...

— Como você é conhecido assim, eles desejarão pensar — disse Maddok. — Meu pai diz que você deveria ir mais com as outras crianças da aldeia a lugares onde possa ver e ouvir. É melhor estar preparado. Também ficarei com a orelha em pé.

Sem se despedir, ele desapareceu na floresta.

Tarde da noite, quando a maioria das pessoas do povoado dormia, o povo de Zylle atravessou o bosque em silêncio, em fila indiana. Aproximou-se da cabana por trás, como Maddok fizera à tarde.

Aglomerou-se em torno de Zylle e do bebê. Goody Llawcae serviu-lhes um chá frio de ervas e pão que acabara de sair do forno, cheiroso, com queijo dourado e deliciosa manteiga.

Zillo pegou seu neto nos braços, e uma sombra de ternura transpareceu por seu rosto impassível.

— Brandon, filho de Zylle, do Povo do Vento, e de Ritchie Llawcae, filho de um príncipe da distante terra de Gales; Brandon, portador do azul — murmurou ele por cima do bebê adormecido, embalando-o suavemente nos braços.

Pelo canto do olho Brandon viu uma das mulheres índias aproximar-se da sua mãe e conversar com ela, baixinho. Sua mãe pôs a mão na cabeça, num gesto de preocupação.

E, antes que os índios saíssem, ele viu Zillo levar seu pai a um canto.

Apesar da alegria por causa do xará, havia um peso em seu coração, quando ele foi para a cama, e foi isso, assim como o calor, que o impediu de dormir. Podia ouvir seus pais conversando com Ritchie na sala ao lado e mudou de posição para ouvir melhor.

Goody Llawcae dizia:

— As pessoas não gostam que outras pessoas sejam diferentes. Já é bastante difícil para Zylle por ser uma índia e mais ainda por ser parte de uma família também marcada como diferente.

— Diferente? — perguntou Ritchie, bruscamente. — Fomos os primeiros povoadores aqui.

— Viemos de Gales. E o dom de Brandon é temido.

Richard perguntou à esposa:

— Um dos índios lhe deu um aviso?

— Uma das mulheres. Eu esperava que a doença da caça às bruxas não chegasse ao nosso povoado.

— Devemos tentar não deixar que comece conosco — disse Goodman Llawcae. — Pelo menos, os Higgins ficarão do nosso lado.

— Será? — perguntou Ritchie. — Goodman Higgins parece muito envolvido com o pastor Mortmain. E Davey Higgins não vem há tempos fazer trabalhos com Brandon.

Richard disse:

— Zillo me avisou também com relação a Brandon.

— Brandon... — Goody Llawcae prendeu a respiração.

— Ele teve uma de suas visões noite passada.

Ao ouvir isso, Brandon foi às pressas para a sala grande.

— Zylle lhe contou!

— Não contou, não, Brandon — disse seu pai. — E quem fica escutando às escondidas

raramente ouve alguma coisa agradável. Você deu permissão a Zylle para falar com o pai dela e foi ele quem me contou. Você sente vergonha de nos contar?

— Vergonha? Não, papai, não é vergonha, tento não atrair as visões porque você não quer que eu as tenha, e sei que fica perturbado quando elas me vêm de qualquer forma. É por isso que não lhe conto. Achei que preferiria isso.

Seu pai baixou a cabeça.

— É compreensível que se sinta dessa maneira. Talvez tenha sido um erro nosso pedir a você para não ter suas visões se elas são um dom que Deus lhe deu.

Brandon pareceu surpreso.

— Quem mais me daria?

— Em Gales, acredita-se que esses dons vêm de Deus. Lá não se tem tanto medo de demônios quanto aqui.

— Zylle e Maddok dizem que minhas visões vêm dos deuses.

— E Zillo me avisou — disse o pai — que você não deve falar de suas visões diante de ninguém, principalmente do pastor Mortmain.

— E Davey?

— De ninguém.

— Mas Davey sabe que tenho visões. Quando eu era pequeno, costumava descrever para Davey e Maddok o que eu via.

Os pais dele se entreolharam.

— Foi há muito tempo. Esperamos que Davey tenha esquecido.

Ritchie bateu com força seu punho fechado contra a madeira dura do pé da cama. Richard ergueu a mão, numa advertência.

— Silêncio. Você vai acordar sua esposa e seu filho. Quando o calor abrandar, o temperamento das pessoas se tornará mais tranquilo. Brandon, volte para a cama.

Outra vez em seu quarto, Brandon se agitou, irado, sobre seu colchão de palha. Mesmo depois de a casa ter se aquietado, ele não conseguiu dormir. Ouvia os tambores, ao longe. Mas nenhuma chuva veio.

Na noite seguinte, quando levava a vaca para casa, depois de ela ter passado o dia pastando, Davey Higgins aproximou-se dele.

— Bran, o pastor Mortmain diz que não devo falar com você.

— Mas você está falando.

— Nós nos conhecemos a vida inteira. Falarei enquanto puder. Mas as pessoas estão dizendo que Zylle impede a chuva de cair. As colheitas estão secando. Não queremos ofender os índios, mas o pastor Mortmain diz que os olhos azuis de Zylle provam que ela não é uma verdadeira índia e que os índios tinham medo dela e queriam que viesse para cima de nós.

— Você sabe que isso não é verdade! — retrucou Brandon, zangado. — Os índios sentem orgulho dos olhos azuis.

— Sei disso — disse Davey —, e você também sabe, mas ainda somos crianças, e as pessoas não dão ouvidos às crianças. O pastor Mortmain nos proibiu de ir à reserva indígena, e Maddok não é mais bem-recebido aqui. Meu pai acredita em tudo o que o pastor Mortmain diz, e minha irmã está sendo cortejada pelo filho dele, aquele Duthbert de cara descorada. Bran, o que lhe dizem de tudo isso das visões que você tem?

Davey lançou para Brandon um olhar de esguelha. Brandon olhou-o bem de frente.

– Tenho doze anos agora, Davey Não sou mais uma criança que vê coisas de criança.

Deixou Davey e levou a vaca para o abrigo, sentindo que negar suas visões fora um ato de traição.

Maddok apareceu no canto do abrigo.

– Meu pai vai ficar com você, para o caso de haver perigo. Devo segui-lo, mas não posso ser visto. Mas você conhece o jeito dos índios e me verá. Então, eu queria que você soubesse e não tivesse medo.

– Estou com medo — falou Brandon taxativamente.

– Se, pelo menos, chovesse — disse Maddok.

– Você conhece o tempo. Vai chover?

Maddok sacudiu a cabeça.

– O ar cheira a trovoada, mas não haverá nenhuma chuva durante toda esta lua. Há relâmpagos no ar, e isto mexe com a cabeça das pessoas. Como vai Zylle? E o bebê?

Agora, Brandon sorriu.

– Estão maravilhosos.

Durante as orações da família aquela noite os rostos dos Llawcae estavam sérios. Richard pediu sabedoria, prudência, chuva. Pediu fidelidade na amizade e coragem. E, outra vez, pediu chuva.

Os trovões continuavam a ribombar. A pesada noite estava sombria, com o calor dos relâmpagos. Mas não caiu uma só gota. As crianças não queriam falar com Brandon. Até Davey, com uma cara envergonhada, afastou-se. O sr. Mortmain colocou-se bem na frente de Brandon e disse:

– Existe Mal em sua casa. É melhor providenciar para que seja afastado.

Quando Brandon contou isso, Ritchie explodiu:

– O Mal está no próprio coração do sr. Mortmain.

O Mal se espalhava, como o terrível calor.

O pastor Mortmain chegou à noite à cabana dos Llawcae, acompanhado por seu filho, Duthbert, e por Goodman Higgins.

– Queremos falar com a índia.

– Minha esposa... — começou Ritchie a falar, mas seu pai o calou.

– É tarde para esta visita, pastor Mortmain — disse Richard. — Minha nora e o bebê já foram dormir.

– Então, devem ser acordados. É nossa intenção descobrir se a índia é cristã ou...

Zylle entrou na sala, carregando o filho.

– Ou o quê, pastor Mortmain?

Duthbert olhou para ela, e seus olhos eram cobiçosos.

Goodman Higgins perguntou-lhe, gentilmente:

– Acreditamos que seja cristã, Zylle. É verdade ou não?

– Sim, Goodman Higgins. Quando me casei com Ritchie, aceitei suas crenças.

– Embora fossem contrárias às crenças do seu povo? — perguntou o pastor Mortmain.

– Mas não são contrárias.

– Os índios são pagãos — disse Duthbert.

Por cima da cabeça do bebê, Zylle olhou para o rapaz descorado.

— Não sei o que significa pagão. Só sei que Jesus de Nazaré canta a verdadeira canção. Ele conhece as antigas harmonias.

O pastor Mortmain respirou fundo, de horror.

— Está dizendo que Nosso Senhor e Salvador canta! O que mais precisamos ouvir?

— Mas por que não deveria ele cantar? — perguntou Zylle. — As próprias estrelas cantam enquanto giram em sua dança celestial, cantam em louvor daquele que as criou. Na casa de encontro não cantamos hinos?

O pastor Mortmain fechou a cara para Zylle, para os Llawcae, para seu filho, que não conseguia tirar os olhos da beleza de Zylle, para Goodman Higgins,

— Isso é diferente. Você é uma pagã e não entende.

Zylle levantou a cabeça, com orgulho.

— As Escrituras dizem que Deus ama a todos os homens. Isto está nos Salmos. Ele ama meu povo da mesma forma como ama o senhor. Se não fizer isso, não será Deus.

Higgins alertou:

— Não deve blasfemar, minha filha.

— Por que está impedindo que a chuva caia? — perguntou o pastor Mortmain.

— Por que desejaria eu impedir a chuva de cair? Nosso milho sofre da mesma maneira que o de vocês. Rezamos pela chuva duas vezes por dia, de manhã e nas orações da noite.

— O gato — disse Duthbert. — E o que diz do gato?

— O gato é para manter os ratos longe da casa e do celeiro, como todos os gatos do povoado.

O pastor Mortmain disse:

— Goody Adams nos contou que o gato é para ajudar você a voar pelos ares.

A boca de Duthbert caiu um pouco, e Ritchie gritou, ultrajado. Mas Zylle, com um gesto, fez com que se calasse, e perguntou:

— Será que o seu gato o ajuda a voar pelos ares, pastor Mortmain? O meu também não. O dom de voar só é dado às pessoas mais sagradas, e sou apenas uma mulher como todas as outras.

— Pare, criança. — Ordenou Goodman Higgins — Antes que condene a si mesma.

— Você é uma índia de verdade? — perguntou o pastor Mortmain.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sou do Povo do Vento.

— Os índios não têm olhos azuis.

— Com certeza já deve ter ouvido falar da nossa lenda.

— Lenda?

— Sim. Mas acreditamos que seja uma história verdadeira. Meu pai também tem olhos azuis, e o meu irmão mais novo.

— Mentiras! — exclamou o pastor Mortmain. — Contar histórias é coisa do diabo.

Richard Llawcae deu um passo na direção da figura pequena e escura do sacerdote.

— Como é estranho que o senhor diga isso, pastor Mortmain. As Escrituras dizem que Jesus ensinava contando histórias. E *ele lhes falou muitas coisas, através de parábolas... e sem uma parábola ele não lhes falava*. Está no capítulo treze do Evangelho segundo Mateus.

O rosto do pastor Mortmain estava rígido.

— Acredito que essa índia seja uma feiticeira. E se é deve morrer como feiticeira. Isto também está nas Escrituras.

— Gesticulou na direção de Goodman Higgins e Duthbert.

— Nós nos encontraremos na igreja e tomaremos nossa decisão.

— E quem tomará a decisão? — perguntou Ritchie, sem se importar com a mão do pai, erguida numa advertência. — Todos os homens deste povoado, numa discussão justa, ou você, pastor Mortmain?

— Tenha cuidado — advertiu Goodman Higgins. — Tenha cuidado, Ritchie.

— David Higgins — disse Richard Llawcae —, nossas duas cabanas foram as primeiras do povoado. Você nos conhece há mais tempo do que qualquer outra pessoa aqui. Acredita que meu filho se casaria com uma feiticeira?

— Não se soubesse disso, Richard.

— Você estava aqui conosco nas noites em que os índios vinham ouvir nossas histórias, e nós ouvíamos as lendas deles, que combinavam com as nossas. Você viu como a lenda indígena e a galesa garantiam a paz entre nós e o Povo do Vento, não é verdade, David?

— Sim, é isso mesmo.

O pastor Mortmain interveio.

— Goodman Higgins me falou das histórias contadas antes do aborrecimento da leitura das Escrituras.

— As Escrituras nunca foram um aborrecimento para nós, pastor. Aqueles primeiros anos foram duros. Goody Higgins morreu no parto de Davey, e, depois da sua morte, numa semana, três dos filhos de David morreram de difteria e outro apenas um ano mais tarde, tossindo até perder a vida. Minha esposa perdeu quatro filhos pequenos, entre Richard e Brandon: um no parto, outros três ainda crianças. Éramos sustentados e fortalecidos pelas Escrituras naquela época, como ainda somos. Quanto às histórias, as noites de inverno eram longas e era uma maneira agradável de passar o tempo, enquanto trabalhávamos com nossas mãos.

Goodman Higgins mudou os pés de lugar, sem jeito.

— Não havia nenhum mal nas histórias, pastor Mortmain. Já lhe garanti isso.

— Talvez não para você — disse o pastor Mortmain. — Vamos.

Goodman Higgins não ergueu os olhos enquanto seguia o pastor Mortmain e Duthbert para fora da cabana.

Pesadelo. Brandon queria gritar, despertar, mas não estava dormindo, e o pesadelo acontecia de verdade. Quando terminou seus trabalhos diários, ele teve consciência de que Maddox estava ali, invisível, zelando por ele. Algumas vezes ouvia quando ele subia nos galhos de uma árvore, fazendo as folhas farfalharem. Outras vezes Maddok deixava que Brandon o visse rapidamente, atrás de um tronco de árvore, atrás do canto de um celeiro ou cabana. Mas, para onde quer que ele fosse, Maddok estava presente, e isto significava que os índios sabiam dos acontecimentos.

Um bebê no povoado morreu com uma grave virose, que sempre fora a causa principal de mortalidade de recém-nascidos durante os meses quentes, mas era tudo de que precisavam para declarar Zylle culpada.

O pastor Mortmain mandou buscar na cidade um homem que se dizia perito na descoberta

de bruxas. Ele já havia mandado muita gente para a forca.

— E por causa disso é considerado um especialista? — perguntou Ritchie.

O povoado crepitava de excitação. A impressão de Brandon era de que as pessoas estavam gostando daquilo. A filha de Eliggins caminhou pela rua poeirenta com Duthbert e não levantou os olhos, mas o filho do pastor Mortmain sorriu, e não era um sorriso amável. As pessoas se demoravam no vão das portas, olhando fixamente para o pastor Mortmain e para o especialista em feiticeiras, enquanto eles permaneciam em frente à igreja. Davey Eliggins ficou em sua cabana e não saiu, embora as outras crianças estivessem tão ansiosas quanto os pais para se unirem à caça às bruxas.

O pesadelo continuou quando o homem da cidade, que enforcara tanta gente, deu ao pastor Mortmain e aos anciãos da vila o seu veredito: não havia nenhuma dúvida, segundo sua maneira de ver, de que Zylle era uma bruxa.

Um suspiro de excitação, de horror, de prazer, percorreu a rua.

Aquela noite, quando Brandon foi para o pasto comum a fim de levar a vaca para casa, um dos outros meninos cuspiu no chão e se afastou. Davey Higgins, amarrando a corda na vaca dos Higgins, disse:

— É a vontade do Senhor que a bruxa morra.

— Zylle não é uma bruxa.

— Ela é uma pagã.

— É uma cristã. Melhor do que você.

— É uma bruxa condenada e amanhã eles a levarão pra a cadeia na cidade, mas ela voltará para cá, a fim de ser enforcada...

— Para nós todos podermos ver. — Um dos meninos lambeu os lábios, antegozando.

— Não! — gritou Brandon. — Não!

Davey interrompeu-o.

— É melhor você segurar sua língua, senão direi coisas a seu respeito que farão o pastor Mortmain condená-lo também como feiticeiro.

Brandon olhou para Davey bem de frente, enquanto os outros o instigavam a dizer.

Davey corou.

— Não. Não estava falando sério. Brandon é meu amigo. Não é culpa dele o fato de seu irmão ter se casado com uma bruxa.

— Como é que vocês puderam deixar que eles levassem embora Zylle e o bebê? — perguntou Brandon a Ritchie e a seus pais. — Como puderam!

— Filho — disse Richard Llawcae —, Zylle não está segura aqui com os ânimos tão exaltados. Há os que querem enforcá-la imediatamente. Seu irmão e eu vamos para a cidade amanhã para falar com as pessoas que conhecemos lá. Achamos que nos ajudarão.

Mas a febre da caça às bruxas estava forte demais. Não havia ajuda. Não havia racionalidade. Havia apenas pesadelo.

Goody Llawcae ficou na cidade para cuidar de Zylle e do bebê; isto foi permitido, mas não por bondade; havia os que temiam que Zylle pudesse tentar matar-se ou que pudesse acontecer algo que os impedisse de ver um enforcamento público.

Richard e Ritchie se recusaram a erguer a forca.

Evitando olhar nos olhos deles, Goodman Higgins suplicou:

– Não devem recusar-se a fazer isso; senão também serão acusados. Na cidade eles condenaram famílias inteiras.

Richard disse:

– Antigamente houve outro carpinteiro, e ele se recusaria a fazer isto. A ele eu seguirei.

Havia outros mais do que desejosos de construir uma força tosca. É mais fácil construir uma força do que uma casa, uma cama ou uma mesa.

A data para o enforcamento foi marcada.

Na véspera, Brandon foi tarde pegar a vaca no pasto, a fim de evitar os outros. Quando chegou ao celeiro, Maddok estava à sua espera lá, na sombra.

– Meu pai quer ver você.

– Quando? — perguntou Bran.

– Esta noite. Depois que os outros dormirem, será que você consegue escapar sem ser visto?

Bran assentiu com a cabeça.

– Você me ensinou como fazer isso. Eu irei. Significou muito para mim saber que você tem estado comigo.

– Somos amigos — disse Maddok, sem sorrir.

– Vai chover logo? — perguntou Brandon.

– Não. A não ser que as orações mudem as coisas.

– Vocês rezam todas as noites. Nós também.

– Sim. Nós rezamos — disse Maddok e deslizou silenciosamente para dentro do bosque. Na alta madrugada, antes do amanhecer, quando tinha certeza de que todos no povoado estariam dormindo, Brandon deixou a cabana e correu velozmente, como um jovem cervo, para dentro das sombras protetoras do bosque.

Maddok estava em pé na beira da floresta, à espera.

– Vamos. Conheço o caminho melhor do que você, na escuridão.

– Zillo sabe de tudo? Você contou a ele?

– Sim. Mas ele quer se encontrar com você.

– Por quê? Eu ainda sou só uma criança.

– Você tem o dom de enxergar.

Brandon estremeceu.

– Vamos — insistiu Maddok. — Meu pai está esperando. Viajaram rapidamente. Brandon seguiu Maddok, que ia à frente, através do riacho e das sombras escuras da floresta.

Zillo estava em pé na entrada da clareira dos índios. Maddok fez um sinal afirmativo com a cabeça para seu pai e depois desapareceu dentro da sombra.

– O senhor não deixará que aconteça, não é? — implorou Brandon. — Se fizerem mal a Zylle, Ritchie matará.

– Não deixaremos que aconteça.

– Os homens do povoado estão à espera da chegada dos índios. Têm armas. Estão fora de si e não vacilarão em atirar.

– Devem ser impedidos. Você tem visto alguma coisa de importante em alguma de suas visões?

- Tentei não ver nada. Tenho medo.
- Ninguém sabe que você está aqui?
- Só Maddok.

Zillo puxou uma esfera de metal polido de dentro de uma pequena bolsa e a estendeu para que pegasse a luz da lua tardia.

- O que você vê?

Hesitante, Brandon olhou-a.

- Será que é certo eu fazer isso, quando meu pai...

Os olhos de Zillo não tinham expressão.

– Cerquei esta ação de orações, durante o dia inteiro. Não deve ser o desejo de seu pai negar um dom dos deuses; e, neste momento, não temos ninguém na tribo com o dom da vidência.

Enquanto Brandon olhava, a luz na esfera de metal foi mudando, e ele viu nuvens que se movimentavam velozmente pelo céu, nuvens refletidas na água.

Sem tirar os olhos do metal, ele disse:

– Vejo um lago onde deveria estar o vale, um lago que já vi antes numa das minhas visões. É lindo.

Zillo fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Diz-se que havia um lago aqui, em tempos muito antigos. No vale, as pessoas descobriram pedras com espinhas de peixes dentro.

– O céu está ficando nublado — informou Brandon. — A chuva começa a cair, salpicando a água do lago.

- Não vê nenhum fogo?

- Antes vi fogo e tive medo. Agora, há apenas chuva.

A severidade do rosto de Zillo se reduziu perceptivelmente.

– Esta visão é boa. Agora vou lhe ensinar algumas palavras. Deve aprendê-las com muito cuidado e deve ter certeza de não as usar cedo demais. Apenas os filhos de olhos azuis do Povo do Vento aprendem essas palavras, e jamais, antes, foram dadas a alguém de fora da tribo. Mas eu as dou a você para salvação de Zylle. Na manhã da execução Zylle foi devolvida ao povoado. Tiraram dela o recém-nascido Brandon e o entregaram a Goody Llawcae.

– Ele é pequeno demais para ser desmamado — protestou Goody Llawcae. — Morrerá da virose.

- A bruxa não faria mal ao próprio filho — disse o pastor Mortmain.

Foram precisos seis dos homens mais fortes do povoado para segurar Ritchie e Richard.

- Amarrem as mãos da feiticeira — ordenou o homem da cidade.

- Farei isso — disse Goodman Higgins. — Estenda suas mãos, filha.

– Não a trate com gentileza, Higgins — advertiu o pastor Mortmain —, senão vamos pensar que também foi contaminado. Afinal, você ouviu as histórias deles.

Goody Llawcae, segurando o bebê em prantos, disse:

– Bebês vêm morrendo com essa febre de verão há anos, muito antes de Zylle vir morar conosco, e ninguém pensou em feitiçaria.

Murmúrios zangados vieram das pessoas ali reunidas.

- A bruxa fez outro bebê morrer. Vamos deixar o fedelho dela morrer também.

Ritchie, lutando compulsivamente, quase conseguiu soltar-se.

O pastor Mortmain disse:

– Quando a feiticeira morrer, você recuperará a razão. Estamos salvando-o do Mal.

As pessoas do povoado se aglomeraram em torno da forca, antegozando, de maneira horrorosa, o que aconteceria. Davey Higgins ficou na porta da sua cabana.

Goodman Higgins e o pastor Mortmain conduziram Zylle pelo espaço poeirento e a fizeram subir os degraus de madeira, até a forca.

Brandon pensou que seu coração sairia do peito de tanto bater. Sentiu uma presença a seu lado, e ali estava Maddok, e ele percebeu que o resto da tribo estava por perto.

– Agora — sussurrou Maddok.

E então Brandon gritou bem alto as palavras que Zillo lhe havia ensinado.

“Com Zylle nesta hora fatal
Chamo o Céu inteiro com seu poder
E o sol com seu brilho
E a neve com sua brancura
E o fogo com toda a força que tem
E o relâmpago com sua rápida ira...”

Trovoadas raramente aconteciam antes do fim da tarde. Mas, de repente, o céu foi fendido por um raio furioso, e a igreja sentiu o poder da sua força. A explosão do trovão foi quase simultânea. O céu escureceu, passando de um úmido azul para uma obscuridade sulfurosa. Chamas se agitaram de um lado para outro, no vão da porta da igreja.

Os índios avançaram até o povoado inteiro ter consciência da presença deles, silenciosa e ameaçadora. Vários homens ergueram suas armas. Quando Duthbert disparou, o relâmpago tornou a surgir e fez Duthbert cair esparramado, com uma longa queimadura no braço, e a bala da sua arma foi para o ar, inofensiva. As chamas rodearam o campanário da igreja.

Zillo pulou como uma mola através do largo e subiu os degraus da forca.

– Não usem as armas — ordenou —, senão os raios tornarão a cair. E, desta vez, para matar.

Duthbert gemia de dor.

– Baixem as armas... não atirem...

O rosto do pastor Mortmain estava contorcido.

– Vocês são bruxos, todos vocês, bruxos! O filho dos Llawcae tem com ele o demônio da moça índia e pode chamar os relâmpagos! Ele deve morrer!

Os índios se aproximaram mais. Maddok ficou ao lado de Brandon. E então Davey Higgins saiu da porta da sua cabana e ficou do outro lado de Brandon.

Ritchie se soltou das mãos dos homens que o seguravam e subiu correndo os degraus da forca.

– Povo da aldeia! — gritou. — Achem que todo poder é do demônio? O que acabamos de ver é a ira de Deus!

Deu as costas para a multidão e começou a desamarrar Zylle.

O estado de espírito das pessoas começou a mudar. Richard foi solto e atravessou o largo

poeirento, aproximando-se do pastor Mortmain.

— Sua igreja está queimando porque você tentou matar uma mulher inocente. Nossos amigos e vizinhos jamais teriam consentido nessa loucura se você não os aterrorizasse com o fogo e o enxofre.

Goodman Higgins afastou-se do pastor Mortmain.

— É isso mesmo. Os Llawcae sempre foram pessoas tementes a Deus.

Os índios se aproximaram mais.

Ritchie tinha um braço em torno de Zylle. Ele gritou novamente:

— Os índios sempre foram nossos amigos. É assim que retribuímos a amizade deles?

— Façam com que parem... — O pastor Mortmain estava sufocado. — Façam os índios pararem! Eles nos massacrarão... Façam com que parem...

Ritchie gritou:

— E por que deveríamos fazer isso? Quer que mostremos por vocês mais compaixão do que mostraram para conosco?

— Ritchie! — Zylle o encarou. — Você não é como o pastor Mortmain. Você tem um coração dentro do peito. Mostre a eles sua compaixão!

Zillo ergueu uma mão dominadora.

— Este Mal foi impedido. Enquanto nada disso voltar a acontecer, não precisam ter medo de nós. Mas não deve acontecer nunca mais.

Murmúrios de “Nunca, nunca, sentimos muito, nunca, nunca” vieram da multidão.

O pastor Mortmain gemeu:

— O fogo, o fogo, meu Deus, a igreja, a igreja está em chamas.

Ritchie conduziu Zylle pelos degraus da forca e a levou até a mãe, que colocou o bebê nos braços da nora. Brandon, em pé entre Maddok e Davey, observou quando as duas, o pai e o irmão viraram as costas para a igreja em chamas e atravessaram o largo, passando pelos vizinhos castigados, pelos índios vigilantes, e entraram em sua cabana. Ficou ali, com os pés enraizados no chão, como se não pudesse mover-se, enquanto as pessoas do povoado traziam ineficazes baldes de água para tentar controlar as chamas e impedir o fogo de se espalhar pelas cabanas em torno da igreja. Observou a queda do campanário, um campanário erguido mais para a glória do pastor Mortmain do que para a glória de Deus.

E então ele sentiu a chuva, uma chuva suave que cairia o dia inteiro e mergulharia no solo sedento, uma chuva que continuaria até as raízes mais profundas das plantas e das árvores terem chance de beber. Uma chuva que extinguiria o fogo antes que ele se espalhasse para qualquer das outras habitações.

Atrás dos três meninos o Povo do Vento estava de pé, em silêncio, observando, enquanto as pessoas iam devagar para dentro das suas cabanas. Quando não havia mais ninguém, a não ser eles, junto ao cadafalso vazio, Zillo gritou uma ordem imperiosa, e os índios rapidamente desmantelaram a mal construída plataforma e a forca, jogaram a madeira nos fumegantes restos da igreja e foram embora, em silêncio. O horror estava terminado, mas nada seria o mesmo outra vez.

Quando Brandon e Maddok entraram na cabana dos Llawcae, Zillo estava lá, segurando o bebê. A chaleira fervia, e Goody Llawcae servia chá de ervas “para nos acalmar”.

— Estou zangado. — Ritchie olhou por cima de Brandon na direção da mãe. — Suas ervas

não acabarão com minha raiva.

— Você tem motivos para estar zangado — disse seu pai. — Raiva não é amargura. A amargura pode continuar roendo o coração e a mente de um homem para sempre. A raiva se acaba dentro de algum tempo. O pequeno Brandon ajudará a aliviar a raiva.

Zillo entregou o bebê a Ritchie, que pegou o filho e o segurou contra seu ombro forte. Ritchie olhou então para seu irmão.

— Onde você aprendeu aquelas palavras que gritou exatamente antes da tempestade?

— Zillo me ensinou.

— Quando?

— A noite passada. Ele mandou me chamar.

Zillo mirou Richard e Ritchie com seus olhos insondáveis.

— Ele é um bom rapaz, o mais novo.

Richard Llawcae retribuiu o olhar de Zillo e pôs seus braços de leve em torno dos ombros de Brandon.

— Os caminhos do Senhor são misteriosos e não precisamos entendê-los. Seus caminhos nem sempre são os nossos caminhos... embora desejássemos. Não precisamos entender os dons de Brandon, apenas saber que lhe foram dados por Deus. — Virou-se para a Bíblia e folheou as páginas até encontrar o trecho que queria. — O Senhor é fiel, que vos confirmará, e guardará do maligno. Ora o Senhor encaminhe os vossos corações no amor de Deus. Ora, o mesmo Senhor da paz vos dê sempre paz de toda a maneira.

Brandon, exausto pela falta de sono, pelo terror e pela tensão, baixou a cabeça entre os braços e deslizou para o sono, ouvindo apenas pela metade quando Ritchie disse que não poderia continuar a viver no povoado. Levaria Zylle e o bebê para Gales, onde iniciariam uma nova vida...O mundo ficou sombrio para Brandon, quando Ritchie, Zylle e o bebê partiram.

Um dia, enquanto cumpria suas tarefas, Maddok apareceu, ajudou-o em silêncio, e depois, juntos, atravessaram o bosque na direção da reserva dos índios.

Embaixo dos grandes galhos umbrosos de um carvalho Maddok parou. Olhou demoradamente para Brandon.

— Zylle com certeza vai embora com Ritchie.

Brandon olhou para Maddok e depois para o chão.

— E com certeza eu e você vamos nos tornar irmãos. Meu pai realizará a cerimônia esta noite e você fará parte do Povo do Vento.

Uma centelha da antiga luz apareceu no rosto de Brandon.

— Então ninguém poderá nos separar.

— Ninguém. E talvez você se case com uma moça do Povo do Vento. E talvez nossos filhos se casem, de modo que nossas famílias fiquem unidas até a eternidade.

Brandon estendeu as mãos para as de Maddok.

— Até a eternidade — disse.

SETE - Os ventos com sua rapidez

E Charles Wallace estava no lombo de Gaudior.

— Já li sobre os julgamentos de Salem., claro — divagou ele, em voz alta. — Será que... Ah, Gaudior, será que outros planetas têm o mesmo tipo de horror que o nosso?

— Há horrores para onde quer que vão os Echthroi.

— Brandon é mais novo do que eu. E, no entanto... eu me pareço com Brandon? Ou ele se parece comigo?

— Não creio que você fosse aceito por um hospedeiro estranho ao que você é... Gwydyr, por exemplo.

— Detesto pensar que causei tanta dor a Brandon...

— Não assuma um excesso de responsabilidade — avisou Gaudior. — Não sabemos o que aconteceria se você não estivesse Dentro de Brandon.

— O que aprendemos Dentro? É um triângulo estranho: Gales e aqui; Gales e Vespúgia; Vespúgia e aqui. Está tudo interligado, e temos de descobrir as ligações... ah! — Afastou-se de Gaudior, com um surpreso relâmpago de compreensão.

— Que foi, agora?

A voz de Charles Wallace estava alta com a excitação.

— Quando Madoc é soletrado à maneira galesa, é Madog! Entende?

Gaudior soprou uma pequena bolha.

— Madog. Mad Dog. Cão Raivoso. É uma brincadeira com as palavras. Cão Raivoso Branzillo pode realmente ser Madog. El Rabioso. Mad Dog. É um trocadilho horroroso. Madoc, para Madog, para Mad Dog.

O unicórnio olhou para baixo do seu nariz comprido.

— Talvez você tenha mesmo descoberto alguma coisa.

— Então, há outra ligação! Gaudior, temos de ir à Patagônia, a Vespúgia. Entendo que não é fácil para os unicórnios se movimentarem juntos no tempo e no espaço, mas você precisa tentar.

Gaudior ergueu suas asas e as esticou para cima, na direção do céu.

— Na última vez que demos direções explícitas ao vento, viu o que aconteceu?

— Não chegamos a 1865. Mas aprendemos coisas importantes sobre os descendentes de Madoc.

— Você só se lembra disso? — O unicórnio fechou suas asas.

— Está no livro de Matthew Maddox...

— De uma forma ou de outra — disse Gaudior —, estamos chegando, às tontas, cada vez mais perto do Poderia-Ter-Sido que os Echthroi não querem que a gente alcance e, quanto mais perto chegarmos, mais eles tentarão impedir-nos. Você já mudou pequenas coisas, e eles estão zangados.

— O que eu mudei?

— Não sabe?

Charles Wallace curvou a cabeça.

— Tentei impedir Harcells de ver o comportamento de outros homens.

– E...

– Zylle... tentei impedir que a enforcassem. Será que ela seria enforcada... sem a runa?

– Há muitas coisas que os unicórnios não sentem necessidade de saber.

– E há algumas coisas que precisamos saber para fazer o que a sra. O’Keefe me pediu. — Por um instante, lembrando a mãe de Calvin, ele teve uma expressão de espanto. — Como é estranho que isso tenha vindo da sra. O’Keefe... essa incumbência. E a runa.

– Isso deveria ensinar a você alguma coisa.

– E ensina. Aprendo que temos de ir a Vespúgia para descobrir qual a ligação entre mamãe O’Keefe e Cão Raivoso Branzillo.

A luz no chifre de Gaudior piscou rapidamente.

– Eu sei... — Charles Wallace acariciou o pescoço do unicórnio. — Os Echthroi quase nos pegaram quando pretendíamos, em nosso próprio Onde, chegar a 1865. Talvez seja preciso deixar a pedra de espiar estrelas e partir para a Patagônia em 1865, quando o grupo galês chegou lá. Talvez eles tenham encontrado os descendentes de Gwydyr. Acho que não temos outra escolha agora, a não ser ir para a Patagônia.

– Eles podem atacar a gente de novo. — O relincho ansioso de Gaudior transformou-se em estilhaços prateados.

– Talvez seja uma boa ideia você se amarrar em mim. Se os Echthroi tornarem a arrancá-lo das minhas costas, é pouco provável que eu consiga pegá-lo outra vez.

Charles Wallace olhou atentamente em torno de si e não viu nada a não ser o bosque, a pedra, o vale, as montanhas além. Depois, disse:

– Já sei! — Deslizou das costas de Gaudior para a pedra. — Eu me esqueci de levar a rede para dentro, este outono. Meg geralmente faz isso. Ela fica a apenas alguns metros de distância daqui, na trilha, presa entre duas velhas macieiras. É uma rede de cordas tecidas e é pendurada por uma corda de varal boa e forte, da General Store de Mortmain... Mortmain! Gaudior, será que...

– Não temos tempo para suposições — avisou Gaudior.

– Amarre-se em mim.

Charles Wallace correu pela trilha, com o unicórnio atrás dele, saltitando delicadamente, enquanto galhos de amora-preta atravessavam a trilha e batiam com força em seu couro prateado.

– Aqui estamos. Mamãe gosta que a rede fique bem longe da casa, para ela não poder ouvir o telefone tocando.

Ele começou a desamarrar uma extremidade da rede. Os galhos das macieiras estavam sem folhas, mas umas poucas maçãs murchas ainda pendiam dos galhos mais altos, descoradas. A terra em torno das árvores e embaixo da rede cheirava a vinagre de cidra e a folhas secas.

— Faça isso depressa, mas com calma — advertiu Gaudior, enquanto os dedos trêmulos de Charles Wallace se atrapalhavam com os nós. O ar estava frio e o unicórnio curvou seu pescoço para poder respirar em cima dos dedos de Charles Wallace, a fim de aquecê-los. — Só pense em desamarrar os nós. Os Echthroi estão perto.

Aquecidos pela respiração do unicórnio, os dedos do menino começaram a perder rigidez, e ele conseguiu desamarrar o primeiro nó. Dois nós mais e uma extremidade da rede caiu no chão coberto de folhas. Charles Wallace foi para a segunda árvore, onde a rede parecia presa

no tronco retorcido com uma firmeza ainda maior. Ele trabalhou em silêncio até a rede se soltar.

– Ajoelhe-se — disse ele ao unicórnio.

Charles Wallace arrastou uma extremidade da rede para baixo do unicórnio, de modo que a pesada faixa de tecido ficou sob a grande barriga de Gaudior. Com dificuldade, conseguiu atirar a corda por cima dos flancos de Gaudior. Trepou nas costas do unicórnio e amarrou a corda, bem presa, em torno da sua cintura.

– Que bom que mamãe usa sempre corda suficiente para cinco redes.

Gaudior relinchou.

– Você está bem-amarrado?

– Acho que sim. Os gêmeos me ensinaram a dar nós.

– Segure-se também em minha crina.

– Já estou segurando.

– Não gosto disso — protestou Gaudior. — Tem certeza de que é preciso tentar ir à Patagônia?

– Acho que é o que precisamos fazer.

– Estou preocupado. — Mas Gaudior começou a correr, até alcançar velocidade suficiente para se lançar ao ar. O ataque veio quase imediatamente, com Echthroi cercando menino e unicórnio. As mãos de Charles Wallace foram arrancadas da crina de Gaudior. Mas a corda se manteve firme. Ele ficou sem poder respirar e suas pálpebras foram fechadas com força contra seus olhos, pelo vento explosivo, mas os Echthroi não conseguiram arrancá-lo das costas do unicórnio. A corda ficou esticada e gemeu, mas os nós continuaram firmes.

A respiração de Gaudior vinha em raias prateadas. Ele dobrara as asas em seus flancos para impedir o vento dos Echthroi de quebrá-las. Menino e unicórnio foram atirados através do interminável tempo e espaço.

Um vento frio e fedorento os apanhou, e eles foram jogados para baixo com uma violência sobre a qual o unicórnio não tinha nenhum controle. Sem qualquer amparo, desceram na direção de uma vasta escuridão.

Caíram.

Bateram com tal impacto em alguma coisa que Charles Wallace pensou, de relance, pouco antes de perder a consciência, que os Echthroi os haviam atirado contra uma pedra e que aquilo era o fim.

Mas a descida continuou. Cada vez mais para baixo, mais para dentro da escuridão e do frio. Uma sensação de estrangulamento, um louco tinido nos ouvidos. Depois, pareceu que ele se levantava cada vez mais, e a luz atingiu seus olhos fechados com a força de uma pancada, e um ar claro e frio correu para dentro dos seus pulmões.

Era água, e não pedra, o lugar onde haviam sido atirados.

– Gaudior! — gritou ele, mas o unicórnio flutuava todo mole na superfície da escuridão, meio de lado, de modo que uma das pernas de Charles ainda estava na água.

O menino se curvou sobre o grande pescoço. Nenhuma respiração saía das narinas prateadas. Não havia nenhuma elevação e queda do peito, nenhuma batida de coração.

– Gaudior! — gritou ele, angustiado. — Você não pode estar morto! Gaudior!

Mesmo assim o unicórnio flutuava todo mole e pequenas ondas passavam sobre sua cara.

— Gaudior! — Charles Wallace batia no corpo imóvel com toda a sua força. A *runa*, ele pensou, descontrolado, *a runa...*

Mas nenhuma outra palavra saía da sua boca a não ser o nome do unicórnio.

— Gaudior! Gaudior!

Um tremor agitou o corpo prateado e então a respiração de Gaudior saiu rugindo de dentro dele, como um órgão com todos os registros puxados para fora. Charles Wallace soluçou de alívio. O unicórnio abriu os olhos, que de início estavam vidrados, depois clarearam e brilharam como diamantes. Ele começou a caminhar em cima da água.

— Onde estamos?

Charles Wallace curvou-se sobre o belo corpo, acariciando pescoço e crina, num êxtase de alívio.

— No meio de um oceano.

— Que oceano? — perguntou teimosamente Gaudior.

— Não sei.

— É seu planeta. Você deveria saber.

— É meu planeta? — perguntou Charles Wallace. — Os Echthroi nos pegaram. Tem certeza de que não estamos numa Projeção?

Unicórnio e menino olharam em torno. A água se estendia até o horizonte por todos os lados. Acima deles, o céu estava claro, com algumas poucas nuvens pequenas.

— Não é uma Projeção. — Gaudior relinchou. — Mas podemos estar em qualquer parte da Criação, em qualquer planeta, em qualquer galáxia que tenha ar com oxigênio e bastante água. Este lhe parece um oceano comum da Terra? — Ele sacudiu a cabeça e borrifos de água foram lançados da sua crina. — Ainda não estou pensando claramente... — Respirou aos sorvos, depois vomitou uma grande quantidade de água salgada. — Bebi metade deste oceano.

— Parece um oceano comum — disse Charles Wallace, numa tentativa de acertar — e parece ser inverno. — Seu anoraque encharcado estava grudado ao seu corpo, em dobras. Suas botas estavam cheias de água, que batia gelada em seus pés. — Olhe! — Apontou para a frente, onde estava um grande penhasco de gelo, projetando-se da água. — Um iceberg.

— Em que direção fica a terra?

— Gaudior, se nem sabemos em que galáxia ou planeta estamos, como espera que eu saiba onde está a terra?

Com dificuldade Gaudior estendeu suas asas até sua plena extensão, de modo que elas derramaram água em grandes cascatas, esparramando-se ruidosamente em cima das ondas. Suas pernas se agitavam, num esforço imenso para ele se manter flutuando.

— Pode voar? — perguntou Charles Wallace.

— Minhas asas estão ensopadas.

— Não pode chamar o vento do lugar onde estamos?

Um estremecimento percorreu os flancos do unicórnio.

— Ainda estou meio sem fôlego... o vento... o vento... batemos na água com tanta força que é um milagre nossos ossos não estarem quebrados. O vento deve ter amortecido nossa queda. Você ainda está amarrado?

— Sim, senão eu não estaria aqui. Pergunte ao vento, por favor.

— Ao vento... o vento... o vento... — Outra vez, Gaudior sacudiu água das asas. Abriu a

boca, em seu gesto característico de beber, engoliu o vento frio e claro, com seus lábios puxados para trás, revelando os dentes de aspecto perigoso. Fechou os olhos, e seus longos cílios ficaram escuros contra a sua pele, que empalidecera até ficar da cor do luar. Abriu os olhos e cuspiu uma grande fonte de água. — Mas em que galáxia...

– Onde estamos?

– Em sua própria galáxia, em seu próprio sistema solar, em seu próprio planeta. Em seu próprio Onde.

– Quer dizer que este é o lugar da pedra de espiar estrelas? Só que está coberta por um oceano?

– Sim. E o vento diz que é o meio do verão.

Charles Wallace olhou para o iceberg.

– É bom que seja verão, senão estaríamos mortos com o frio. E, verão ou não, morreremos de frio, se não sairmos da água e chegarmos a terra, e logo.

Gaudior suspirou.

– Minhas asas ainda estão pesadas com a água, e minhas pernas estão ficando cansadas.

Uma onda os atingiu. Charles Wallace engoliu uma boa quantidade de água salgada e sufocou; tossiu dolorosamente. Seus pulmões doíam por causa do castigo do vento dos Echthroi e do frio do mar. Ele estava desesperadamente sonolento. Pensou nos viajantes perdidos num nevoeiro; no final, tudo o que eles queriam era se deitar na neve e dormir. Mas se dormissem nunca mais acordariam.. Lutou para manter os olhos abertos, mas o esforço parecia não valer a pena.

As pernas de Gaudior se movimentavam cada vez mais devagar. Quando a próxima onda passou por cima deles, o unicórnio não voltou à superfície.

Quando água e escuridão se uniram para apagar a consciência de Charles Wallace, ele ouviu um tinido em seus ouvidos e, através do tinido, uma voz gritando:

– A rima, Chuck! Diga! Diga a rima!

Mas o peso da água salgada o fez desmaiar.

Os ganidos frenéticos de Ananda acordaram Meg.

– Diga, Charles! — exclamou ela, sentando-se imediatamente na cama.

Ananda tornou a ganir e depois deu um latido agudo.

– Não tenho certeza se me lembro das palavras... — Meg pressionou ambas as mãos na cadelas e gritou:

“Com Ananda nesta hora fatal

Coloco o Céu inteiro com seu poder

E o sol com seu brilho

E a neve com sua brancura

E o fogo com toda a força que tem

E o relâmpago com sua rápida ira,

E os ventos com sua velocidade ao longo do seu caminho...”

O vento começou a soprar e as ondas de crista espumosa transformaram-se em ondas de arrebatção que seguiam rolando, e o unicórnio e o menino foram levantados para a

superfície da água, apanhados por uma onda e carregados para a frente, pelo mar gelado, até serem atirados nas areias brancas da terra firme.

OITO - O mar com sua profundez

O unicórnio e o menino vomitaram água do mar e lutaram para respirar, com os pulmões doendo como se houvessem sido cortados por facas. Estavam abrigados do vento por um iceberg sobre o qual o sol jorrava de tal maneira que a água caía em cascatas, formando pequenos riachos. O calor do sol, que derretia o gelo, também aqueceu seus corpos encharcados e começou a secar as asas do unicórnio. Aos poucos, o sangue começava a correr normalmente, e os dois passaram a respirar sem ficarem sufocados pela água salgada.

Como era menor e mais leve (e bilhões de anos mais jovem, como Gaudior comentou mais tarde), Charles Wallace recuperou-se primeiro. Conseguiu retorcer-se e sair do anoraque ainda encharcado, que jogou na areia molhada. Depois, com dificuldade, chutou as botas, descalçando-as. Olhou para as cordas que ainda o prendiam ao unicórnio: os nós foram puxados para ficar bem apertados, e a corda, àquela altura, estava tão empapada que era impossível desamarrar-se inteiramente. Exausto, ele se curvou sobre o pescoço de Gaudior e sentiu o sol curativo enviar os raios para dentro do corpo, profundamente. Aquecido e tranquilizado, com o nariz pressionado contra a crina molhada do unicórnio, Charles caiu no sono, um sono profundo que renovava a vida.

Ao acordar, Gaudior esticou as asas para pegarem o sol. Algumas gotas de água ainda estavam presas, mas o unicórnio já podia dobrá-las com facilidade.

— Gaudior — começou Charles Wallace a dizer, e então bocejou.

— Enquanto você estava dormindo — repreendeu-o brandamente o unicórnio — andei consultando o vento. Dê graças à Música por estarmos no Quando do degelo. Se não fosse assim, já teríamos morrido. — Ele também bocejou.

— Os unicórnios dormem? — perguntou Charles Wallace.

— Nunca precisei dormir em éons.

— Minha disposição é para tirar um cochilo, Gaudior. Desculpe.

— Por que o pedido de desculpas?

— Por fazer você tentar nos levar à Patagônia. Se eu não tivesse feito isso, talvez não fôssemos quase mortos pelos Echthrois.

— Desculpas aceitas — disse Gaudior energicamente. — Você aprendeu a lição?

— Aprendi que todas as vezes que tentei controlar as coisas tivemos problemas. Não sei o que devemos fazer agora, ou Onde ou Quando devemos ir, partindo daqui. Simplesmente, não sei.

Gaudior virou sua grande cabeça para olhar o menino.

— Acho que nosso próximo passo é desamarrar todos esses nós.

Charles Wallace passou os dedos pela corda.

— Os nós estão todos meio soldados juntos, por causa do vento, da água e do sol. Não sou capaz de desamarrá-los.

Gaudior contorcia-se contra a pressão das cordas.

— Parecem ter encolhido. Estou muito desconfortável.

Depois de uma inútil tentativa com o nó que parecia mais maleável, Charles Wallace desistiu.

– Preciso encontrar alguma coisa para cortar a corda.

Gaudior trotou devagar para cima e para baixo da praia.

Havia conchas, mas nenhuma suficientemente pontiaguda. Viram alguns pedaços de madeira apodrecida, algumas águas-vivas irisadas e bolos de sargaços. Não havia garrafas quebradas, latas ou outros sinais de presença humana, e, embora Charles Wallace em geral ficasse horrorizado com o lixo humano e o abuso contra a natureza, descobriria alegremente alguma garrafa de cerveja quebrada.

Gaudior virou-se na direção da terra, contornou a beira do iceberg, movimentando-se em cima de areia escorregadia e cheia de riachos do gelo derretido.

– Isso é absurdo. Depois de tudo por que passamos, quem pensaria que eu acabaria parecendo um centauro, com você permanentemente preso às minhas costas?

Mas ele continuou lutando, até ficar em pé na grande plataforma de gelo.

– Veja! — Charles Wallace apontou para um aglomerado de plantas prateadas, com longos espigões, que tinham os lados denteados. — Acha que poderia cortar um daqueles com os dentes para eu poder serrar a corda com ele?

Gaudior passou pelas poças, provocando respingos, baixou a cabeça e cortou um dos espigões tão perto da raiz quanto permitiram seus grandes dentes. Segurando-o com a boca, ele torceu a cabeça até Charles Wallace, que fazia tanta força que a corda quase cortou sua respiração, conseguir tirá-lo dos dentes do unicórnio.

Gaudior franziu os lábios com desagrado.

– É repelente. Cuidado, agora. Couro de unicórnio não é tão forte quanto parece.

– Pare de se mexer.

– Faz cócegas. — Gaudior atirava a cabeça de um lado para outro com um riso incontrolável e agoniado. — Depressa.

– Se me apressar, vou cortar você. Já está terminando. — Ele movimentava a serra vegetal para a frente e para trás com cuidadosa concentração e, afinal, uma das cordas se partiu. — Terei de cortar mais uma, do outro lado. Mas agora o pior já passou.

Quando a segunda corda foi cortada, Charles Wallace continuava amarrado ao unicórnio, e a planta se tornara mole e inútil.

– Pode cortar outro espigão?

Gaudior cortou e fez uma careta.

– Nada precisa ter um gosto tão ruim assim. Mas, na verdade, não estou acostumado com nenhum tipo de comida, a não ser a luz das estrelas e da lua.

Finalmente, as cordas foram rompidas, e Charles Wallace deslizou para a superfície do iceberg. Gaudior foi atacado por um acesso de espirros e o resto da água do mar jorrou do seu nariz e da sua boca. Charles Wallace olhou para o unicórnio e prendeu a respiração, horrorizado. Onde as cordas haviam cruzado seus flancos havia vergões vermelhos, chocantes, em cima do couro prateado. Toda a área abdominal, onde a trama da rede se esfregara, estava em carne viva e sangrando. A água que jorrara das narinas de Gaudior era rosada.

O unicórnio, por sua vez, examinou o menino.

– Você não está nada bem — declarou taxativamente. — Não tem a possibilidade de ir para Dentro nesta condição. Só machucaria seu hospedeiro.

– Você também não está nada bem — respondeu Charles Wallace.

Ele olhou para suas mãos, e as palmas estavam tão esfoladas quanto a barriga de Gaudior. Onde o anoraque e sua camisa tinham saído do lugar, a corda cortara sua cintura, como cortara os flancos de Gaudior.

— E seus olhos estão pretos — informou-lhe o unicórnio. — É um milagre que consiga enxergar alguma coisa.

Charles Wallace envesgou os olhos, primeiro um, depois o outro.

— As coisas parecem meio borradas — confessou.

Gaudior sacudiu algumas poucas últimas gotas das suas asas.

— Não podemos ficar aqui, e você não pode ir para Dentro agora, é óbvio.

Charles olhou para o sol, que se movimentava na direção do Oeste.

— Vai esfriar quando o sol baixar. E não parece haver nenhum sinal de vida. E nada para comer.

Gaudior dobrou as asas em cima dos olhos e pareceu meditar. Depois, fez as asas voltarem para os flancos ensanguentados.

— Não entendo o tempo da Terra.

— O que tem a ver com isso?

— O tempo é essencial, e ambos sabemos disso. No entanto, levará semanas, senão meses, para nos curarmos.

Quando o unicórnio o olhou fixamente, como se esperasse uma resposta, Charles Wallace baixou os olhos para uma poça no gelo.

— Não tenho nenhuma sugestão a fazer.

— Estamos ambos exaustos. O único lugar para onde posso levar você, sem medo dos Echthroi, é minha casa. Nenhum mortal esteve lá, jamais, e não tenho certeza de que devo levá-lo, mas é o único caminho que vejo para nós. — O unicórnio atirou para trás sua crina, de modo que ela roçou contra o rosto machucado do menino com um frescor de prata. — Passei a gostar muito de você, apesar de toda a sua tolice.

Charles Wallace abraçou o unicórnio.

— Eu também gosto de você.

Com as juntas rangendo de dor, Gaudior se ajoelhou. O menino subiu para as costas dele, encolhendo-se quando, inevitavelmente, tocava os vergões vermelhos que desfiguravam os flancos do animal.

— Desculpe. Não quero machucar você.

Gaudior relinchou baixinho.

— Sei que não quer.

O menino estava tão exausto que mal teve consciência do voo. As estrelas e o tempo rodopiavam em torno dele, e suas pálpebras começaram a cair.

— Acorde! — ordenou Gaudior, e ele abriu os olhos para um mundo de beleza, iluminado pelas estrelas. O borrão em sua vista havia clareado e ele olhou, cheio de reverência, para uma terra de neve e gelo; mas não sentia frio, apenas a ternura de uma brisa leve, que tocava em seus cortes e machucados com uma suavidade curativa. No céu violeta estava pendurada uma lua em forma de foice, e outra lua menor, mais alta, quase cheia. Em planaltos cobertos de neve, montanhas se elevavam em direção ao céu. Numa reentrância, na base de uma das montanhas, ele viu o que parecia ser uma pilha de ovos enormes.

Gaudior acompanhou o olhar.

- Os terrenos onde os ovos são chocados. Nunca outros olhos humanos viram isso.
- Não sabia que unicórnios vêm de ovos — disse o menino, com um ar de surpresa.
- Nem todos — respondeu Gaudior, num tom casual. — Só os que viajam no tempo. —

Aspirou uma grande quantidade de luar e depois perguntou: — Você não está com sede?

Os lábios de Charles Wallace estavam gretados e doíam. Sua boca estava ressecada. Olhou nostalgicamente para o luar e, numa tentativa, abriu a boca para ele. Sentiu um toque fresco e curativo em seus lábios, mas, quando tentou engolir, sufocou.

– Eu me esqueci — disse Gaudior. — Você é humano. Em meu contentamento por chegar em casa esqueci isso. — Ele saiu a meio galope para a base de uma das montanhas e voltou com um longo e comprido pingente de gelo, cuidadosamente preso entre os dentes. — Chupe isso devagar. Pode doer no começo, mas tem propriedades curativas.

As gotas frias desceram pingando suavemente pela garganta ressecada do menino, como raios de luar, e, ao mesmo tempo, aliviavam o ardor e aqueciam seu corpo frio. Ele se concentrou inteiramente na lua em forma de alfange e, quando terminou de ingerir as últimas gotas curativas, virou-se para agradecer a Gaudior.

O unicórnio estava rolando na neve, com as pernas para o ar, rolava sem parar, soltando grunhidos de puro prazer. Depois, levantou-se e sacudiu-se, atirando respingos de neve para todas as direções. Os vergões vermelhos haviam desaparecido; seu couro estava macio e brilhava, perfeito. Ele olhou para os pontos que doíam na cintura e nas mãos de Charles Wallace.

– Role, da maneira como fiz — ordenou.

Charles Wallace se atirou na neve, que não se parecia com nenhuma outra com que já estivera em contato, algum dia; cada floco era separado e causava uma espécie de prurido; eram frios, mas não gélidos, e ele sentiu a cura se movimentar não apenas sobre as esfoladuras causadas pela corda, mas, profundamente, dentro dos seus músculos doloridos. Rolou repetidas vezes, rindo de satisfação. Depois, veio um momento em que ele percebeu que estava inteiramente curado, e se levantou com um pulo.

– Gaudior, onde estão todos? Todos os outros unicórnios?

– Só os viajantes no tempo vêm para o local de chocar os ovos e durante a passagem da pequena lua podem cuidar de outros assuntos, pois a pequena lua lança seu calor sobre os ovos. Trouxe você aqui, para este lugar e com essa lua, para ficarmos sozinhos.

– Mas por que deveríamos ficar sozinhos?

– Se os outros virem você, terão medo de que faça mal aos ovos.

A cabeça de Charles Wallace mal chegava à metade das ancas do unicórnio.

– Criaturas do seu tamanho teriam medo de mim?

– O tamanho não conta. Há minúsculos vírus que causam morte.

– Você não poderia dizer a eles que não sou um vírus e que não causei morte?

Gaudior soprou uma rajada de ar.

– Alguns deles pensam que a humanidade causa a morte.

Charles Wallace também suspirou e não respondeu.

Gaudior esfregou o focinho em seu ombro.

– Aqueles entre nós que já viajaram pelas galáxias sabem que esse pensamento é tolice. É

sempre fácil culpar os outros. E aprendi, com você, que muitos dos meus preconceitos com relação aos mortais estavam errados. Você está pronto?

Charles Wallace estendeu as mãos para o unicórnio.

— Será que posso ver um dos ovos se partir?

— Só estarão prontos para isso quando nascer a terceira lua, a não ser... — Gaudior movimentou-se mais para perto da ninhada, na qual cada ovo tinha o comprimento quase igual à altura de Charles. — Espere... — O unicórnio trotou para o grande montão globular, que brilhava com uma luminosidade interior, como se fosse formado por gigantescas selenitas. Gaudior baixou seu pescoço curvo para sua crina roçar suavemente sobre a superfície das cascas. Com os dentes de cima bateu de leve num dos ovos e ficou à escuta, inclinando as orelhas, cujos curtos pelos estavam em pé e tremiam como antenas. Depois de um instante ele se movimentou para outra casca e depois para mais outra, pacientemente, até bater numa casca duas, três vezes, e então recuar e fazer um sinal com a cabeça para o menino.

Aquele ovo parecia ter rolado um pouquinho para longe dos outros e, enquanto Charles Wallace observava, ele tremeu e rolou para ainda mais longe. De dentro da casca veio o som de batidas, e o ovo começou a brilhar. As batidas se aceleraram e a casca ficou tão brilhante que o menino mal conseguia olhá-la. Um estalo forte e um relâmpago de brilho, enquanto o chifre empurrava para cima e para fora, dentro do ar perolado, seguido por uma cabeça com a crina prateada grudada, úmida, no pescoço e na testa. Olhos com cílios escuros e prateados se abriram vagarosamente e o bebê unicórnio olhou em torno, os olhos refletindo a luz das luas, enquanto ele espiava seu ambiente inteiramente novo. Depois, contorceu-se e partiu o resto da casca. Quando os fragmentos do ovo caíram no chão coberto de neve, quebraram-se em milhares de flocos, e a casca se uniu à neve.

O bebê unicórnio ficou em pé, com suas pernas novas e cambaleantes, relinchando com um suave som que era um raio de luar, até conseguir equilibrar-se. Mais ou menos da altura de Charles Wallace, ele ficou ali testando, primeiro, um casco dianteiro, depois, outro, e dando coices com as pernas traseiras. Sob o testemunho de Charles Wallace, perdido em seu encantamento, o bebê unicórnio dançou sob a luz das duas luas.

E então ele viu Gaudior e se aproximou, saltitando, do grande unicórnio. Baixando de leve o chifre, ele poderia passar correndo debaixo do animal já adulto.

Gaudior acariciou com o focinho a cabeça do pequeno, exatamente embaixo do chifre. Outra vez o bebê saltitou com prazer, e Gaudior começou a dançar com ele, conduzindo o recém-nascido em passos cada vez mais complicados. Quando o bebê começou a ficar cansado, Gaudior reduziu os movimentos da dança, levantou a cabeça para a lua em forma de alfanje, repuxou os lábios, num gesto exagerado, e engoliu luar.

Assim como o bebê o seguiu nos passos da dança, agora o imitou tentando ansiosamente beber luar, mas os raios escapavam dos seus lábios jovens e inexperientes e se quebravam em cima da neve como cristal. Outra vez ele tentou, olhando para Gaudior, até que, cheio de sede, mas de forma educada, engoliu a luz que caía da curva da lua.

Gaudior virou-se para a lua quase cheia e, outra vez, com gestos exagerados, ensinou o pequeno a beber. Quando seus flancos tremeram de tão cheios, Gaudior voltou-se para a estrela mais próxima e mostrou a ele os prazeres de terminar uma refeição matando a sede com a luz das estrelas. O pequeno bebeu satisfeito, depois fechou a boca, cujos dentes minúsculos

apareciam; e, já bem-alimentado, recostou-se em Gaudior.

Só então ele notou a presença de Charles Wallace. Deu um pulo de espanto, aterrissou sobre as quatro pernas finas e compridas, guinchou de terror e foi embora a galope, com a cauda soltando atrás dela um rio de prata.

Charles Wallace espiou a criaturinha desaparecer no horizonte.

– Desculpe por tê-lo assustado. Será que ele ficará bem?

Gaudior fez um sinal afirmativo com a cabeça, tranquilizando-o.

– Ele foi na direção das Mães. Elas lhe dirão que você é apenas um pesadelo que ele teve ao sair da casca, e ele se esquecerá de você por completo. — Ele se ajoelhou.

A contragosto Charles Wallace montou em Gaudior e ficou esparramado no grande pescoço. Segurando-se num punhado de crina, olhou para a deserta e tranquila paisagem em torno.

– Não quero ir embora.

– Vocês, seres humanos, tendem a querer que as boas coisas durem para sempre. Mas não duram. Enquanto estivermos no tempo, não duram. Você tem alguma instrução para mim?

– Estou farto de dar instruções. Não tenho sequer sugestões a fazer.

– Então, iremos para Onde e Quando o vento decidir que nos levará?

– E os Echthroi? — perguntou Charles Wallace, temeroso.

– Como estamos viajando a partir de casa, o vento não deverá ser molestado, como aconteceu quando viemos para cá. Depois, veremos. Estivemos num mar muito profundo e nunca pensei que sairíamos de lá. Tente não ter medo. O vento nos dará toda a ajuda que puder.

As asas se estenderam em sua plena extensão, e Gaudior voou para bem alto, passando por entre as duas luas e se afastando do lugar onde os unicórnios chocavam seus ovos.

Meg suspirou, encantada.

– Ah, Ananda, Ananda, essa foi a mais linda quitação! Como gostaria que Charles Wallace pudesse ficar ali por mais tempo, em segurança...

Ananda ganiu, baixinho.

– Eu sei. Ele tem de ir embora. Mas os Echthroi estão atrás dele, e me sinto tão desamparada...

Ananda olhou para Meg, levantando os tufos de pelo mais escuro, em cima dos olhos.

Meg coçou a cachorra entre as orelhas.

– Mandamos a runa para Charles quando ele estava no mar da Era do Gelo, e o vento foi ajudá-lo.

Ansiosamente, Meg pôs a mão em cima de Ananda e fechou os olhos, concentrando-se.

Viu a pedra de espiar estrelas e duas crianças, uma menina e um menino, talvez com treze e onze anos, respectivamente. O menino parecia muito um Brandon Llawcae moderno, um Brandon com jeans e camiseta... Então, definitivamente, aquilo não era 1865.

Charles Wallace estava Dentro do menino, cujo nome não era Brandon.

– Chuck.

A sra. O’Keefe chamara Charles Wallace de Chuck.

Chuck era alguém que a sra. O’Keefe conhecia. Alguém que a sra. O’Keefe dissera não ser um idiota.

Agora ele estava com uma menina, sim, e com outra pessoa, uma velha. Chuck Maddox, sua irmã, Beezie, e a avó deles. Riam e brincavam de soprar dentes-de-leão, contando o número necessário de sopros para os esporos brancos e rendados se soltarem do caule verde. Diz uma lenda que o número de sopros correspondia à hora do dia.

Beezie Maddox tinha cabelos dourados, olhos azuis muito brilhantes e uma risada alegre. Chuck era mais apagado, com seu cabelo castanho e macio e os olhos de um azul-acinzentado. Sorria mais do que ria. Parecia-se tanto com Brandon que Meg teve certeza de que ele devia ser um descendente direto.

— Ananda, por que estou tão assustada, com medo do que pode acontecer com ele? — perguntou Meg. — Vamos soprar os dentes-de-leão — havia sugerido Beezie.

— Não façam isso perto da loja, por favor — dissera o pai deles. — Não quero minha extensão de gramado semeada com ainda mais esporos de dente-de-leão. Já vêm demais para cá por causas naturais.

Então, Chuck, Beezie e a avó deles atravessaram o riacho, numa tarde de domingo, e seguiram para a pedra achatada. A distância, podiam ouvir os caminhões na estrada, embora não pudessem vê-los. De vez em quando um avião seguia por uma trilha no céu. Fora isso, não havia mais nada que lhes lembrasse a civilização, e esta era uma das coisas de que Chuck mais gostava, quando cruzava o riacho e caminhava através do bosque até a pedra.

Beezie entregou-lhe um dente-de-leão.

— Sobre.

Chuck não gostava muito do cheiro do esporo; era forte e rançoso, e ele franziu o nariz com repulsa.

— Não acho o cheiro tão ruim assim — disse Beezie. — Quando esmago o caule, ele cheira a coisa verde, só isso.

A avó segurou as frondes alvas perto do nariz dela.

— Quando a pessoa é velha, nada tem o mesmo cheiro de antes.

Ela soprou e os brancos flocos do seu dente-de-leão, que pareciam neve, voaram em todas as direções, levados pelo vento.

Chuck e a irmã tiveram de soprar várias vezes para obter algum resultado. Já a avó, que perdia rapidamente o fôlego, e tinha pressionado a mão contra o peito enquanto lutava para subir pela trilha marginada por samambaias que vinha do riacho, teve apenas de soprar de leve, e os esporos voaram do caule, dançaram no ar ensolarado e caíram vagarosamente no chão.

Chuck olhou para Beezie, e Beezie olhou para Chuck.

— Vovó, Beezie e eu sopramos com toda força, e você dá apenas um soprinho de nada e tudo vai pelos ares.

— Talvez vocês soprem com força demais. E, quando se quer saber a hora, é preciso não ter medo da resposta.

Chuck olhou para o caule verde, despido, entre os dedos da avó.

— Soprei quatro vezes e ainda não chegamos nem perto das quatro horas. Qual a hora que seu dente-de-leão está dando, vovó?

O sol primaveril entrou rapidamente atrás de uma pequena nuvem, velando os olhos da velha.

— Ele me dá uma hora do passado, quando o vale era um lago, como conta seu pai, e gente

diferente perambulava pela terra. Lembra-se da ponta de flecha que você encontrou quando cavava a terra para plantar bulbos de tulipa?

Jeitosamente, ela mudara de assunto.

— Beezie e eu encontramos uma porção de pontas de flecha. Sempre ando com uma. É melhor do que uma faca.

Ele puxou do bolso da sua calça jeans o triângulo achatado com entalhes.

Beezie também usava jeans, gastas nos lugares onde seus joelhos pontudos começavam a furar o tecido. Sua camisa enxadrezada em azul e branco estava exatamente começando a ficar apertada em torno do peito. Ela remexeu em seus bolsos, como fizera o irmão, e tirou de dentro uma velha faca de escoteiro e uma colher torta.

— Vovó, soprar nos dentes-de-leão... Isto é apenas superstição, não é?

— E o que mais seria? Há melhores maneiras de saber a hora, como a posição do sol no céu e as sombras das árvores. Acho que são quase três horas da tarde e quase hora de ir para casa tomar uma xícara de chá.

Beezie ficou deitada de costas na quente protuberância da pedra, o mesmo tipo de pedra com a qual a ponta de flecha tinha sido aparada.

— E mamãe e papai tomarão chá conosco, porque é domingo e a loja está fechada, e não tem ninguém lá a não ser Pansy. Vovó, acho que ela vai ter gatinhos novamente.

— E isso é uma surpresa? Que mais tem Pansy a fazer, a não ser assustar os ratinhos do campo?

Apesar da menção ao chá, Chuck também ficou deitado de costas, colocando a cabeça no colo da avó, de modo que ela podia despentear seu cabelo. A brisa da primavera corria suave em torno deles; as folhas sussurravam juntas; e, a distância, um papa-moscas piava melancolicamente. O rugido de um caminhão, na estrada distante, era uma nota dissonante.

A avó disse:

— Quando saímos da vila e cruzamos o riacho, é quase como se cruzássemos também de um tempo para outro. Vem o som do presente — ela fez um gesto na direção da estrada invisível — para nos lembrar.

— Do que, vovó? — perguntou Beezie.

A velha olhou para uma distância invisível.

— O mundo dos caminhões não é tão real para mim quanto o mundo do outro lado do tempo.

— Que lado? — perguntou Chuck.

— De um lado ou de outro, embora eu esteja no presente, sei mais sobre o passado do que sobre o futuro.

Os olhos de Beezie se iluminaram.

— Você quer dizer como nas histórias que você nos conta?

A avó fez um sinal afirmativo com a cabeça, com seus olhos ainda distantes.

— Conte uma das histórias, vovó. Conte como a Rainha Branwen foi levada embora da Inglaterra por um rei irlandês.

A atenção da velha se voltou para as crianças.

— Posso ter nascido na Irlanda, mas lá nunca nos esquecemos de que viemos de Branwen,

que era da Inglaterra.

— E tenho o mesmo nome que ela.

— Pois é, Beezie, e esse é meu nome, também, porque me chamo Branwen, como você.

— E Zillah? Sou Branwen Zillah Maddox.

Beezie e Chuck sabiam as histórias dos seus nomes de cor e salteado, mas jamais perdiam o prazer de ouvi-las novamente.

Meg abriu os olhos, espantada.

Branwen Zillah Maddox. B. Z. Beezie.

A sra. O'Keefe.

Aquela criança de cabelos dourados era a sra. O'Keefe.

E Chuck era o irmão dela.

— Zillah vem dos seus antepassados Maddox — a avó contou às crianças —, e é um nome altivo também. Ela era uma princesa índia, segundo seu pai, da tribo que morava justamente aqui, onde estamos agora. Mas os índios já foram embora há muito tempo.

— Mas você não sabe tanto sobre Zillah quanto sabe sobre Branwen.

— Só sei que ela era uma índia linda. Há homens demais do lado do seu pai, na família, e as histórias hoje em dia são transmitidas pelas mulheres; mas, no tempo de Branwen, os bardos eram homens.

— Que bardos? — perguntou Chuck.

— Cantores de canções e contadores de histórias. Tanto minha avó quanto meu avô me contaram a história de Branwen, mas principalmente minha avó. E antes a avó dela lhe contara. Essas histórias vêm de tempos imemoriais. A Inglaterra e a Irlanda desentenderam-se durante um longo tempo, e esse desentendimento também é imemorial. E, era uma vez, há muitos anos, o rei irlandês cortejou a princesa inglesa; a impressão foi de que, finalmente, talvez a paz pudesse acontecer entre as duas verdes e belas terras. Por ocasião do casamento, durante muitas luas, houve banquetes, e depois o rei irlandês voltou de navio para a Irlanda com sua esposa.

— Será que Branwen não ficou com saudades de sua terra? — perguntou Beezie.

— Claro que deve ter ficado. Mas ela nascera uma princesa e agora era uma rainha, e as rainhas sabem que devem comportar-se à altura... pelo menos, naquele tempo era assim.

— E o rei? Como era ele?

— Ah, era bonito, como só os irlandeses podem ser, como o era meu próprio e doce Pat, que tinha o nome do bendito santo, cabelos negros e olhos azuis. Branwen não sabia que ele a usava para dar vazão à sua irritação contra sua terra e seus irmãos, não sabia de nada até ele inventar uma história idiota de que ela estava sentada no refeitório lançando olhares para um dos homens dele. Então, para castigá-la...

— Por quê?

— Por que, na verdade? Por suas próprias fantasias ciumentas. Então, para castigá-la, ele a mandou cuidar dos porcos e proibiu que ela entrasse no palácio. Então, ela soube que ele jamais a amara, e seu coração ardeu de angústia em seu peito. Pensou em apelar para o irmão, na Inglaterra, e usou a runa. E se, fossem ela e os seus que deram a runa a Patrick, ou os anjos da guarda dela que deram a runa para cada um deles, de qualquer forma ela invocou o Céu inteiro com seu poder...

As crianças entoaram a runa junto com ela:

“E o sol com seu brilho,
E a neve com sua brancura,
E o fogo com toda a força que tem,
E o relâmpago com sua rápida ira,
E os ventos, com sua rapidez, percorrendo seu caminho,
E o mar com sua profundidade,
E as pedras com seu declive,
E a terra com sua aridez,
Tudo isso eu coloco
Com a ajuda e a graça de Deus Todo-Poderoso
Entre mim e os poderes da escuridão!”

A avó continuou:

— E o sol brilhou em seu cabelo louro e a aqueceu, e a neve suave caiu e deixou todo limpo o chiqueiro onde o rei irlandês a colocara, e o fogo irrompeu da lareira do palácio de madeira dele, e o relâmpago atingiu a edificação, que ardeu num terrível incêndio, e todos os que estavam dentro dele fugiram de tamanha fúria. E o vento soprou da Inglaterra, e as velas do navio do seu irmão Bran se enfunaram, fazendo-o correr velozmente sobre o oceano profundo e aportar onde os penhascos eram íngremes e a terra árida. E os homens de Bran escalaram o rochedo e socorreram sua amada Branwen.

— É verdadeira essa história, vovó? — perguntou Beezie. — Aconteceu de verdade, mesmo?

— Para aqueles que têm ouvidos que ouvem e um coração disposto a acreditar.

— Chuck tem o coração disposto a acreditar — disse Beezie.

A avó deu palmadinhas no joelho dele.

— Um dia talvez você se torne o escritor que seu pai queria ser. Ele não foi talhado para ser lojista.

— Amo a loja — disse Beezie em tom defensivo. — Ela tem um cheiro bom, um cheiro de canela, pão fresco e maçãs.

— Estou com fome — disse Chuck.

— E eu não falei, antes de começar a contar história, que a gente devia voltar para casa e tomar um chá? Então vocês dois me ajudem a me levantar.

Chuck e Beezie puxaram a velha para cima, e ela ficou em pé.

— Vamos colher um buquê de flores no caminho para dar a mamãe e papai — disse Beezie.

A trilha estreita era acidentada, cheia de pedras e montículos de capim, e caminhar nela não era fácil. A avó se apoiava num bastão que Chuck havia cortado para ela, num pomar de áceres novos, e que precisou ser desbastado. Ele ia na frente e diminuía a velocidade quando via que Beezie e sua avó estavam muito atrás. Um buquê de flores do campo crescia nas mãos de Beezie, porque ela parava sempre que via que a velha estava sem fôlego.

— Veja, Chuck! Veja, vovó! Mais três nabos selvagens!

Chuck estava cortando e arrancando, com sua ponta de flecha, um fio de dulcamara que se enrolara em torno de um pinheirinho novo e o sufocava com seu forte aperto enroscado como o de uma jiboia.

— Já faz quase um ano que mamãe mandou a gente tirar as dulcamaras, e agora elas estão tomando conta de tudo. Essa árvore vai morrer se eu não cortar completamente isso. Vão em frente, depois alcanço vocês.

— Quer minha faca? — ofereceu Beezie.

— Não. Minha ponta de flecha é afiada.

Por um momento ele ficou olhando atentamente sua irmã e sua avó, enquanto elas seguiam devagar pelo caminho. Farejou o perfume do ar. Embora as macieiras estivessem verdes, as flores rosa e branco ainda estavam no chão. O cheiro de lilás se misturava com o da silindra. Ele podia ouvir os caminhões na estrada e os aviões no céu, mas, pelo menos, não podia sentir seu cheiro.

Chuck não gostava nem dos caminhões nem dos aviões. Todos deixavam atrás suas emanções, neutralizando o cheiro da luz do sol, da chuva, das coisas verdes que cresciam, e que Chuck “via” com seu nariz quase mais do que com os olhos. Sem olhar, podia facilmente distinguir seus pais, sua mãe, sua irmã. E julgava as pessoas quase inteiramente pela reação que tinha aos seus odores.

— Não sinto cheiro de nada — dissera seu pai, quando Chuck franziu o nariz para um cliente que estava de saída.

E Chuck dissera, tranquilamente:

— Ele tem cheiro de irresponsável.

Surpreso, seu pai deu uma pequena risada.

— Ele é mesmo irresponsável. Por causa de todas as roupas caras que compra ele me deve mais dinheiro do que posso aguentar.

Quando o fio de dulcamara já fora cortado, Chuck levantou-se e ficou encostado na casca áspera da árvore, aspirando seu cheiro de resina. Ao longe, via sua avó e Beezie. Para ele, a velha tinha cheiro de distância, de mar, que estava a cem quilômetros ou mais dali. Mas talvez fosse um mar mais remoto o que se grudava nela. “E você cheira a verde”, ele lhe dissera. “Ah, é porque venho de um país verde e distante, e seu cheiro ficará comigo para sempre.”

— Qual é a cor do meu cheiro? — perguntara Beezie.

— Amarelo, como os ranúnculos, a luz do sol e as asas das borboletas.

Verde e dourado. Bons cheiros. Cheiros de casa. Sua mãe era o azul do céu ao amanhecer. Seu pai era o penetrante cheiro de mogno da cômoda alta na sala de estar, com a luz do fogo na lareira bruxuleando sobre a madeira polida. Cheiros confortáveis, seguros.

E, de repente, pensando no cheiro dos cookies e do pão, recém-cozidos no forno, ele correu para alcançar a irmã e a avó.

A família morava em cima da loja, num apartamento comprido e desconexo. A sala da frente, que dava para a rua, era um depósito cheio de caixas de papelão e barris. Atrás dele havia três quartos de dormir: o de seus pais, seu pequeno cubículo e o quarto maior que Beezie dividia com a avó. Para além desses cômodos ficavam a cozinha e a grande e comprida sala de estar e de refeições.

Havia fogo crepitando na lareira, pois as noites de primavera tendiam a ser frias. A família

estava sentada em torno de uma grande mesa redonda, posta para o chá, com cookies e pão ainda quentes do forno, uma jarra de leite e uma grande chaleira coberta com o abafador que a avó trouxera da Irlanda.

Chuck ocupou seu lugar, e sua mãe serviu o chá.

— Você salvou outra árvore?

— Sim. Da próxima vez vou levar a grande tesoura de jardim do papai.

Beezie empurrou para junto dele o prato com pão e manteiga.

— Pegue logo sua parte, senão vou comer tudo.

As narinas sensíveis de Chuck se franziram. Havia um cheiro na sala que era completamente desconhecido para ele e do qual sentiu medo.

O pai se serviu de um cookie.

— Esta é uma das ocasiões em que desejaria que as tardes de domingo acontecessem mais de uma vez por semana.

— Você parece cansado ultimamente. — A mulher olhou-o com ansiedade.

— Ficar cansado é o estado natural de um lojista rural, que não tem muito tino para os negócios.

Em meio a muitos rangidos, a avó se mudou da cadeira à mesa para sua cadeira de balanço.

— Trabalho duro não é fácil. Você precisa de mais ajuda.

— Não posso pagar por isso, vovó. Que tal nos contar uma história?

— A quantidade de vezes que já contei essas histórias é igual ao de estrelas no céu.

— Nunca me canso delas.

— Hoje já contei tudo o que podia.

— Ah, vamos, vovó — insistiu o sr. Maddox. — Você nunca se cansa de contar histórias e sei que inventa a maioria enquanto vai contando.

— As histórias são como as crianças. Crescem à sua própria maneira. — Ela fechou os olhos. — Vou tirar um pequeno cochilo.

— Então conte para mim uma história da princesa índia, papai — ordenou Beezie.

— Não sei muita coisa sobre ela, em termos de fatos prováveis. Meu ilustre antepassado Matthew Maddox, de quem posso ter herdado uma quantidade ínfima de talento, escreveu sobre ela, em seu segundo romance. Foi um bestseller naquela época. Foi triste ele não ter sabido nada sobre seu sucesso, porque o livro foi publicado postumamente. É um estranho tipo de fantasia, com qualidades que fizeram alguns críticos classificá-lo como o primeiro romance americano de ficção científica, porque brinca com o tempo, e Matthew, obviamente, tinha ouvido falar das teorias de Mendel sobre genética. De qualquer forma, minha querida Beezie, é uma ficção sobre dois irmãos que vêm da Antiga Gales para este país, depois da morte do pai deles, sendo os primeiros europeus a colocar o pé nestas terras, naquele tempo ainda não mapeadas. E, da mesma forma que os irmãos haviam brigado em Gales, também brigaram no Novo Mundo, e o mais velho dos dois seguiu para a América do Sul. Madoc, o irmão mais novo, ficou com os índios, num lugar cujo nome não é dito, mas que Matthew Maddox deixa implícito que fica por aqui. Madoc se casou com a princesa índia Zyll, ou Zillah. No romance, a linhagem dele se perde e precisa ser redescoberta.

— Parece interessante — disse Chuck.

Beezie franziu o nariz.

– Não gosto muito de ficção científica. Gosto mais de conto de fadas.

– O *chifre da alegria* tem elementos das duas coisas. A ideia de que o orgulhoso irmão mais velho deve ser derrotado pelo ilógico mas honesto irmão mais novo é, sem dúvida, um tema de conto de fadas. Há também, na história, um unicórnio que viaja através do tempo.

– Por que não nos contou isso antes? — perguntou Beezie.

– Achei que vocês eram pequenos demais para se interessar. De qualquer forma, vendi meu exemplar porque me ofereceram uma soma incrivelmente alta por ele, quando eu... Era uma soma alta demais para recusar. Matthew Maddox, para um escritor do século XIX, tinha uma intuição excepcional quanto às teorias do espaço, do tempo e da relatividade, que Einstein só postularia gerações depois.

– Mas isso não é possível — protestou Beezie.

– Não é mesmo. Mas, ainda assim, está tudo no livro de Matthew. É um romance evocativo, obsessivo, e como Matthew Maddox supunha ser descendente do galês mais jovem, o que ficou aqui, e da princesa índia, acompanhei sua fantasia de que o nome Maddox vem de Madoc. — Uma sombra passou pelo seu rosto. — Quando meu pai teve um enfarte e precisei deixar minha água-furtada de poeta na cidade e vir pra cá ajudar na loja, tive de desistir do meu sonho de seguir os passos de Matthew.

– Ah, papai... — disse Chuck.

– Lamento principalmente por causa de vocês, crianças. Nunca tive oportunidade de provar se podia ou não ser um escritor, mas sou um fracasso como negociante. — Levantou-se. — É melhor eu descer para a loja e ficar lá por uma hora, trabalhando com a contabilidade.

Quando partiu, segurando-se no corrimão ao descer a íngreme escada, foi-se junto com ele o cheiro que assustara Chuck.

Chuck não contou a ninguém, nem mesmo a Beezie, sobre o cheiro que estava em seu pai, mas que não era do seu pai.

Duas vezes naquela semana Chuck teve pesadelos. Uma vez, quando gritou de terror, sua mãe veio correndo, mas ele lhe contou apenas que tivera um sonho ruim.

Beezie não era enganada com tanta facilidade.

– Você está preocupado com alguma coisa, Chuck.

– Há sempre alguma coisa com que se preocupar. Uma porção de gente deve dinheiro a papai, e ele está preocupado com as contas. Ouvi um vendedor dizer que não podia dar mais nenhum crédito a ele.

Beezie disse:

– Você ainda é muito pequeno para ficar pensando em coisas desse tipo. Suas preocupações devem ser outras.

– Estou ficando mais velho.

– Não o bastante para isso.

– Papai está me dando mais coisas para fazer. Agora conheço mais o negócio.

– Mas não é com isso que você está preocupado.

Ele tentou mudar de assunto:

– Não gosto do jeito de Paddy O’Keefe, sempre atrás de você na escola.

– Paddy O’Keefe já repetiu três vezes a sexta série. Ele pode ser bom no beisebol, mas não sou o tipo de menina que o considera um grande astro.

– Talvez por isso ele esteja atrás de você.

Ele conseguiu desviar sua atenção.

– Não o deixo chegar perto de mim.. Ele nunca toma banho. Como é o cheiro dele, Chuck?

– Ele tem o cheiro de uma marmota cheia de caspas...

Uma noite, depois do jantar, Beezie disse:

– Vamos ver se os vaga-lumes voltaram.

Era sexta-feira, não haveria aula na manhã seguinte, de modo que eles podiam ir para a cama a hora que quisessem.

Chuck sentiu um desejo esmagador de sair de casa e se afastar do cheiro que quase o fizera vomitar.

– Vamos.

Ainda havia um resto de luz do dia quando chegaram à pedra achatada. Sentaram-se na pedra, que ainda conservava o calor do sol. De início houve apenas cintilações ocasionais, mas, à medida que escurecia mais, Chuck se perdeu num deslumbrado encantamento, enquanto uma galáxia de vagalumes brilhava e se apagava, lançando-se para o alto numa chama de luz, caindo em direção à terra como estrelas cadentes, movimentando-se numa dança contínua e efervescente.

– Ah, Beezie — exclamou ele. — Estou deslumbrado com tanta beleza.

Atrás deles o bosque estava escuro, cheio de sombras. Não havia lua, e um fino véu de nuvens escondia as estrelas.

– Se fosse uma noite clara — observou Beezie —, os vaga-lumes não estariam tão brilhantes. Nunca os vi tão lindos.

Ela se deitou de costas na pedra, olhando para o céu encoberto, depois fechou os olhos. Chuck fez a mesma coisa.

– Vamos sentir a terra girar — disse Beezie. — Faz parte da dança dos vaga-lumes, também. Pode sentir o giro?

Chuck fechou as pálpebras com força. Deu um pequeno arquejo.

– Ah, Beezie! Senti a terra girar com. tanta velocidade que se inclinava! — Ele se sentou, agarrando a pedra. — Fiquei tonto.

Ela deu sua pequena risada borbulhante.

– Pode ser um pouquinho assustador fazer parte da terra, das estrelas, dos vaga-lumes, das nuvens e das pedras. Deite-se novamente. Você não cairá, garanto.

Ele tomou a se deitar, sentindo o esplendor encharcar seu corpo.

– A pedra ainda está quente.

– Fica quente o verão inteiro porque as árvores não lançam sombra em cima dela. E há uma pedra no bosque que está sempre fria, mesmo no dia mais quente, porque as folhas estão tão próximas umas das outras que os dedos do sol nunca tocam nela.

Chuck sentiu uma sombra fria movimentar-se por cima dele e estremeceu.

– Que foi isso, algum pressentimento ruim? — perguntou Beezie, em tom leve.

Ele se levantou com um pulo.

– Vamos pra casa.

– Por quê? Qual é o problema? Está tão lindo.

– Eu sei... Mas vamos para casa.

Quando voltaram, a confusão era imensa. O sr. Maddox caíra no chão, sentindo uma dor muito forte, e fora levado às pressas para o hospital. A avó esperava pelas crianças.

O cheiro assustador explodiu em cima de Chuck com a violência de uma onda enorme quando ele entrou.

A avó puxou as crianças para ela e as abraçou.

– Mas, o que há? Qual é o problema de papai? — perguntou Beezie.

– O enfermeiro da ambulância disse que talvez fosse apendicite.

– Mas ele ficará bom? — tornou a perguntar em tom de súplica.

— Minha querida, temos de esperar e rezar.

Chuck pressionou-se contra a avó, tremendo, sem falar. Aos poucos, o cheiro se dissipava, deixando em sua esteira um estranho vazio.

O tempo parecia imobilizado. Chuck dava uma olhada no relógio, pensando que se passara uma hora, porém descobria que fora menos de um minuto. Demorou, mas Beezie acabou dormindo com a cabeça no colo da avó. Chuck continuou vigilante, olhando do relógio para o telefone, para a porta. Mas finalmente ele também adormeceu.

Em seu sono, sonhou que estava deitado na pedra achatada, sentindo a Terra girar em torno do sol, e o giro era tão veloz que a pedra se inclinava e ele escorregava e tentava agarrar-se de alguma forma para não cair num mar de escuridão. Ele gritava: “Pedra... inclinada...” E a avó colocava sua mão na pedra e a endireitava.

E então ele parou de sonhar. Mas quando acordou sabia que seu pai estava morto.

NOVE - As pedras com seu declive

O repentino toque do telefone acordou Meg, e ela estremeceu de terror. Seu coração começou a bater forte, e ela saiu da cama num ímpeto, quase sem consciência da presença de Ananda. Com os pés apenas pela metade dentro do chinelo, só um braço enfiado no robe, ela desceu a escada aos tropeços e entrou no quarto dos pais, mas eles não estavam lá. Então ela correu às pressas para a cozinha.

Seu pai estava ao telefone, e ela o ouviu dizer:

— Está bem, sra. O’Keefe. Um de nós irá até aí buscá-la, agora mesmo. Não era o presidente. Mas... a sra. O’Keefe? No meio da noite? Os gêmeos também estavam no vão da porta.

— O que é tudo isso? — perguntou a sra. Murry.

— Como você deve ter percebido, era a sra. O’Keefe.

— A esta hora da noite! — exclamou Sandy.

— Ela nunca nos telefonou — disse Dennys —, em nenhuma ocasião.

Meg deu um suspiro de alívio.

— Pelo menos não era o presidente. O que ela queria?

— Disse que encontrou alguma coisa que quer que eu veja e me ordenou que eu fosse pegá-la imediatamente.

— Eu irei — disse Sandy. — Você não pode sair de perto do telefone, papai.

— Você tem a sogra mais estranha do mundo — disse Dennys a Meg.

A sra. Murry abriu a porta do forno, e o perfume de pão quente saiu num sopro.

— Que tal um pouco de pão com manteiga?

— Meg, vista direito seu robe — ordenou Dennys.

— Sim, doutor.

Ela enfiou na manga seu braço esquerdo e amarrou o cinto. Se ficasse na cozinha com a família, o tempo passaria com sua inevitabilidade normal. A quitação, que fora interrompida pelo barulho do telefone, estava de alguma forma perdida em seu inconsciente. Ela detestava despertadores, porque eles a acordavam tão bruscamente que ela se esquecia de seus sonhos.

Na quitação, havia alguma coisa referente à sra. O’Keefe. Mas o quê? Ela procurou em sua mente. Vaga-lumes. Alguma coisa a ver com vaga-lumes. E uma menina e um menino, e o cheiro do medo. Balançou a cabeça.

— Qual é o problema, Meg? — perguntou sua mãe.

— Nada. Estou tentando lembrar alguma coisa.

— Sente-se. Uma bebida quente não lhe fará mal.

Era importante que ela visse a sra. O’Keefe, mas não conseguia lembrar o motivo por que a quitação sumira da sua cabeça.

— Voltarei logo — garantiu Sandy, e saiu pela porta da despensa.

— Mas que diabo... — disse Dennys. — A sra. O’Keefe está além do meu entendimento.

Fico satisfeito de não ter escolhido a psiquiatria.

A mãe deles colocou na mesa um prato cheio de pão cheiroso e depois se virou para colocar a chaleira no fogo.

– Vejam!

Meg acompanhou seu olhar. O gatinho e Ananda entraram na cozinha, em fila, o gatinho com sua cauda bem-erguida, andando com passinhos miúdos, afetados, como se conduzisse o grande cachorro, cuja cauda maciça abanava selvagememente. Todos riram, mas a risada gelou quando os dois passaram pela mesa com o telefone. Desde a ligação do presidente o telefone tocara duas vezes: primeiro, Calvin, depois, sua mãe. Quando tocaria novamente e quem estaria telefonando?

Meg ficou surpresa com o fato de o pão quente ter um gosto tão maravilhoso, o chá aquecê-la e ela ser capaz, pelo menos naquele momento, de relaxar. Ananda ganiu em tom suplicante, e Meg lhe deu um pequeno pedaço de torrada.

Do lado de fora veio o som de um carro, de uma porta batendo, e então Sandy entrou com a sra. O’Keefe. A velha tinha teias de aranha nos cabelos e manchas de sujeira no rosto. Na mão, segurava alguns pedaços de papel.

– Alguma coisa me disse que eu fosse até o sótão — anunciou ela em tom triunfante. — Aquele nome... Cão Raivoso Branzillo... mexeu comigo.

Meg olhou para a sogra, e, de repente, a quitação voltou, num jorro, à sua memória.

– Beezie! — exclamou ela.

A sra. O’Keefe investiu em sua direção, como se fosse bater nela.

– Que é isso?

Meg pegou as mãos da velha.

– Beezie, mamãe. Costumavam chamar você de Beezie.

– Como é que você sabe? — perguntou furiosamente a velha. — Você não poderia saber! Ninguém mais me chamou de Beezie desde o tempo de Chuck.

Lágrimas encheram os olhos de Meg.

– Ah, Beezie, Beezie, sinto tanto.

A família a olhava, pasma. O sr. Murry perguntou:

– Que é isso, Meg?

Ainda segurando as mãos da sogra, Meg respondeu:

– A sra. O’Keefe era chamada de Beezie quando menina. Não era, mamãe?

– É melhor esquecer — disse a velha em tom pesado.

– E você chamou Charles Wallace de *Chuck* — insistiu Meg —, e Chuck era seu irmão mais novo, e você o amava muito.

– Quero me sentar — disse a sra. O’Keefe. — Esqueça o passado. Quero mostrar uma coisa ao senhor. — Entregou um envelope amarelo ao sr. Murry. — Veja isso.

O sr. Murry empurrou os óculos nariz acima.

– É uma carta de um certo Bran Maddox, de Vespúgia, para um certo Matthew Maddox, que vivia aqui.

Os gêmeos se entreolharam. Sandy disse:

– Estávamos justamente falando sobre Matthew Maddox esta noite quando procurávamos alguma coisa para Meg. Ele foi um romancista do século XIX. A carta está datada?

O sr. Murry puxou cuidadosamente uma folha amarela de papel, tirando-a de dentro do velho envelope.

– Novembro de 1865.

— Então, Matthew Maddox pode ser o autor de um livro que Dennys estudou na universidade!

— Vamos deixar papai ler a carta — disse Dennys, interrompendo o irmão.

Meu amado irmão Matthew; saudações neste quente dia de novembro em Vespúgia. Há neve aí em nossa terral Acomodo-me bem com o grupo de Gales e sinto que os conheço, em sua maioria, nossa vida inteira. Que aventura estou vivendo, iniciar uma colônia neste país árido, mas onde as crianças podem aprender galês na escola e onde podemos cantar juntos, enquanto trabalhamos.

A coisa mais estranha é que fui recebido aqui pela lenda da nossa família. Papai e o dr. Llawcae ficarão muito entusiasmados ao saberem disso. Crescemos ouvindo a lenda de Madoc, que partiu de Gales para o Novo Mundo, como outras crianças cresceram ouvindo falar de George Washington e da cerejeira. Acredite se quiser — sei que acreditará, porque é absolutamente verdadeiro —, há um índio aqui que tem olhos azuis e se diz descendente de um príncipe galês que veio para a América muito antes de quaisquer outros homens brancos. Ele não sabe como seus antepassados chegaram à América do Sul, mas jura que a mãe cantava para ele canções dizendo que ele era o descendente de olhos azuis de um príncipe galês. Ele é chamado de Gedder, embora este não seja seu verdadeiro nome. Sua mãe morreu quando ele e a irmã eram pequenos, e os dois foram adotados por um inglês, criador de carneiros, que não sabia pronunciar seu nome galês e o chamava de Gedder. E o nome da irmã dele, Zillie, talvez seja o mais surpreendente de tudo. Ela não tem olhos azuis, mas é muito linda, com feições delicadas, e cabelo liso, negro e brilhante, amarrado numa longa trança. Ela me lembra minha amada Zillah.

Gedder tem sido extraordinariamente útil de várias maneiras, embora seja muito arrogante e tenha uma tendência a querer ser o líder, o que já causou problemas na comunidade, onde não se espera que nenhum homem se coloque acima dos irmãos.

Mas, que maravilha, a antiga lenda estar aqui para me receber! Quanto à nossa irmã, Gwen, ela encolhe os ombros e diz: “Que diferença faz uma velha história tola?” Está decidida a não gostar daqui, embora fique obviamente satisfeita quando todos os rapazes a seguem por toda parte.

O dr. Llawcae decidiu deixar Zillah vir e se unir a mim na primavera? As outras mulheres a receberiam bem, e ela daria a Gwen uma sensação de lar. Sou feliz aqui, Matthew, e sei que Zillah seria feliz comigo, como esposa e companheira pela vida inteira. As mulheres não são menosprezadas aqui — Gwen deve admitir pelo menos isso. Quem sabe você não poderá vir e trazer Zillah em sua companhia? A comunidade já está bem-instalada, de modo que acho que poderíamos cuidar de você, e este clima seco seria melhor para a sua saúde do que a umidade daí. Por favor, venha. Preciso de ambos.

Afetuosamente, seu irmão, Bran

O sr. Murry disse:

— É muito interessante, sra. O’Keefe, mas por que é tão importante que eu veja isto?

E por que telefonou no meio da noite, pareceu silenciosamente acrescentar.

- Não entende?
- Não, desculpe.
- Não é considerado tão inteligente?

A sra. Murry disse:

– A carta foi postada em Vespúgia. Isto é bastante estranho, o fato de a senhora ter uma carta enviada de Vespúgia, pelo correio.

– Sem dúvida — disse a velha em tom triunfante.

O sr. Murry perguntou:

– Onde encontrou esta carta, sra. O’Keefe?

– Já lhe disse. No sótão.

– E seu nome de solteira era Maddox. — Meg sorriu para a velha. — Então, eles eram antepassados seus, esse Bran Maddox, e seu irmão, Matthew, e a irmã deles, Gwen.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Sim, e provavelmente Zillah, a namorada dele, também. Há Maddox e Llawcae desde o início em minha família.

Dennys olhou para a sogra da irmã com um novo respeito.

– Sandy procurou num livro, esta noite, informações sobre Vespúgia. Ele nos contou sobre a criação de uma colônia galesa em Vespúgia, em 1865. Então, um dos seus ancestrais foi viver lá?

– Parece que sim, não é? E aquele Branzillo, ele é de Vespúgia.

O sr. Murry disse:

– É uma incrível coincidência... — Parou, quando sua esposa lhe lançou uma olhada. — Ainda não vejo como isso pode ter alguma ligação com Branzillo ou o que poderia significar se tivesse.

– Não entende? — perguntou a sra. O’Keefe.

– Por favor, explique — sugeriu gentilmente a sra. Murry.

– Os nomes. Bran. Zillah. Zillie. Ponha todos juntos e não estarão muito longe de Branzillo.

A sra. Murry olhou-a, admirada e surpresa.

– Mas que coisa espantosa!

O sr. Murry perguntou:

– Há outras cartas?

– Havia. Antigamente.

– Onde estão?

– Sumiram. Fui procurar. Comecei a pensar nesse Branzillo quando fui para casa. Lembrei de Chuck e eu...

– Chuck e a senhora o quê, mamãe? — sondou Meg.

A sra. O’Keefe afastou de cima dos olhos seu cabelo coberto de teias de aranha.

– Gostávamos de ler as cartas. Inventávamos histórias sobre Bran, Zillah e o resto. Fazíamos brincadeiras, fingindo que éramos eles. E, então, quando Chuck... já não tinha mais ânimo para brincadeiras, esquecemos tudo. Eu me forcei a esquecer. Mas esse nome, Branzillo, mexeu comigo. Bran. Zillah. Esquisito.

O sr. Murry olhou, confuso, para o papel amarelado.

- Esquisito mesmo.
- Onde está o seu menino? — perguntou a sra. O’Keefe.

O sr. Murry olhou para o relógio.

- Ele foi dar uma caminhada.
- Quando?
- Há mais ou menos uma hora.
- No meio da noite, e com a idade dele?
- Ele tem quinze anos.
- Não. Tem doze. Chuck tinha doze.
- Charles tem quinze, sra. O’Keefe.
- Um nanico, então.
- Com o tempo, ele crescerá.

– E vocês não cuidam dele. Chuck precisa de cuidado especial. E as pessoas me criticam por não tomar conta direito dos meus filhos!

Dennys também olhou para o relógio.

- Quer que eu vá atrás dele, papai?

O sr. Murry abanou a cabeça.

– Não. Acho que temos de confiar em Charles Wallace esta noite. Sra. O’Keefe, vai ficar por mais algum tempo?

- Sim. Preciso ver Chuck.

Meg disse:

– Peço a todos que me desculpem. Quero voltar para a cama. — Tentou impedir que sua voz transmitisse urgência. Sentiu uma necessidade, cheia de pânico, de voltar para o sótão com Ananda.

“Chuck *tinha* doze anos”, dissera a sra. O’Keefe. Chuck tinha doze anos quando... o quê? Qualquer coisa que tivesse acontecido com Chuck estaria acontecendo com Charles Wallace.

A sra. Murry sugeriu:

- Gostaria de levar com você uma xícara de chá?
- Não, obrigada. Estou ótima. Alguém me chame, por favor, quando Charles Wallace entrar.

Ananda acompanhou-a para o andar de cima, contente, lambendo os beiços para pegar as últimas migalhas do pão com manteiga.

O sótão estava frio, e ela se deitou na cama rapidamente e se embrulhou com a colcha e junto com a cadela. Charles Wallace queria que eu descobrisse uma ligação entre Gales e Vespúgia, e Dennys encontrou uma, em suas enciclopédias. Mas a ligação é muito mais próxima. A carta que a sra. O’Keefe trouxe era de 1865 e de Vespúgia. Então a ligação é tão próxima quanto o sótão da casa dela.

Apesar do quente brilho do aquecedor elétrico, ela tremia.

Aquelas pessoas da carta devem ser importantes, ela pensou, e o Bran que escreveu a carta, e sua irmã, Gwen. Com certeza, o nome Zillie deve ter alguma ligação com a Zyll de Madoc e a Zylle de Richard Llawcae, que foi quase enforcada como feiticeira.

E o Matthew para quem ele escreveu deve ser o Matthew Maddox, autor dos livros. Há algo de importante nesse segundo livro, e os Echthroi não querem que a gente descubra o que

é. Tudo está interligado e ainda não sabemos o significado das ligações.

E o que aconteceu com Beezie para ela acabar como Mamãe O'Keefe? Ah, Ananda, Ananda, o que aconteceu?

Ela se recostou nos travesseiros e esfregou a mão, devagar, no pelo macio da cadela, até o calor formigante subir pelo braço e passar pelo corpo inteiro.

— Mas por que papai? — perguntou Beezie, repetidas vezes.

— Por que papai tinha de morrer?

— Não haverá nunca uma resposta para esta pergunta, minha Beezie — respondeu a avó pacientemente. — Não é pergunta que se faça.

— Mas eu faço!

A avó estava com um aspecto cansado e velho. Chuck jamais pensara nela, antes, como uma velha, como alguém de idade, seja qual for. Ela era simplesmente vovó, sempre presente para cuidar deles. Naquele momento, ela perguntou, não às crianças, mas ao céu:

— E por que meu Patrick, sendo ele até mais jovem do que o pai de vocês? Por quê?

Uma lágrima deslizou por sua face, e Beezie e Chuck a abraçaram para confortá-la.

A sra. Maddox foi até os livros-razão, tão pacientemente atualizados por seu marido. Quanto mais ela olhava, mais devagar suas mãos viravam as páginas.

— Eu sabia que a situação era ruim, mas não sabia que era tanto assim. Eu devia ter percebido quando ele vendeu o livro de Matthew Maddox...

Chuck rastejou para dentro dos escuros espaços de depósito embaixo do beiral, procurando tesouros. Encontrou uma garrafa cheia de moedas, mas nenhum ouro, nem joias, para dar à mãe. Descobriu uma velha *Enciclopédia Britânica*, com as páginas amarelas e algumas delas quase soltas, mas ainda útil. E encontrou um conjunto de porcelana embrulhado em jornais velhos, com datas de muito antes de ele e Beezie nascerem, e esperou que pudesse ser vendido. Achou também um cofre, trancado.

Levou os achados para a sala de estar. Sua mãe se encontrava na loja, mas Beezie e a avó estavam lá, fazendo a fornada da semana.

— As moedas são antigas. Podem valer alguma coisa. A porcelana é boa. Pode pagar nosso combustível durante mais ou menos um mês. O que há no cofre?

— Não tem chave. Vou quebrá-lo.

Chuck pegou o martelo, a chave de fenda e a chave-inglesa, e o velho cadeado se abriu, e ele pôde erguer a tampa do cofre. Havia um maço de cartas e um grande caderno com uma capa de couro azul despedaçada. Ele abriu o caderno na primeira página: havia um esboço feito à aquarela, apenas ligeiramente desbotado, com o campo na primavera.

— Vovó, é nossa pedra, nossa pedra de fazer piquenique!

A velha exclamou:

— É mesmo.

A pedra aparecia com sombras em suaves tons de azul e alfazema, fundindo-se em cinzento. Atrás dela, as copas das árvores estavam luxuriantes com o verde primaveril. Acima, voava um bando de borboletas, algumas com tons suaves de azul cerúleo, primaveris, complementados com o dourado e o negro da estampa de tigre. Em torno da pedra havia as familiares flores de primavera, pintando a grama, como se esta fosse uma tapeçaria.

Chuck exclamou, encantado:

– Ah, Beezie, ah, vovó!

Cheio de reverência, virou a página. Com uma bela caligrafia, estava escrito: “Madrún, 1864. Zillah Llawcae.”

A avó limpou cuidadosamente suas mãos cheias de farinha e colocou os óculos, curvando-se sobre o livro. Juntos, leram a primeira página.

Madrún.

Mais de dez horas. Pela janela do meu quarto posso olhar pelo morro abaixo e ver a casa dos Maddox. O sr. e a sra. Maddox devem estar dormindo. Eles se levantam às cinco da manhã. Gwen Maddox — quem sabe? Gwen sempre considerou a si mesma como uma adulta e a mim como uma criança, embora a diferença de idade entre nós seja só de dois anos.

Os gêmeos, meus queridos gêmeos, Bran e Matthew. Será que estão acordados? Quando Bran mentiu sobre sua idade, com tanto medo de perder a guerra, e foi juntar-se à cavalaria, tive medo de que morresse em combate. Quando sonhava com sua volta para casa, como fazia todas as noites, quando olhava para seu anel de diamante em meu dedo e rezava por sua segurança, nunca pensei que pudesse ser assim, Bran tão reservado e se recusando a se comunicar com qualquer pessoa, mesmo com seu irmão gêmeo.

Se tento falar com ele sobre nosso casamento, ele me interrompe imediatamente, ou se afasta sem dar uma palavra. Matthew diz que outros sofreram essa mesma doença do espírito por causa dos horrores da guerra.

Sou, e tenho sido durante quase dezessete anos, Zillah Llawcae. Será que algum dia serei Zillah Maddox?

Eles continuaram a virar as páginas, agora mais depressa, sem fazer nenhuma pausa para ler as anotações do diário, mas sempre olhando para as delicadas pinturas de pássaros e borboletas, flores e árvores, esquilos e camundongos do bosque, e pererecas, todos meticulosamente observados e reproduzidos com exatidão.

Chuck sentiu um calafrio subir e descer pela espinha.

— A mãe de papai era uma Llawcae. Essa Zillah pode ser uma das nossas ancestrais... e ela estava viva quando pintou tudo isso, e tudo continua igualzinho, exatamente a mesma coisa.

Ele virou outra página; seu olhar foi atraído para um trecho e leu:

Este é o meu décimo sétimo aniversário, e foi triste, embora papai e eu fôssemos convidados para ir jantar na casa dos Maddox. Bran estava lá e, ao mesmo tempo, não estava. Sentou-se à mesa, mas mal comeu os pratos deliciosos que haviam sido especialmente preparados para tentá-lo e também em minha honra. E, quando alguém lhe fazia uma pergunta, ele respondia com monossílabos.

Ele virou a página e tornou a ler:

Matthew diz que Bran quase teve uma conversa com ele na noite passada, e ele está com esperanças de que os terríveis danos causados pela guerra a sua mente e espírito estejam

começando a sarar. Uso o anel dele, um círculo de esperança, e não desistirei. O que fana eu sem a amizade de Matthew para me confortar e apoiar? Se não fosse o acidente com ele, fico imaginando qual dos dois gêmeos teria pedido minha mão. Uma pergunta que é melhor não fazer, pois amo a ambos, ternamente.

A avó pegou a carta de cima do pacote.

— É de Bran Maddox, esse de quem Zillah fala, mas vem de um lugar estrangeiro, será que é de Vespúgia? E onde fica isso?

— Faz parte do que era antigamente a Patagônia.

— Pata...

— Na América do Sul.

— Ah, sim.

Ela tirou a carta do envelope.

Meu amado irmão, Matthew, saudações neste quente dia de novembro em Vespúgia. Há neve aí em nossa terra? Acomodo-me bem com o grupo de Gales, e sinto que os conheço, em sua maioria, nossa vida inteira...

Quando terminou de ler a carta, ela disse:

— O pobre pai de vocês ficaria emocionado com tudo isso.

Chuck fez um sinal afirmativo com a cabeça e continuou a virar as páginas, lendo uma linha aqui e outra acolá. Além das cenas de natureza, a jovem Zillah Llawcae tinha muitos esboços de pessoas, alguns feitos com tinta, outros com aquarela. Havia um desenho a tinta de um homem alto, de cartola, carregando uma mala preta, bem parecido com Lincoln, junto a uma charrete com um cavalo. Embaixo, estava escrito: “Papai, preparando-se para sair na charrete, a fim de fazer um parto.”

Havia muitos esboços de um rapaz mal saído da infância, com cabelos louros, pele clara, sem barba e os olhos separados que pareciam enxergar longe. Esses esboços tinham os títulos: *Meu amado Bran*, *O queridíssimo Bran* ou *Aquele a quem meu coração ama*. E havia esboços de alguém parecido com Bran mas ao mesmo tempo diferente dele, porque tinha o rosto marcado por linhas de dor. “*Meu caro Matthew*” Zillah escrevera.

— É tão lindo — disse Beezie. — Queria muito poder pintar assim.

Mas os pensamentos da velha já haviam passado para coisas práticas.

— Eu me pergunto se esse caderno renderia alguns dólares.

— Vovó, como pode pensar em vender isto! — Chuck estava horrorizado.

— Precisamos de dinheiro, rapaz, para continuar a ter um teto. Sua mãe venderá tudo que puder.

O antiquário que comprou as moedas e o conjunto de porcelana, por uma soma que Chuck e Beezie acharam assombrosa, não estava interessado no caderno de Zillah.

A sra. Maddox olhou-o tristemente.

— Sei que vale alguma coisa. Seu pai saberia onde eu conseguiria esse dinheiro. Se, pelo menos, lembrasse o nome da pessoa que comprou o livro de Matthew Maddox.

Mas Chuck não podia sentir em seu coração o desejo de um diário tão lindo ser vendido.

Sua avó pegou uma velha fronha de linho e fez com ela uma cobertura para proteger a encadernação de couro, que se desfazia, e em cima dela Beezie bordou duas borboletas, em azul e dourado. Ela estava tão fascinada pelo diário quanto Chuck.

Eles partilharam com a avó o caderno e as cartas, lendo em voz alta para ela enquanto a velha passava roupa a ferro ou fazia remendos, até que a deixaram tão envolvida quanto eles. O presente era tão sombrio que todos os três encontravam alívio em viver o longo passado. Beezie e Chuck olharam para o antigo alicerce atrás da loja.

— É onde deve ter sido a casa dos Maddox. Eles não moravam em cima da loja, como nós.

— Nosso apartamento era todo uma parte da loja.

— O que terá acontecido com a casa?

— Nunca saberemos — disse Beezie, tristemente.

— Tentei tomar emprestado na biblioteca um dos livros de Matthew Maddox — disse Chuck —, mas a bibliotecária disse que há muito tempo não estão mais lá. Ela acha que alguém deve ter roubado esses livros. Mas consegui outros, sobre Vespúgia. Vamos subir e dar uma olhada.

Compararam as fotografias que havia nos livros com as aquarelas nas páginas finais do diário, onde Zillah tentara reproduzir, a bico de pena e com tintas, o que Bran descrevera em suas cartas. A pintura de Zillah, com vastas planícies elevando-se como terraços, no sopé dos Andes, deu-lhes a sensação de que um mundo tão diferente poderia ser em outro planeta.

Beezie voltara para o caderno de Zillah, para a pintura de um alto e bonito índio, com estranhos olhos azuis, colocados um pouco perto demais do seu nariz aquilino. A legenda dizia: “É assim que eu acho que Gedder deve ser, o índio que Bran diz ser descendente do irmão de Madoc.”

Chuck pegou uma das cartas de Bran e leu:

Desejaria sentir mais simpatia por Gedder, que obviamente está atraído por Gwen. Sinto-me um ingrato quando penso em tudo o que ele fez por nós. Construir, no clima de Vespúgia, é completamente diferente do que é aí — ou em Gales —, e estremeço só de pensar que tipo de casas poderíamos ter construído se Gedder não nos mostrasse como fazer moradas que deixam o vento entrar, em vez de servir de proteção contra ele. E Gedder nos mostrou que tipo de coisas plantar, quase nada de repolho e cenouras, e como fazer quebra-ventos para as plantações. Todos os índios nos ajudaram, mas Gedder mais do que os outros, e mais visivelmente. Porém, ele nunca ri.

— Não confio em pessoas que não riem. — Ele guardou a carta.

Beezie conseguiu um emprego de babá, e começava a trabalhar logo depois da escola. Então Chuck ocupou o lugar dela na caixa registradora, fingindo que era Matthew Maddox e que a loja era grande e próspera. A avó se encarregava de passar a roupa e de costurar, e suas velhas mãos estavam sempre atarefadas. Não havia tempo para ociosas xícaras de chá e para contar histórias. Chuck mergulhava cada vez mais em seus jogos de Vamos Fingir. Matthew e Zillah, Bran e Gwen, Gedder e Zillie, todos estavam mais vivos para ele do que qualquer outra pessoa, a não ser Beezie e a avó.

Uma noite a sra. Maddox ficou até tarde no andar de baixo, na loja. Quando Chuck voltou

para casa, depois de cortar lenha para um dos vizinhos, encontrou Beezie e sua avó bebendo chá de ervas.

— Vovó, estou com fome.

Ele sentia a barriga roncar. O jantar fora sopa com torrada sem manteiga.

Parecendo ignorar suas palavras, a velha olhou-o.

— Duthbert Mortmain está visitando sua mãe. Ele está no andar de baixo agora.

— Não gosto dele — disse Beezie.

— Talvez você vá precisar gostar — disse-lhe a avó.

— Por quê? — perguntou Chuck.

Ele se lembrava de Duthbert Mortmain como um homem pesadão e carrancudo, que fazia pequenos trabalhos como encanador. Como era seu cheiro? Nada agradável. Forte, como o de um pedaço de carvão.

— Ele se ofereceu para se casar com sua mãe e tomar conta da loja.

— Mas papai...

— Ele já foi enterrado há muito tempo. Duthbert Mortmain tem uma boa cabeça para negócios, e ninguém comprou a loja, nem há possibilidade disso. Sua mãe não tem muita escolha. E, apesar de todo o trabalho duro que faz e dos seus sofrimentos, ela ainda é uma mulher bonita. Não é de surpreender que Duthbert esteja apaixonado por ela.

— Mas ela é nossa *mãe* — protestou Beezie.

— Não é a mãe de Duthbert Mortmain. Para ele, ela é uma mulher desejável. E, para sua mãe, ele é uma saída.

— Saída do quê? - perguntou Chuck.

— Sua mãe está prestes a perder a loja e o lugar que temos para morar. Mais algumas semanas e estamos no olho da rua.

O rosto de Chuck se iluminou.

— Poderíamos ir para Vespúgia!

— Ir para qualquer parte exige dinheiro, Chuck, e dinheiro é o que não temos. Você e Beezie seriam oferecidos para adoção, e quanto à sua mãe e a mim...

— Vovó! — Beezie agarrou a manga da velha. — Você não quer que mamãe se case com ele, não é?

— Não sei o que quero. Antes de morrer gostaria de saber que alguém está tomando conta dela, de você e de Chuck.

Beezie atirou seus braços em torno da velha.

— Você não vai morrer, vovó, nunca!

As narinas de Chuck se torceram de leve. O cheiro de esporos de dentes-de-leão era forte.

A velha se soltou do abraço.

— Você já viu como a morte leva os que estão prontos e os que não estão, minha Beezie. A não ser por minha preocupação sobre o futuro de vocês e de sua mãe, estou preparada para ir para casa. Estou separada do meu Patrick há muito tempo. Ele está à minha espera. Nos últimos dias, de repente olho para trás e é como se fosse vê-lo.

— Vovó — disse Beezie, passando os dedos pelos cachos do seu cabelo —, mamãe não *ama* Duthbert Mortmain. Não é possível que ame! Eu o odeio!

— O ódio fere mais quem odeia do que a quem é odiado.

— Branwen não odiava?

— Não. Branwen amava e foi traída e gritou a runa pedindo ajuda, e não por ódio ou para se vingar. E o sol derreteu a neve branca para ela poder dormir aquecida à noite, e o fogo em seu fogão não se extinguiu, mas soltou chamas alegres para mantê-la quente, e o relâmpago levou sua mensagem até seu irmão Bran, e o rei irlandês fugiu para seu navio, e o vento soprou, impelindo-o pelo oceano, e seu navio naufragou em suas profundezas, e Bran foi até sua irmã Branwen e abençoou a árida terra, de modo que ela se tomou verde e tornou a florescer.

Beezie perguntou:

— Ela algum dia tornou a amar alguém, depois do rei irlandês?

— Não me lembro mais — disse a velha.

— Vovó! Por que não usamos a mna? Assim talvez mamãe não tenha de se casar com Duthbert Mortmain.

— A runa não é para ser usada levianamente.

— Mas não seria de uma forma leviana.

— Não sei, minha Beezie. Os modelos têm de ser seguidos e só os muito atrevidos tentam modificá-los. A runa deve ser usada apenas nas emergências mais terríveis.

— E isso não é uma emergência?

— Talvez não seja o tipo certo de emergência.

A velha fechou os olhos e se balançou para a frente e para trás, em silêncio. Quando falou, foi numa toada ritmada, de forma muito parecida com a que usava ao cantar as palavras da runa.

— Você usará a runa, minha queridinha, você usará a runa, mas só quando chegar a hora.

Ela abriu os olhos e fixou em Beezie uma mirada penetrante que pareceu atravessá-la.

— Mas como saberei se chegou a hora? Por que agora não é a hora?

A velha sacudiu a cabeça e fechou os olhos, balançando-se novamente.

— Não é o momento. A noite está chegando e as nuvens se acumulam. Não podemos fazer nada antes de todas estarem reunidas. Quando chegar a hora, Chuck lhe fará saber. Do outro lado da escuridão Chuck lhe fará saber, ele lhe deixará... — Suas palavras se arrastaram, e ela abriu os olhos e falou com sua voz natural. — Os dois vão para a cama. Já é tarde.

— Esse horroroso Duthbert Mortmain — disse Beezie a Chuck num belo dia de verão. — Eu não o chamarei de papai.

— Nem eu.

Duthbert Mortmain parecia bastante satisfeito com o fato de os dois o chamarem de sr. Mortmain.

Percorreu a loja com severa eficiência. Com a mãe deles Duthbert era gentil e vez por outra acariciava seu cabelo macio. As pessoas comentavam que ele era louco por ela.

Em um letreiro em cima da caixa registradora lia-se: A CRÉDITO NÃO. Beezie e Chuck ajudavam nas tardes e nos sábados, como de costume. E a mãe deles ainda não ria, nem mesmo quando Duthbert Mortmain comprou para ela uma caixa de chocolates amarrada com uma fita cor de alfazema.

Ela não cheira mais a medo, pensou Chuck, mas também não cheira ao céu azul do amanhecer. Agora era o céu do anoitecer, com uma fina cobertura de nuvens obscurecendo o

azul.

Duthbert Mortmain guardava suas brincadeiras para os clientes. Ele ria, fazia piadas e tinha todo o aspecto de ser um sujeito cordial e bondoso. Mas, no andar de cima, à noite, seu rosto era amargo.

— Não façam barulho, crianças — advertia a mãe deles. — Seu... meu marido está cansado.

Beezie sussurrou para Chuck:

— Papai também estava cansado, mas gostava de nos ouvir rir.

— Éramos os filhos dele — respondeu Chuck. — Não pertencemos a Duthbert Mortmain, e ele não gosta do que não pertence a ele. Duthbert Mortmain só mostrou seu mau gênio na primavera seguinte. Nunca havia nenhum sinal disso na loja, nem mesmo com os clientes ou vendedores mais difíceis; mas, no andar de cima, ele começou a mostrar quem era. Certa manhã, sua esposa (“Detesto quando as pessoas a chamam de sra. Mortmain!”, explodiu Beezie) chegou para o café da manhã com um olho roxo e explicou que tinha batido numa porta, no escuro. A avó, Beezie e Chuck olharam para ela e nada disseram.

E se tornou muito claro que Duthbert Mortmain não gostava de crianças, mesmo quando estavam caladas. Sempre que Chuck fazia alguma coisa que desagradava o padrasto, o que acontecia, no mínimo, uma vez por dia, Mortmain dava tapas em seus ouvidos, de modo que, finalmente, ele passou a ouvir um constante tinido.

Quando Beezie estava sentada diante da caixa registradora, o padrasto beliscava o braço dela sempre que passava, como se fosse de forma afetuosa. Mas os braços da menina estavam tão cheios de marcas pretas e azuis que Beezie ficava de suéter o tempo inteiro para esconder os hematomas.

Um dia, na hora do intervalo, no pátio da escola, Chuck viu Paddy O’Keefe aproximar-se de Beezie e correu até eles a tempo de ouvir Paddy perguntando:

— O velho Mortmain está dando em cima de você?

— O que quer dizer?

— Você sabe o que quero dizer.

— Não, não sei. — Mas ela estremeceu.

Chuck interveio:

— Deixe minha irmã em paz.

— É melhor dizer ao velho Mortmain para deixá-la em paz, nanico. Se precisar de alguma ajuda, Beezie, basta me procurar. O pequeno Paddy tomará conta de você.

Naquela noite o mau gênio de Duthbert Mortmain explodiu de uma forma totalmente descontrolada.

Eles haviam terminado o jantar, e quando Beezie estava tirando a mesa o padrasto estendeu a mão e beliscou seu traseiro, e Chuck viu o olhar de ódio frio que ela lhe lançou.

— Duthbert... — protestou a mãe deles.

— Duthbert Mortmain, tome cuidado.

A avó lhe lançou um longo olhar, bem de frente. Ela não disse outra palavra, mas a advertência estava clara em seus olhos. Colocou as xícaras e os copos numa bandeja e começou a caminhar em direção à pia.

Mortmain também saiu da mesa, e quando a velha se aproximava da escada ele levantou o

braço para bater nela.

– Não — gritou Beezie.

Chuck se lançou entre sua avó e o padrasto e foi atingido pela plena força do golpe de Mortmain.

Outra vez Beezie gritou, enquanto Chuck caía, pela íngreme escada abaixo, em meio a um chuveiro de porcelana e vidro quebrados. Depois, ela saiu correndo atrás dele.

Chuck estava estendido caído, numa posição torcida, no pé da escada, olhando-a com olhos que não viam.

– Gedder me empurrou. Ele me empurrou. Não deixe que ele se case com Gwen, Zillah, não deixe Gedder, não deixe...

DEZ - A terra com sua aridez

Um campo com dentes-de-leão. Amarelos. Amarelos. Explodindo em branco, num nevoeiro branco, um terror branco. Caules verdes, enjoativamente pingando sumo.

Vovó.

Vovó.

Vovó, você não vai morrer. Nunca.

Gedder.

Cheiro. Cheiro ruim.

Revólver. O revólver de Gedder. Façam com que ele pare terrível queda

Gwen Zillah

cabeça dói

dói

chifre de cristal cura

o unicórnio de Matthew chega

a ponta toca a cabeça com luz cura

Beezie! Vovó! Mamãe! Papai!

Duas lápides no cemitério.

Uma luta na borda do penhasco, como a de Gwydyr e Madoc na beira do lago. Ruim. Ruim.

Beezie, não deixe nunca que ele toque em você.

De dentro de si mesmo Charles Wallace observou quando o unicórnio baixou a cabeça, e a ponta ardente do chifre tocou a cabeça de Chuck e despejou luz para dentro dela. Ele manteve o chifre ali até a luz despejar-se para fora, e os espasmos de dor acabarem, e o menino parar de balbuciar e adormecer.

— Charles Wallace!

Ele ouviu. A voz soava como a de Gaudior, mas não era Gaudior, e ele não viu mais a beleza prateada do unicórnio nem a luz do chifre. Nada era visível, nem mesmo a escuridão. Alguma coisa estava acontecendo, e ele não sabia o quê. Ainda estava Dentro de Chuck. E, no entanto, tinha intensa consciência de si mesmo como Charles Wallace, e alguma coisa o puxava.

Meg se sentou na cama, piscando os olhos e esfregando sua mão contra o pelo de Ananda. O gatinho tinha voltado e dormia no travesseiro. De início, Meg não soube por que havia lágrimas em suas faces ou por que estava assustada.

Fechou os olhos, com tristeza, e viu o unicórnio, em pé, imóvel, junto da pedra de espiar estrelas. Uma gota de cristal com forma de pérola deslizou do olho de Gaudior e se espatifou em milhares de fragmentos em cima da pedra. O unicórnio ergueu os olhos para o céu. As estrelas cintilavam, cheias de brilho. Pequenos fiapos de nuvens iluminadas pela luz das estrelas movimentavam-se impulsionados pelo rápido vento norte. Ela pensou ter ouvido

Gaudior dizer:

— A antiga música estava neles, em outros tempos. Isto foi uma vitória dos Echthroi.

Meg pensou na sra. O'Keefe, que esperava no andar de baixo. Sim. Foi uma vitória do inimigo. O fato de Beezie, a criança dourada, ter-se transformado numa velha megera, com dentes faltando e olhos ressentidos, era insuportável.

Há mais coisas nela do que se pode enxergar à primeira vista.

Infinitamente mais.

E agora? O que vai acontecer?

Com Chuck?

Com Charles Wallace?

— Charles Wallace!

Ele ouvia. Era Gaudior? Podia ouvir, mas não conseguia ver, e a voz ecoava, como se viesse de uma grande distância.

— Charles Wallace. — A voz era compassiva. — Você não precisa ficar Dentro de Chuck, agora que isso aconteceu. Não esperávamos isso.

Charles Wallace sentia frio, estava confuso e, portanto, zangado.

— Mas *estou* Dentro de Chuck.

— Sim. E Chuck está inconsciente e quando voltar a si não será o mesmo. Seu cérebro foi danificado. Embora a cura do chifre tenha tirado o pior da dor, não pôde reparar o dano ao cérebro. E, assim, há instruções para que você seja liberado agora, se quiser.

Charles Wallace sentia-se oprimido pela escuridão e pela dor.

A voz quase-Gaudior continuou:

— Dentro de Chuck, do jeito como ele está, agora, você não terá nenhum controle sobre suas ações. O cérebro dele está em curto-circuito. Se existe um Poderia-Ter-Sido que você devesse alterar para evitar o desastre, você não teria nenhuma capacidade de reconhecê-lo nem de mudar nada.

— Se me soltarem de Dentro de Chuck, então o que acontecerá?

— Você será enviado para Dentro de outra pessoa e então será mais capaz de realizar sua missão. O tempo é fundamental, como você sabe. E não sabemos o que pode acontecer enquanto você estiver aprisionado Dentro dessa criança ferida.

— Quem é você? — perguntou Charles Wallace à voz invisível. — Você fala como Gaudior, mas não é Gaudior.

A voz riu, baixinho.

— Não, não sou Gaudior. Toda a luz curativa saiu do chifre dele, mas ele não pôde curar Chuck, embora tenha impedido que morresse... e talvez isto não fosse uma boa coisa, afinal. Ele foi para casa, a fim de mergulhar seu chifre nos poços da cura e tornar a enchê-lo.

— Então, quem é você?

Outra vez, a voz riu.

— Você me viu quando Gaudior o levou para a casa dele, depois que você quase se afogou no mar da Era do Gelo. Sou o unicórnio que você viu sair da casca do ovo.

— Por que não posso ver você? Por que não posso ver nada?

As palavras da voz o haviam tranquilizado, mas ele ainda se sentia temeroso.

— Enquanto estiver em Chuck, você verá apenas o que Chuck vê, e ele está inconsciente e

permanecerá assim durante vários dias. Venha, Charles Wallace, não há tempo a perder. Vamos ajudá-lo a sair de Chuck. Se é preciso impedir que Cão Raivoso Branzillo inicie um holocausto, então você não deve perder tempo.

– Preciso pensar... — Alguma coisa estava errada, e ele não sabia o quê.

– Charles Wallace. Gaudior confirmará o que eu lhe disse. O cérebro de Chuck foi danificado. Ele se tornou quase um idiota. Saia.

– E, se eu sair, verei você?

Havia algo na voz que não combinava com a imagem do unicórnio recém-nascido; mas claro que ele não seria mais um bebê.

– Claro que você me verá. Depressa. Há uma terrível urgência no que você deve realizar.

– Eu?

– Claro, você. Você foi escolhido, não foi?

– Não. Beezie... a sra. O'Keefe... me deu uma incumbência.

– Porque você é o único que pode deter Branzillo.

– Mas eu não posso...

– Claro que pode. — A voz era ternamente paciente. — Por que acha que foi escolhido?

– Bem... Gaudior parecia pensar que foi por eu ser capaz de entrar nas pessoas, pela maneira como Meg e eu quitamos.

– Exatamente. Você foi escolhido por causa dos seus dons especiais e da sua inteligência incomum. Você sabe disso, não é?

– Bem... posso quitar. E sei que meu QI é alto. Mas isso não basta...

– Claro que basta. E você tem a capacidade de discernir entre o certo e o errado, e de tomar as decisões corretas. Você foi escolhido porque é um jovem extraordinário, e seus dons e seu cérebro o qualificam. Você é o único que pode controlar o Poderia-Ter-Sido.

O estômago de Charles Wallace estava enjoado.

– Vamos, Charles Wallace. Você foi o escolhido. Está no controle do que vai acontecer. Você é necessário. Precisamos ir.

Charles Wallace começou a vomitar. Seria em reação às palavras tentadoras ou porque Chuck, com seu crânio esmagado, estava vomitando? Mas ele sabia que o que quer que a voz parecesse, não era a de um unicórnio. Quando parou de vomitar, disse:

– Não sei quem você é, mas você não se parece com Gaudior. Gaudior nunca diria o que você acabou de dizer. Foi o fato de eu tentar usar meu QI alto e de tentar controlar as coisas que nos meteu em encrencas. Não sei o que se supõe que eu use, mas não é meu intelecto nem minha força. Bem ou mal, estou Dentro de Chuck. E nunca entrei nem saí sozinho. Sempre foi uma coisa que aconteceu comigo. Vou ficar Dentro.

Meg soltou um longo suspiro.

– Ele fez a escolha certa, não foi?

A língua quente de Ananda tocou de leve a mão de Meg.

Ela fechou os olhos e ficou à escuta. Teve a impressão de ouvir um uivo de derrota e sentiu um pouco do fedor horrível dos Echthroi.

Então eles haviam tentado atingir Charles Wallace de uma maneira muito mais sutil do que procurando arrancá-lo das costas de Gaudior ou atirando-o para dentro de Projeções.

Duthbert Mortmain quase matara Chuck. Nada era percebido corretamente pelo menino,

agora, nem tempo nem distância. Sua mente era como a terra instável, cheia de falhas, de modo que as camadas mudam de lugar e deslizam. Era como estar num pesadelo do qual não havia nenhuma possibilidade de acordar. Ela sentia dor por ele, e por Charles Wallace Dentro dele.

Dor e pânico.

o mundo se inclinando
ao girar descontrolado em seu eixo,
afastando-se do sol, em sua rotação, e entrando na escuridão
luz explodindo contra seus olhos, uma explosão de luz
um caleidoscópio de cores brilhantes atacando suas narinas.

– Chuck! É Beezie, sua irmã. Chuck, você pode ouvir o que estou dizendo?

Ele estava oprimido pelo peso da atmosfera, mas conseguiu erguer um dedo em resposta ao chamado de Beezie, sentindo medo, ao fazer isso, de que, se levantassem o peso, ele caísse da terra que girava e se inclinava loucamente...

– Ele me ouve! Mamãe, Chuck mexeu o dedo!

Aos poucos, a velocidade furiosa, fora de controle, foi diminuindo, e o planeta retomou sua marcha normal. As cores pararam com sua dança caleidoscópica e ficaram em seus lugares. Os cheiros se tornaram mais uma vez identificáveis: café, pão, maçãs. O dourado não era tão brilhante como antes, mas Beezie ainda era Beezie. A mãe deles era um azul nublado, quase não era mais azul, mais próximo do cinzento das nuvens de chuva. E vovó... Onde está o cheiro de vovó? Por que há um vazio? Onde está o verde?

– Vovó!

– Ela morreu, Chuck. O coração dela não aguentou.

– Gedder a empurrou. Ele a matou.

– Não, Chuck. — A voz de Beezie estava amarga, e a amargura apagava mais o dourado. — Duthbert Mortmain. Ele estava furioso e ia bater nela, mas você a salvou, e ele o atingiu em vez dela, e você caiu escada abaixo e fraturou o crânio. E vovó... ela simplesmente...

– O quê? O que fez Gedder?

– Não, não, não foi Gedder, Chuck, foi Duthbert Mortmain. Ele se sentiu péssimo, se for mesmo capaz de algum sentimento. Ele e mamãe levaram você para o hospital, e eu fiquei em casa com vovó. Ela olhou para mim e disse: “Sinto muito, Beezie, mas não posso esperar mais. Meu Patrick veio me buscar.” E deu um pequeno arquejo, e foi tudo.

Ele a ouvia, mas entre as simples palavras vinham outros sons, e o cheiro de um vento quente e estranho. Camadas de tempo escorregavam e deslizavam embaixo dele.

– Mas Gwen não devia se casar com Gedder. Os filhos de Gwydyr não deviam se casar com os de Madoc.

Havia pânico na voz de Beezie:

– Do que você está falando? Chuck, por favor, não faça isso. Você me assusta. Quero que fique bom.

– Não vamos brincar de Vamos Fingir. É de verdade. Gwen e Gedder... seria ruim, ruim...

O penhasco se erguia bem alto acima dele, escuro, projetando uma sombra. Gedder estava no alto do penhasco, esperando, esperando... Por quem ele esperava?

Devagar, Chuck melhorou até poder colocar latas e caixas nas prateleiras da loja. Embora não pudesse frequentar a escola, recuperou-se o suficiente para marcar os preços no estoque. Raramente cometia um erro, e, quando cometia, Duthbert Mortmain não dava mais tapas em seus ouvidos.

Algumas vezes, Chuck o via como Mortmain, outras como Gedder, quando seus mundos se entortavam.

— Gedder está mais gentil do que antes — informou ele a Beezie. — Ele está mais gentil com mamãe. E com vovó e comigo.

— Vovó... — Um soluço sufocou a voz de Beezie. — Chuck, como você pode fazer isso? Como pode brincar de Vamos Fingir com isso? — A voz dela se elevou, ultrajada. — Como pode se afastar de mim dessa forma, quando preciso de você? Não me abandone!

Ele ouvia e não ouvia, ao mesmo tempo. Estava preso entre camadas de tempo e não conseguia entrar na camada certa, para poder estar com Beezie.

— Vovó me diz para não deixar que ele me ouça chamá-lo de Gedder, porque este não é seu verdadeiro nome. Então não o chamarei. — Ele queria dizer, e achou que estava dizendo: — Nunca a abandonarei, Beezie. — Mas as palavras da outra camada saíram de sua boca. — Onde está Matthew? Quero falar com ele. Ele precisa levar Zillah a Vespúgia.

Algumas vezes a Terra começava novamente a se inclinar, em seu giro veloz, e ele não conseguia ficar em pé ereto. Então, precisava ficar na cama até a inclinação cessar.

Um dia, quando a Terra estava firme embaixo de seus pés, ele subiu a escada para o sótão e rastejou para dentro dos cantos mais escuros e cheios de teias de aranha, até que suas mãos tocaram um pacote. Primeiro, pensou que era uma velha bolsa de fumo, mas depois percebeu um tecido impermeável com alguns papéis embrulhados nele. Eram cartas. E recortes de jornais.

Cartas de Bran para Zillah, para Matthew. Cartas urgentes.

Olhou-as, e as palavras dançaram e bruxulearam diante dos seus olhos. Algumas vezes pareciam dizer uma coisa; outras, algo diferente. Ele não podia ler as letras miúdas. Colocou as mãos sobre os olhos, e tudo brilhou como fogos de artifício. Soluçou de frustração e levou as cartas e os recortes para o andar de baixo, colocando-os sob seu travesseiro.

— Vou contar a vovó. Ela me ajudará a ler as cartas.

A quitação chegava a Meg em ondas distorcidas.

Num minuto, ela entendia, no outro, ficava presa no universo instável de Chuck. Deixou de lado a quitação para poder pensar.

O que se torna claro, pensou, é a importância de saber se Cão Raivoso Branzillo é da linhagem de Madoc ou de Gwydyr. Seja como for, há alguma coisa a ser descoberta entre os dois bebês que apareceram no vidro de adivinhar, o vidro que tanto Madoc quanto Brandon Llawcae viram.

Não sabemos muito sobre a linhagem de Gwydyr. Ele caiu em desgraça e, finalmente, foi para Vespúgia; achamos que Gedder é seu descendente.

Sabemos um pouco mais sobre a linhagem de Madoc. Descobrimos, nas vezes em que Charles Wallace foi para Dentro de alguém, que a maioria dos ancestrais de Madoc ficou por aqui.

Então, é importante conhecer os ancestrais de Branzillo. E está tudo no livro de Matthew

Maddox, ao qual Charles Wallace não tem acesso, porque os Echthroi o bloqueiam. Mas o que pode meu irmão fazer quanto a isso, mesmo que ele e Gaudior cheguem afinal à Patagônia?

Devagar, ela voltou para a quitação.

— Chuck. — Era a voz de Beezie.

— Estou aqui.

— Como você se sente?

— Tonto. A Terra está girando como naquela noite em que vimos os vaga-lumes.

— A noite em que papai morreu.

— Sim. É como naquela noite.

— Você se lembra? — perguntou ela, surpresa.

— Claro.

— Há muitas coisas de que você não se lembra. É por isso que você não pode mais ir para a escola... Chuck...

— Que é?

— Mamãe vai ter um bebê.

— Ela não pode. Papai está morto.

— Ela se casou novamente.

— Ela e Gedder não podem ter um bebê. Seria ruim.

— Pensei que você estivesse falando do jeito como costumava falar. Pensei que você estivesse bem. — A voz dela se ergueu com frustração e aborrecimento. — Não é Gedder, é Mortmain!

Ele tentou voltar para ela, mas não pôde.

— A mesma diferença. O mesmo cheiro. O bebê tem de vir de Madoc. Bran e Zillah precisam ter o bebê por causa da oração.

— Que oração?! — exclamou ela.

“Senhores do azul e Senhores do ouro,
Senhores dos ventos e das águas turbulentas,
Senhores do tempo que envelhece,
Quando virá a estação amena?
Quando virá a criança azul de Madoc?”

— Onde você aprendeu isso?

— Nas cartas.

— Que cartas?

Ele ficou impaciente.

— As cartas de Bran, claro.

— Mas nós lemos todas as cartas. Não havia nelas nada parecido com isso.

— Descobri mais cartas.

— Quando? Onde?

— No sótão. Vovó me ajuda a ler as cartas.

— Onde estão? — perguntou ela.

Ele remexeu embaixo do travesseiro.

— Aqui.

Chuck foi caminhando, num anoitecer de primavera, sentindo o cheiro da grama que crescia e das flores que caíam das árvores com o vento. Caminhou pelos campos, cruzou o riacho, bebeu a água que corria junto com a neve derretida, erguendo a cabeça, movimentando os pés com dificuldade, seguindo para a pedra achatada. A dor caminhava com ele e havia um véu escuro de nuvens entre seus olhos e o mundo. Se uma cadeira fosse puxada para fora do lugar, ele esbarraria nela. Árvores e pedras não se mexiam; ele se sentia mais seguro na pedra do que em qualquer outro lugar.

Não contou a ninguém sobre o véu.

Começou a cometer erros ao colocar os preços no estoque, mas Duthbert Mortmain supôs que era porque a queda o deixara retardado.

O bebê veio, um menino, e a mãe não trabalhava mais na loja. Paddy O’Keefe deixara a escola e viera ajudar. Chuck seguia as instruções de Paddy, marcando as latas com o adesivo que Paddy escolhia para ele. Ouviu Paddy dizer:

— Ele dá mais trabalho do que ajuda. Por que não o manda para o asilo de loucos?

Mortmain resmungou alguma coisa sobre sua esposa.

— Não tem medo de ele machucar o bebê? — perguntou Paddy.

Depois disso Chuck ficava o maior tempo possível afastado, passando os dias quentes na pedra achatada e os dias frios encolhido no sótão. Encontrava-se com Beezie, para conversar, apenas à noite e nos domingos à tarde.

— Chuck, o que há de errado com seus olhos?

— Nada.

— Você não está enxergando direito.

— Está tudo bem.

— Mamãe...

— Não diga a mamãe!

— Mas você devia ir ao médico.

— Não! Eles só querem uma desculpa para me mandar embora. Você deve ter ouvido o que disseram, Paddy e Duthbert. Querem me internar numa instituição. É para meu próprio bem, Mortmain disse a mamãe. Ele disse que sou um idiota e que posso causar mal ao bebê.

Beezie explodiu em prantos e atirou os braços em torno do irmão.

— Você não faria isso!

— Sei que não faria. Só espero que mamãe acredite nisso.

— E você não é um idiota!

As faces dele estavam molhadas com as lágrimas de Beezie.

— Se você disser a eles que estou enxergando mal, eles me colocarão num asilo de loucos, para meu próprio bem e do bebê. Estou tentando ficar afastado.

— Eu ajudarei você, ah, Chuck, eu ajudarei você — prometeu Beezie.

— Tenho de ficar aqui tempo suficiente para ter certeza de que Matthew enviará Zillah para Vespúgia. Ele está economizando dinheiro para isso.

— Ah, Chuck — gemeu Beezie. — Não deixe que eles ouçam você falar disso.

Enquanto o véu se aprofundava e se tornava mais escuro, sua visão interior se iluminava.

Quando o tempo estava bom, ele ficava deitado na pedra achatada o dia inteiro, olhando para cima, na direção do céu, e tendo visões, visões mais nítidas do que qualquer coisa que ele vira, quando seus olhos não tinham nenhum véu a cobri-los. Sua concentração era tão intensa que ele se tornava parte de tudo o que acontecia nas imagens. Algumas vezes, à noite, falava a Beezie a respeito delas, fingindo que eram sonhos, para não perturbá-la.

— Sonhei que cavalgava um unicórnio. Ele parecia o luar e era tão alto que eu precisava escalar uma árvore para chegar às suas costas. Voávamos entre os vaga-lumes, o unicórnio e eu cantando juntos.

— Que sonho lindo. Conte mais.

— Sonhei que o vale era um lago e eu cavalgava um lindo peixe, uma espécie de boto.

— Papai disse que o vale era um lago na pré-história. Arqueólogos descobriram fósseis de peixes nas pedras glaciárias. Talvez por isso você teve esse sonho.

— Vovó nos falou sobre o lago, naquele dia em que sopramos os dentes-de-leão.

— Ah, Chuck, você está tão estranho, o jeito como você se lembra de certas coisas...

— Ah, e tive um sonho com uma fogueira de rosas e... — Ele procurou a mão dela, tateando. — Posso movimentar-me através do tempo.

— Ah, Chuck!

— Posso sim, Beezie.

— Por favor... Por favor, pare.

— São apenas sonhos — confortou-a ele.

— Está bem, então. Mas não conte a mamãe.

— Só a você e a vovó.

— Ah, Chuck.

Ele sabia o caminho para a pedra, e então era mais fácil ir até lá no escuro, mesmo sem ver nada, do que com a luz do sol, quando raios brilhantes penetravam no véu como se fossem espadas, machucando seus olhos e confundindo seu senso de direção.

Tempo. Tempo. Não havia muito tempo.

Tempo. O tempo era fluido como a água.

Ele ficou em pé junto ao divã de Matthew.

— Você não pode esperar mais. Tem de levar Zillah para Vespúgia agora, senão será tarde demais.

Matthew está escrevendo, escrevendo contra o tempo. Está tudo no livro sobre o qual papai falava. Eles não querem que eu veja o livro.

Ritchie abre uma janela, no quarto de Brandon, antes de partir para Gales...

Mas Zillah não está ali... Por que, em vez dela, está uma moça índia?

Porque não é o tempo de Zillah. Ela vem mais tarde, no tempo de Matthew.

Os unicórnios podem movimentar-se no tempo

e os idiotas

o espaço é mais difícil

Paddy quer que eu vá embora. Paddy e Mortmain. Não há muito tempo

“Senhores do espaço e Senhores do tempo,
Senhores da bênção, Senhores da graça,

Quem está no clima mais quente?
Quem seguirá os versos de Madoc?
O azul alterará o tempo e o espaço.”

Você não aprendeu em Gwynedd que só há espaço para um rei?

Você será grande, pequeno Madog, e dirá que o mundo lhe pertence, para preservar ou destruir, como você quiser. É um mundo mau, pequeno Madog.

Você fará bem ao seu povo, El Zarco, pequeno Olhos Azuis. A oração foi atendida em você, azul para nascimento, azul para alegria

Que será azul

Eles estão combatendo
no alto do penhasco
no íngreme rochedo

o mundo
se inclina
segue depressa demais
vou cair

ONZE - Tudo isso eu coloco

A luz voltou devagar. Havia sombras, apenas sombras que se aprofundavam, e dor, que aos poucos começou a desaparecer, e uma luz curativa tocou suas pálpebras fechadas. Ele as abriu. Estava na pedra de espiar estrelas, com Gaudior.

– O vento tirou você de Dentro de Chuck.

– O que aconteceu com ele?

– Mortmain internou-o num asilo. Você está pronto? Está na hora... — Uma ondulação causada pela tensão percorreu os flancos do unicórnio.

Charles Wallace sentiu o vento em torno deles, frio mas fortificante.

– O que Chuck viu... aqueles dois homens lutando... era real?

– O que é real? — perguntou Gaudior, provocante.

– É importante!

– Nem sempre sabemos o que é importante e o que não é. O vento envia um aviso de que devemos nos apressar. Suba e se segure com muita força.

– Devo me amarrar novamente em você?

– O vento diz que não há tempo. Voaremos para fora do tempo e atravessaremos galáxias que os Echthroi não conhecem. Mas o vento diz que mesmo assim talvez seja difícil mandar você para Dentro. Segure-se firme e tente não ter medo.

Charles Wallace sentiu o vento embaixo deles, enquanto Gaudior abria as asas. No começo, o voo foi sereno. Depois, ele começou a sentir frio, um frio profundo e penetrante, muito pior do que o frio do mar da Era do Gelo. Era um frio do espírito, tanto quanto do corpo. Não caiu do unicórnio porque estava congelado junto com ele; suas mãos viraram gelo enquanto apertavam a crina congelada.

Os cascos de Gaudior tocaram algo sólido, e o frio melhorou o suficiente para o menino ser capaz de soltar seus dedos e abrir suas pálpebras congeladas. Estavam numa praça aberta, numa cidade congelada, com prédios altos e sem janelas. Não havia nenhum sinal de árvore nem de grama. O cimento gelado estava rachado, e havia na rua grandes pedaços de alvenaria caída.

– Onde... — começou Charles Wallace a falar, e então parou.

O unicórnio virou a cabeça, devagar.

– Uma Projeção...

Charles Wallace acompanhou seu olhar e viu dois homens com máscaras contra gases patrulhando a praça, carregando metralhadoras.

– Será que eles nos veem?

A pergunta foi respondida logo a seguir: os dois homens pararam, viraram-se e olharam, pelos olhos negros e redondos de suas máscaras, diretamente para o unicórnio e o menino. Então, levantaram as armas.

Com um tremendo salto Gaudior lançou-se para cima, fazendo um esforço imenso com as asas. Charles Wallace pressionou-se contra o pescoço dele, suas mãos entrelaçadas na crina. Mas, pelo menos naquele momento, escaparam aos Echthroi, e, quando os cascos de Gaudior tocaram o solo novamente, a Projeção havia desaparecido.

— Aqueles homens com metralhadoras... — começou Charles Wallace a dizer. — Numa Projeção, eles poderiam nos matar?

— Não sei — disse Gaudior —, e não queria esperar para descobrir.

Charles Wallace olhou à sua volta, aliviado. Quando saíra de Chuck, era outono, o vento frio desnudando as árvores. Agora, era o auge da primavera, as velhas macieiras e pereiras estavam em plena floração, e a brisa tinha um cheiro de lilás. Em torno deles, pássaros cantavam com toda força.

— O que faremos agora? — perguntou Charles Wallace.

— Pelo menos você está perguntando e não mandando — disse Gaudior, com uma irritação fora do comum, e então o menino percebeu que sua ansiedade era fora do comum. Meg estremeceu. Dentro da quitação ela viu a pedra de espiar estrelas e um dia dourado de outono. Havia duas pessoas na pedra, uma moça e um rapaz — ou um menino? Não sabia ao certo, porque havia algo de errado com o rapaz. Mas, pelas roupas que usavam, teve certeza de que estava na Guerra Civil Americana — por volta de 1865.

Passar para Dentro foi uma coisa demorada e angustiante, em vez de imediata, como acontecera antes. Charles Wallace sentiu uma dor intolerável nas costas e um esmagamento das pernas. Pôde ouvir a si mesmo gritando. Seu corpo estava sendo forçado a entrar em outro corpo, e, ao mesmo tempo, alguma coisa tentava puxá-lo para fora. Era como se o despedançassem, num combate entre duas forças opostas. O sol ardeu e foi seguido por uma nevasca, a neve derretida por um incêndio furioso e por violentos relâmpagos, impulsionados por um vento poderoso, que chicoteava mar e terra...

Seu corpo se foi, ele estava Dentro. Dentro de um corpo aleijado, o corpo de um rapaz com pernas inúteis, como as de uma criança mirrada... Matthew Maddox.

Da cintura para cima ele não parecia muito diferente de Madoc, e mais ou menos com a mesma idade, uma cabeça orgulhosa e um cabelo louro que parecia a juba de um leão. Mas o corpo não tinha nada do corpo de Madoc, tão forte e viril. E os olhos eram cinzentos, cinzentos como o oceano antes da chuva.

Matthew olhava, sombrio, para a moça, que parecia ter mais ou menos a sua idade, embora seus olhos fossem muito mais jovens do que os dele.

— *Croeso fannwyl*, Zillah. — Ele disse as palavras galesas de carinho afetuoso. — Obrigado por vir.

— Você sabia que eu viria. Logo que Jack O'Keefe trouxe seu bilhete, saí. Como você chegou até aqui?

Ele apontou para uma carroça baixa, a pequena distância da pedra.

Ela olhou para o torso forte e para os ombros e braços bastante musculosos.

— Sozinho, o caminho inteiro?

— Não. Posso fazer isso, mas levo muito tempo, e precisava examinar os livros-razão da loja esta manhã. Quando fui até as cavaliárias encontrar Jack, para ele me entregar o bilhete, engoli o orgulho e pedi que ele me trouxesse.

Zillah espalhou em torno dela, sobre a pedra, suas saias brancas infladas. Usava um chapéu de palha com fitas azuis, que realçavam os pontos brilhantes de seu cabelo lustroso, liso e negro, e um medalhão numa fita azul no pescoço. Para Matthew Maddox, ela era a mais linda, desejável e a mais inalcançável mulher do mundo.

— Matt, qual é o problema? — perguntou ela.

— Alguma coisa aconteceu com Bran.

Ela empalideceu.

— Como você sabe? Tem certeza?

— Na noite passada acordei de um sono profundo com uma dor inacreditavelmente aguda em minha perna. Não era a minha própria dor familiar, era a dor de Bran. E ele me chamava para que eu o ajudasse.

— Ah, meu Deus! Ele vai ficar bem?

— Está vivo. Estendeu a mão à minha procura o dia inteiro.

Ela enterrou o rosto nas mãos, de modo que suas palavras ficaram abafadas.

— Obrigada por me contar. Você e Bran... vocês sempre foram tão próximos, mais até do que a maioria dos gêmeos.

Ele reconheceu isso com um aceno afirmativo da cabeça.

— Fomos sempre próximos, mas foi depois do meu acidente que... foi Bran quem me trouxe de volta à vida, Zillah, você sabe disso.

Ela pousou sua mão de leve no ombro dele.

— Se Bran está muito ferido, vamos precisar de você. Como antes você precisou de Bran.

Depois do acidente, cinco anos antes, quando seu cavalo batera numa cerca e rolara por cima dele, esmagando sua pelve e suas pernas e fraturando a coluna vertebral, Bran não demonstrara nenhuma piedade por ele; em vez disso, tentara furiosamente empurrar seu irmão gêmeo para que alcançasse o máximo possível de independência e se recusara a lhe permitir que sentisse pena de si mesmo.

— Mas Rollo pula facilmente cercas duas vezes mais altas.

— Ele não pulou por cima dessa.

— Bran, pouco antes de ele bater, houve um fedor horrível, pútrido...

— Pare de ficar lembrando como as coisas aconteceram. Leve a vida adiante.

Eles continuaram a ir para toda parte juntos — até a guerra. Matthew não podia fazer o que o irmão fez: mentir sobre sua idade e ingressar na cavalaria.

— Vivi minha vida por meio de Bran, como se ele me delegasse esse poder — disse Matthew a Zillah. — Quando ele foi para a guerra, foi a primeira vez que me deixou de fora. — E depois: — Quando você e Bran se apaixonaram, senti que tinha de começar a soltá-lo, a tentar encontrar algum tipo de vida própria, para deixá-lo livre. E foi mais fácil deixá-lo para você do que seria para qualquer outra pessoa do mundo, porque você sempre me tratou como um ser humano completo, e eu sabia que vocês dois não me excluiriam de suas vidas.

— Querido Matt. Nunca. E você está fazendo sua própria vida, está vendendo suas histórias e poemas. E acho que são tão bons quanto qualquer coisa escrita por Mark Twain.

Matthew riu, uma risada calorosa que tornou mais leves as linhas causadas pela dor em seu rosto.

— São apenas um trabalho de principiante.

— Mas os editores também os acham bons, assim como meu pai.

— Fico satisfeito. Valorizo a opinião do dr. Llawcae mais do que a de qualquer pessoa neste mundo.

— E ele ama você, Bran e Gwen, como se fossem meus irmãos e irmã. E sua mãe foi uma

segunda mãe para mim, desde que a minha querida mãe morreu. Quanto aos nossos pais... talvez sejam apenas parentes distantes, pois são muito parecidos, com a paixão deles por Gales. Matt... Você disse alguma coisa sobre Bran a Gwen ou a seus pais?

— Não. Eles não gostam da ideia de Bran e eu nos comunicamos sem nos falar ou escrever cartas do jeito como fazemos. Fingem que é algum tipo de truque que inventamos, do mesmo jeito como costumávamos mudar de lugar um com o outro quando éramos pequenos e queríamos enganar as pessoas. Acham que o que fazemos não é real.

— É real, não duvido. — Zillah sorriu. — Querido Matt, acho que o amo quase tanto quanto Bran o ama.

Uma semana depois o sr. Maddox recebeu a notícia oficial de que seu filho fora ferido em combate e voltaria para casa, inválido. Ele chamou a família para a biblioteca escura e cheia de livros, a fim de lhes informar o que ocorrera.

A sra. Maddox se abanou com seu leque negro de renda.

— Graças a Deus.

— Você está contente por Bran ter sido ferido! — exclamou Gwen, indignada.

— Claro que não, filha. Mas agradeço a Deus por ele estar vivo, e por voltar para casa antes que algo pior do que uma bala na perna aconteça com ele.

É pior, mamãe, Matthew pensou, sem nada dizer. Bran está impedindo que eu compartilhe seus pensamentos e nunca fez isso antes. Tudo o que obtenho dele é uma dor sombria, mortal. Gwen tem mais razão do que pensa, não é o caso de ficar alegre.

Ele olhou pensativo para a irmã. Tinha cabelos escuros e olhos azuis, como Zillah, o que as fazia parecerem irmãs, mais do que primas distantes. Mas seu rosto não era aberto como o de Zillah, e seus olhos eram de um azul mais frio e brilhavam quando ela estava zangada. Depois do acidente com Matthew, ela tivera pena dele, mas não transformara sua piedade em compaixão. Matthew não queria piedade.

Gwen devolveu seu olhar.

— E como você se sente com relação à volta do seu gêmeo para casa, Matthew?

— Ele foi muito ferido, Gwen — disse ele. — Não será o mesmo Bran jovial de quando partiu.

— Ele ainda é uma criança. — A sra. Maddox virou-se na direção do marido, que estava sentado atrás da comprida mesa de carvalho da biblioteca.

— Ele é um homem, e, quando chegar em casa, a loja se tornará Maddox e Filho — disse seu marido. Maddox e Filho, *pensou Matthew, sem amargura*, e não Maddox e Filhos.

Afastou um pouco sua cadeira de rodas. Estava inteiramente comprometido com sua escrita; não tinha nenhum desejo de ser sócio da Maddox's General Store, um grande e próspero estabelecimento no centro da aldeia, que negociava com a população rural, numa extensão de muitos quilômetros. O primeiro andar do prédio, com suas vigas aparentes de madeira, estava cheio com todos os víveres necessários para a aldeia. No andar de cima havia selas e arreios, armas, arados e até uma grande quantidade de remos, como se o sr. Maddox se lembrasse de um tempo em que quase todo o vale era uma grande lagoa. Alguns pequenos lagos eram tudo o que restava do volume de água inicial. Matthew passava a maioria das manhãs na loja, cuidando dos livros-razão e de todas as contas.

Atrás da loja ficava a casa, chamada Merioneth, e atrás desta ficava o Madnin, o lar dos

Llawcae, ligeiramente menos aparatoso, com colunas brancas e uma fachada de tijolos cor-de-rosa. Merioneth era a típica casa de fazenda: branca, com vigas de madeira e postigos pretos, o tipo de casa que substituíra as cabanas de madeira iniciais.

— As pessoas acham que estamos com ares de grandeza, dando nomes às nossas casas — queixara-se Bran, um dia, antes do acidente, enquanto ele e Matthew caminhavam para casa, de volta da escola.

Matthew deu uma cambalhota.

— Gosto disso — disse ele quando tornou a ficar no chão. — Merioneth foi batizada assim em homenagem a um primo distante, em Gales.

— Sim, eu sei, Michael Jones, pastor de uma congregação de Bala, em Merioneth.

— O primo Michael ficou satisfeito com o fato de termos dado esse nome à casa. Ele menciona isso quase todas as vezes em que escreve para papai. Você ouviu, ontem, quando ele falou de Love Jones Parry, o proprietário de Madrun, e do plano dele de viajar à Patagônia para examinar a terra e ver se pode ser adequada para uma colônia de Gales?

— Essa foi a única parte interessante — dissera Bran. — Adoro viajar, mesmo que apenas vá com papai para comprar suprimentos. Talvez, se o senhor de Madrun fizer realmente essa viagem, a gente possa ir com ele.

Pouco tempo depois disso aconteceu o acidente, e Matthew lembrou-se de como Bran tentara tirá-lo do desespero contando-lhe que Love Jones Parry realmente fora para a Patagônia e informara que, embora a terra fosse erma e abandonada, ele achava que poderia ser possível a formação de uma colônia galesa lá, onde os colonizadores teriam permissão para ensinar a língua nativa na escola. O governo espanhol não dava muita atenção a essa área da Patagônia, onde só havia uns poucos índios e um punhado de espanhóis.

Mas Matthew não se animou.

— É excitante para você. Não irei jamais, em minha vida, a qualquer lugar muito longe de Merioneth.

Bran o repreendera ferozmente:

— Você não pode se dar o luxo da autopiedade.

Ainda é um luxo caro, pensou Matthew, e pelo qual dificilmente eu poderia pagar.

— Matt! — Era Gwen. — No que você está pensando?

Ele estava escrevendo quando o pai deles os chamara, e ainda tinha seu bloco de anotações no colo.

— Apenas imaginando a trama de outra história.

Ela lhe sorriu, alegremente.

— Você tornará famoso o nome Maddox!

— Meu magnífico filhinho — disse a sra. Maddox. — Como sinto orgulho de você! Aquela foi a terceira história que você vendeu para a *Harpers Monthly*, não foi?

— A quarta. Mamãe, papai, Gwen, acho que preciso avisá-los de que Bran vai precisar de todo o nosso amor e ajuda quando voltar para casa.

— Bem, claro... — Gwen começou a falar com um tom de voz indignado.

— Não, Gwen — disse ele, tranquilamente. — O ferimento de Bran vai muito além do simples tiro na perna.

— Do que você está falando? — perguntou o pai.

— Podem referir-se a isso como a alma de Bran. Está doente.

Bran voltou, manco e reservado. Deixou Matthew isolado do lado de fora com tanta eficácia quanto se tivesse batido a porta na cara do irmão.

Mais uma vez, Matthew enviou um bilhete para Zillah, marcando um encontro dos dois na pedra achatada. Desta vez ele não pediu ajuda a Jack O’Keefe: deitado na carroça, foi puxando a si mesmo por cima do terreno acidentado. Era um trabalho árduo, mesmo com os braços fortes, e estava exausto quando chegou. Mas ainda lhe sobrava tempo mais do que suficiente. Içou a si mesmo, saiu da carroça e se arrastou até a pedra. Estirou-se nela e dormiu, sob o quente sol de outono.

— Matt...

Acordou. Zillah sorria-lhe de cima.

— *F’anwyl*. — Ele afastou dos olhos o cabelo claro e se sentou.

— Obrigado por vir.

— Como está ele, hoje?

Matthew balançou a cabeça.

— Não há nada de novo. É duro para papai ter outro filho aleijado.

— Psiu. Bran não é um aleijado.

— Ele vai mancar pelo resto da vida, por causa do ferimento na perna. E, se o seu espírito voltará ou não ao normal, só podemos tentar adivinhar.

— Dê um tempo a ele, Matt...

— Tempo! — Matt rejeitou a palavra com impaciência. — É o que mamãe não para de dizer. Mas nós lhe demos tempo. Faz três meses que voltou. Dorme metade do dia e lê metade da noite. E ainda se mantém fechado para mim. Se falasse sobre suas experiências, talvez isto o ajudasse, mas não quer.

— Nem com. você?

— Parece que ele acha que precisa me proteger — disse Matthew, amargamente —, e uma das coisas que mais amei em Bran era sua recusa a me proteger ou mimar de alguma maneira.

— Bran, Bran — murmurou Zillah —, o cavaleiro com a armadura reluzente que ingressou tão bravamente na cavalaria para salvar o país e libertar os escravos... — Ela deu uma olhada no anel em seu dedo. — Ele me pediu que devolvesse o anel. Para me libertar, disse.

Matthew estendeu a mão para ela, depois a recolheu.

— É preciso dar um tempo para mim, tanto quanto para Bran. Quando ele me deu este anel, prometi que estaria à sua espera quando ele voltasse, fosse como fosse, e pretendo manter a promessa. O que podemos fazer para tirá-lo do atoleiro da desesperança?

Matthew estava louco para estender a mão e tocar sua pele clara, para acariciar seu cabelo tão negro quanto a noite e igualmente lindo. Abriu a mão em cima da pedra quente.

— Tentei fazer com que ele me levasse para cavalgar, não cavalgo desde que ele foi embora.

— E então?

— Ele disse que era perigoso demais.

— Para você? Ou para ele?

— Foi o que perguntei. E ele disse apenas: “Deixe-me em paz. Minha perna está doendo.” E eu respondi: “Você não deixava que eu falasse a respeito, quando minhas pernas e minhas

costas doíam.” E ele se limitou a me olhar e dizer: “Eu não entendia a dor naquele tempo.” E eu devolvi: “Acho que você a entendia melhor do que entende agora.” E paramos de falar, porque não chegávamos a parte alguma, e ele não queria abrir nem um centímetro de espaço para eu me aproximar.

— Papai diz que a dor dele deve ser tolerável, a esta altura, e que o ferimento físico não é o problema.

— É isso mesmo. Temos de tirá-lo de dentro de si próprio, de alguma maneira. E, Zillah, aconteceu outra coisa sobre a qual preciso conversar com você. Ontem, quando eu esperava fazer Bran me levar para cavalgar, fui com a cadeira de rodas até a cavalaria, para dar uma olhada em minha sela, e ao abrir a porta lá estavam Jack e... e...

— Gwen?

— Como você adivinhou?

— Já tinha visto os olhares que ele lançava para ela. E ela retribuía.

— Eles estavam fazendo mais do que se olhar. Eles se beijavam.

— A filha de um negociante e um empregado. Seus pais não aprovariam. E você?

— Zillah, não vem ao caso minha aprovação a Jack O’Keefe. Ele é um homem grande e forte e não sente nada por mim a não ser desprezo... como despreza qualquer um que tenha uma imperfeição física. Já o vi pegar um cachorrinho sem dono e matá-lo, atirando-o contra a parede do celeiro.

Ela pôs as mãos em cima dos olhos.

— Matt! Pare!

— Acho que é o físico dele que tanto atrai Gwen. Sou um aleijado total e Bran, meio aleijado, pelo menos por enquanto. E Jack é vida. Ela não vê a crueldade que há por trás do seu sorriso amplo e da risada alta.

— O que você vai fazer com relação a isso?

— Nada. Por enquanto. Mamãe e papai já estão com as cabeças cheias demais, com muita preocupação por causa de Bran. E, se eu avisar Gwen, ela vai pensar apenas que estou com inveja de tudo o que Jack pode fazer e eu, não. Tentarei conversar com Bran a respeito, mas duvido que ele me ouça.

— Querido Matt. Conforta-me o fato de você e eu podermos conversar assim. — A voz dela era compassiva, mas não tinha nada da piedade que ele detestava. — Meu bom e verdadeiro amigo. Uma noite, depois do jantar, enquanto os homens tomavam o vinho do Porto, o sr. Maddox olhou para Bran por cima do líquido cor de rubi em sua taça.

— Matthew e Zillah gostariam que você se unisse a eles em sua aula de galês, esta semana.

— Ainda não, papai.

— “Ainda não, ainda não” é tudo o que você vem dizendo durante os últimos três meses. Will Llawcae diz que seu ferimento está curado e não há motivo para o seu fingimento de que está doente.

Para tentar fazer seu pai parar de falar, Matthew disse:

— Eu estava notando hoje que Gwen parece mais índia do que galesa, com seus ossos malares altos.

O sr. Maddox serviu para si mesmo uma segunda taça de vinho e depois tampou a garrafa ornamental de vidro entalhado.

— Sua mãe não gosta de ser lembrada de que tenho sangue índio, embora seja de muitas gerações atrás. Os Llawcae também o têm, através dos nossos antepassados em comum, Brandon Llawcae e Maddok do Povo do Vento, cujos filhos se casaram entre eles. Maddok recebeu este nome porque tinha os olhos azuis do Madoc galês... Mas não preciso repetir a história.

— É verdade — concordou Bran.

— Gosto dela. — Matthew bebericava seu vinho.

— Você é um romântico — disse Bran. — Guarde isso para seus escritos.

O sr. Maddox disse formalmente:

— Como sua mãe já comentou muitas vezes, cabelos negros e olhos azuis são muito mais comuns em descendentes de galeses do que de índios, e galeses, sem dúvida, nós somos. E trabalhadores. — Olhou severamente para Bran.

Mais tarde, naquela noite, Matthew foi com a cadeira de rodas para o quarto de Bran. O irmão gêmeo estava em pé junto à janela, segurando a cortina de veludo aberta, a fim de olhar o bosque para além do gramado. Virou-se para Matthew com um resmungo:

— Vá embora.

— Não, Bran. Quando fui ferido, disse a você que fosse embora, e você não quis. Eu também não irei. — Matthew rodou sua cadeira mais para perto do irmão. — Gwen está apaixonada por Jack O’Keefe.

— Não é de surpreender. Jack é um belo bruto.

— Ele não é o homem certo para Gwen.

— Por que é nosso empregado? Não seja tão esnobe.

— Não, porque ele é, como você disse, um bruto.

— Gwen é capaz de tomar conta de si mesma. Sempre foi. De qualquer forma, papai entraria em cena com toda força.

Houve um silêncio vazio, que Matthew interrompeu:

— Não afaste Zillah da sua vida.

— Se eu a amo, é a única coisa a fazer: libertá-la.

— Ela não quer ser libertada. Ela ama você.

Bran caminhou até sua cama, com a cabeceira alta, de carvalho, e se atirou nela.

— Deixei de amar a tudo e a todos. Deixei de amar a vida.

— Por quê?

— Precisa me perguntar?

— Sim, preciso. Você não está me contando nada.

— Você costumava saber sem eu precisar contar.

— Ainda saberia, se você não me fechasse a porta. Inquieto, Bran movimentou a cabeça de um lado para outro do travesseiro.

— Tenha paciência comigo, meu irmão. Aguentar papai já é bastante difícil.

Matthew aproximou a cadeira de rodas da cama.

— Você conhece papai.

— Não fui feito para ser negociante, e você também não. Gwen é a única com a mesma cabeça forte para negócios que papai tem. Mas eu não sou dotado de um talento como o seu

para oferecer a papai como alternativa. E ele sempre contou comigo para assumir o negócio. Mas não quero. Nunca quis.

— Como será, então? — perguntou Matthew.

— Não sei ao certo. A única coisa positiva que a guerra fez por mim foi confirmar meu gosto pelas viagens. Gosto de aventura... mas não de matar. E parece que as duas coisas raramente estão separadas.

Era a coisa mais próxima de uma conversa que havia acontecido entre os dois desde a volta de Bran, e Matthew começou a ter esperanças.

Matthew estava escrevendo em sua mesa portátil, num canto ensolarado da sala de visitas raramente usada.

Bran o encontrou ali.

— Irmão, preciso de você.

— Estou aqui — disse Matthew.

Bran escarranchou-se numa pequena cadeira dourada e apoiou os braços no encosto.

— Matt, nada é da maneira que pensei que fosse. Fui para a guerra pensando em mim mesmo como Galahad, disposto a libertar companheiros seres humanos da servidão intolerável da escravidão. Mas não foi tão simples assim. Havia outras questões menos puras no combate, a pouca preocupação com as pessoas que morreriam por nada além de cobiça política, corrupção e alianças secretas pelo poder. Matt, vi um homem com o rosto arrancado por uma explosão e sem boca para gritar, e, no entanto, ele gritava e não podia morrer. Vi dois irmãos: um estava de azul e outro de cinzento, e não lhe direi qual dos dois pegou seu sabre e com ele atravessou o outro. Ah, meu Deus, era irmão contra irmão, Caim e Abel, tudo outra vez se repetindo. E eu fui transformado em Caim. O que Deus tem*a ver com um país onde irmãos podem virar-se uns contra os outros com tamanha brutalidade?

Bran parou de falar, pois sua voz se transformou num soluço.

Matthew pôs no chão sua mesa portátil e puxou o irmão contra seu corpo, e juntos choraram, enquanto Bran despejava toda a angústia, o terror e o pesadelo que vivera. E Matthew o abraçava e tirava dele a dor, introduzindo-a em seu próprio coração.

Quando a torrente estava esgotada, Bran olhou para seu irmão gêmeo:

— Obrigado.

Matthew abraçou-o com força.

— Você está de volta, Bran. Estamos juntos novamente.

— Sim. Para sempre.

— É bom ver você voltar à vida.

— Voltar à vida machuca. Preciso acabar com a minha dor.

Matthew disse, espantado:

— O quê?

— Matt, meu irmão, vou embora.

— O quê?! — Matthew olhou para Bran, em pé, ereto e forte, à sua frente. As cortinas de cetim amarelo aqueciam a luz e iluminavam os cabelos de Bran. — Para onde?

— Você nunca imaginaria.

Matthew esperou.

— Papai recebeu uma carta de Gales, do primo Michael. Um grupo partiu para a Patagônia,

a fim de iniciar uma colônia. A esta altura já estão lá. Vou me unir a eles. Que tal tornar realidade um antigo sonho?

— Íamos juntos

— Querido irmão, você está fazendo um nome aqui, com seus escritos. Sei que a criação de uma história é trabalho, mesmo que papai não reconheça isso. Mas você não poderia enfrentar uma vida de dureza física como eu levarei na colônia galesa.

— Você tem razão — admitiu Matthew. — Eu seria um peso.

— Nunca mais ficarei longe de você — garantiu-lhe Bran —, nem mesmo na Patagônia. Prometo partilhar tudo com você, e você poderá escrever histórias sobre aquilo lá, tão vividamente quanto se estivesse presente. O primo Michael escreve que a colônia está se estabelecendo bem, numa pequena parte da Patagônia conhecida como Vespúgia, e eu lhe contarei tudo a respeito dela e descreverei para você um grande elenco de personagens.

— Você já contou a Zillah?

Bran sacudiu a cabeça, negativamente.

— Irmão, isso afeta Zillah também, você sabe. Ela usa a aliança que você lhe deu.

— Direi a todos esta noite, durante o jantar. Vou fazer com que mamãe peça aos Llawcae.

O jantar foi servido na sala de jantar, um aposento grande, escuro, com painéis de carvalho, que parecia beber a luz vinda do lustre de cristal. As cortinas pesadas, marrons como as da biblioteca, estavam fechadas, como proteção contra a noite fria. O fogo que ardia com força não ajudava muito a aquecer a grande caverna.

Durante a refeição, a conversa foi em grande parte sobre a expedição galesa para a Patagônia, deixando o sr. Maddox e o dr. Llawcae cheios de um entusiasmo distante pela aventura.

— Quanto divertimento — disse Gwen. — Por que não vai, papai? Se eu fosse homem, iria.

Matthew e Bran se entreolharam por cima da mesa, mas Bran sacudiu levemente a cabeça.

Depois da sobremesa, quando a sra. Maddox empurrou para trás sua cadeira, fazendo um sinal com a cabeça para Gwen e Zillah, a fim de que a acompanhassem, Bran as deteve.

— Espere, por favor, mamãe. Tenho algo a dizer a todos. Foi agradável para nós conversar sobre a expedição à Patagônia e a fundação da colônia em Vespúgia. Anos atrás, antes do acidente que Matthew sofreu, sonhávamos em nos unir ao proprietário de Madrun, quando ele fez sua viagem para ver se lá seria um lugar adequado para uma colônia. Então, talvez não seja surpresa para vocês o fato de eu decidir me unir aos colonizadores e levar uma vida nova em Vespúgia. Hoje, escrevi para o primo Michael e para o sr. Parry, em Gales, e enviei as cartas a Vespúgia.

Durante um momento houve um silêncio profundo.

Bran o rompeu, sorrindo.

— O dr. Llawcae diz que um clima mais quente será melhor para mim.

O sr. Maddox perguntou:

— Será que ir para a Patagônia não é uma maneira um tanto excessiva de encontrar um clima mais quente? Você poderia ir para o sul, para a Carolina do Sul ou para a Geórgia.

Os lábios de Bran se fecharam, numa rígida expressão de dor.

— Papai, você se esquece de onde vim e do que estive fazendo?

A sra. Maddox disse:

— Não, filho, seu pai não se esquece. Mas a guerra terminou, e você deve esquecer tudo isso.

— No sul? Duvido que eu fosse bem-recebido nos Estados Confederados.

— Mas Vespúgia... é tão longe... — Lágrimas encheram os olhos da sra. Maddox. Zillah, com o rosto pálido mas decidido, puxou um lenço limpo da pequena bolsa e o entregou a ela. — Se você apenas continuasse a recuperar suas forças, se prosseguisse nos estudos de galês com Matthew e entrasse nos negócios com seu pai...

Bran sacudiu a cabeça.

— Mamãe, você sabe que eu não posso entrar nos negócios com papai. E que não tenho nenhum talento, como o de Matthew, que pudesse usar aqui. Parece que a melhor maneira de me recuperar é sair, e que maneira mais eficiente de aprender galês do que estar com pessoas que falam a língua o tempo inteiro?

O sr. Maddox disse, devagar:

— Você me pegou de surpresa, filho, mas parece mesmo ser uma solução razoável para você, não é, Will? — Ele olhou para o médico, que mexia em seu cachimbo.

— De certa forma, eu me identifico com Madoc, papai — disse Bran. — Matthew e eu estivemos relendo o poema de T. Gwynn Jones sobre ele, esta noite. — Olhou para Gwen. — Lembra-se dele?

Ela fungou.

— Nunca leio galês, a menos que papai me obrigue.

— Madoc partiu de Gales em profundo desespero, porque irmão estava lutando contra irmão, exatamente como fizemos nessa guerra horrenda, “até parecer que o próprio Deus havia deixado de cuidar dos filhos dos homens”... *ym droi gyda diflastod as anobaith Madog wrth ystried cyflwr gwlad ei ededigaeth, lle'r oedd brawd un ymladd yn erbyn brawd hyd nes yr oedd petal Duw ei hun wedi peidio â gojalu am feibion dynion.*

O sr. Maddox sugou seu cachimbo.

— Você se lembra, de fato.

— Bom rapaz — aprovou o dr. Llawcae.

— Eu me lembro e entendo bem demais, pois houve muitas noites durante a guerra nas quais Deus se retirou dos nossos campos de batalha. Quando os filhos dos homens lutam uns contra os outros com os corações endurecidos, por que Deus não se retiraria? A escravidão é um mal, Deus sabe disso, mas a guerra é um mal também, mal, mal.

Zillah afastou seu prato de sobremesa vazio e foi ajoelhar-se ao lado de Bran, pegando impulsivamente a mão dele e pressionando-a contra sua face.

Ele tomou sua mão.

— Fui para a guerra pensando que a humanidade era sensata e descobri o contrário. Mas sempre foi assim, e, afinal, eu me torno um adulto, como Matthew se tornou, muito antes de mim. Sei que ele faria de tudo para ir a Vespúgia comigo, e eu, para tê-lo em minha companhia, mas ambos sabemos que isso não pode acontecer.

A sra. Maddox ainda chorava no lenço que Zillah lhe dera.

— Nunca mais pode haver uma guerra capaz de fazer coisas tão terríveis com as pessoas.

O sr. Maddox disse:

— Minha querida, não é bom para nós continuar a lembrar Bran da guerra. Talvez ir embora de Merioneth, partir para Vespúgia, seja a melhor maneira para ele esquecer.

Matthew olhou para o pai e o viu deixar seu sonho de “Maddox e Filho” desaparecer nos ermos de Vespúgia.

— Bran. — Zillah levantou-se e olhou para ele de cima.

— Pequena Zillah .

— Não sou mais a pequena Zillah, Bran. Você mudou isso na noite anterior à sua partida para a guerra, quando colocou este anel em meu dedo.

— Filha — repreendeu Llawcae —, é o mais profundo desejo do meu coração que Llawcae e Maddox sejam mais uma vez unidos pelo casamento. Dei a Bran minha bênção, quando ele veio pedir sua mão. Mas ainda não. Você só tem dezessete anos.

— Muitas mulheres se casam e se tornam mães aos dezessete. Quero ir para Vespúgia com Bran, como sua esposa.

— Zillah — disse o dr. Llawcae —, você esperará. Quando Bran estiver estabelecido, dentro de um ano ou dois, ele pode mandar buscá-la.

Bran apertou a mão de Zillah.

— Não é preciso que tudo seja decidido esta noite.

No fim, Bran foi com Gwen, e não com Zillah. O sr. Maddox pegou Gwen e Jack O’Keefe beijando-se atrás da porta do estábulo e anunciou, taxativamente, que ela acompanharia o irmão na viagem para Vespúgia. Nenhum derramamento de lágrimas nem ataques histéricos de Gwen, ou súplicas da sra. Maddox, puderam mudar a decisão dele.

Gwen e Zillah choraram juntas.

— Não é justo — soluçou Gwen. — Uma mulher não pode ter vontade própria com relação à sua vida. Odeio os homens!

Matthew tentou interceder junto ao dr. Llawcae em favor de Zillah, mas o médico foi inflexível e disse que ela deveria esperar ao menos até completar 18 anos e Bran ter uma morada adequada.

A loja e a casa ficaram vazias depois que eles partiram. Matthew passava a manhã trabalhando na contabilidade e à tarde ficava em seu canto, na sala de visitas, escrevendo. Seu primeiro romance foi publicado e bem-recebido, e ele trabalhava muito no segundo. Era isto e suas conversas com Zillah, que ia frequentemente de Madrun para Merioneth, que o mantinham em movimento.

— Bran está bem — ele garantiu a Zillah. — Ele envia amor.

— Eles não podem sequer ter chegado a Vespúgia ainda — protestou Zillah —, e, com certeza, não houve nenhuma chance para ele mandar uma carta.

— Você conhece Bran, e eu não preciso de cartas.

Ela suspirou.

— Eu sei. Será que eu e Bran seremos assim algum dia?

— A união de vocês será de um tipo diferente. Melhor, talvez, mas diferente.

— Ele vai mesmo mandar me buscar?

— Você precisa dar um tempo a ele, Zillah. Tempo, mais uma vez. Tempo para se estabelecer num novo mundo e num novo estilo de vida. E tempo para seu pai se acostumar com a ideia de ver sua única filha afastar-se dele e partir para uma distância de metade do

mundo.

– Como está Gwen?

– Em parte, amuada e sentindo pena de si mesma, por outro lado, gostando de ver todos os marinheiros do navio lhe lançarem olhares dóceis e correrem para cumprir suas ordens. Mas ela não será feliz em Vespúgia. Sempre detestou clima quente e jamais gostou de desconforto.

– Não, ela não era uma menina levada, parecendo um garoto, como eu. Achava papai terrível por me deixar correr por aí e brincar com você e Bran. Será que seu pai se acalmará e deixará que ela volte para casa?

– Não enquanto Jack estiver por perto. Mas não há como prever o que papai fará, quando ele se prende a uma ideia insensata. — Fez uma pausa. — Lembra-se dos versos do velho índio, Zillah?

– Sobre cabelos negros e olhos azuis?

– Sim. Eles andaram soando em minha cabeça, e não consigo tirá-los de lá, especialmente uma estrofe:

“Senhores do espírito, Senhores da respiração,
Senhores dos vaga-lumes, das estrelas e da luz,
Quem preservará o mundo da morte?
Quem impedirá que venha a noite?
Olhos azuis, olhos azuis, tenham a visão.”

– Isso é lindo — disse Zillah —, mas não sei o que de fato quer dizer.

– Não é para ser tomado literalmente. Os índios acreditavam que enquanto houvesse uma criança de olhos azuis em cada geração tudo estaria bem.

– Mas não houve, não é? Faz muito tempo desapareceram daqui.

– Acho que o “estar bem” é usado aí de uma forma ampla, não se refere apenas à tribo deles. De qualquer forma, tanto você quanto Gwen têm pelo menos uma gota de sangue índio, e as duas têm os olhos azuis da canção.

– Então, de alguma forma — disse Zillah, com um tom de voz sonhador —, somos as últimas do Povo do Vento. A não ser que...

Matthew sorriu para ela.

– Acho que você pretende ter um bebê de cabelos negros e olhos azuis.

– Quando? — perguntou Zillah. — Bran está a meio mundo de distância de mim. E eu estarei velha, de cabelos brancos e enrugada, antes de papai perceber que sou uma adulta e me deixar ir. — Ela o olhou cheia de ansiedade.

O trabalho de Matthew começou a receber uma aclamação crítica cada vez maior, e o sr. Maddox começou a pensar nisso como algo “real”, em vez de rabiscos fantasiosos que não deveriam ser levados a sério. Uma das salas não utilizadas no andar de baixo foi arrumada como um gabinete, e o dr.

Llawcae desenhou uma escrivaninha portátil maior e mais eficiente.

O gabinete ficava no fundo da casa e de lá, através do gramado, via-se o bosque, e no outono Matthew banqueteara-se com a beleza da folhagem.. A sala era escassamente mobiliada, a seu pedido, com um sofá de couro preto, no qual ele podia descansar, quando

ficar sentado se tornava doloroso demais. Quando chegou o tempo frio, ele começou, com frequência cada vez maior, a passar as noites lá. Diante da lareira havia uma mesinha e uma confortável poltroninha, estofada de azul, a cor dos olhos de Zillah: a cadeira de Zillah, era como ele pensava no móvel.

As cartas começaram a chegar regularmente no meio do verão. Fiel à sua promessa, Bran enviava para Matthew descrições vívidas:

Como tudo está surpreendentemente interligado, pelo menos para nós, que temos sangue galês em nossas veias. Meus amigos mais próximos aqui são Richard Llawcae, sua esposa e seu filho, Rich. Devem ter um parentesco pelo menos distante com todos nós, pois Llawcae não é um nome comum, nem mesmo em Gales. Richard diz que seus ancestrais emigraram para o Novo Mundo há muitos e muitos anos e depois voltaram para Gales, pois nada lá era tão ruim quanto a caça às bruxas nas aldeias e cidades dos Pilgrims. Uma das ancestrais deles foi queimada, eles acham, ou quase isso. Eles não sabem exatamente de onde vieram, mas é provável que tenha sido de perto de Salem.

Rich não tem olhos para ninguém a não ser Gwen, e desejo que ela veja e retribua o amor, pois não consigo imaginar ninguém que eu preferisse ter como cunhado. Mas Gwen prefere Gedder a Rich. Gedder é mais alto, maior e mais forte — talvez —, e, com certeza, mais vistoso. Ele me preocupa. Zillie me falou das ferozes ambições dele, e a maneira com que trata todos nós se torna um pouco mais senhorial a cada dia. Só Deus sabe como ele é útil — se não fossem os índios, não tenho certeza se a colônia teria sobrevivido, pois tudo é diferente da nossa terra. Há o tempo para plantar, o que plantar, como irrigar etc. Somos gratos, de fato, pelo fato de os índios terem sido não apenas amistosos, mas também nos terem ajudado como puderam. No entanto, eu desejaria que Gedder fosse mais parecido com seus irmãos e não tão atrevido e mandão. Nenhum de nós gosta da maneira como Gedder trata a irmã dele, como se fosse sua escrava e inferior.

É espantoso como Zillie tem as mesmas feições de Gwen e Zillah, os olhos bem afastados um do outro, com a levíssima sugestão de uma inclinação — embora os dela sejam de um castanho cálido e não azuis —, e os malaras altos e o nariz delicado. E, claro, o cabelo negro, brilhante e liso. As pessoas comentaram a semelhança entre Gwen e Zillie. Não falei com ninguém, a não ser com os Llawcae, sobre a lenda de Madoc nos seguir até Vespúgia, e eles não riram disso, achando tolice. De fato, a verdade é mais estranha do que a ficção. Por favor, ponha tudo isso, para mim, numa história, Matt.

Farei isso, prometeu Matthew, em silêncio, farei. Mas você precisa me contar mais. Minha casa está quase pronta, é grande e arejada, com varandas. Todos sabem que está sendo construída para minha noiva e para nossos filhos. Zillie muitas vezes vem e fica em pé, um pouco afastada, mas não muito, e olha, o que me deixa constrangido. Não creio que ela venha por vontade própria. Acho que Gedder a envia. Converso muito sobre a minha Zillah e como anseio pelo dia em que ela chegará. Matthew, meu irmão, use sua influência junto ao dr. Llawcae para deixá-la vir logo. Por que ele a mantém em sua companhia? Preciso dela agora.

Quando o inverno chegou e Matthew não podia sair de dentro de casa, Zillah começou a ir

de Madrun para Merioneth quase todos os dias, na hora do chá, e Matthew sentia sua falta mais do que gostava de admitir quando ela não aparecia. Ele estava correndo para terminar seu segundo romance, bem mais ambicioso do que o primeiro, mas se cansava depressa, e ficou deitado no sofá preto, pensando em Bran e em Vespúgia, durante todo o inverno, o verão seguinte e o começo do segundo inverno. Sentia-se mais perto do que nunca do irmão e, quando começava a adormecer, tinha a impressão de que, na verdade, estava na árida Vespúgia, de que fazia parte de tudo o que acontecia na colônia tão unida.

Nas manhãs, quando trabalhava com seu macio lápis escuro no grande bloco de notas, era como se registrasse tudo o que vira e ouvira na noite da véspera.

— Você está pálido, Matt — disse Zillah uma tarde, quando se sentou na poltrona e se serviu de chá.

— É o frio. Mesmo com o fogo constantemente aceso a umidade entra nos meus ossos.

Ele deixou de lado sua preocupação e olhou para fora, através da janela, a noite que chegava.

— Preciso terminar meu livro, e não há muito tempo. Estou fazendo um grande quadro, que mostra, em retrospecto, desde os irmãos galeses que combateram pelo trono de Owain Gwynedd. Madoc e seu irmão, Gwydyr, partiram de Gales e chegaram a um lugar que, segundo imagino, deve ter sido alguma parte próxima daqui, quando o vale ainda era o lago que sobrara do gelo derretido. E, mais uma vez, irmãos lutaram. Gwydyr queria poder, queria adulação. Repetidas vezes somos envolvidos com fratricídio, como ocorreu com Bran naquela guerra horrenda. Ainda estamos sangrando, em consequência dos ferimentos. É um modelo primordial que Caim e Abel nos deixaram, uma rede da qual parece que não conseguimos nos soltar. E, a menos que seja suspensão, ela nos destruirá inteiramente.

Ela entrelaçou as mãos com força.

— E será suspensão?

Ele lhe deu as costas.

— Não sei, Zillah. Quando durmo, tenho sonhos e vejo coisas sombrias e más, crianças morrendo às centenas e milhares em guerras terríveis. — Estendeu a mão e pegou a dela. — Não estou agourando o fim de uma maneira casual, *fannvzyl*. Não sei o que acontecerá. E talvez irracionalmente eu esteja certo: o que vier a ocorrer em Vespúgia fará diferença. Leia para mim mais uma vez, por favor, a carta de Bran que chegou hoje.

Ela pegou a carta na mesinha e a segurou perto da lâmpada.

Meu querido irmão gêmeo e minha querida Zillah, quando virão? Matthew, se você não pode trazer Zillah para mim, então Zillah deve trazer você. Ela escreve que o inverno lhe faz mal e está preocupada. Há muita coisa para lhe prender a atenção aqui. Llewellyn Pugh define por amor a Zillie, e eu acho que ela se voltaria para ele, se Gedder não insistisse em forçá-la para mim, não importa quão alto eu diga que sou noivo e que minha Zillah vem unir-se a nós a qualquer dia, agora. Não faça de mim um mentiroso!

Tivemos nossa primeira morte, e foi muito triste. As crianças estão proibidas de subir no penhasco que protege a colônia dos ventos, mas uma delas conseguiu fazer a íngreme subida e caiu. Estamos todos pranteando. Pode ser uma coisa boa o fato de haver tanto trabalho para todos que deixa pouco tempo ocioso, e isso acaba ajudando todo mundo, em particular os

parentes do menino. Rich tem sido uma verdadeira fortaleza. Ele foi o único que pôde estancar as lágrimas da mãe, em parte porque não teve vergonha de chorar ele próprio.

— É um bom homem esse Rich — disse Matthew. — Ele faria qualquer coisa no mundo por Gwen.

— Você fala como se o conhecesse.

Matthew sorriu para ela.

— Eu sei. Eu o conheço através de Bran. E através do meu romance. O que acontece com Rich, com Bran, com Gwen e com Zillah... tem importância para minha história. Poderia até mudá-la. — Ela o olhou inquisitivamente. — Este livro está me empurrando, Zillah, fazendo com que eu o escreva. Ele me entusiasma e me conduz. Em suas páginas o mito e a realidade se fundem. O que acontece num tempo pode fazer diferença no que acontece em outro tempo, muito mais do que percebemos. O que Gedder faz irá causar diferença, para o livro e talvez para o mundo. Nada ou ninguém é tão pequeno que não importe. O que *você* faz causará uma diferença.

No início do inverno Matthew pegou um forte resfriado, que o enfraqueceu, e o dr. Llawcae comparecia diariamente à casa dos Maddox. Matthew passava os dias no sofá de couro preto, embrulhado em cobertores. Ele continuava a trabalhar em seu romance e vendeu várias histórias mais. Guardava seus ganhos, que eram consideráveis, num pequeno cofre em seu gabinete. E agora ele não saía de forma alguma dali.

Quando estava exausto demais para escrever, caía num sono leve, cheio de sonhos nítidos, nos quais Bran e a colônia de Vespúgia eram mais reais do que a fria Merioneth.

Ele estava na pedra achatada, em seu sonho, a pedra onde ele costumava encontrar-se com Zillah quando procurava privacidade. Mas, em vez de Zillah, ali estava um menino, talvez com doze anos, vestido com roupas estranhas, esfarrapadas. O menino estava deitado na pedra e também sonhava, e seu sonho e o de Matthew se fundiam.

Gedder está atrás de Gwen. Detenha esse sujeito. O bebê deve vir de Madoc. A linhagem de Gwydyr está maculada. Não sobrou nada a não ser orgulho e cobiça por poder e vingança. Detenha-o, Matthew.

Ele viu seu irmão, mas este não era Bran, em Vespúgia... Ou era Bran? Era um rapaz, mais ou menos com a idade deles, em pé junto a um lago. Atrás dele havia outro, um pouco mais velho, que se parecia com Bran e, no entanto, não era como Bran, pois havia ressentimento em seus olhos. Como Gedder. Os dois começaram a lutar, a se atracar num combate mortal. Na beira do lago uma imensa pilha de flores ardia em fogo lento, com pequenas línguas vermelhas, as chamas lambendo as pétalas das rosas...

— Matthew!

Ele abriu os olhos e sua mãe pairava acima dele com uma xícara de chá de camomila.

Ao lado das páginas cada vez mais numerosas do manuscrito estava uma genealogia que ele elaborara cuidadosamente, uma genealogia que podia ir em duas direções diferentes, como uma hélice dupla. Numa direção havia esperança; na outra, desastre. E o livro, Bran e a colônia em Vespúgia estavam entrelaçados em sua mente e em seu coração.

O inverno foi terrivelmente frio.

— Enquanto o dia se alonga, o frio se prolonga — disse Matthew ao dr. Llawcae, que lhe

auscultava sombriamente o coração e o peito.

Ele se recostou em seu assento e olhou para o rapaz:

— Matthew, você está encorajando Zillah.

Matthew sorriu.

— Sempre encorajei Zillah, desde os tempos em que éramos todos crianças, e ela queria subir em árvores tão altas quanto as árvores em que Bran e eu subíamos.

— Não é isso que quero dizer. Você a está encorajando nessa tentativa absurda de ir para Vespúgia e se unir a Bran.

— Quando Bran lhe pediu a mão de Zillah, o senhor lhe deu sua bênção — Matthew lembrou ao médico.

— Foi com a certeza de que Bran permaneceria aqui e se tornaria sócio do seu pai.

— Uma vez que uma bênção é dada, dr. Llawcae, ela não pode ser retirada — insistiu Matthew. — O coração de Zillah está com Bran em Vespúgia. Sei que ela tomou o lugar da mãe dela em sua casa e em sua mesa. Mas ela é sua filha, dr. Llawcae, não sua esposa, e não deve mantê-la amarrada ao senhor.

O rosto do médico ficou corado de raiva.

— Como ousa!

— Porque amo Zillah com todo o meu coração, sempre amei. Porque sentirei tanta falta dela quanto o senhor. Sem Zillah, sem Bran, serei despojado de tudo o que toma minha vida digna de ser vivida. Mas eu não os prenderei por egoísmo.

O rosto do médico ficou ainda mais vermelho.

— Está me acusando de egoísmo?

— Inconsciente, talvez, mas egoísmo, assim mesmo.

— Você... você... se você não fosse um aleijado, eu... — O dr. Llawcae deixou cair sua mão erguida, virou-se e saiu do quarto.

Em uma tarde de março, com ocasionais respingos de chuva descendo pela chaminé e silvando no fogo, Matthew olhou intensamente para Zillah, que cuidava da bandeja de chá.

— Zillah. Já é tempo. Você deve ir para Vespúgia.

— Você sabe que quero ir. — Ela estendeu a mão para pegar seus dedos magros. — Papai diz que talvez no próximo ano.

— No próximo ano será tarde demais. Bran precisa de você agora. O que vai fazer com relação ao seu pai? O próximo ano será sempre o próximo ano. Ele não a deixará ir.

Ela olhou fixamente para o fogo.

— Eu preferia ir com a bênção de papai, mas acho, infelizmente, que você tem razão, e ele não a dará. O problema é o dinheiro, encontrar um navio e marcar a passagem, todas as coisas que são difíceis, senão impossíveis, para uma moça.

— Você deve ir esta primavera, logo que o gelo se partir e os navios possam navegar.

— Por que, Matt, essa urgência, tão de repente?

— Bran esteve comigo a noite passada...

— Alguma coisa está errada?

— Não com Bran. Mas Gedder... Rich... — Ele sofreu um acesso de tosse e, quando tornou a se recostar no sofá, estava fraco demais para falar.

Zillah continuou a aparecer diariamente, a se sentar na pequena poltrona junto à lareira, a

cuidar da bandeja de chá e a aquecê-lo com seu sorriso. Durante as semanas seguintes ele não mencionou a ida dela para Vespúgia. E então, um dia, quando os contornos nus das árvores suavizavam-se com os brotos que chegavam, ele a cumprimentou impaciente.

Mal pôde esperar até ela se sentar atrás da mesinha com a bandeja de chá.

— Zillah, abra o cofre. — Cuidadosamente, ele lhe disse o segredo e observou os dedos dela girarem o mostrador, enquanto ela ouvia. — Está certo. Ótimo. Tire aquele grande envelope de papel pardo. É para você.

Ela o olhou, surpresa.

— Para mim?

— Andei ocupado, nestas últimas semanas.

— Papai diz que você está fazendo um esforço excessivo. O livro está pronto?

— De modo geral, posso dizer que sim. Há alguns aprofundamentos a fazer e algumas coisas a revisar. Mas estive ocupado de outras maneiras. Abra o envelope.

Ela fez o que ele mandou.

— Dinheiro... E o que é isso, Matthew?

— Uma passagem. Há um navio que viaja para a América do Sul dentro de quatro dias. Você deve embarcar nele.

— Mas, Matthew, não posso deixar você...

— Ganhei o dinheiro com minha escrita. É meu, e posso fazer com ele o que quiser. Zillah, Bran precisa de você. Deve ir. Você equilibrará a balança.

— Que balança?

— A linhagem deve ser a de Madoc, não a de Gwydyr...

— Não entendo. Você está corado. Está...

— Não estou delirando. Isso é parte do livro... Você ama Bran?

— Com todo o meu coração.

— O suficiente para deixar Madrun sem a bênção do seu pai e em segredo?

Ela segurou o envelope pardo contra o peito.

— Você irá?

— Irei. — Ela pegou a mão fria dele e a colocou contra sua face.

— Tudo dará certo — ele prometeu. — “Quando passares sobre as águas, estarei contigo; e através dos rios, eles não te farão submergir; quando caminhares através do fogo, não serás queimada, tampouco a chama se acenderá sobre ti. Pois o fogo são rosas, rosas...” Ele não a viu outra vez. Tampouco pôde suportar a dor da separação.

O dr. Llawcae veio furioso para Merioneth. Matthew pôde ouvi-lo gritando:

— Onde ela obteve o dinheiro? Como conseguiu a passagem?

Matthew sorriu, ligeiramente grato pelo fato de o dr. Llawcae o considerar aleijado a ponto de ter a possibilidade de fazer os acertos necessários.

Quando o médico entrou no gabinete para checar o coração de Matthew, sua raiva havia esfriado bastante, e ele não gritou mais.

— Creio que esteja satisfeito com isso.

— Zillah e Bran se amam — respondeu Matthew, tranquilamente. — É certo que fiquem juntos. E o senhor sempre esteve tão interessado em sua herança galesa, e nessa colônia, que acabará por se sentir de outra maneira. Pode visitá-los...

- É muito fácil dizer. E minha clínica?
 - O senhor não tira férias há anos. Tem o direito a umas poucas semanas afastado.
- O dr. Llawcae fez-lhe apenas um exame superficial e disse:
- Você se sentirá melhor quando chegar o clima mais quente.

O verão demorou a chegar.

Matthew enviou o livro para seu editor. A dor nas costas piorava a cada dia, e seu coração dava saltos e galopava, fora de controle. Em seus sonhos ele estava com Bran, esperando por Zillah. Ele estava com Gwen, ainda ressentida, mas começando a rir novamente com Rich, para responder ao seu firme amor, ao seu jeito expansivo. Ao mesmo tempo, ela ainda estava intrigada com Gedder, com seus olhares ferozes e sombrios, pelo que havia escondido em seus olhos, tão diferentes dos olhos cândidos de Rich. Sabia que Rich a amava, mas a estranheza de Gedder a fascinava.

Ela está brincando com Rich e Gedder, e isto trará problemas, disse o menino na pedra a Matthew, quando ele mergulhou mais profundamente no sonho.

Gedder e Bran. Em pé no penhasco e olhando lá embaixo as casas do povoado. Gedder insistindo com Bran para se casar com Zillie, para lhe dar Gwen em casamento, a fim de garantir o futuro.

- Que futuro? — perguntou Bran.

Gedder olhou apreciativamente para a próspera colônia lá embaixo.

- O nosso.

E Zillie veio e olhou com adoração para Bran; Zillie, tão parecida com Zillah e, ao mesmo tempo, tão diferente.

Espere, irmão! Espere por Zillah! Não confie em Gedder...

Matthew foi arrancado de seu sonho quando lhe trouxeram a bandeja com o jantar. Ele deu algumas poucas mordidas, depois afastou a bandeja e tornou a mergulhar no sono

Sentiu o calor vespugiano aquecendo seus ossos gelados

- Bran, se pelo menos eu tivesse podido ir com Zillah

Gedder novamente. Gedder em seu lugar favorito, na beira do penhasco, olhando para a colônia lá embaixo, a colônia que ele quer que seja sua.

Alguém está com ele. Não é Bran. É Rich.

Brigando. Brigando por Gwen, pela colônia. Brigando na beira do penhasco.

Perigo.

Matthew se agitou, inquieto, no sofá, com os olhos bem fechados. O menino estava lá, o menino de outro tempo, insistindo com ele.

- Matthew, você deve ajudar Rich. Por favor...

Era uma vez, há muitos anos, os homens não brigavam dessa maneira, quando as estrelas da manhã cantavam juntas e as crianças, filhas dos homens, gritavam de alegria.

Mas veio a dissonância

Madoc e Gwydyr brigaram

Gedder e Rich

- Rich, cuidado! Gedder tem uma faca...

Rich vê, vê a tempo, agarra a mão com a faca, torce-a, de modo que a faca cai. Gedder estende o braço para pegá-la, com raiva, estende o braço para pegar a faca de modo que perde

o equilíbrio e cai... cai atrás da faca, pela beira do penhasco, cai, cai...

Zillie grita e não consegue parar de gritar.

Matthew esperou pela próxima carta de Bran, mas ela só chegou quando os lilases estavam em plena florescência.

Meu muito querido gêmeo,

Zillah está aqui, afinal ela está aqui, mas minha querida chegou a uma comunidade mergulhada em confusão e desolação. Gwen chora e não consegue parar de chorar. As lágrimas de Zillie não correm mais, mas seus olhos estão cheios de angústia. Gedder está morto — sem querer — pela mão de Rich. Gedder provocou uma briga e puxou uma faca. Rich tomou a faca da mão dele, e Gedder, ao investir para recuperá-la, perdeu o equilíbrio e caiu do penhasco, morrendo. Foi um acidente; ninguém culpa Rich, nem mesmo Zillie. Mas Rich sente que não pode ficar aqui conosco com sangue em suas mãos.

Será que isto não vai parar nunca, irmão voltando-se contra irmão? Gedder queria o poder, e não posso lamentar sua morte, apenas sua vida, com sua descomedida lascívia e orgulho. Por que Gwen chora? Não creio que ela saiba o motivo. “Estou com saudade de casa”, ela exclama, “quero ir para casa. ” Então Rich a levará para casa. E o que acontecerá então, quem sabe?

Gwydyr combateu Madoc e perdeu, e o combate continuou até Gedder, irmão contra irmão.

E o navio que levou Zillah trouxe Gwen e Rich para o continente do Norte, para os lírios do vale e os lilases no pátio perto da porta de entrada, para Merioneth e a loja, e papai finalmente terá seu sócio, e a loja será de Maddox e Llawcae

Ah, Zillah, minha Zillah

“Senhores da melodia e da canção,
Senhores das rosas que ardem luminosamente,
O azul consertará o antigo erro,
Embora o caminho seja escuro e longo,
O azul brilhará com amorosa luz.”

Um acesso de tosse arrancou Matthew do sono, de Vespúgia, de Bran e Zillah.

— Gwen... — ele arquejou — Rich... Não posso esperar... desculpem...

E então a tosse o dominou, e, quando o acesso passou, não havia nada a não ser agonia. Suas costas explodiam de dor, e o quarto começou a ficar escuro, e um mau cheiro rançoso, como o de flores apodrecendo, o sufocou. Não havia mais nenhuma luz nem calor nas chamas que estalavam...

— Matthew! — Meg abriu os olhos dizendo o nome em voz alta. O gatinho, perturbado, pulou da cama. Ananda não se mexeu.

— O que aconteceu? O que aconteceu com Matthew? Com Charles Wallace? Charles Wallace está bem?

Estranho, ela pensou. A quitação com Matthew foi mais clara áo que qualquer outra até

aqui, desde Harcells. Talvez porque Matthew e Bran eram quitadores.

Ela procurou Charles Wallace e sentiu apenas ausência. Também não sentiu Gaudior. Sempre que Charles era tirado de Dentro, ela podia vê-lo e podia ver o unicórnio.

— Vou descer — disse ela, em voz alta, e enfiou os pés nos chinelos.

Ananda acompanhou-a até o andar de baixo, pisando no sétimo degrau, de modo que ele soltou um alto gemido, e o cão ganiu de surpresa. Atrás deles o gatinho dava passos macios, tão leves que o sétimo degrau soltou um simples suspiro.

O fogo da cozinha estava ardendo, a chaleira zumbia. Tudo parecia quente, confortável e normal, a não ser a presença da sra. O'Keefe na cadeira de balanço. O gatinho foi a passos leves até ela, pulou em seu colo, ronronando e esticando suas pequenas garras afiadas.

Meg perguntou:

— Charles Wallace ainda não voltou?

— Ainda não. Você está bem, Meg? — perguntou sua mãe.

— Estou ótima.

— Você está pálida.

— Talvez eu aceite agora a oferta de Sandy e Dennys de um caldo. Se ainda estiver bom...

— Claro, irmã — disse Sandy. — Vou fazer um. Quer de frango ou de carne?

— Meia colher de cada um, por favor, e uns salpicos de suco de limão. — Ela olhou para os gêmeos com uma nova compreensão. Será que ela era mais próxima de Charles Wallace do que dos gêmeos porque eles eram gêmeos, autossuficientes como uma dupla? Deu uma olhada no telefone e depois em sua sogra. — Mamãe... Beezie, você se lembra de Zillah?

A sra. O'Keefe olhou para Meg, fez um sinal afirmativo com a cabeça, depois negativo, e fechou os olhos.

— Mamãe, Zillah realmente foi até Vespúgia, não é?

Meg encarou-a em busca de apoio.

A sra. O'Keefe passou os braços em torno de seu próprio corpo e se balançou.

— Eu me esqueço, eu me esqueço.

A sra. Murry olhou ansiosamente para sua filha.

— Meg, do que você está falando?

— Faz toda a diferença do mundo quem foram os antepassados de Branzillo.

Sandy entregou a Meg uma xícara fumegando.

— Irmã, o passado já aconteceu. Saber quem foram os ancestrais de Branzillo não pode mudar nada.

— Havia um tempo em que isto ainda não tinha acontecido — Meg tentou explicar, percebendo como suas palavras soavam estranhas. — É o Poderia-Ter-Sido que Charles devia mudar, e acho que ele o mudou. É o encargo que Mamãe O'Keefe lhe atribuiu quando lhe deu a runa.

— Pare de falar! — A sra. O'Keefe tomou impulso e saiu da cadeira de balanço. — Leve-me até Chuck. Depressa. Antes que seja tarde demais.

DOZE - Entre mim e os poderes da escuridão

Eles correram, tropeçando no chão gelado que se esmigalhava e rangia sob seus pés, Meg — os gêmeos e a sra. O’Keefe. Correram pelo gramado coberto de geada, seguiram pelos corredores por entre as árvores de Natal dos gêmeos até chegarem à muralha de pedra.

Meg estendeu a mão para a sra. O’Keefe e a ajudou a subir no muro baixo. Depois, ainda segurando a mão da sogra, puxando-a para a frente, correu pela trilha abaixo, passando por duas grandes pedras glaciárias até chegar à pedra de espiar estrelas.

Charles Wallace estava deitado, com os olhos fechados, mortalmente pálido.

— Beezie! — gritou Meg. — A runa! Depressa!

A sra. O’Keefe arquejava com a mão pressionada ao lado do seu corpo.

— Comigo... — Ela arquejou. — Vovó...

Dennys ajoelhou-se na pedra, curvando-se sobre Charles Wallace, procurando sua pulsação.

— Com Chuck nesta hora fatal — arquejou a sra. O’Keefe, e Meg se uniu a ela, com uma voz clara e forte:

“Coloco o Céu inteiro com seu poder
E o sol com seu brilho,
E a neve com sua brancura,
E o fogo com toda a força que tem,
E o relâmpago com sua rápida ira,
E os ventos seguindo velozmente seu caminho,
E o mar com sua profundidade,
E os rochedos com seu declive,
E a terra com sua aridez,
Tudo isso eu coloco
Com a ajuda e a graça de Deus Todo-Poderoso
Entre mim e os poderes da escuridão!”

A luz voltou vagorosamente. Houvera dor e escuridão, e imediatamente a dor foi aliviada, e a luz tocou as pálpebras de Charles Wallace. Abriu-as para a intensidade da luz das estrelas. Estava deitado na pedra de espiar estrelas, com Gaudior curvando-se ansiosamente sobre ele, fazendo cócegas em sua face com sua cacheada e prateada barba.

— Gaudior, o que aconteceu?

— Quase não conseguimos alcançar você a tempo.

— Matthew...

— Ele morreu. Não esperávamos que fosse tão depressa. Os Echthroi...

— Acho que chegamos a 1865, afinal. — Charles Wallace ergueu os olhos para as estrelas.

— Levante-se. — A voz de Gaudior soava zangada. — Não gosto de ver você deitado aí.

Pensei que jamais tornaria a abrir os olhos.

Charles Wallace ficou em pé com dificuldade, levantou uma perna e depois a outra.

– Como é estranho poder usar minhas pernas novamente... Que maravilha.

Gaudior ajoelhou-se a seu lado.

– Suba.

Charles Wallace, com as pernas trêmulas como se estivessem um longo período inativas, subiu no grande dorso.

Cavalgou um Gaudior que se tornara tão minúsculo quanto uma libélula e viajou através dos vaga-lumes, unindo-se à sua dança brilhante, cintilando, piscando, disparando por cima da pedra de espiar estrelas, sobre o vale, sempre cantando sua canção, e ele também cantava, e era ele mesmo, e, no entanto, era tudo o que aprendera, carregava dentro de si Brandon, Chuck e sua canção, e a canção era maravilhosa...

E ele cavalgou um Gaudior que se tornara tão grande quanto uma constelação, viajou através das galáxias, e era ele mesmo e também Madoc, e ele era Matthew, Matthew voando através de chuveiros de estrelas, preso pela alegria da música das esferas... fazendo parte da harmonia, parte da alegria O relincho prateado do unicórnio soou por toda parte em cima da pedra de espiar estrelas, ondulando sobre Meg, os gêmeos, a sra. O’Keefe e Charles, e a noite foi iluminada pelo clarão do chifre, cegando-os com o esquecimento, ao apontar para cada um deles de cada vez.

Meg pensou ter ouvido Charles Wallace dizer:

– Gaudior, adeus... ah, Gaudior, adeus...

Quem era Gaudior?

Antigamente, ela sabia quem era Gaudior.

Outra vez, ouviu seu canto prateado soando a distância. Sandy perguntou:

– Ei, você viu relâmpagos?

Dennys parecia perplexo.

– Está frio demais. E olhe para todas as estrelas.

– O que foi aquele clarão, então?

– Não estou entendendo nada. Como tudo o que aconteceu esta noite. Charles, o que houve com você? Eu não conseguia encontrar sua pulsação e agora, de repente, ela está bem forte, debaixo dos meus dedos.

Devagar, a cor voltava às faces do menino.

– Vocês chegaram bem a tempo. — Olhou para a sra. O’Keefe, que ainda estava com a mão ao lado do corpo e respirava em arquejos dolorosos. — Beezie, obrigado. — Havia uma infinita tristeza na voz dele.

– Foi como Meg a chamou — disse Sandy. — O que é tudo isso?

– Mamãe O’Keefe me deu um encargo...

Dennys disse:

– Nós lhe dissemos que era loucura você pensar que podia deter Branzillo sozinho. Você pegou no sono ou algo parecido? Poderia ter congelado. — A voz dele soou preocupada e incerta.

– Vamos entrar agora — acrescentou Sandy — e parar com essa tolice.

– Depois do telefonema do presidente, você chama isso de tolice? — perguntou Meg, furiosa.

– Meg, você não devia estar do lado de fora com esse frio — protestou Dennys.

– Estou bem.

Charles Wallace tomou nas suas as mãos da sra. O’Keefe.

– Obrigado.

– Chuck não é nenhum idiota. — A sra. O’Keefe bateu no ombro de Charles Wallace.

– Vamos — insistiu Sandy. — Vamos seguir.

Dennys segurou o braço da sra. O’Keefe.

– Nós a ajudaremos.

Voltaram para a casa, com Sandy e Dennys apoiando a sra. O’Keefe; Meg segurava a mão de Charles Wallace, como se os dois fossem crianças outra vez.

Ananda saudou-os em êxtase.

A sra. Murry correu para seu filho mais novo, mas se conteve e não o tocou.

— Ela realmente nos adotou, não é? Até parece que sempre esteve conosco.

— Cuidado com essa cauda. — O sr. Murry movimentou-se entre a cadela e o modelo do hipercubo. — Mais alguns abanos a torto e a direito e você poderia destruir anos de trabalho. — Virou-se para a filha: — Meg, você não devia ter saído com esse clima e com seu resfriado.

— Está tudo bem, papai. Meu resfriado está melhor e não senti frio. O presidente...

— Não. Nada ainda.

Meg tentou pensar. Do que ela se lembrava? Do telefonema do presidente, claro. Da runa da sra. O'Keefe e da resposta do tempo. A chegada de Ananda. A quitação com Charles Wallace, no sótão, uma quitação através de séculos, uma quitação que desaparecera em meio a sonhos por causa do unicórnio...

Um unicórnio. Isso era absurdo.

Houve o telefonema da sra. O'Keefe no meio da noite. Sandy foi buscá-la e a levou de volta para a casa, e ela tinha uma carta antiga... De quem era? O que dizia?

— Bem, Charles. — O sr. Murry olhou gravemente para seu filho. — E seu encargo?

Charles Wallace não respondeu de imediato. Ele estava estudando o modelo do hipercubo e tocou uma das varetas de plástico com cuidado, de modo que o modelo inteiro começou a vibrar, a zumbir suavemente, emitindo centelhas de brilho.

— Ainda não sabemos muito sobre o tempo, não é? Eu acho... — Ele parecia confuso. — Papai, acho que tudo dará certo. Mas não porque fui inteligente, corajoso ou porque controlei a situação. Meg tinha razão, esta noite, mais cedo, quando disse que tudo, em toda parte, está inter-relacionado.

— Você demorou mais tempo do que esperávamos.

— Fui por um longo tempo. Um tempo incrivelmente longo.

— Mas o que você fez? — perguntou Sandy.

— E para onde foi? — acrescentou Dennys.

— A maior parte do tempo fiquei bem próximo da pedra de espiar estrelas...

— Papai! — exclamou Meg. — A carta que Mamãe O'Keefe trouxe. Charles não a viu ainda.

A sra. O'Keefe estendeu o papel amarelado para o sr. Murry.

— Por favor, leia para mim, papai. — Charles estava pálido e parecia exausto.

— “Meus queridos Gwen e Rich...” — leu o sr. Murry.

Obrigado por nos escreverem tão rapidamente sobre a morte de papai Zillah e eu estamos satisfeitos por ele ter morrido tranquilamente durante o sono sem o sofrimento que ele temia. Sei que vocês dois e a pequena Zillah são um consolo para mamãe. E papai teve a satisfação de contar com Rich para ser seu sócio e de saber que os nomes de Maddox e Llawcae não se perderão, pois nosso jovem Rich fala com grande entusiasmo sobre ir a Merioneth, quando tiver idade bastante para isso.

Nosso pequeno Matthew é um menino que cresce depressa. Eu esperava que, quando ele saísse da primeira infância, passasse a ser chamado de Matthew, mas ele conserva o sobrenome que lhe foi dado pelas crianças índias, Branzillo, uma combinação do meu nome

com o de Zillah.

O pequeno Rich tenta, de todas as maneiras, acompanhar o que seu irmão mais velho faz...

O sr. Murry ergueu os olhos.

— A carta para aí. Estranho... ela parece dife... foi isso o que eu li antes?

A sra. Murry franziu ligeiramente a testa.

— Não tenho certeza. Não pareceu inteiramente igual... Mas estamos todos exaustos, com a tensão e a falta de sono. A memória prega peças estranhas em ocasiões como esta.

— Tem de ser o que papai leu antes — disse Sandy, taxativamente. — Ofende minha mente racional, mas de fato parece possível que os antepassados de Branzillo tivessem vindo daqui desta área.

— A carta veio mesmo do sótão da sra. O’Keefe — disse Dennys. — Então, é até provável que ele seja um descendente distante dos antepassados dela, e isto os tornaria primos em algum grau.

Sandy protestou:

— Mas que efeito isto teria com relação a ele iniciar uma guerra nuclear? Ou, como esperamos, não iniciar?

Charles Wallace se negou a participar da discussão, olhou mais uma vez para o hipercubo e depois se aproximou da sra. O’Keefe, novamente encolhida na cadeira de balanço, em frente à lareira. Meg deixou os gêmeos e acompanhou Charles Wallace.

— Beezie — perguntou ele, suavemente —, o que aconteceu com Chuck?

Beezie, Chuck. Eles estavam na quitação que desaparecera. Meg se aproximou mais da cadeira para ouvir a resposta da sra. O’Keefe.

— Ele morreu — disse ela, sombriamente.

— Como?

— Levaram Chuck embora e o colocaram numa instituição. Ele morreu lá, seis meses depois.

Charles Wallace soltou um longo e triste suspiro.

— Ah, Beezie, Beezie. E o bebê?

— Ele puxou a Duthbert Mortmain. Morreu na penitenciária. Um desfalque. Mas vamos esquecer isso. Já aconteceu, não se pode voltar atrás. O que passou, passou.

Ananda empurrou seu corpo contra o de Meg, que acariciou a cabeça erguida da cadela.

Beezie. Chuck. Paddy O’Keefe. A quitação tremeluziu brevemente na mente de Meg. Beezie, sem dúvida, casara-se com Paddy mais ou menos pelas mesmas razões que haviam feito sua mãe casar-se com Duthbert Mortmain. E ela aprendera a não sentir, a não amar, nem mesmo seus filhos, nem mesmo Calvin. Para não sofrer. Mas ela deu a Charles Wallace a runa e lhe ensinou a usá-la para deter Cão Raivoso Branzillo. Então, talvez tivesse restado nela um pouco da Antiga Música.

— O livro de Matthew — disse Charles Wallace. — Está acontecendo tudo o que ele escreveu.

O telefone tocou.

A sra. Murry olhou para seu marido, mas ficou quieta.

Eles esperaram, muito tensos.

— Sim, sr. presidente? — O sr. Murry escutou e, enquanto escutava, sorriu. — El Zarco está organizando um congresso para a elaboração de planos de paz e pela distribuição justa e preservação dos recursos da terra. Do que se trata, sr. presidente? Ele quer que eu vá como consultor sobre o uso do espaço em favor da paz? Bem, sim, claro, por algumas semanas... Esta é uma notícia maravilhosa. Obrigado por telefonar. — Ele colocou o receptor no gancho e virou-se para sua família.

— El Zarco... — sussurrou Meg.

— O apelido favorito de Cão Raivoso Branzillo, vocês sabem disso — disse seu pai. — O de olhos azuis.

— Mas as ameaças dele...

Seu pai olhou-a, surpreso.

— Ameaças?

— De guerra...

Todos, menos Charles Wallace e a sra. O'Keefe, olhavam para ela.

— O telefonema antes do jantar... — disse ela. — Não era do presidente com medo de uma guerra?

— El Zarco afastou os membros militantes do seu Gabinete. Ele sempre foi conhecido como um homem a favor da paz.

Charles Wallace falou baixinho, e então só Meg pôde ouvir o que ele dizia.

— Eles não viajaram com um unicórnio, Meg. Não houve nenhum El Rabioso para eles. Quando Matthew enviou Zillah para se casar com Bran e quando Gedder morreu, este foi o Poderia-Ter-Sido. El Rabioso nunca nasceu. Sempre fora El Zarco. — Ele segurou a mão de Meg com tanta força que chegou a doer.

A sra. O'Keefe olhou para Meg, fazendo um aceno afirmativo com a cabeça.

— O bebê nascerá.

— Ah, mamãe — exclamou Meg. — Você ficará satisfeita por ser avó?

— Já é muito tarde — disse a velha. — Levem-me para casa. Chuck e vovó estão esperando por mim.

— Que quer dizer? — perguntou a sra. Murry.

— Chuck e vovó... Esqueça. Apenas me leve para casa.

— Vou levar a senhora — disse o sr. Murry.

Meg deu um beijo de boa-noite em sua sogra. Era a primeira vez que a beijava.

— Até logo, mamãe. Até muito breve.

Quando o carro se afastou, Dennys virou-se para sua irmã.

— Não tenho certeza de que ela conseguirá ser avó, Meg. Acho que o coração dela está em risco.

— Por que diz isso?

— Os tornozelos inchados. Um tom azulado em suas unhas e nos lábios. Fôlego curto.

— Ela correu daqui até a pedra de espiar estrelas.

— Ela já estava com o fôlego curto antes disso. É de espantar que não tenha morrido com a corrida. E para que tudo isso jamais entenderei.

— Esta noite toda foi confusa — concordou Sandy. — Sugiro que a gente esqueça tudo e vá para a cama. E a sra. O'Keefe jamais voltaria sem minha ajuda e a de Dennys, Meg. Mas

você tem razão, mamãe. Ela já está bem velhinha.

— É verdade — disse a sra. Murry. — E concordo com você, Sandy, vamos dormir. Meg, você precisa do seu sono.

O bebê que estava dentro de Meg remexeu-se.

— Você está mais do que certa sobre Mamãe O’Keefe, mãe, mais certa do que qualquer um de nós poderia imaginar. Há muito mais coisas nela do que se pode descobrir à primeira vista. Detesto o pensamento de perdê-la exatamente quando a estamos descobrindo.

Charles Wallace mais uma vez estivera contemplando o intrincado modelo do hipercubo. Ele falou baixinho para sua irmã.

— Meg, aconteça o que acontecer, mesmo que Dennys tenha razão quanto ao coração dela, lembre-se de que foi ela própria quem se colocou, pelo bebê, por você, Calvin e todos nós...

Meg olhou-o inquisitivamente.

Os olhos de Charles Wallace, quando ele retribuiu seu olhar, estavam do azul da luz quando sai do chifre de um unicórnio: pura, clara e infinitamente profunda.

— Nessa hora fatal, ela própria se colocou entre nós e os poderes da escuridão.

“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor”

e-Livros.xyz